

A IMPARÁVEL LIV BEAUFONT OI



A IRMĂ REBELDE

FAMILIA EST SEMPITERNUM

SARAH
NOFFKE

MICHAEL
ANDERLE



Sarah Noffke
Michael T. Anderle

A IRMÃ REBELDE

A Imparável LiV BeaufonT 01

Inhaltsverzeichnis

[Impressão](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[O que acontecerá em seguida?](#)

[Notas do Autor de Sarah \(29.01.2019\)](#)

[Notas do Autor de Michael \(31.01.2019\)](#)

[Agradecimentos de Sarah Noffke](#)

[Deseja saber mais?](#)

Para Kathy.
Obrigado por me dar meu primeiro livro de fantasia.
Desde então, o mundo tem sido um lugar melhor.

Impressão

A Irmã Rebelde (este livro) é uma obra de ficção.

Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance ou são produtos da imaginação do autor ou são utilizados de forma fictícia. Às vezes ambos.

Copyright da versão inglesa © 2019 LMBPN Publishing

Copyright da versão portuguesa © 2021 LMBPN Publishing

Direitos autorais da capa © LMBPN Publishing

Uma produção de Michael Anderle

LMBPN Publishing apoia o direito à livre expressão e o valor dos direitos autorais. O objetivo dos direitos autorais é encorajar escritores e artistas a produzir as obras criativas que enriquecem nossa cultura.

A distribuição deste livro sem permissão é um roubo da propriedade intelectual do autor. Se você desejar permissão para usar material do livro (exceto para fins de revisão), favor contatar support@lmbpn.com. Obrigado por seu apoio aos direitos do autor.

LMBPN Publishing

PMB 196, 2540 South Maryland Pkwy

Las Vegas, NV 89109

Fevereiro de 2019

Tradução de Francisco Brito

PT21-0001-00001

Capítulo 1

Na vida de cada pessoa, há aquele raro e distinto momento em que ela duvida de sua lealdade. Ian Beaufont estava vivendo, naquele momento, uma batalha interna. Ele estava muito mais próximo de descobrir a verdade, mas quanto mais se aproximava, mais ele sentia que uma avalanche estava prestes a acontecer com ele.

Na entrada da casa de campo que ele dividia com sua irmã, Ian olhava por cima de seu ombro. O Oceano Pacífico se despenhando contra a costa do outro lado da casa. A noite havia engolido o chalé, o fazendo se misturar com o céu escuro e com a encosta. Talvez se ele não estivesse tão cansado, ele se aventuraria a descer as escadas e passear pela praia mais tarde naquela noite. A suave batida do oceano na areia sempre o deixou à vontade, razão pela qual ele e Reese haviam escolhido este lugar longe da sede. Ninguém sabia que o tinham, e ele permaneceria assim pelo tempo que fosse necessário para desvendar a verdade.

Ian ergueu sua mão na frente da fechadura aparentemente comum na porta da casa de campo. Não tocando em nada, ele rodou a mão uma meia polegada para a direita, duas polegadas para a esquerda e depois inverteu em um círculo completo como se estivesse abrindo um cofre, murmurando um encantamento como ele fazia. Um momento depois, a porta se abriu, lhe dando entrada em sua casa.

Antes mesmo de Ian ter ultrapassado o limite, ele começou a tirar seu lenço e seu longo casaco de viagem. Os ventos eram suaves naquela noite no sul da Califórnia, mas estavam castigando há uma hora atrás em Londres.

»Reese, estou em casa«, chamou Ian, sem saber para onde deitar seu casaco. Parecia que já estava em casa há muito tempo, mas talvez isso se devesse ao fato de ele ter sentido muito a falta dela. Este era o único lugar onde ele controlava o que estava acontecendo.

Ian dirigiu sua mão para o lustre que pairava sobre a grande mesa no meio da sala, mas estranhamente, nada aconteceu. Não era que ele tivesse que se preocupar com que uma lâmpada estivesse queimada. Essas coisas nunca

foram importantes para os mágicos.

»Reese?« Ian chamou novamente para a casa tranquila. »O que está acontecendo com as luzes?«

Ele espreitou o candelabro, pegando a luz ambiente que viajava através das janelas que se encontravam de frente para o mar, depois avistou uma garrafa aberta de vinho tinto sobre a mesa. Ele a levantou, surpreso de tão leve que era. Ele não precisou ler o rótulo para saber que era uma garrafa de Opus One, a favorita de Reese.

Ian suspirou. »Você começou sem mim? Pensei que tínhamos dito que não bebíamos até depois de termos feito o relatório«.

Nenhuma resposta veio dos quartos traseiros, como ele esperava.

Ela provavelmente se tinha alcoolizado para dormir, e ele não a podia culpar. Era difícil para Reese ficar para trás enquanto ele estava fora em missões, mas esse era o seu papel como Conselheira.

Ian levou a garrafa meio vazia ao seu nariz e cheirou, acolhendo o aroma de frutos vermelhos e especiarias. Aqueles aromas familiares o atingiram imediatamente, mas havia algo mais - uma nota sutil de oleandro. Ninguém teria notado se não estivesse familiarizado com o veneno.

Ian deixou cair a garrafa, seu coração disparou de repente. Ele nem sequer olhou para trás quando ela caiu na mesa e rolou para o chão, derramando seu conteúdo sobre a telha polida.

Ele irrompeu pelo quarto dos fundos, desejando que uma maldita luz funcionasse em algum lugar. Toda tentativa que ele fazia de acender uma era inútil. Quando ele empurrou a porta do quarto de Reese, ele congelou. Seu coração se apertou no peito, sua determinação quase quebrou. Sua irmã parecia uma estátua que havia caído, desabou elegantemente diante de sua lareira. As brasas ainda estavam vermelhas, mas morrendo lentamente.

Ian correu para ela, pressionando suas mãos no pescoço dela, mas não se surpreendeu ao não encontrar pulso. Ela tinha bebido metade da garrafa. Não houve recuperação de tanto veneno. Não havia magia que ele pudesse fazer para salvar sua irmã. Ela tinha ido embora para sempre.

Atrás dele, a porta rangia. Ian enrijeceu. Ele não estava sozinho. Ele tinha sentido a noite toda, mas só agora percebeu as implicações sinistras. Ian havia derrotado ligas de inimigos. Ele havia derrubado sozinho um monstro marinho do tamanho de um navio. Ele era o Guerreiro mais forte que a Casa dos Sete havia criado em séculos. Contudo, alguém que tivesse chegado tão

longe, saberia que suas opções eram limitadas.

Baixando suavemente a cabeça de Reese para baixo, Ian se levantou para enfrentar a porta aberta.

Era difícil perceber a figura na porta, mas a forma familiar dos olhos do homem e o barulho da sua respiração o denunciavam.

»Isto foi você? Como nos encontrou?«, perguntou ele, suas dúvidas se dissiparam para permitir que o quadro que ele vinha tentando construir há bastante tempo se formasse.

»Ian, você não pode esconder nada de mim. Eu sei que você chegou muito perto. Você esqueceu seu lugar«, disse o homem, num sussurro rouco que parecia percorrer grandes distâncias para alcançar seus ouvidos.

Os dedos de Ian se torceram ao seu lado, mas sem fazer mais do que o menor movimento, ele sabia que algo estava errado com sua magia. De alguma forma havia sido desativado. Apenas uma organização era poderosa o suficiente para perturbar a magia de um mágico como este. Ian não tinha tempo para lidar com o desapontamento. Ele tinha razão em seguir as pistas, mas também tinha sido perigoso, como ele e Reese sabiam. Para ela, tinha sido mortal.

Ian saltou para frente, pegando a mesa ao lado da lareira e a atirando na direção do outro mágico. A mesa bateu contra a estrutura da porta onde o homem estava; ele desapareceu e reapareceu a alguns metros de distância. Dessa distância, Ian podia ver seu rosto mais claramente, as rugas e os olhos que ele sempre confundia como amáveis.

»Você não pode sair dessa«, disse Ian, procurando opções na sala. Sem magia, ele era...normal, e suas opções eram poucas. Ele não acreditava que este dia tinha chegado. Ironicamente, tinha, e contra o único homem que ele nunca pensou que seria seu adversário.

»Já saí, pobre Ian«, disse o homem. »Você deveria ter deixado as coisas como estavam«.

Ian sentiu atrás dele as ferramentas da lareira, mas quando ele tinha uma na mão, aquilo que seria sua arma voou de seus dedos, pousando no outro lado da sala.

O homem balançou a cabeça. »Você sabe que eu penso em você como um filho«.

Ian fez uma careta, a dor em seu coração estava tornando difícil respirar. Ele apontou para sua irmã morta. »E ela era como sua filha?«

O rosto do mágico permaneceu indiferente. »Eu não gostei de a matar, nem vou gostar de fazer o mesmo com você«. Mas prometo, assim como com sua irmã, será tão indolor quanto puder«.

O mágico levantou sua mão intimidante e imediatamente Ian sentiu um aperto em sua garganta. Seus pés se levantaram do chão e ele chutou, tentando lutar, mas infelizmente sabendo que era inútil. Durante toda sua vida, ele sentiu a magia fluir em seu sangue e, nos momentos que antecederam sua morte, sentiu sua ausência. O que havia acabado com sua irmã e logo seria sua própria morte foi uma magia tão poderosa e envolvente que não havia como a combater. Ele fechou os olhos enquanto seu fôlego se esgotava, sua visão ficou negra ao ser abaixado suavemente até o chão.

O velho mágico teve o cuidado de colocar Ian ao lado de sua irmã, os fazendo parecer como se tivessem acabado de adormecer num lugar incômodo no chão. Ele havia pensado tão carinhosamente nos dois. Tinha esperado grandes coisas deles. Mas a lealdade deles, no final, havia sido despropositada. Eles tinham colocado tudo em perigo, e por isso não havia outra escolha senão acabar com eles.

Do bolso de suas vestes de seda azul, o mágico tirou um único floco vermelho do tamanho e da cor de uma pétala de rosa. Ele a deixou cair da ponta de seus dedos e ela pegou uma corrente de ar e desceu, pousando suavemente no chão ao lado dos corpos.

»O que está feito, está feito«, disse o mágico, e passou até à porta destrancada. Quando ele atravessou com segurança o degrau da frente e voltou para o ar salgado, ele falou um único encantamento e a pequena cabana irrompeu em chamas violentas que queimariam tudo lá dentro.

Capítulo 2

Abra já!« Liv Beaufont gritou, batendo na porta. Ela puxou o pé para trás, pronta para chutar a porta velha, quando a voz de John se ouviu do outro lado.

»Se você quebra, você compra«, advertiu ele, se referindo à porta.

Ela bateu o pé, furiosa por ele sempre parecer saber o que ela ia fazer antes que ela o fizesse.

»Bem, então abra a porta e pegue seus remédios, meu velho«, disse ela, enfiando a mão em seu bolso e pegando o frasco de comprimidos que John havia deixado na oficina de reparos.

»Eles machucam meu estômago«, respondeu ele.

»Mas eles mantêm esse seu pequeno e frio coração batendo«, declarou Liv.

»Vejo você no trabalho pela manhã«, disse John teimosamente. »Vou para a cama agora mesmo«.

Liv bateu com o punho contra a parede ao lado da porta, sua frustração com o velho cansativo tinha feito com que sua cabeça ficasse fervendo.

»Se você continuar assim, as pessoas vão começar pensando que você se importa com o velho senil«, disse Platão, caminhando para fora pela porta aberta da casa de Liv pelo corredor. O gato, em sua maioria branco, tinha quatro pontos negros em seu corpo, o fazendo parecer uma vaca, e foi por isso que as crianças do bairro mugiram para ele quando ele passou. Platão encarou suas provocações os ignorando e depois mijando em suas lambretas e bicicletas estacionadas em frente ao prédio.

»Eu não me importo com John«, argumentou Liv. »É que nossos apartamentos compartilham condutas de ar, e se ele morrer no dele, levará uma eternidade para tirar o fedor do meu «.

Platão lhe deu um olhar dizendo: »Não estou acreditando nessa«.

Liv aconchegou um fio de cabelo louro atrás da orelha, pensativa.

»Você não é alta o suficiente para alcançar a escada de incêndio«, disse Platão, como se ele soubesse o que ela estava pensando.

»Sim, sim, eu percebo que minha altura é mais uma vez uma desvantagem«. Ela costumava brincar que ainda estava crescendo, mas a verdade era que aos vinte e dois anos de idade, não havia nenhuma chance de ela ficar mais alta.

Liv olhou para o seu jeans rasgado e camiseta coberta de gordura, procurando por opções.

A última vez que John não havia tomado seu remédio, ele esteve no hospital por uma semana. Liv podia dirigir sua oficina de reparos por conta própria, mas não muito bem. Os clientes preferiram falar com ele e não pensavam que ela pudesse consertar as coisas tão bem quanto ele. Entretanto, ele havia lhe ensinado tudo o que ela sabia, e seus olhos eram muito melhores do que os dele.

Era por causa de John que Liv tinha um emprego, embora não fosse suficiente para sobreviver dele. Ele sabia disso, e por isso descontava no aluguel dela para o pequeno apartamento ao lado. Um lugar como esse em West Hollywood deveria ir para muito mais, mas John fingiu que estava dando a ela uma taxa competitiva.

»Posso sugerir que você tente isso«, disse Platão, dando uma dica.

Liv lançou um olhar para o felino. »Você sabe que eu não sou forte o suficiente. Eu continuo tentando«.

»Você consertou o micro-ondas ontem usando magia«, afirmou Platão.

Liv se virou de repente para garantir que não estivessem sendo ouvidos por uma das crianças brincando lá em baixo ou por qualquer outra pessoa no corredor. O velho prédio rangia e gemia constantemente, o que normalmente cobria a voz de Platão, então ela lhe disse.

»Isso foi um acaso«, ela sussurrou. »Eu não sei como isso aconteceu«.

»É como um músculo, Liv. Quanto mais você o usar, mais forte ele ficará«.

Ela balançou a cabeça. »Não, não é assim que funciona. Você sabe que eu sou limitada. Eles me bloquearam«.

»E ainda assim, você pôde usar sua magia ontem«, disse Platão, com um tom de sabedoria em sua voz.

Ele saberia. Platão era a criatura mais inteligente que Liv já havia conhecido. Ela tinha sido abençoada com sua presença desde aquele primeiro dia, quando se viu nas ruas sem ter para onde ir e sem dinheiro. Era como se o gato tivesse sido enviado a ela como guia quando ela recomeçou sua vida.

Cinco anos depois e ele ainda era seu melhor amigo, realmente um de seus únicos amigos.

Respirando fundo, Liv ergueu a mão, tentando lembrar o encantamento para destravar. As palavras, como todas as suas lembranças de magia, estavam presas em algum lugar em sua mente. Ela sacudiu o pulso e murmurou palavras que ela ouvira sua mãe dizer há muito tempo. A fechadura se abanava.

Exaltada, Liv tentou abrir a maçaneta da porta, mas para sua consternação, a encontrou ainda trancada.

»Droga«, ela reclamou, caminhando na direção do seu quarto. Um momento depois, ela reapareceu segurando a pequena bolsa de ferramentas que John lhe havia dado. Ela puxou uma das pequenas ferramentas do conjunto e foi trabalhar na fechadura da porta.

Atrás dela, Platão suspirou. »Você desistiu muito rápido«.

Liv soprou o cabelo da cara visto que ambas as mãos estavam ocupadas trabalhando. »Estou usando meu tempo de maneira eficiente«, disse ela silenciosamente.

A orelha de Platão se torceu, capturando um ruído que se aproximava. »O gigante está chegando«, anunciou ele.

Liv se ia endireitando enquanto Rory estrondosamente subia pelas escadas acima. Ela escondeu suas ferramentas nas costas e fingiu estar estudando casualmente o teto descascado.

O gigante, que tinha quase dois metros de altura, parou diante da imagem suspeita de Liv, de pé em frente à porta de John e de Platão se lambendo despreocupadamente, como um gato normal faria.

»Olá«, disse Liv, tentando manter sua voz firme. »O que o traz à nossa zona? Aqui para ver John?«.

Rory a olhou de relance e balançou a cabeça. »Não, eu estou aqui para ver... Bem, não importa«.

Foi a vez de Liv olhar o gigante com desconfiança. Ele não morava no prédio, mas estava sempre chamando os moradores no final do mês. A maioria não notaria, mas Liv era excelente em correlacionar detalhes. Hoje era 30 de setembro, e a última vez que ela tinha visto Rory aqui foi no final de agosto. Ele tinha estado na loja de John durante o mês, mas isso foi porque ele estava constantemente deixando os aparelhos eletrônicos que ele »achava« que John podia revender. Liv não tinha certeza do que John trocava

pelos aparelhos. Esperava que nada de mais.

»Bem, boa sorte com o que quer que você esteja fazendo aqui«, disse Liv, desdenhosamente.

O gigante, que ela sentia ter sangue mágico, olhou para o gato e depois para ela. Ele balançou a cabeça grande, fazendo o seu cabelo castanho encaracolado balançar. Rory tinha olhos verdes brilhantes e lábios grandes, e raramente sorria. Liv havia estudado gigantes quando era criança, e sabia que eles não eram propensos a disposições exageradamente alegres. Eles também eram extremamente poderosos, desenvolvendo um ramo de magia que não podia ser controlado pela Casa dos Sete. Isso tornava Rory perigoso e também poderoso. E embora Liv preferisse não interagir com seres mágicos, ela abriu uma exceção para Rory no caso de ela alguma vez precisar de sua ajuda. Liv não sabia se ele sabia quem ou o que ela era, mas ela esperava que ele não soubesse.

Rory abriu a boca como se estivesse prestes a dizer algo, mas depois, pensando melhor, a fechou novamente. Quando ele passou por Liv e Platão, o chão empoeirado crepitava como se estivesse em dor. Rory bateu na porta da Sra. Madden, do outro lado do corredor. Um momento depois, a velha senhora abriu a porta e deixou o gigante entrar sem uma palavra.

»O que você acha que ele está tramando?«, perguntou Liv, olhando para Platão.

»Não tenho certeza. Ele provavelmente está pensando o mesmo de você«, respondeu Platão.

Ela se abaixou, voltando a trabalhar na fechadura. Alguns segundos depois, ouviu o clique vitorioso que sinalizava que ela havia destrancado a porta. Ela pressionou a porta de volta e espreitou para dentro do apartamento sujo. Carburadores antigos e peças de três ventiladores diferentes estavam espalhados na mesa da sala de jantar.

»Não fique nu, John«, falou Liv. »Estou entrando«.

Pickles, o Jack Russell terrier de John, olhou de seu lugar no sofá quando Liv e Platão entraram. Ele saiu do sofá ao ver Liv, pulando na perna dela, implorando para ser acariciado.

Platão saltou para a mesa, olhando o cão com desconfiança. »Você é uma prostituta. Sempre à procura de atenção«.

»Shhh«, advertiu Liv, olhando à volta.

»Não se preocupe, John não pode me ouvir«, disse Platão. »Ele não está

aqui«.

»O quê?« perguntou Liv, dando voltas e caminhando para o quarto. Estava vazio. »Para onde foi o velho?«

Platão acenou na direção da janela aberta, onde as cortinas manchadas estavam dançando ao vento. »Acho que ele está lá em cima, olhando para as estrelas«.

»Droga«, resmungou Liv, andando para a janela. »E depois de todos os meus esforços. Eu poderia ter ido logo para o telhado «.

Liv saiu pela janela, puxando as pernas uma de cada vez. A escada de incêndio enferrujada rangia quando ela iniciou a subida para o telhado. Platão desapareceu e reapareceu na janela aberta para seu apartamento a uns dez metros de distância. Ele parecia bastante entediado com a perseguição.

Liv não se surpreendeu ao encontrar John em pé no telhado, olhando para a vizinhança. Ela suspirou alto quando pisou no telhado.

»Sério, meu velho, você quer que eu o empurre desse prédio?«

Ele riu, tirando um lenço de seu bolso e assoando seu nariz grande. Seus cabelos grisalhos e desbastados balançavam na brisa. Ele estava usando as calças do pijama, mas ainda tinha a camisa de trabalho que havia usado antes, que estava manchada de gordura e sujeira. »Você veio até aqui para me trazer meus remédios, e eu não acho que você vai tentar me matar depois de tudo isso«.

Ela encolheu os ombros. »Hoje não vai dar. Amanhã é um novo dia, no entanto«.

Liv tirou o frasco de comprimidos do bolso do jeans e acenou com ele. »Tome esses ou eu vou começar cantando«.

»Liv, eu te disse que não gosto de como eles me fazem sentir«.

Ela começou cantando terrivelmente e o mais alto que podia a canção favorita de John, Ave Maria.

Imediatamente ele tapou suas orelhas com as mãos, as rugas em seu longo rosto se aprofundaram.

»Tudo bem, tudo bem!« gritou ele por causa da sua péssima cantoria. »Vou tomar esse remédio idiota«.

Liv sorriu vitoriosamente e lhe entregou o frasco. »Vê, não é tão difícil, pois não?«

Ele abriu o frasco e tirou um dos pequenos comprimidos brancos, o engolindo em seco. »Mas, como você diz, amanhã é um novo dia«.

»E é também um dia em que você vai ficar acordado com seus remédios, ou vou desenvolver o mau hábito de cantarolar no trabalho«, disse ela, cantando a canção novamente baixinho.

Ele balançou a cabeça. »Um dia destes, vou te demitir«.

Liv sorriu. »Há anos você vem ameaçando isso. Isso já não me assusta mais«.

John passou por Liv em direção à escada de incêndio. »Bem, um destes dias eu poderia surpreender. Não fique muito tempo aqui em cima. Quero que você abra a loja amanhã«.

Liv o saudou formalmente. »Aye aye, Captain«.

Ela ouviu John cumprimentar Pickles quando ele estava mais abaixo na escada de incêndio, provavelmente prestes a voltar a subir pela sua janela aberta. Olhando para o pôr-do-sol laranja e rosa, Liv percebeu porque John havia subido para o telhado. Ele continuava pensando que podia consertar seu coração doente com beleza ou algo assim. Ela lhe havia dito que não havia cura mágica para as doenças cardíacas, embora soubesse que isso não era inteiramente verdade. Amanhã ela o convenceria a chamar seu médico para mudar seu remédio para algo que não lhe perturbasse o estômago. Hoje à noite, ela relaxaria depois de um longo e cansativo dia.

Atrás dela, ela ouviu o ar se movimentando e ficou tensa. Era um som distinto, que ela não ouvia há mais de cinco anos.

A mão de Liv se fechou. Se ela fosse rápida, ela poderia puxar uma de suas ferramentas do bolso de trás. Ela quase riu da noção ridícula. Alguém com magia estava de pé nas costas dela, o que significava que ela estava absolutamente ferrada na defesa de si mesma.

Depois de todos estes anos, eles finalmente a encontraram. Não haveria como fugir. Não haveria mais esconderijos. Era hora de ela enfrentar seu passado.

Hesitante, Liv girou e se surpreendeu com quem encontrou olhando de volta para ela.

Capítulo 3

Liv soltou um suspiro. Dúvida e confusão brotaram nela. Ela ficou tensa. Embora ela conhecesse o rosto à sua frente, por um momento sua mente teve dificuldade em o reconhecer, como se de repente estivesse em um sonho, do tipo cheio de estranhos.

A boca dela se abriu, mas o nome da pessoa não saiu. Em vez disso, ele pulou na cabeça dela como se ela estivesse tentando determinar se, de fato, era o correto.

A figura era mais alta do que ela se lembrava, mas talvez fossem apenas as luzes e as sombras lhe pregando partidas. Sua linha do maxilar era definitivamente mais distinta do que em suas memórias. E aqueles olhos! Eram como os do fantasma de seu pai que a olhava de volta, cheios de paixão e calor e carregando aquela marca registrada Beaufont azul-celeste

»C-C-Clark«, ela finalmente disse, com incerteza pesada em sua voz. »Como você me encontrou?«

Liv deu um passo para trás. Seu irmão mais velho estava usando um manto escuro de couro de dragão fino sobre o que parecia ser um fato muito desconfortável. Seus cabelos loiros foram separados pelo meio como ele sempre os usou.

Ele inclinou sua cabeça para trás e para o lado, algo que ele sempre fez quando ficava impaciente. »Olívia, nós sabemos onde você estava desde o início. Você foi ingênua ao pensar que a Casa nem sempre esteve de olho em você«. Clark olhou ao redor, o telhado dilapidado e construções antigas, similares, à distância. »O que permaneceu um mistério para nós foi o motivo pelo qual você escolheu esse local«.

Liv cruzou os braços sobre o peito. »Porque tem caráter e pessoas reais«.

Ele suspirou. »Pessoas não mágicas, você quer dizer«.

»Eles ainda são pessoas, não que a Casa dos Sete os trate dessa maneira. Ou qualquer outra pessoa, na verdade«.

Estavam na presença um do outro há cerca de um minuto, e voltaram ao mesmo assunto. Cinco anos não tinham mudado nada.

»Olívia, estou aqui porque preciso que você volte«, disse Clark pressionando seus lábios, percebendo a severidade de seu pedido.

Ela não respondeu, apenas fez uma careta e disse: »Meu nome é ›Liv««.

Ele balançou a cabeça. »Seu nome é Olívia Beaufont, e você pertence à Casa dos Sete«. Você sempre pertenceu. Os membros do conselho têm tolerado sua necessidade de se rebelar, mas não o farão por muito mais tempo«.

»Eles trancaram minha magia«, argumentou ela. »Porque eles se importam com o que estou fazendo desde que eu não esteja criando problemas para eles«?

A velha raiva que ela associava a seu irmão se inflamou em seus olhos. »Você não tinha o direito de fazer essas acusações. No entanto, eles a ignoraram. Acho que foi por você ser jovem«.

Liv riu. Clark mal tinha um ano a mais que ela, mas ele sempre a tratou como se ela fosse muito mais jovem que ele, e não entendia os caminhos do mundo mágico.

»Eles já descobriram quem assassinou nossos pais?« perguntou Liv, mas ela já sabia a resposta porque estava claramente escrita no rosto de seu irmão.

Ele balançou a cabeça.

»Então eu estava certa«, afirmou ela. »A Casa dos Sete não fez o suficiente para descobrir o que aconteceu com eles. Eles descartaram tudo isso como um acidente mágico«.

»Foi um acidente«, corrigiu Clark.

»Dois mágicos extraordinários simplesmente caem da encosta de uma montanha para a morte? Sério? Você ainda está acreditando nisso?«

Desta vez ele balançou a cabeça com mais força, mas seu cabelo não se moveu. Ele adorava seu maldito gel para o cabelo. »Olívia, você nunca quis acreditar que eles pudessem cometer um erro. Eles eram poderosos, mas ainda assim eram humanos. E infelizmente, os humanos tomam más decisões. As condições não eram adequadas para subir o Matterhorn. Eles caíram e morreram. Foi o que aconteceu«.

Durante cinco anos, ela tentou dar sentido à morte de seus pais. Eles não tinham motivos para estar nos Alpes suíços, especialmente juntos. Eles nunca corriam riscos. E ainda assim, tinham feito algo que a Casa dos Sete havia considerado desaconselhável. O caso foi encerrado após a investigação preliminar. Liv tinha protestado. Ela tinha criado tanta agitação na Casa dos

Sete que eles ficaram felizes em a ver partir quando ela partiu, e ela não tinha realmente olhado para trás depois de todos estes anos.

O que havia lá atrás para ela, afinal? E nem mesmo os irmãos dela estavam convencidos de que tinha havido qualquer jogo sujo. Ela nunca tinha encaixado ali. Sem seus pais, ela se sentia como uma verdadeira solitária, então ela abdicou de seu papel na Casa dos Sete, e com isso, de sua magia. Tinha sentido que era a coisa certa a fazer na época. A magia só tinha levado a problemas no que lhe dizia respeito. Bem, o tipo de magia que a Casa dos Sete protegia, pelo menos.

»Pensei ter cheirado algo suspeito«, disse Platão por trás da Liv. Ela não se virou, mas esperou até que o felino se pusesse ao seu lado.

Olhando para ele, ela disse: »Ele cheira a peixe«.

»Cheirei a magia humana«, respondeu Platão.

Ela acenou com a cabeça, devolvendo seu olhar para Clark. Ele estava olhando para Platão com um olhar cético.

»Onde você o conseguiu?«, perguntou ele, acenando na direção de Platão.

Liv revirou os olhos e esfregou as mãos em seus braços. O frio começava a surgir quando o sol se punha nas suas costas. »Eu não o consegui em lugar algum. Não é assim que as relações funcionam, mas você não saberia disso. A Casa apenas adquire aqueles que ela quer que a sirvam«.

O maxilar de Clark flexionou. »Não é assim que funciona. Nós protegemos«.

Liv acenou com a cabeça desdenhosamente. Não fazia sentido voltar atrás em tudo isso. Era sempre a mesma coisa.

»Clark, o que você está fazendo aqui?« perguntou ela depois de um longo silêncio.

»São Ian e Reese«, explicou ele, se referindo ao irmão e irmã mais velhos. Eles eram poderosos, tendo assumido o papel de Guerreiro e Conselheiro de seu pai e de sua mãe quando morreram... ou foram assassinados.

»Oh, eles têm uma reunião familiar chique que precisam que eu participe?« perguntou Liv. »Diga a eles que eu o faria, mas não tenho nada para vestir«. Ela olhou para o seu jeans folgado, camiseta desbotada e botas.

»Não«, disse Clark impacientemente, passando a mão por cima do cabelo. »Olívia, eles estão mortos«.

Liv abriu a boca, mas disse nada. A notícia a atingiu no peito, a fazendo

sentir que ela poderia cair para atrás. Ela não via seu irmão e irmã mais velhos há muito tempo, mas isso não tornou o anúncio de sua morte mais fácil. E as implicações da morte deles quase a derrubaram no chão. Quando sentiu Platão esfregar na sua perna, ela se endireitou, levantando o queixo do peito onde tinha caído sem que ela percebesse.

»Eu queria lhe dizer isto desde o início, mas como poderia começar com isso depois de não a ver por tanto tempo«?

»Como isso aconteceu?« perguntou Liv.

»Eu os encontrei«, explicou Clark.

»Você?«

»Bem, o que sobrou deles«, disse Clark com muita tensão. »Eu tive que usar um feitiço para os identificar. Eles estavam no antigo chalé da família quando um incêndio deflagrou«.

»O quê? Por que eles não conseguiram fugir?«

Clark balançou a cabeça. »Acho que eles estavam bêbados. Reese provavelmente estava praticando uma de suas poções ou feitiços caseiros. As coisas estão confusas no mundo mágico neste momento. Você tem que entender que a magia está em risco. Coisas como esta continuam acontecendo«.

»A magia nunca esteve em risco«, argumentou Liv. »É a magia que nos coloca em perigo«.

»Independentemente do que você sente sobre a magia, você sabe que não há como a impedir. Nós só a podemos conter e controlar. É isso que a Casa dos Sete faz«.

»É o que a Casa dos Sete diz que faz«, disse Liv, pressionando as mãos em suas ancas. »Eles escrevem leis que beneficiam os mágicos«.

»Maldição, Olívia!« Clark gritou alto o suficiente para perturbar um bando de pombos em um fio elétrico. Enquanto voavam, Platão os seguiu com os olhos. »É uma questão de justiça«.

»A justiça nunca é sobre a lei. Se trata de fazer a coisa certa, o que não me lembro de ser o que a Casa dos Sete faz«. Não se isso contrariar suas necessidades«, disse Liv, de volta. »E maldição, meu nome é Liv«.

Clark balançou a cabeça. »Independentemente de suas opiniões, você sabe o que isto significa«. Ele engoliu em seco, uma rara sensibilidade subiu em seus olhos. »Ian e Reese estão mortos. Isso faz de nós os próximos dois filhos Beaufont elegíveis. Eu sou a próxima criança de número ímpar, o que

me torna o conselheiro de nossa família para a Casa. E você...»

Isso faria de mim uma Guerreira, pensou Liv, as verdadeiras implicações desta estranha provação fazendo sua cabeça nublar de frustração. Ela era a próxima criança de número par na família Beaufont.

»Mas eu renunciei«, disse ela em resposta à pergunta que pairava no ar.

Clark acenou com a cabeça. »Mas devido às circunstâncias, a Casa dos Sete está dando a você uma chance de retomar seu papel«.

»E a Sophia?« perguntou Liv, se referindo a sua irmã mais nova. Ela era a mais nova dos gêmeos, mas Jamison não sobreviveu muito tempo após o nascimento. »Ela é uma criança Beaufont de número par«, argumentou Liv.

O olhar de Clark caiu de decepção. »E ela tem oito anos de idade, não se qualificando para o papel de Guerreira por doze anos«.

»Você sabe que eu nunca quis isso«, declarou amargamente Liv.

Clark acenou com a cabeça simpaticamente. »Eu sei, mas você não pode ignorar quem você é para sempre«. Sua família precisa de você. A Casa dos Sete precisa de você«.

»A Casa dos Sete ainda está servindo suas próprias necessidades, sem se preocupar com a verdadeira justiça?«

»Não é nada disso«, respondeu Clark.

»E se eu não tomar a posição?« perguntou Liv.

Clark pensou por um momento e encolheu os ombros. »Eu não tenho certeza. Nenhum membro da família vacilou quando foi chamado em um milênio. Eu realmente não pensei que o fizesse. Quero dizer, você só fugiu antes porque podia. Porque Ian e Reese assumiram as responsabilidades pela família. Mas agora que precisamos de você, você vai se afastar?«

Liv olhou automaticamente para Platão, com uma pergunta em seus olhos.

»Não tenho certeza«, disse o gato contemplativamente.

Clark ergueu suas mãos em frustração automática. »Você está procurando o conselho deste lince?«

Liv nunca havia pensado em Platão como um lince, mas agora que ela ouviu o termo, os ensinamentos de sua criação voaram de volta para ela. Platão era mágico. Ela sabia disso desde o início, mas também tinha confiado nele.

»Sim, estou procurando seu conselho. Ele é o único aqui que não é tingido pela Casa dos Sete«, respondeu Liv.

»Ele é um lince«, argumentou Clark. »Eles só se importam com eles mesmos«. Mais do que qualquer mágico«.

Liv não achava que isso fosse verdade, mas decidiu não discutir. »Ele não é cheio de besteiras, o que eu não posso dizer de mais ninguém«.

Os olhos verdes de Platão se deslocaram para o lado antes de olharem para Liv. »Não há mal nenhum em ir à Casa dos Sete para ouvir a oferta deles. Não é preciso concordar com isso aqui, mas não se deve recusar sem conhecer todas as implicações. E você pode fazer as coisas de acordo com suas condições. É importante lembrar disso«.

Clark rangeu os dentes e revirou os olhos. »Ainda existem certas regras e costumes«.

Liv fingiu que não o tinha ouvido quando acenou com a cabeça. »Sim, eu acho que você está certo. Verei o que eles têm a dizer e o farei do meu jeito«.

Clark balançou a cabeça, mas ainda parecia aliviado com esta resposta. »Muito bem«. Devemos ir imediatamente«.

»Tenho que trabalhar pela manhã«, disse Liv, notando como estava escuro.

»Sim, mas se você se lembra, a Casa dos Sete se reúne à noite«, Clark a lembrou. Ele estalou suavemente os dedos, e uma bola em sua maioria verde se materializou no ar em frente a eles. Havia apenas uma pequena lasca de amarelo, como um pequeno pedaço de torta na parte superior da esfera. Era assim que a Casa estabelecia o tempo, e era baseado em suas prioridades. »Eles devem se encontrar muito em breve«, explicou Clark, olhando de relance na esfera do tempo.

»Está bem então, mas tenho que voltar para o trabalho amanhã de manhã«, declarou Liv. »E eu deveria ir buscar um casaco ao meu apartamento antes de irmos«.

Clark olhou para ela. »Eu estava pensando que você deveria ir buscar mais do que apenas um casaco«.

»O código de vestuário é um dos muitos costumes da Casa que eu não vou respeitar«, disse Liv. »Eu irei assim ou não irei«.

Clark pareceu resistir por um momento, mas depois balançou a cabeça. Ele estendeu uma mão, e o capuz preto de Liv se materializou em seus dedos. »Certo, tudo bem, mas saiba que eles estarão examinando você. Eu só estou tentando ajudar«.

Ela pegou o capuz, desfrutando de seu suave calor. »Bem, então, indica o

caminho. Tenho certeza que mudaram o caminho para o maldito lugar desde a última vez que lá estive«.

Clark estendeu uma mão e um portal brilhante se abriu no telhado, brilhando com azuis e verdes quase cegantes. »Temos que tomar o caminho de volta. Isto nos levará à entrada de Santa Mônica«.

Liv olhou para Platão. »Você está pronto para isto?«

»Espere, o lince está indo?« perguntou Clark, segurando um braço.

»Claro que ele está«, disse ela. »E seu nome é Platão. Isto é um problema?«

Clark pensou por um momento, depois largou a mão e abanou a cabeça. »Acho que não«.

Liv deu a Platão um piscar de olhos enquanto eles passavam juntos pelo portal.

Capítulo 4

Fazia tanto tempo que Liv tinha viajado por um portal que havia esquecido a estranha sensação que ele criava no estômago. Ela costumava dizer a seu pai que a sensação era antinatural, e ele sempre respondia da mesma maneira: »Nada é mais natural do que a magia do portal. Uma vez que você acredite nisso, não será tão estranho«.

Quando ela se afundou de joelhos, abatida por náuseas, não podia discordar mais dele. Curvada e sentindo o gosto de algo ácido em sua boca, Liv tentou se lembrar de respirar, mas foi perdendo os sentidos até que uma mão bateu suavemente no ombro, a encorajando a se levantar.

»Você está bem?« Clark perguntou, a puxando para cima.

»Ela ainda não assimilou«, disse Platão com sua voz geralmente calma.

»Eu sei disso, mas estou verificando se ela está bem«, disse Clark ao felino. »Há algo que eu posso lhe dar se ela estiver passando por enjoo do portal«.

»Que só disfarça o problema«, contra argumentou Platão. »Ela tem que se adaptar«.

Clark não respondeu, mas o suspiro frustrado que caiu da sua boca explicou o que ele sentia sobre os conselhos não solicitados do gato.

Liv sacudiu a cabeça, piscou os olhos e olhou em seu redor, percebendo o que Platão queria dizer. Ela não se sentiria melhor até que entrasse naquele ambiente usando seus sentidos.

A agitação do Oceano Pacífico na praia, ao longe, mal se ouvia sobre a música dos tambores e as vozes altas. Eles estavam no calçadão de Santa Mônica, a uma curta distância do cais onde as luzes de néon da roda gigante e da montanha-russa podiam ser vistas brilhando à medida que se moviam.

Ao seu redor, turistas e moradores locais se acotovelavam em bicicletas, skates, scooters ou a pé. Ninguém lhe prestou atenção, provavelmente assumindo que ela apenas tropeçou bêbada para fora do bar ao lado deles. A brisa do mar era refrescante no rosto de Liv enquanto ela respirava fundo - o que ela imediatamente lamentou quando o cheiro de maconha e comida frita

assaltou seus sentidos olfativos. Ela exalou pela boca e acenou para Clark, que estava olhando para ela como se ela fosse uma boneca frágil que poderia quebrar.

»Estou bem«, disse ela, encolhendo os ombros para que a mão dele saísse do ombro dela e se virando para tomar mais cuidado em seu redor. Como era depois do pôr-do-sol, os bares de Santa Mônica estavam apenas começando a noite com os festeiros. Liv pensou que voltaria a ficar doente quando um gangue de hipsters passou por eles em rent-a-scooters, quase os derrubando.

»Entrem na ciclovia, idiotas«, gritou Liv, para o grupo. Eles se agitaram e aceleraram.

»Parece que você está de volta ao seu antigo eu«, observou Platão.

»Sério, eles têm sua própria pista, mas não se dão ao trabalho de a usar«, reclamou Liv.

Clark balançou a cabeça. »Eles são apenas turistas que não sabem fazer melhor«.

Ele ainda tinha muita paciência para idiotas, percebeu Liv. Algumas coisas nunca mudam.

Liv olhou à sua volta. »Então, a entrada para a Casa?«

Clark agarrou seu braço e a puxou pelo calçadão. »É mais perto do lado de Venice«.

»Oh, esse é um lugar arriscado para a entrada«, observou Liv. »Os mágicos pretensiosos não têm medo de que um dos vagabundos lhes esfregue os germes durante o trajeto?«

»Geralmente eles estão escondidos«, explicou Clark. »Como mencionei, a magia tem estado em risco. Temos tomado precauções extras«.

»É por isso que a entrada é em Venice ao invés de Beverly Hills como costumava ser«, disse Liv para si mesma.

»Ainda há três entradas para a Casa, mas essas são apenas para membros da realeza«, explicou Clark.

»Esse seria você agora, não seria?« perguntou Liv. A morte de Reese, teria automaticamente feito de Clark o conselheiro da família Beaufont.

Ele acenou com a cabeça, se surpreendendo por um momento. »Sim, acho que seria. É que, eu não estou acostumado. Tudo tem sido muito repentino«.

Liv pausou, fazendo o grupo atrás deles se desviar ao redor dela. Clark se virou imediatamente e olhou para ela, mostrando irritação no início. Depois, lendo a expressão dela, ele amoleceu.

»Sinto muito«, disse Liv. »Com você aparecendo ao acaso para me ver e a estranheza de tudo isso, eu esqueci de dizer. Sinto muito sobre Ian e Reese. Você deve estar arrasado«.

Clark acenou com a cabeça dizendo que sim. »Eu estou. É difícil, mas já não éramos muito chegados. Não, há muito tempo. Não, desde que mamãe e papai morreram... e então você partiu. Todos nós temos feito as nossas próprias coisas, mas sim, eu sinto muito a falta deles«.

Ian sempre tinha sido o pilar da família, forte e inteligente. Reese era a excêntrica que se atrevia a ousar fazer mágica experimental. Eles eram filhos de seus pais e se assemelhavam a eles de muitas maneiras. Em contraste, Clark era calculista e prático. Sua mãe dizia que ele havia nascido com uma ruga entre os olhos, como se, mesmo quando criança, ele estivesse tentando descobrir a solução mais eficiente. Depois havia a Liv. Ela era a proscrita; a que era cética e constantemente se metia em problemas por falar fora de hora.

Um momento depois, Clark voltou a si mesmo, sacudindo a dor. »A entrada é bem aqui em baixo. Só um pouco mais à frente«.

Um momento depois, ele parou em frente a uma porta na rua movimentada.

»É isto?« perguntou Liv, pensando se ele estava brincando, embora isso fosse um pouco fora do caráter dele. Eles estavam diante de uma única porta preta com uma placa pintada à mão que dizia »Fechado«. Ao redor da porta havia uma moldura quadriculada preta e vermelha, e acima dela, um letreiro de néon piscava »Palm Reading«.

O prédio, que era estreito e aparentemente ligado aos que o rodeavam, tinha uma janela no segundo andar coberta por um conjunto de cortinas de países, com várias sombras se movendo atrás delas.

»Sim, é isso«, disse Clark, esfregando as mãos como se estivesse com frio, embora o manto de couro de dragão devesse ter impedido isso, pois tinha muitas propriedades protetoras.

»A Casa perdeu sua sorte no jogo ou algo assim?« perguntou Liv.

Clark abriu um sorriso. »Não, mas se lembra do que eu disse sobre a magia estar em risco? Misturar é mais importante do que nunca«.

»Sim, mas eu pensava que uma área menos traficada seria mais segura«, observou Liv.

»Você se vai lembrar que o oceano é uma fonte de energia para a Casa, o que é importante«, explicou Clark. »E passamos despercebidos aqui, com

esse movimento todo. Somos muito mais suscetíveis ao escrutínio em áreas onde as pessoas não vão com frequência».

Liv olhou para as lojas coloridas vendendo cartões postais e camisetas ou bares cheios de hippies com barbas grossas e surfistas com camisetas curtas. No meio do caminho, um músico se sentou em um balde tocando uma harmônica. Ao seu lado, uma mulher dançava, balançando sua barriga nua ao som da música. Liv se voltou para a loja Palm Reading. Esse lugar definitivamente se encaixava na estranheza que era a praia de Venice.

»Então, o que fazemos?« Liv perguntou a seu irmão.

Ele levantou sua mão. »É um lugar de Palm Reading, então deixe-o ler sua palma da mão«. Clark levantou e pressionou a mão na porta por baixo da placa que dizia »Fechado«. Um momento depois, o puxador dourado brilhou levemente e a porta se abriu, enviando um estranho cheiro de mofo pelo ar. Clark empurrou a porta aberta, desaparecendo na escuridão. »Faça como eu fiz e você deve ficar bem. Esta porta se fechará automaticamente atrás de mim«.

Liv estava prestes a protestar, mas Clark tinha ido embora. Ela soluçou em um suspiro de raiva. »Como ele sabe que vai funcionar? Eu abdiquei«.

»Você tem o sangue dos Sete«, disse Platão, se sentando aos seus pés, calmamente. »Vai funcionar«.

Liv suspirou. »Sim, e se funcionar, posso esquecer esta confusão e voltar à vida normal«.

Ela subiu até a porta e prendeu a respiração. E foi assim. Depois de todos estes anos declarando que nunca o faria, ela estava prestes a cruzar o limiar do mundo com o qual não quis ter nada a ver por tanto tempo. Ela não sentiu um instinto lhe dizendo para abraçar esse desafio ou fugir dele. Tudo o que ela sentia era o tiquetaque constante em seu coração.

»Não há caminho certo ou errado«, disse-lhe Platão.

Liv deixou cair sua mão levantada. »Huh?«.

»Você está se perguntando se isto está certo ou errado, mas suspeito que seu caminho a vai encontrar se você entrar por esta porta de livre vontade ou não«, esclareceu ele.

Liv resmungou: »Não tenho certeza se gosto de sua sabedoria neste momento. Parece muito como um enigma«. Algo lhe ocorreu, e ela olhou bruscamente para o gato. »Como você vai entrar?«

Os olhos verdes dele brilhavam no escuro, refletindo as luzes de néon do

letreiro acima. »Você não deve se preocupar comigo«.

»Mas a Casa terá proteções para evitar a entrada de intrusos como você«!

»Tenho certeza de que sim«, declarou Platão com confiança. »Agora, continue. Você não quer fazê-los esperar«.

Liv riu. »Acho que eles podem esperar um pouco mais«. Na verdade, estou morrendo de fome. Quer pegar um cachorro-quente?« Ela indicou um vendedor ambulante vendendo cachorros-quentes suados e pãezinhos almiscarados que estavam no ar úmido do mar há muito tempo.

Platão farejou. »Você não quer o que quer que eles estejam vendendo como cachorros-quentes«. No entanto, os tacos de peixe ali estão acima dos padrões«. Ele acenou com a cabeça na direção de um caminhão de alimentos.

Liv fez uma careta. »Por que as pessoas arruinam os tacos colocando peixe neles, eu nunca irei perceber. Acho que preferia comer uma daquelas fatias de pizza do tamanho do meu rosto«.

A porta se abriu abruptamente e Clark espreitou por ela. »Você está vindo?«

Liv suspirou. »Sim, sim«, ela cantou, olhando para Platão. »Pizza do tamanho do meu rosto logo depois disto. Ah, e uma cerveja gelada!«.

»Tacos de peixe«, repetiu ele.

Liv subiu até a porta, limpando as palmas das mãos suadas em seus jeans. Ela só conseguia imaginar a quantidade de germes na porta, de todos os mágicos sujões que haviam pressionado suas mãos nela. Ela tentou esquecer isso e enfiou sua mão na superfície desgastada pelo tempo.

Sob a ponta de seus dedos, a porta se agitou levemente. Ela estava certa de que só ela o sentia, e ninguém podia ver o tremor que parecia espalhar-se em todas as direções. Por um instante, ela estava certa de que não havia funcionado e que a sua entrada havia sido rejeitada, então a porta se abriu dramaticamente - não como quando ela havia rangido e Clark havia entrado. Desta vez, ela balançou para trás, revelando a escuridão diante dela.

Aquele cheiro de mofo lhe fez cócegas no nariz novamente, a lembrando de brincar com Clark na biblioteca durante sua infância. Praticando fazer tranças no cabelo de sua mãe nas manhãs de domingo. Fugindo para a cozinha para uma tarte à tarde. Isso trouxe à mente tudo o que ela havia tentado esquecer durante todos esses anos. Liv sentiu o tiquetaque do seu coração, como se fosse um motor que a impulsionava para a frente. Ela deu um passo e entrou na escuridão.

Capítulo 5

A porta se fechou com estrondo atrás de Liv, e por um momento, ela ficou cega. Ela piscou os olhos na escuridão, se sentindo impotente e a odiando. E então uma luz de fogo cintilou por um longo corredor, fazendo-a cerrar os olhos do brilho repentino.

Liv não se lembrava que a entrada na Casa dos Sete era arqueada com símbolos obscuros que adornavam as paredes ou que os vários arcos estavam elegantemente esculpidos em belo mogno. Eles iam até o teto, que tinha que ter mais de dez metros de altura. A tinta dourada nas paredes parecia pertencer a uma igreja com mil anos, mas ela sabia que pelo cheiro de mofo, estava na Casa dos Sete.

Porque não me lembro disto? ela se perguntava, estudando o chão de ladrilhos debaixo dos pés. Era um mosaico de vidro marinho em um aglomerado de verdes suaves e azuis.

No longo corredor, aparentemente a um milhão de quilômetros de distância, Clark parecia impaciente. Ele ficava olhando por cima do ombro para algo na sala ao lado e acenando para frente.

Liv não se apressou, mas, em vez disso, deu um passo curto, passando os dedos ao longo das paredes. À medida que fazia, faíscas irradiavam de suas pontas dos dedos, iluminando os símbolos, que ela não conseguia ler. Ela puxou sua mão de volta, preocupada que ficasse ferida.

“É a antiga língua das famílias fundadoras”, disse Platão, do lado da Liv.

Ela se assustou, arrancando sua mão. “Você conseguiu passar?”

Ele lhe deu um olhar presunçoso que dizia: “Claro que sim” e voltou sua atenção para a parede.

“Você consegue ler algum dos símbolos?”, perguntou ele.

Liv observou um conjunto de linhas na frente dela que estavam unidas por um grosso rabisco. “Não, eu acho que não. Porque eu nunca vi esta entrada ou estes símbolos antes?”

Platão caminhou afastou-se vários metros de Liv antes de voltar para ela. “Creio que você já passou por aqui, mas a entrada para a Casa dos Sete

parecia diferente para você antes. Agora que você é da Realeza, uma certa magia foi destravada dentro de você. A linguagem dos fundadores, por exemplo, só pode ser entendida por um Conselheiro ou por um Guerreiro”.

Liv olhou para a parede de símbolos e depois para Platão. “Mas você consegue ver os símbolos? E o corredor com uma grande entrada?”

Novamente, o gato lhe deu um olhar irritado. “Certas restrições não se aplicam a mim”.

Daí porque Platão estava na Casa dos Sete, pensou Liv. “Quando eu era criança, esta entrada era mais curta e escura. Plana”.

“Era assim que você a via”, corrigiu Platão. “As coisas raramente mudam em nosso ambiente”. Quando vemos as coisas de maneira diferente, geralmente somos nós que mudamos”.

“Mas eu não mudei”, argumentou Liv. “Não aceitei o papel de Guerreiro e minha magia não foi desbloqueada”.

“Sim, mas continua sendo seu direito de nascimento”, respondeu Platão. “Portanto, você vê tudo isso como um Guerreiro até que você recuse sua posição”.

De repente Liv não quis declinar, não se isso significasse que o corredor seria jogado na escuridão novamente. Ela nunca havia sido seduzida pela magia, ao contrário de outros de sua família, como Clark e Reese. No entanto, esta magia parecia diferente. Parecia antiga e que valia a pena protegê-la. Ela passou a mão sobre a parede novamente, saboreando a forma como os símbolos se iluminavam e dançavam enquanto ela os tocava.

“Por que eles fazem isso?”, perguntou ela.

“A linguagem dos Fundadores está adormecida, implorando para ser lida”, explicou Platão.

“Mas você disse que os Conselheiros e Guerreiros podiam lê-lo”.

“Só porque eles podem, não significa que o façam”. A cauda de Platão balançava no ar enquanto ele continuava descendo o corredor. “Os homens são capazes de fazer acrobacias e outros atos físicos incríveis, mas isso não significa que eles o façam”.

“Então a língua antiga quer ser lida, como uma coisa viva, que respira e que quer atenção?” perguntou Liv.

“A linguagem foi construída para manter a magia”, respondeu Platão. “E por mais que você tenha reservas sobre isso, a magia está muito viva”.

Liv olhou para a parede cheia de símbolos diante dela, extasiada. Havia

tanta informação ali, e ela não entendia nada. O que é que a linguagem dos Fundadores tentava dizer? Ela sentiu como se as mensagens estivessem zumbindo em sua cabeça, a tentando a entender.

“Ok, eu tenho mesmo que insistir para que você venha agora”, disse Clark a alguns metros de distância.

Liv não havia notado que ele se aproximara.

“Sei que o salão de entrada é hipnotizante na primeira vez que você o vê como um membro da Realeza, mas não podemos os deixar esperando”, continuou Clark. Suas mãos estavam em seus quadris, e aquele olhar impaciente ainda estava em seu rosto.

“Então você também os vê?” perguntou Liv, voltando a observar os símbolos.

“Sim”, Clark inspirou. “Eles são lindos”.

“Você os consegue ler?” perguntou ela, fazendo Platão se virar e olhar para eles com uma expressão curiosa em seu rosto.

A testa de Clark vincou. “Ler? Eu acho que ninguém consegue. A linguagem está perdida há séculos”.

“Como isso é possível?” perguntou Liv. “Conselheiros e Guerreiros devem ser capazes de ler”.

Clark olhou para Platão com um ar enojado. “Não dê ouvidos a tudo o que o lince diz. Somos capazes de ver a língua antiga, é isso. Seu significado foi trancado há muito tempo, a fim de proteger a magia que ela guarda”.

Algo na expressão de Platão fez a Liv pensar que isso não era inteiramente verdade, mas em quem ela deveria acreditar sobre esses assuntos? Seu irmão, criado e educado na Casa dos Sete, ou Platão, de quem ela realmente não sabia nada além de que ele gostava de comer as batatas fritas de milho simples quando ela comprava nachos, insistindo que ela descascasse as coberturas deles.

“Os Sete estão esperando por você”, disse Clark, estendendo seu mão para Liv. “Vamos?”

Foi um gesto tão estranho para ele fazer para ela, mas depois ficar aqui na Casa dos Sete com ele também foi completamente bizarro. Sua lista de coisas inesperadas estava crescendo.

“Não são só os Seis se não estivermos lá?” perguntou Liv, rejeitando seu mão oferecida e marchando para frente.

“Ha-ha, Olívia”, disse Clark sem humor em sua voz. “Os Sete se referem

ao pacto que foi feito entre as famílias. Somos simplesmente os criados escolhidos pela Casa”.

“Servidores? Você não está convencendo com esse negócio de Guerreiros”, disse Liv, com seus olhos nas paredes cintilantes. “E suas habilidades de escuta são horríveis”. Meu nome é Liv. Olívia era outra pessoa. Me chama isso de novo e eu te faço um mata-leão.”.

Um sorriso de um minuto rasgou o rosto de Clark. “Você terá que pegar um escadote primeiro”.

“Oh, olha quem contou sua primeira piada?” Liv disse ao se aproximarem do final do corredor. “Já não era sem tempo”.

Clark caminhou para frente, parando em frente a Liv, onde o corredor se dividia. Continuava na escuridão, embora pequenas mechas de luz pudessem ser vistas à distância. À esquerda, uma porta pequena, e à direita, uma porta espelhada. Parecia a superfície da água, ondulando com distorções. Liv quis dar um passo para perto de Clark para ver, mas ele segurou sua mão, sentindo a curiosidade dela.

“Você deve passar pelo Muro da Reflexão para entrar na Câmara da Árvore”, Clark a informou em um sussurro. “No início é um pouco chocante, mas se lembre que o que você experimenta, ninguém mais vê”. Somente você”. Além disso, é importante saber que não é real, embora se sinta como se fosse”.

“Espere, tenho que passar por aquela porta espelhada para chegar aos Sete?” perguntou Liv, dando uma volta completa. Ela se lembrou da porta maciça, ou melhor, do que estava do outro lado dela - o frio e escuro corredor que parecia fazer parte de seus pesadelos quando ela era criança. Ela nunca mais quis se aventurar lá em baixo, mas a porta espelhada era como a entrada. Ela não a tinha visto antes.

“Sim, espera-se que toda a Realeza passe pelo Muro de Reflexão todos os dias que nos encontrarmos”, explicou Clark. “É suposto ser uma técnica de purificação, por isso, largamos nossa bagagem e trazemos apenas nossas melhores intenções para proteger a magia”.

“Isso soa como algo que um vegano burro faria”, disse Liv, secamente. “Temos que fazer uma limpeza de suco depois e meditar?”

A impaciência no rosto de Clark aumentou. “Liv, isto é sério. Basta lembrar que o que você vê no espelho é apenas para seus olhos. Lide com isso o melhor que puder e depois entre pela porta. Eu estarei do outro lado

esperando por você”.

Ele girou bruscamente e olhou a porta espelhada com um olhar focalizado por um momento antes de avançar. Como se ele estivesse pisando em uma piscina de água, a superfície refletiva o engoliu gradualmente até que ele se foi.

Liv olhou para Platão e suspirou. “Onde é que eu me meti?”

Capítulo 6

Oreflexo de Liv brilhou para ela. Ela parecia a mesma de sempre, embora se sentisse completamente diferente. Seu cabelo loiro estava despenteado pelo vento da praia, e as poucas horas de sono começavam a transparecer em seus olhos cansados. Liv empurrou seus cabelos ondulados para trás das orelhas e ofereceu a seu reflexo um sorriso forçado.

“Certo, basta caminhar por aquela superfície espelhada”, disse Liv a si mesma. “Eu posso fazer isso. Quão difícil pode ser?”

Ela começou a avançar, mas parou, olhando para Platão. “Você também está passando? Você pode?”

Ele acenou com a cabeça. “Este não é o mesmo obstáculo para mim, mas sim, eu estarei lá”.

Liv olhou para ele com ceticismo. “Um destes dias você vai me dizer como você faz todo este vudu”.

O felino passou para a frente. Pouco antes de entrar na porta espelhada, ele olhou para ela. “Ambos sabemos que isso estragaria a magia para você”. É melhor manter o véu”.

Liv riu enquanto Platão desaparecia. “Maldito gato pensa que sabe tudo”.

Sozinha no corredor, Liv de repente se sentiu vulnerável. Um calafrio correu pela espinha e ela girou, pensando que alguém a estava observando. A grande porta em suas costas ainda estava fechada, mas a área escura ao lado estava tão aberta como sempre, como uma grande boca de caverna esperando para a engolir. Liv deu um passo atrás, olhando para a entrada dourada. Estava vazia, mas ela podia jurar que tinha visto movimento pelo canto do olho.

Sacudindo a estranheza, Liv se preparou novamente. Se ela mantivesse os Sete esperando por mais tempo, Clark teria um ataque de nervosismo e provavelmente iria andar com aquele olhar impaciente. Ela riu para si mesma, sentindo estranhamente afeto pelo irmão mais velho. Talvez ela tivesse sentido falta dele nestes últimos cinco anos, embora tivesse tido pouco tempo para lembrar dele. Por tanto tempo, ela esteve apenas tentando sobreviver.

Mesmo assim, ela nunca disse ao Clark que sentia a falta dele. Isso só faria com que sua cabeça ficasse ainda maior. Então ele precisaria de ainda mais gel de cabelo para encurralar suas mechas loiras.

Sorrindo para si mesma, Liv pisou na superfície espelhada. Era como caminhar em um banho quente, mas o que a rodeava não era água. Parecia ar úmido chicoteando o seu rosto.

A visão de Liv desfocou. Ela tentou piscar os olhos, mas isso fez com que eles secassem com dor. Os vultos a rodeavam, suas formas ondulavam. Os olhos de Liv queimavam, lágrimas desciam pelo rosto dela. Ela esfregou, mas nada parecia consertar sua visão.

“Você é cega”, uma voz entoava em sua mente.

Os vultos começaram a se aproximar, entoando suavemente: “Você está cega. Você está cega. Você está cega”.

O medo subiu no peito de Liv enquanto sua visão ia diminuindo. Ela não podia imaginar não ver mais, mas quanto mais ela tentava forçar seus olhos a trabalhar, mais eles queimavam com uma dor que estava se tornando insuportável.

“Você é cega”, os vultos cantavam, suas vozes soavam cada vez mais alto em sua mente.

Ela tapou os ouvidos, cambaleando de uma sobrecarga sensorial que ela nunca havia experimentado antes. Ela estava ficando cega enquanto sua audição era simultaneamente amplificada. Isso não fazia sentido.

“Você está cega!” gritou o grupo, quase fazendo duplicar a dor e o medo.

“Não! Não! Não! Não!” Liv, gritou, correndo para diante e escorregando, caindo de mãos e joelhos.

Sua visão clareou de repente e as vozes se foram. Ela levantou a cabeça e percebeu imediatamente que havia entrado na Câmara da Árvore.

Capítulo 7

Por um minuto Liv sentiu que tinha caído na sala errada, depois viu Clark olhando para ela de uma mesa alta, onde outros seis estavam sentados ao redor dele. Sua feição expressava com precisão seu constrangimento. Mesmo no espaço escurecido, ela conseguia ver as bochechas vermelhas e o ar cabisbaixo dele enquanto olhava para longe dos outros, que estavam olhando para ele e sua irmã.

Liv se levantou abruptamente, tropeçando nos seus sapatos enquanto olhava os vultos à sua frente. Havia seis mágicos de pé diante do conselho em semicírculo, cada um sobre uma luz circular azul. Eles se tinham virado para olhar para Liv enquanto ela continuava a se afastar até sentir a porta espelhada atrás dela.

Os Guerreiros estavam todos vestidos de maneira diferente, embora cada um usasse o mais fino dos tecidos. Alguns usavam túnicas de seda ou fatos sofisticados, outros, mantos de viagem com desenhos cintilantes. Ela não reconhecia a maioria dos rostos, embora velhas lembranças tenham vindo à tona enquanto os estudava.

Um mágico sentado no meio círculo de Conselheiros na mesa alta na parte de trás pigarreou. Sua longa barba e cabelo brancos que combinavam não contrastavam com sua pele pálida. Adler Sinclair foi um dos poucos que Liv reconheceu. Ele era o Conselheiro mais antigo que os Sete já tiveram, mas sua idade não era a razão pela qual ele tinha um rosto cheio de cabelos brancos. Adler, como albino, sempre teve a aparência que tinha agora.

“Bem-vinda, Olívia Beaufont”, Adler a cumprimentou, sua voz baixa e rouca. “Você teve dificuldade em entrar pela Porta da Reflexão?”

Liv sentiu o estranho calor da porta atrás dela como se estivesse tentando a sugar de volta. Ela se endireitou e deu um passo à frente. Foi então que ela notou no maciço tigre branco que estava ao seu lado. Num reflexo, ela se afastou da criatura, se perguntando o que ela estava fazendo ali. Ela lembrou que havia muitos animais de estimação estranhos na Casa dos Sete, onde todas as famílias residiam com seus próprios animais. Contudo, ela nunca

havia visto nada tão majestoso como o tigre olhando para ela. Era enorme, quase tão alto quanto ela.

“Eu-eu-eu estou bem”, Liv gaguejou, ainda olhando para o tigre branco.

“O que você viu na Porta da Reflexão?” Adler perguntou da mesa do conselho.

Liv tirou o olhar do tigre, mas estranhamente ainda se viu olhando para o rosto do mago todo branco. Ela fixou os olhos de Clark ao lado de Adler e eles pareciam dizer: “Não, não responda a isso”.

“Não me lembro”, respondeu Liv, dando mais um passo à frente.

Foi então que ela notou que a câmara tinha a forma de uma meia cúpula, que combinava com o meio círculo da mesa do conselho e aquele em que os Guerreiros estoicamente estavam em volta. Na parede distante, atrás do conselho, estava a imagem de uma árvore gigante. Seu tronco era dourado, e cada um dos sete ramos subia e bifurcava em dois. Uma parte de cada galho brilhava azul, enquanto a outra era verde brilhante. Liv cerrou os olhos e reparou que os ramos estavam rotulados com os nomes de família dos Sete: DeVries, Ludwig, Beaufont, Sinclair, Mantovani, Takahashi, e Rosario. Cada porção colorida foi rotulada com o nome do Conselheiro ou Guerreiro. A última tinha a porção verde do ramo iluminada, e sob ela estava o nome de Clark. Entretanto, a outra parte do galho era cinza pálido, sem nome.

O queixo de Liv se ergueu enquanto ela reparou nas luzes douradas cintilantes que caíam em cascata sobre a árvore e acima delas no teto abobadado. Ela imediatamente soube o que as luzes representavam. Seu pai lhe havia contado sobre a Câmara da Árvore, mas tinha feito tudo isso parecer romântico e fantasioso, em vez de intimidante.

“O teto da Câmara da Árvore está cheio com as luzes de todos os mágicos registrados”, seu pai lhe havia dito uma noite enquanto se preparava para a aconchegar na cama. “Eles brilham sobre os Conselheiros e Guerreiros, nos lembrando de nossa missão: os proteger e os servir”.

Liv ficou impressionada com o número de luzes cintilantes. Havia mil? Dez mil? Era impossível dizer.

“Olívia Beaufont”, começou Adler, “Você sabe porque você foi chamada aqui hoje, correto?”

Liv viu um lampejo à sua esquerda, mas evitou olhar nessa direção. Ela reconheceria o piscar da cauda de Platão em qualquer lugar, mesmo que ele estivesse escondido em uma sombra escura.

“Meu irmão Ian, o filho mais velho de número par da família Beaufont, morreu”, disse Liv, com voz baixa e dolorida.

“Está correto”, disse Adler, com um tom de voz sem remorso. “O que significa que você é a próxima a assumir o papel de Guerreiro na sua família”. Você está preparada para fazer isso?”

Liv tentou tossir, mas não conseguia tirar o que estava dentro de sua garganta. “Eu acho que sim, mas...”

“O papel de guerreiro não é algo que alguém deva assumir levemente”, disse uma mulher de cabelo preto puxado, com um coque alto, ao lado de Adler. Bianca Mantovani. Ela não era muito mais velha que Liv. Elas costumavam brincar juntas, mas o colarinho alto de seu vestido e sua expressão presunçosa a fez parecer uma década mais velha do que Liv.

“Eu concordo”, disse um jovem japonês. Ele se sentou do outro lado de Bianca. “Você sabe o que se espera de você como Guerreira? Você tem estado fora da Casa dos Sete há muitos anos, não é verdade?”

Liv olhou para a árvore genealógica e encontrou o nome do homem: Haro Takahashi. Ela deu um passo à frente. “Eu cresci aqui. Sei que os Guerreiros executam as tarefas que o conselho atribui. Todos vocês governam os assuntos da comunidade mágica, e os Guerreiros vão para o terreno, trabalhando em casos”.

Liv não podia acreditar o quão equilibrada soava sua voz. Não tinha nem um toque de amargura, pois ela descrevia claramente o estranho sistema que a Casa dos Sete havia usado durante séculos para “objetivamente” dividir o trabalho.

“Um Guerreiro faz mais que trabalhar em casos”, disse Decar Sinclair, se virando para enfrentar Liv diretamente. Ele era mais jovem que seu irmão Adler, mas tinha a mesma cor albina, seus olhos claros e penetrantes pareciam brilhar na sala escura. Ao contrário de Adler, ele não tinha barba, mas seu cabelo branco e liso descia em cascata pelas costas em uma longa trança. “Como Guerreiros, se espera que enfrentemos o perigo a fim de proteger a magia. Um Guerreiro deve ser forte, habilmente treinado e, acima de tudo, corajoso”.

Adler acenou com a cabeça para seu irmão antes de dirigir seu olhar para Liv. “Entendemos que você esteve fora por um tempo e sua educação foi negligenciada. Estamos preparados para que você seja treinada, mas esperamos que você trabalhe em casos simultaneamente”.

“Mas ela não está pronta”, protestou Clark, ganhando a atenção de todos os presentes na sala. Bem, todos menos o tigre branco, que se tinha sentado e estava descansando sua cabeça sobre suas patas gigantes. Clark se inclinou para trás, corando de ter tantos olhos sobre ele. “Minha irmã não tem sua magia há cinco anos. Ela vai precisar de tempo para se acostumar a ela”.

Adler deu um sorriso pequeno e insensível. “Sua irmã fez a escolha de abdicar de seu papel com a Casa dos Sete. Nós, como grupo, nos reunimos sobre o assunto, e sentimos que dar-lhe uma segunda chance está além da bondade. Se ela vai assumir este papel, ela o fará como qualquer pessoa de uma família dos Sete faria: sem problemas e com a urgência que ela merece. Desastres e crimes mágicos não vão parar para ela treinar e, portanto, não podemos mais nos atrasar no cumprimento deste papel”.

“Mas você a colocará em sério perigo se a empurrar para fora sem treinamento”, Clark contra-atacou, seu rosto ficando mais avermelhado. “Ela nem sequer sabe como controlar sua magia”. Isso leva tempo”.

Bianca se inclinou para frente, espreitando sobre a mesa para Liv. “Você sempre lutou com sua magia, se bem me lembro”. Seu treinamento pode levar mais tempo do que a maioria”.

Liv queria lembrar Bianca que ela tinha feito xixi na cama até os doze anos, mas esta não parecia ser a hora de fazer isso.

“A duração do treinamento da Sra. Beaufont não é nossa preocupação», declarou Adler. “Se você quiser aceitar o papel que os Sete lhe ofereceram generosamente, você treinará enquanto trabalha como Guerreira. Caso contrário, teremos que recorrer a outros métodos para preencher seu cargo”.

“Outros métodos?” Clark perguntou, se inclinando para a frente e olhando no fundo da mesa para o mágico mais velho.

“Sophia não é velha o suficiente”, disse Liv. “Você não pode colocar uma criança de oito anos no papel de Guerreira”.

Ao redor dela, os Guerreiros e Conselheiros riram. Um homem de cabelo preto curto e uma barbicha cinzelada sentado num banco sacudiu a cabeça. “Adler está se referindo à substituição de sua família nos Sete. Não se faz isso há algum tempo, mas...”

Clark se levantou imediatamente, tremendo. “Você não pode fazer isso! Os Beaufonts foram dos primeiros. Nós fomos fundadores”.

Adler balançou a cabeça como se estivesse consternado com isso, mas não pôde fazer nada. “É verdade. Sua família, assim como a minha e os

Takahashis, fizeram parte dos Sete desde o início. Não tomamos a substituição de uma família de ânimo leve, mas isso tem sido feito em casos como estes. É importante lembrar, jovem Sr. Beaufont, que servimos à comunidade mágica e não a nós mesmos, e não podemos fazer isso corretamente quando nos falta um guerreiro”.

Liv queria rir. Era um monte de besteira. Os Sete estavam constantemente ignorando regras que não favoreciam suas famílias ou amigos, mas, de repente, eles iam se basear em algum princípio de servidão malicioso? Os irmãos Sinclair provavelmente queriam que Liv declinasse. Então eles poderiam expulsar Clark e ela e se tornar num dos dois últimos fundadores restantes.

Liv olhou para o lado, captando brevemente a expressão de Platão. Ele parecia tão impassível como sempre, mas havia um novo fogo em seus olhos - um fogo que a infetou de imediato.

“Eu vou fazer isso!” declarou Liv, e todos se viraram para ela.

Clark estava visivelmente tremendo. Ele abriu a boca para protestar, mas ela ergueu a mão e deu um passo à frente. “Vou assumir o papel de Guerreira, que é meu por direito de nascimento, e vou treinar ao mesmo tempo, assim que vocês desbloquearem minha magia”.

O olhar presunçoso no rosto de Adler desapareceu enquanto ele se sentava de volta em seu lugar. “Providenciaremos seu treinamento assim que você receber sua magia”.

“Eu não quero ser treinada aqui na Casa dos Sete”, argumentou Liv.

Na sala, os murmúrios irromperam. Os olhos de Clark pareciam estar prestes a estourar de sua cabeça. Ele ainda estava de pé, mas agora estava inclinado sobre a mesa, com as mãos apoiadas sobre sua superfície.

“É costume que os Guerreiros treinem aqui”, disse Bianca, com o rosto contraído.

“Mas não é necessário”, disse Liv definitivamente. Ela pode não ter sido boa com sua magia, mas ela tinha lido os livros que sua mãe lhe havia dado, tentando a preparar para seu potencial futuro como guerreira. Ela sabia que os Guerreiros podiam escolher seu próprio método de treinamento. Ele poderia ser feito sob medida para se adequar à pessoa específica ou personalizado pela tradição familiar. Só os Conselheiros tinham que se submeter a uma educação específica, que Clark teria passado há anos atrás.

“Ela está correta”, disse um jovem na sua frente. Ele usava um sólido fato

preto e uma expressão curiosa. Ela olhou para o local onde ele estava e o seguiu até a árvore genealógica. Stefan Ludwig.

“E você quer procurar seu próprio treinamento, pensando que é melhor do que o que podemos lhe oferecer”? perguntou Decar Sinclair.

“Acho que não é da sua conta”, respondeu Liv com ousadia. “Se eu concordar em treinar e trabalhar casos como Guerreira, você não tem motivo para objeção”.

Todos eles se agitaram desconfortavelmente. Clark nunca havia ficado tão furioso com a Liv. Mesmo assim, ela manteve o queixo levantado e não vacilou, embora o tigre branco tivesse se levantado e estivesse mais perto do que antes.

Adler olhou para o fundo da mesa para alguns Conselheiros confusos, mas os acalmou com um aceno de mão. “Acho que se a Sra. Beaufont quer lidar com seu próprio treinamento, devemos apoiá-la totalmente”. Ele parecia quase tonto.

Decar concordou imediatamente, seus olhos claros dançavam com deleite maligno. “Sim. A cada Guerreiro, o seu”.

Liv queria gritar com todos eles, declarar que sabia o que estava fazendo. No entanto, isso não era verdade. Ela não sabia onde seria treinada, mas sabia que não poderia ser aqui na Casa dos Sete, onde não confiava em ninguém. Em vez disso, Liv passou pelo círculo vazio entre dois Guerreiros e diretamente em frente de Clark. Ela parou no topo do único círculo não iluminado do arco e olhou para seus pares. “Bem, já que isso está resolvido, estou pronta para que vocês me devolvam minha magia”.

Capítulo 8

Liv olhou para os Guerreiros, que a olhavam com admiração e leve irritação. Ela se sentia como uma anã, de pé no meio do círculo entre os soldados ferozes e fortes que se elevavam ao seu redor. Estavam todos vestidos com roupas de viagem, muitos deles com espadas embainhadas no cinto ou nas costas. Alguns tinham bolsas amarradas ao cinto ou outras armas amarradas a eles. Liv quase riu para si mesma, pensando nas ferramentas que ainda tinha no bolso de trás de quando arrombou a fechadura da porta de casa de John. Ela não estava apenas fora de seu ambiente, ela estava em um mundo de estranhos totalmente novo. Ela tentou se lembrar que costumava ser uma dessas aberrações antes de escolher sair.

Do outro lado da câmara, o tigre branco a olhava com curiosidade enquanto se deslocava em sua direção por trás dos Guerreiros. Por um momento, ela pensou que ele a poderia atacar e maltratar quando se aproximasse. Mas ela não teve tempo de se preocupar com isso, porque o Conselho se agitou, fazendo algo que ela não conseguia ver.

“Conselheiros, se preparem para destravar a magia de Olívia Beaufont”, declarou Adler, não parecendo impressionado com sua exibição ao ocupar seu lugar de direito.

Liv olhou para baixo para o círculo escuro onde ela se encontrava. Era difícil acreditar que há apenas alguns dias, Ian estava neste lugar, pronto para fazer o que o conselho lhe pedisse para “proteger” a magia. Antes dele, havia sido a mãe dela. Um frio envolveu a garganta de Liv, ameaçando fechar suas vias aéreas.

Ela não se havia permitido pensar em sua mãe como uma Guerreira ou como ela sempre parecia bonita depois de voltar das missões, seu cabelo loiro, comprido e esvoaçante, uma bagunça caótica linda e suas bochechas coradas do ar noturno. Mas ainda mais memorável para Liv era a maneira como o rosto estressado de seu pai mudava para aliviado quando Guinevere Beaufont entrava pela porta, a salvo para mais um dia. Ela estava prestes a

tomar o lugar de sua mãe como Guerreira. O lugar de Ian. Liv não se sentia suficientemente boa para estar ali. Não parecia que o papel lhe cabia, mas ela seria amaldiçoada se a família Beaufont perdesse sua posição nos Sete por causa dela.

Isto é para você, mãe, pensou Liv, olhando para seu irmão. Clark parecia perdido no pensamento enquanto pressionava em várias teclas na sua frente. Quando terminou, ele olhou para Liv com antecipação.

“Meus códigos foram inseridos”, disse Clark, sua voz clara e alta.

Ao seu redor, outros conselheiros murmuraram a confirmação de que tinham feito o mesmo.

Uma década antes, a Casa dos Sete havia feito algo arriscado, pelo menos na opinião de seus pais. Eles haviam mudado para a tecnologia mágica, entrelaçando muitos de seus sistemas de segurança com tecnologia alimentada por magia. Seus pais haviam dito que era perigoso proteger os mágicos usando a tecnologia, razão pela qual muitos haviam sido resistentes a registrar sua magia quando a mudança aconteceu. No entanto, os pais de Liv, assim como todos os que se opunham ao avanço, haviam sido derrotados.

Provavelmente cada membro daquela câmara onde a Liv estava tinha um telefone celular que parecia completamente normal, mas que tinha características únicas para os mágicos. Por exemplo, antes de Liv deixar a Casa e ser despojada de sua magia e de qualquer coisa mágica, seu telefone podia encontrar objetos perdidos, ligar para pessoas cujos números ela não tinha, ou aparecer em suas mãos simplesmente se ela quisesse. E seu telefone nunca precisou ser carregado, pois era alimentado pela sempre presente fonte de magia. No entanto, Liv nunca tinha sido boa em usar todas as características, pois isso significava que ela tinha que ter controle sobre sua magia. Muitas vezes seu telefone tinha acabado nas mãos de outra pessoa quando ela o invocou, ou ele encontrou o objeto perdido errado.

“Todos os códigos foram inseridos, menos um”, disse Adler, seus olhos claros se abaixaram sobre a tela diante dele. Ele olhou para Liv, de repente parecendo muito mais velho com as luzes acima dele criando sombras sob seus olhos. “Você está pronta, Olívia Beaufont?”

Liv acenou com a cabeça, mas depois, pegando o olhar punitivo de Clark, ela disse: “Sim, eu estou, Conselheiro Sinclair”.

O olhar de Adler foi na direção de seu irmão, que estava ao lado de Liv.

Ambos pareciam divertidos, mas quem poderia saber porquê? Pelo que Liv se lembrava, Adler parecia pensar que estava no comando dos Sete, embora a ideia sempre tivesse sido de que não havia um verdadeiro líder. Ao contrário, havia um equilíbrio entre Conselheiros e Guerreiros. Conhecimento e força. Estratégia e coragem. Consultores e soldados.

“Já se passaram cinco anos desde que você ficou sem magia”, disse uma mulher com cabelos pretos suavemente caídos do outro lado de Clark. Raina Ludwig. Ela tinha olhos bondosos e uma expressão atenciosa em seu rosto pálido. “Você pode passar por um pouco de choque quando a destrancarmos, é apenas um aviso”.

Liv abriu sua boca para agradecer à Conselheira pelo aviso, mas ela foi calada.

“Tenho certeza de que a Sra. Beaufont pode lidar com a pequena quantidade de magia que lhe será dada”, disse Bianca, parecendo aborrecida com tudo isso.

Liv sentiu algo agitado ao seu lado, e por um momento ela pensou que Platão tinha ousado sair das sombras para isso. Ela quase deu um salto para trás quando percebeu que o tigre branco estava perto o suficiente para tocar. Como ele havia se colocado ao seu lado sem que ela percebesse?

Como se sentisse sua apreensão, o tigre olhou para ela, seus olhos pálidos e verdes comunicando uma mensagem que, estranhamente, a deixava à vontade. Ela estendeu a mão sobre o topo da cabeça dele, não percebendo o que estava fazendo até que os suspiros de toda a sala a paralisaram. Com os dedos ainda apoiados sobre a cabeça do tigre, ela olhou mecanicamente para os outros, que estavam com os olhos bem abertos.

Aparentemente, acariciar o bonito gatinho mágico está fora dos limites, pensou Liv, puxando a mão para o seu lado. O tigre não rosnou ou a tentou maltratar. Ele simplesmente prestou atenção para o que os Conselheiros estavam todos falando a seu respeito. Quando ele simplesmente piscou os olhos para eles, eles começaram a se agitar novamente, clicando nos dispositivos diante deles e trocando olhares desconfortáveis uns com os outros.

Clark balançou a cabeça a Liv, lhe dando uma expressão severa. Ao sentir uma oportunidade, Liv estendeu a mão alguns centímetros na direção do tigre, provocando seu irmão. Os olhos de Clark se abriram novamente, e ele balançou a cabeça mais dramaticamente.

Liv riu para si mesma, puxando a mão de volta para o seu lado. O tigre, que agora estava quase pressionando contra ela, não havia tirado o olhar dos Conselheiros.

“Certo, aqui estamos”, disse Adler, recapturando a atenção de todos. Ele olhou para a tela à sua frente, que Liv não conseguia ver, enquanto ele lia. “Olívia Beaufont, vinte e dois anos, segunda família fundadora da Casa dos Sete. Você nasceu de Guinevere e Theodore Beaufont, a quarto de seis filhos, tornando-a elegível para ser uma Guerreira”. Sua magia foi trancada há cinco anos, no dia 15 de agosto, quando você abdicou de seu lugar dentro de sua família”.

Isso havia sido uma semana após a morte de seus pais. Não tinha sido fácil deixar seus irmãos, mas ela não tinha pensado duas vezes em trancar sua magia. A cauda do tigre varreu o chão atrás deles, mandando uma brisa para as costas de Liv.

“Você consente em recuperar sua magia e, com ela, seu papel como um dos sete Guerreiros da Casa”? Adler perguntou. “Esta não é uma posição da qual você possa se afastar uma vez que consinta, a menos que seja tomada por morte ou ferimentos graves. Somente uma vez que a próxima criança Beaufont for maior de idade é que você poderá renunciar. Você entende os termos desta função? Eles não são negociáveis”.

O olhar de Liv se voltou para Clark. Sua expressão parecia estar dizendo uma série de coisas, nenhuma das quais Liv conseguia decifrar. É claro, ele precisava dela para assumir o cargo de Guerreira. A família deles precisava disso. Talvez os Sete não precisassem dela, mas a Casa não podia operar com apenas seis. Isso perturbava o equilíbrio.

Liv ignorou tudo isso e ouviu aquele tiquetaque gentil que estava sempre presente em seu coração. Era constante, como o amor de sua mãe e de seu pai. Em sua mente, ela viu sua mãe e seu pai na véspera de sua volta, sorrindo para ela com seu amor inabalável.

“Estaremos de volta pela manhã. Por favor, cuide de sua irmã”, disse sua mãe, que estava deitada em sua cama. “E se certifique de que Clark não fique acordado até muito tarde». Sua mãe se levantou de onde ela havia estado sentada e se juntou ao marido, que estava de pé na entrada. O quarto de Liv tinha escureceu, a única luz vinha do corredor.

“Oh, e se lembre, Olívia, que não importa o que aconteça, nós te amamos”, disse seu pai e fechou a porta.

Essa foi a última vez que ela os viu vivos e todos esses anos, ela sabia que os havia decepcionado, mas lidar com seu sofrimento havia sido a única coisa com que ela podia fazer. Ela havia lutado por eles quando todos disseram que suas mortes haviam sido um acidente - e agora ela iria continuar a lutar por eles, em um lugar onde ela poderia realmente vencer. Sem sua magia, sem os recursos, ela nunca descobriria a verdade. Durante todo este tempo, ela estava correndo, mas finalmente estava pronta para o desafio que ela nunca pensou ter a chance de abraçar.

Liv levantou o queixo, olhando para cada um dos Conselheiros antes de olhar para seus futuros companheiros guerreiros. “Entendo os termos de minha posição e aceito plenamente meu papel de Guerreira da Casa dos Sete”.

Capítulo 9

Osilêncio envolveu Liv, fazendo com que ela quisesse se mexer, assobiar ou fazer algo para acabar com isso. Todos os Conselheiros tinham a cabeça baixa, estudando as telas à sua frente. Os Guerreiros estavam de pé tão estoicamente como sempre, com as mãos fixas atrás das costas e os queixos erguidos. Foi Clark quem quebrou a estranheza do momento, olhando para Liv com admiração. Ele estava confundindo suas expressões? Ele não deveria lhe estar dando um olhar frustrado? Talvez a tensão de tudo estivesse finalmente chegando até ele.

“Isso está correto?”, perguntou uma mulher com cabelos grisalhos espetados.

Liv estudou a árvore por cima, procurando o nome da Conselheira. Hester DeVries.

“Deve ser um erro”, disse Bianca, mas ela não parecia convencida ao olhar entre sua tela e Adler.

Ele tossiu, olhando na sua tela. “Sim, eu diria o mesmo. Provavelmente, é o resultado da magia ter estado trancada por tanto tempo. Geralmente só fazemos isso aos criminosos por um período de tempo tão longo e eles geralmente não recebem sua magia de volta, portanto não temos muitos dados sobre como ela responde quando é liberada”.

Durante duas décadas, a Casa dos Sete tinha exigido que todos os mágicos registrassem sua magia. O fracasso em o fazer resultou em multas e punições e, no final, os mágicos delinquentes foram forçados a registrar sua magia e, em seguida, ela foi trancada para sempre. Muitos mágicos rebeldes optaram por lutar até a morte em vez de obedecer. Uma vez que a Casa tinha a magia do mágico registrada, a pessoa estava sob o controle da Casa.

Liv olhou para os milhares de luzes cintilantes por cima, todos mágicos registrados que a Casa “protegeu”. Muitas vezes, Liv havia ouvido seu pai reclamar sobre o pedido de ordem social. Nunca lhe parecera correto, mas como muitas coisas que os Conselheiros haviam votado, ele havia sido ultrapassado em número.

“Não tenho tanta certeza”, disse Haro Takahashi, passando sua mão sobre seu queixo. “Essa medição é excepcionalmente alta para que seja um erro”.

“Vamos ter que ficar de olho nisso”, sugeriu Adler. “Suspeito que se normalizará em um dia ou dois”. Provavelmente, será apenas um surto”.

“Ummm...há algum problema com a minha magia?” perguntou Liv.

“Problema?” Adler perguntou, parecendo distraído. “Oh, não. Temos certeza de que não é nada. Agora, você está pronta, Sra. Beaufont? Daqui a pouco, os Conselheiros girarão seus interruptores, desbloqueando sua magia”.

Interruptores giratórios? Sua magia era controlada como uma luz? Isso parecia um pouco confuso. Ela pensou que deveria ter havido uma cerimônia com dançarinos e uma orquestra e talvez fogo de artifício. Seu estômago roncava e Liv se lembrou que havia esquecido de jantar.

Eu me contentaria com um jantar de bife, se não houvesse cerimônia de comemoração, pensou Liv. “Estou pronta”, disse ela, olhando para Clark e tentando decifrar a expressão confusa em seu rosto.

“Conselheiros, ao meu sinal”, anunciou Adler. “Três, dois, um”.

Em uníssono, os Conselheiros ligaram um interruptor em seus teclados, fazendo uma série de ruídos de clique, então todos na sala abobadada olharam para Liv curiosos. O rosto dela corou, não por magia, mas por constrangimento. O que eles esperavam que acontecesse com ela? Que um vestido extravagante aparecesse em seu corpo e seu cabelo desarrumado voltasse para um estilo mais refinado, como os Guerreiros que a rodeiam?

Liv olhou de relance para o seu jeans manchado e a camiseta debaixo do capuz. Ela ainda tinha o mesmo aspeto que tinha momentos antes, mas mais importante, ela não sentiu nada diferente.

“Ummm, temos certeza de que funciona...” As palavras de Liv foram interrompidas quando um calor abrasador explodiu em seu peito. Ela colocou as mãos no local, pois parecia que seu coração estava prestes a explodir. Parecia o pior caso de indigestão do mundo. Ela estava tendo um ataque cardíaco? Alguma coisa estava definitivamente errada. Liv tropeçou para trás, vendo como os Guerreiros olhavam para ela inexpressivamente. Eles não pareciam nem um pouco preocupados com o olhar horrorizado no rosto dela ou com o fato de que ela estava a momentos de cair morta.

Mesmo o tigre branco parecia indiferente à sua situação. Ele estava sentado e se levantou, mas estava simplesmente olhando para ela com uma expressão calma. A sala girou, transformando todas as imagens em borrão e

fazendo o estômago dela torcer com inquietação.

“Se lembre de respirar”, disse uma voz atrás dela em um sussurro baixo.

Liv olhou por cima do ombro e reconheceu o contorno tênue de Platão nas sombras. Ela inspirou o oxigênio em seus pulmões, um ato que nunca havia sido tão incrivelmente difícil antes. O ar estava quente e fazia com que seu peito se sentisse apertado, mas quando ela expirava, sentia um pouco de alívio. A sala parou de girar. A tontura diminuiu e Liv sorriu um pouco, percebendo que ela havia retomado o controle. Por um momento, ela realmente esperou desmaiar.

Liv levantou o queixo, limpou o suor da testa e se engasgou no suspiro seguinte. A agressão que lhe atingiu o peito em seguida não lhe deixou outra escolha a não ser cair diretamente para trás. Sua cabeça se transformou em algo duro e suas entranhas queimaram como se estivessem sendo fervidas por seu sangue. Com sua última força, Liv tentou se reerguer. A tentativa foi inútil, embora ela tenha conseguido rolar de barriga para baixo. Sua visão estava semiobstruída pelo chão debaixo do rosto, que parecia pesado como chumbo. A última coisa que ela se lembrou de ver foi o tigre branco, olhando para ela como se ele pudesse se banquetear em seu corpo. Então tudo ficou preto.

* * *

“Foi demais só de uma vez”, disse uma voz demasiado alto. Essa pessoa não sabia que Liv estava tentando dormir? Ela não conseguia se lembrar por que estava dormindo, mas nada parecia mais importante do que descansar.

“Não foi demais”, argumentou um homem. “Ela é apenas indisciplinada e tem pouca prática”.

Será que eles não se calariam? Liv não conseguia afastar a necessidade de dormir, mas suas vozes eram um impedimento.

“Não tenho certeza se eu conseguiria ter lidado com essa onda”, disse alguém em um sussurro abafado nas proximidades.

Liv notou o chão frio debaixo dela. Seu peito estava em carne viva e dorido, como se tivesse sido aberto e cosido de novo. Reflexivamente, ela colocou as mãos nele e, para seu alívio, o encontrou incólume. Uma tosse repentina fez com que os olhos de Liv se abrissem, e ela se sentou.

“Veja, ela está completamente bem”, disse Adler, cruzando os braços

sobre seu peito. Ele não havia se movido de seu lugar, mas Clark havia se agachado no chão ao lado de Liv. Muitos dos Guerreiros estavam fora de formação, mas nenhum deles estava perto. O tigre branco estava do outro lado de Liv, olhando para ela com uma expressão ilegível. *Então ele não me comeu quando eu desmaiei*, ela pensou com alívio.

“Você está bem?” Clark perguntou, pensativo, esfregando as costas de Liv quando ela tossiu de novo por duas vezes.

Ela acenou com a cabeça, embora isso fosse completamente falso. Ela nunca havia se sentido tão mal em sua vida. Por um momento, ela acreditou firmemente que uma cobra gigante estava deslizando dentro dela, empurrando seus órgãos enquanto navegava. Algo estava definitivamente diferente em seu corpo, como se ela tivesse crescido meio metro.

“Preciso me levantar”, Liv ouviu a sua própria voz, embora ela soasse estranhamente diferente e ela não tivesse certeza de como.

Clark deu a ela um olhar de incerteza, mas a ajudou a ficar de pé.

Liv balançava, reparando nos vários rostos ao redor da sala com uma curiosidade tranquila. *Muito bem. Primeiro eu gritei coisas incoerentes ao entrar na sala, e agora todos me viram desmaiar*, pensou Liv, tentando esconder o tormento em seu rosto.

A dor chata na parte de trás de sua cabeça a lembrava de que ela tinha batido no chão quando desmaiou. Ela evitou esfregar a cabeça para verificar o galo que definitivamente estava aumentando. Liv evitou o contato visual com os Guerreiros, que estavam todos muito próximos dela. O círculo no chão, onde ela estava de pé, chamou sua atenção. Não estava embaçado como antes, mas agora era uma leve sombra azul. Os olhos de Liv viajaram pela árvore e sua boca se abriu quando ela notou que o ramo Beaufont agora estava aceso tanto com verde quanto com azul. Sob a parte azul do galho estava o nome “Olívia”.

Seus olhos continuaram a subir até o teto, onde as luzes brilhavam por cima de sua cabeça. Acima delas havia uma nova luz que havia sido acesa quando a magia de Liv foi destravada.

As luzes, de alguma forma, pareciam incomuns para a Liv. Então ela pestanejou na sala abobadada e percebeu que também parecia diferente do que antes. Disfarçadamente, Liv puxou a mão para cima, estudando a parte de trás da mesma. Tudo parecia diferente.

Um som agitador desviou sua atenção do seu corpo. Empoleirado no

canto mais distante do banco, ao lado de Lorenzo Rosario, o homem com a barbicha cinzelada, estava um grande corvo preto. Liv sentiu algo e olhou para baixo enquanto o tigre branco se movia para o centro do semicírculo onde os Guerreiros normalmente estavam. Eles ainda estavam fora de formação, mas, com o movimento do tigre branco, eles voltaram ao lugar, não dando mais toda a atenção a Liv.

O corvo gritou alto, fazendo com que Liv batesse com as mãos nos lados da cabeça com mais força do que ela pretendia. Ela ficou então surpreendida pelo ataque que tinha feito aos seus ouvidos, numa tentativa de bloquear o barulho alto. Mais uma vez ela ficou espantada com os ruídos diferentes que soavam. Eles foram amplificados. Mais cristalinos. Carregando cores e emoções que ela nunca havia notado antes.

“Sim, ousou dizer que gastamos muito tempo com isto”, murmurou Adler como se em resposta a uma reclamação. “Sra. Beaufont, você optou por fazer seu próprio treinamento, e precisará começar isso imediatamente. Os Sete se encontrarão novamente amanhã à noite. Não se atrase, como hoje”.

“Eu não percebi que estava atrasada”, disse Liv, sua voz vibrava com nova hostilidade. Ela queria chorar e gritar como se cada emoção que ela sentira estivesse transbordando para escapar naquele momento.

“Você estava”, disse Adler, de fato. “Você está dispensada por esta noite”. Vemos você amanhã às nove. Tente começar seu treinamento. É importante”.

Liv queria dizer ao velho albino que ele poderia enfiar seu relógio na sua bunda apertada e pegar seus conselhos de treinamento e os embrulhar em sua barba rija e os usar como um chapéu. Em vez disso, ela permitiu que Clark a puxasse em direção à porta espelhada.

“Oh, e Olívia?” Adler disse nas costas dela.

Ela se virou, notando que todos os olhos estavam voltados para ela.

“É bom ter você de volta”, disse o velho mágico com um sorriso hipócrita.

Liv não devolveu o sorriso. Ela simplesmente acenou com a cabeça e disse: «Obrigado, mas note que meu nome é Liv, não Olívia”.

Na conclusão de sua declaração, o nome sob seu ramo azul foi apagado. Muitos na sala liberaram sons de espanto, e então, como se houvesse uma caneta invisível, as letras “L-i-v” foram gravadas no lugar.

Capítulo 10

Liv tinha um bilhão de perguntas quando Clark a puxou de volta pela porta espelhada, o que felizmente não parecia tão estranho quanto antes. Simplesmente parecia que ela estava caminhando através de um véu molhado, mas quando ela chegou ao outro lado, ela ficou grata por se encontrar completamente seca.

“O que se passou com a minha magia?” Liv perguntou enquanto Clark continuava puxando seu braço. “Era para me nocautear? Há algo de errado comigo? Por que os Conselheiros estavam todos me dando aqueles olhares estranhos?”

Clark se virou quando eles estavam na frente da grande porta em frente à sala do Conselho. “Como você fez aquilo?” Ele balançou a cabeça, seu rosto pálido e sua respiração superficial.

“Ela susteve a respiração”, disse Platão de seu lugar aos pés de Liv.

Liv sacudiu sua cabeça para ele. “Eu tentei não o fazer. Havia tanta coisa acontecendo. Eu não queria desmaiar”.

Clark balançou a cabeça. “Não, eu quis dizer, mudar seu nome na Árvore dos Sete”.

Liv pensou por um momento e encolheu os ombros. “Não tenho certeza. Quero dizer, não acho que tenha sido eu. Eu só lhes disse o que me chamar”.

Clark colocou seu punho na testa como costumava fazer quando eles eram crianças e tentava descobrir como os livrar de problemas. “Teve que ser você, mas não entendo como você fez isso, especialmente sem o ter percebido”.

“Bem, porque você não começa por me contar o que está acontecendo com minha mágica?” perguntou Liv. “Há algo de errado com ela? Será que ficou ruim? Expirou ou algo assim?”

Clark baixou a mão e puxou a porta grande em um movimento rápido. A porta de carvalho gigante rangia enquanto se abria, fazendo o grupo voltar para trás para dar espaço para que ela abrisse. “Como Adler disse, a leitura provavelmente estava errada. Eles vão ficar de olho nela e tenho certeza de

que ela se normalizará amanhã”.

Quando a porta estava totalmente aberta, Liv teve uma visão de que se lembrava. Estava quase tão fresca quanto suas últimas lembranças. O longo corredor tinha várias portas alinhadas que levavam a diferentes suítes. À direita, um longo corrimão subia acompanhando as escadas que levavam aos outros seis andares. O corredor estava repleto de lustres decorados com safiras e esmeraldas. Grandes pinturas enfeitavam as paredes em painéis. Liv se lembrou que corria por esses corredores quando estava a caminho das aulas ou se escondendo de Ian e Reese quando eles tentavam os reunir à noite para tomar banho. A maioria dos dias eram passados na suíte da família,

mas quando Liv saía, ela e Clark corriam, rindo pelas escadas até o sótão do sétimo andar.

Clark manteve a porta aberta e encaminhou Liv para o corredor. Ela parou, no entanto. Primeiro, porque ela sentiu algo nas costas, algo que ela poderia jurar ter visto ser atirado na entrada. Segundo, porque ela não viu nenhuma razão para entrar no corredor de entrada. Liv recuou, dando a Clark um olhar cético.

“Não confio em Adler ou em qualquer noção que ele tenha sobre minha magia”, começou Liv. “Se há algo acontecendo, quero que você me diga. Precisamos ser francos um com o outro desde o início”.

Clark suspirou, continuando a segurar a pesada porta aberta. “Não é nada preocupante. E Adler é... Bem, ele tem boas intenções. Ele simplesmente se apresenta como durão”.

Liv sacudiu a cabeça, olhando para trás brevemente para a porta espelhada. “Como eu disse, eu não confio nele, e você também não deveria confiar”.

“Não seja tão paranoica”, reclamou Clark.

“Seja direto comigo desde o início”, repetiu Liv. “O que está acontecendo com a minha magia?”

Clark fez um movimento para que Liv passasse a entrada. Quando ela não o fez, ele revirou os olhos, mas parecia um pouco mais relaxado. “Muito bem. Sua medição mágica está um pouco alta”.

“Alta? Por ter tido minha magia trancada?” perguntou Liv.

Clark balançou a cabeça. “Para qualquer mágico do seu calibre. É mais alto que qualquer dos outros Guerreiros”.

“Bem, isso deve ser um erro”, disse Liv, olhando para Platão em busca de

uma resposta.

O gato não pareceu preocupado. Ele se sentou e lambeu sua extremidade traseira.

Clark concordou com um aceno de cabeça. “Como eu disse, ela se normalizará em um dia, mais ou menos”. Provavelmente é apenas um pico”.

“E quanto àquele tigre branco? O que aconteceu com aquilo?”

Clark deu a ela um olhar passageiro e balançou sua cabeça. “Não é nada. Ele apenas ajuda a manter o equilíbrio”.

“Equilíbrio? Como entre o quê e o quê?” perguntou Liv.

“Explicarei a seu tempo. Agora, vá em frente e entre aqui”. Ele se moveu para a porta aberta.

“Porquê, você quer me mostrar sua nova coleção de facas ou algo assim?” perguntou Liv.

Clark resmungou de frustração. “Não, estou lhe mostrando o seu quarto. Nossa suíte se mudou depois de... Bem, você sabe...”

Liv deu um passo atrás no corredor. Ela não se importava se a suíte não era a que ela havia compartilhado com seus pais, ela não estava indo para lá. “Eu não vou ficar aqui na Casa dos Sete”.

“É aqui que você pertence agora”, argumentou Clark.

“Porquê, porque eu sou uma Guerreira?”

Clark tirou as mãos da porta e ela bateu em seu ombro. “Porque você é uma Beaufont. Aqui é onde você sempre pertenceu”.

“Já não pertenço aqui há muito tempo. Farei como os Sete me mandam. Lutarei por sua suposta justiça, mas me recuso a ficar aqui”.

“O quê, você vai voltar para aquele pequeno apartamento de merda?”

Liv estava explodindo, e por um momento sua visão estava coberta de vermelho. Ela pensou que era um truque de seus olhos, mas quando disse a si mesma para se acalmar, sua cabeça sentiu como se isso liberasse vapor e, de repente, sua visão se limpou. Ela ia levar algum tempo para se acostumar a este negócio mágico.

“Acontece que eu gosto do meu apartamento”, disse Liv, inalando um fôlego medido e apertando os punhos na tentativa de acalmar o fogo que ardia profundamente dentro dela.

“Mas sua família está aqui, e agora que você voltou...”

“Olha, não posso ficar na Casa dos Sete”, explicou Liv, tentando injetar simpatia em sua voz. “Estou de volta, mas não estou totalmente de volta.”

Preciso fazer as coisas do meu jeito”.

Clark hesitou antes de acenar com a cabeça. “Sim, eu deveria ter esperado isso. Eu só esperava...” Sua voz se afastou quando seus olhos encontraram os punhos cerrados de Liv. “E quanto ao seu treinamento? Como você vai tratar disso? Você quer minha ajuda?”

Os Conselheiros tinham seu próprio treinamento. Não havia muito cruzamento entre isso e o que era ensinado aos Guerreiros. Clark estava tentando ajudar Liv de coração partido porque ela simplesmente não podia aceitar sua ajuda, por mais que ela quisesse. Ela balançou a cabeça. “Não se preocupe com isso. Eu arranjurei uma solução”.

“Você tem certeza de que não está sendo teimosa só por teimosia?» perguntou Clark, cruzando seus braços.

“Olha, vemos as coisas de maneira diferente”, disse Liv. “Isso é permitido”. Vou fazer o que os Sete me mandam, mas não tenho que ficar aqui e não tenho que aceitar o treinamento deles”.

“Mas eu não vejo o que há de errado com isso, Liv.”

Ela pensou por um momento. “Você se lembra de quando éramos pequenos e eu sempre afundava seus navios de guerra?”

A cabeça de Clark se contorceu. Ele obviamente não estava esperando a súbita pergunta estranha. “Sim?”.

“Porque era isso?” perguntou Liv.

Clark desviou o olhar antes de retornar seu olhar para ela. “Porque eu sempre os colocava no mesmo local”.

“Sim, exatamente”, disse Liv, vitoriosamente. “A Casa tem feito tudo da mesma maneira há muito tempo. Eles sempre colocam seus navios de guerra no mesmo lugar. Não sou um tipo tradicional de garota, então acho que para ser uma Guerreira de sucesso, não posso aceitar suas velhas maneiras de fazer as coisas”.

“Mas a base da magia está fundamentada nas tradições”, argumentou Clark.

Liv deu-lhe um olhar de consolação enquanto se afastava. “É nisso que eles querem que você acredite”.

Clark quase revirou os olhos, mas se deteve. “Você não precisa ser tão paranoica sobre tudo”.

“E você não precisa aceitar tudo o que eles dizem sem questionar”, contra-argumentou Liv. “Ser cético não é contra a lei”.

“Sim, mas quanto mais resistência você colocar, menos os outros vão gostar de você”, declarou Clark.

Liv acenou orgulhosamente com a cabeça. “Não estou aqui para fazer amigos, Bro. Estou aqui para proteger a magia”.

Ele sorriu. Talvez tenha sido o uso de seu antigo apelido para ele, ou que eles tivessem facilmente caído de volta em seus papéis habituais - Liv, a causadora de problemas e Clark, o menino exemplar. Seus pais sempre disseram para eles serem bons um para o outro, mas Liv sabia que eles nunca suspeitaram que os dois seriam um dia Conselheiro e Guerreiro. Não havia como seus pais preverem isso, pois isso significaria que muita morte teria que ter vindo primeiro.

Com o coração repentinamente pesado, Liv ofereceu a Clark um sorriso sincero e se voltou para a porta de entrada. Antes de ter dado mais do que alguns passos, ela ouviu Clark recuar e a grande porta bater fechando.

Ela demorou a caminhar pelo longo corredor, vendo os símbolos dançarem enquanto a ponta dos dedos se deleitava na parede. Quando ela estava quase na entrada, ela parou, Platão ao seu lado.

Sem se virar, Liv virou o queixo até estar por cima do seu ombro. “Eu sei que você está aí”, disse ela para o corredor aparentemente vazio. “Por que você não sai já e acabamos com isso?”.

Capítulo 11

Aluz do fogo no longo corredor escureceu por um momento como se as tochas estivessem sustendo a respiração, aguardando. Liv permaneceu congelada, ainda de costas para o corredor, olhando por cima do ombro. Ela ouviu um pequeno barulho turbulento à distância, depois soou apenas a seus pés, e em um instante, estava novamente distante.

Liv olhou para Platão. “Há quanto tempo você sabia que ela estava lá?”

O gato se virou, se sentou e observou o corredor vazio. “Desde o momento em que você entrou na Casa dos Sete”.

“A pequena curiosa está me observado há tanto tempo?” perguntou Liv. “Pensei ter denunciado alguém”.

Copiando Platão, Liv girou, com os braços cruzados no peito e os olhos escaneando o salão vazio.

“Talvez tentar uma abordagem diferente, já que ‘vamos acabar com isto’ não funcionou”, afirmou Platão.

As chamas iam queimando tão levemente como o incômodo de Liv ia crescendo. “Muito bem, que tal isto”, disse ela em um sussurro para Platão antes de girar de volta e caminhar para a saída novamente. “Ah, bem...”. Pena que você não vai mostrar seu rosto. Até mais tarde, seu pequeno intrometido “.

Uma rajada de vento gelado atingiu Liv no rosto, chicoteando suas roupas e dificultando o progresso. Ela parou, jogou a mão na sua frente e fechou os dedos em um punho, sugando o ar de uma só vez. Se voltando para Platão, ela fez uma expressão curiosa.

Ele parecia impressionado. “Era intencional aproveitar aquele vento?”

Ela abriu a mão, esperando que o vento voltasse para a chicotear no rosto novamente. Quando não o fez, ela encolheu os ombros. “Isso foi pura melhoria. Eu não sei de onde isso veio”.

“A magia é principalmente instinto”, argumentou Platão, retornando seu foco para o longo e vazio corredor. “Mas parece que sua amiguinha tem seus próprios truques”.

Liv amarrou seus cabelos emaranhados, ficando com os dedos presos em vários nós. “Muito bem, uma pequena e bonita exibição com o vento”, disse ela em voz alta. “Você não quer que eu saia, mas não está disposta a sair”. Você percebe que isso é meio irritante, certo?”

Platão lhe deu um olhar de desprezo. “Tenha um pouco de tato. Pode ser um longo caminho”.

Liv suspirou. “Oi, amiguinho. Você poderia sair e brincar, por favor?”

Uma bola vermelha se materializou no meio do corredor dourado, contrastando brilhantemente com o piso azul e verde.

Liv se franziu e se aproximou de Platão. “O que eu devo fazer com isso?”

“É uma bola”, disse Platão, secamente. “Jogue com ela”.

Liv pensou por um momento. “Como?”

A expressão de Platão se transformou em um puro aborrecimento. “Eu não sei”. Vá chutar ou algo assim”.

Liv riu. “Você também não sabe como jogar”. Ela deu uns passos para frente e pegou a bola vermelha de plástico. “Por toda sua sabedoria, caro Platão, você é tão ignorante quanto eu quando se trata de se divertir”.

“Estou simplesmente sem prática”, afirmou ele, seus olhos verdes focando uma sombra que acabara de se materializar. “Anos de convivência com você me fizeram isso”.

“Bem, ninguém está forçando você a me fazer companhia”, brincou Liv. Nem uma única vez ela se preocupou que Platão deixasse seu lado. Ele era a constante em sua vida. Sempre lá quando ela acordava e sempre enrolado ao seu lado no final do dia. Ela poderia nem sempre saber onde ele estava, mas sempre sabia que ele estava por perto.

Liv atirou a bola para o ar, a fazendo saltar na ponta dos dedos. “Você sabe qual era meu jogo menos favorito quando era criança?”

Platão bocejou, levantando a pata para a lamber. “O jogo do silêncio”.

Ela atirou nele um olhar frio. “Não, eu sou ótimo nesse jogo. Era Clark que sempre estragava as coisas quando tentávamos ir até a cozinha para um presente da meia-noite”. Liv fez ricochetear a bola no chão. “Bobinho era o pior jogo. Ian e Reese costumavam nos obrigar a jogar, e eu nunca ganhei”.

“Desvantagem em altura”, disse Platão de forma simples.

Liv se agachou no chão e rolou a bola vermelha para frente. “Tudo o que eu sempre quis foi um bom jogo de bola”.

A sombra se deslocou rapidamente, e de repente uma menina se

materializou do outro lado da bola, a pegando. Seus caracóis louros emolduravam seu rosto em forma de coração e os olhos azuis Beaufont. Liv não precisava adivinhar a idade dela. Sophia tinha três anos de idade quando Liv deixou a Casa dos Sete, tendo agora oito.

“Eu também”, disse a pequena mágica, pegando a bola em suas pequenas mãos e a segurando perto de seu peito.

Liv acenou com a cabeça, tentando fingir que toda esta situação não era muito bizarra. Em seu mundo, as crianças não se escondiam como sombras ou enviavam uma rajada de vento às pessoas que não queriam que fossem embora. Ela se lembrou que este era seu mundo agora, com todos os seus absurdos. Além disso, este sempre foi seu mundo, mesmo que os últimos cinco anos tivessem mudado tudo para ela.

Liv jogou seus dedos para frente. “Vá em frente, então, me jogue a bola”. É assim que funciona para frente e para trás, certo?”

Sophia acenou com a cabeça e jogou a bola, a lançando na direção de Liv com uma força impressionante. Os dedos de Liv queimaram do impacto quando ela a pegou.

“Então você é Sophia?” perguntou Liv, jogando gentilmente a bola de volta para sua irmã. A menina parecia como ela se lembrava, mas também bastante diferente com todas as suas características e a gordura de bebê tendo desaparecido.

“Você se lembra de mim?” perguntou Sophia, pegando a bola vermelha.

“Claro que sim”, disse Liv com uma risada. “Você se lembra de mim?”

A garotinha balançou a cabeça.

“Você era jovem”, murmurou Liv, e o remorso rastejou instantaneamente para dentro de seu estômago. Sophia provavelmente não se lembraria de seus pais. Que bênção e que maldição.

“Você partiu”, disse Sophia simplesmente, sua pequena voz carregando um grande peso.

“Eu sei”, respondeu Liv. “Eu simplesmente não conseguia estar aqui”. É difícil de explicar”.

“Mas você está de volta?”

Liv jogou a bola para sua irmã novamente. “Mais ou menos”. Eu assumi o papel de Guerreira, só até você ter idade suficiente”.

“Isso é muito tempo”, disse Sophia, apanhando a bola e a colocando aos pés. Ela usava um vestido azul até ao chão e era amarrado nas costas com um

laço de cetim branco. Ela parecia uma bonequinha com suas bochechinhas macias e nariz de botão.

“Nem me fale”, concordou Liv, dando vários passos e se aproximando. Ela se ajoelhou, olhando para a jovem garota. “Você está bem, Sophia? Você sente falta de Ian e Reese?”

Ela acenou com a cabeça, mastigando seu lábio inferior. “Você vai ser minha irmã agora que eles se foram?”

Liv pensou por um momento. “Eu sempre fui sua irmã, mesmo que não estivesse aqui. Mas sim, eu virei e a verei quando eu estiver aqui. Talvez possamos jogar bola, e você pode me ensinar alguns jogos”.

“Para onde você está indo?” perguntou Sophia, apontando para a porta do fundo do corredor.

Liv deu meia volta. Só então ela percebeu que o corredor parecia muito diferente para sua irmã. Teria aparecido como Liv sempre o tinha visto, com paredes pálidas e um pequeno passadiço. “Eu vou para casa”.

“Posso ir com você?”

Liv sacudiu a cabeça. “Não, Hollywood Ocidental é para aberrações e para os perdidos e solitários. Você pertence aqui”.

“Mas você disse a Clark que não pertencia aqui”, disse Sophia, com teimosia no rosto que fez Liv se voltar de repente. Ela teve um flash de sua mãe brincalhona desafiando o pai, e tantas vezes ela fazia isso que se tornou um ritual noturno.

“Acho que sou um dos perdidos e solitários”, disse Liv, e acrescentou, “assim como uma anormal”.

Sophia olhou por cima de seu ombro como se tivesse ouvido um barulho. “Ian me deu algo para você”.

Liv se sentiu tocada e quase pensou que iria tombar. “O quê? Por que ele faria isso?”

Sophia encolheu os ombros, chegando ao bolso profundo na frente de seu vestido. “Ele disse que se alguma coisa lhe acontecesse, eu deveria dar a você, mas não contar a ninguém”.

Ela tirou sua mão fechada do bolso, a segurando expetantemente no ar. Liv colocou a palma da mão debaixo da jovem e sentiu como se algo mais pesado do que ela esperava tivesse caído em sua mão.

“Sophia!” Clark chamou do outro lado do corredor.

Liv sacudiu a cabeça e puxou a mão para o lado, olhando para Clark com

repentina trepidação.

Seu rosto amoleceu quando reconheceu Sophia em pé diante da Liv. “Ótimo, aí está você. Tenho procurado por você em todos os lugares”, disse Clark, caminhando em direção a eles.

Sophia apontou para a Liv. “Eu só queria dizer oi”.

Clark acenou com a cabeça. “Sim, eu posso ver isso. Mas é tarde, Soph. Você devia ir dormir. Você pode ter mais visitas mais tarde. A menos que...” Ele deu a Liv um olhar expectante, esperança em seus olhos.

Ela balançou a cabeça de uma vez. “Eu vou embora. Tenho muito o que fazer”.

Liv acenou para sua irmã mais nova, o objeto misterioso se agarrou em sua outra mão enquanto ela recuava em direção à porta.

Capítulo 12

O calor da lareira gigante no escritório particular de Adler Sinclair era quase demais. Ele tirou o lenço de seda e suas túnicas, despindo roupas até que apenas sua camiseta e suas calças largas permanecessem. Normalmente, ele não teria o fogo queimando tão intensamente, mas seu dragão em miniatura, Indikos, estava renovando as escamas e desejava o calor extra.

A amada criatura de Adler estava deitada na lareira, com o nariz muito perto do fogo. Sua boca se abria enquanto ele ofegava, e sua velha pele avermelhada se descascava de seu corpo, abrindo espaço para as novas escamas cintilantes.

Decar olhou o processo com leve interesse, enquanto se abanava com um grosso pedaço de pergaminho. “Realmente, nós poderíamos ter nos encontrado em meus aposentos”.

Adler abanou a cabeça, caminhando para a grande mesa ao lado da lareira onde o animal, que era do tamanho de um cachorro pequeno, estava deitado parecendo indefeso. “Não, eu gosto de estar com o Indikos quando ele está renovando. A última vez que não estava, sua velha pele pegou fogo. Foi um desperdício tão grande”. É um ingrediente de poções muito valioso”.

Decar olhou o dragão, notando quão perto ele estava do fogo e vendo facilmente como a pele podia encontrar seu caminho para as chamas.

“Além disso, tenho muito trabalho a fazer para estar em outro lugar”, prosseguiu Adler.

“Pensei que você tinha dito que as coisas deveriam abrandar agora que a posição dos Beaufonts está preenchida”, declarou Decar.

Adler acenou com a cabeça. “As coisas vão se acalmar, mas ainda há muito a supervisionar. Esta nova Guerreira...ela é um desafio. Preciso tomar providências para ela”.

Decar ficou de pé, se afastando do sofá de couro e mais longe da lareira. Ele abriu a janela do outro lado da sala e enfiou sua cabeça para fora por um momento. Quando voltou, seus cabelos brancos estavam fora do lugar, e sua pele pálida estava vermelha da noite de inverno. “Sua magia? Você acha que

foi um surto?”

Adler abanou a cabeça, olhando para os vários papéis espalhados por sua mesa. Ele os empurrou para o lado e pegou num tablet. Passando por várias telas, ele chegou àquela em que ele havia gravado as estatísticas mágicas de Olívia Beaufont. Normalmente estas coisas permaneciam na Câmara da Árvore, mas Adler havia encontrado desculpa após desculpa para transferir as informações para seus dispositivos pessoais, e agora ninguém parecia notar quando ele o fazia.

“Só pode ser explicado como uma acumulação de magia”, declarou Adler. “Tenho todos os motivos para acreditar que ela se normalizará em um dia ou dois”.

“Foi prudente permitir que ela deixasse a Casa sem treinamento com aquele nível de magia fluindo através dela”? perguntou Decar, com sua cabeça pela metade fora da janela novamente.

A atenção de Adler estava principalmente sobre o tablet em sua mão. Ele cerrava os olhos e olhava para cima com despreocupação. “O quê? Sim, está bem. A garota não é uma preocupação para nós”.

“Mas você disse que seus níveis mágicos eram inéditos”, disse Decar, seus olhos claros passando na direção do tablet, embora do outro lado da sala ele não conseguisse ver muito.

Adler desligou o tablet e o enterrou novamente sob os papéis. Os Guerreiros não tiveram acesso às mesmas informações que os Conselheiros, o que foi pelo melhor. Isso permitiu que eles se concentrassem em suas missões e deixou aos Conselheiros o fardo da informação. Era assim que o equilíbrio havia sido estabelecido, e funcionado durante séculos.

“A magia da menina é uma anomalia momentânea”, disse Adler, seus olhos girando para o dragão, ainda ofegante pelo fogo. As asas do Indikos se desabrocharam e bateram por um momento, ventilando o fogo e enviando uma explosão de calor e faíscas através do grande escritório.

Decar atirou sua cabeça pela janela novamente, e Adler protegeu seu rosto da onda de calor. Quando o Indikos assentou suas asas, Decar ousou puxar sua cabeça de volta para dentro da sala. Ele estudou o dragão com aborrecimento e depois olhou para seu irmão.

“Como você sabe que esta Olívia Beaufont não será um problema?» perguntou Decar. “Você se lembra como ela era antes?”

Adler pegou os papéis em sua mesa, procurando por um relatório

específico. “Ela era apenas uma criança na época e foi ferida pela morte de seus pais. Ela fez algumas acusações, mas no final, saiu sem incidentes”.

“Mas ela está de volta agora, e uma Guerreira”, declarou Decar. “Ela está em uma posição de poder”.

Adler soltou um estranho sorriso, segurando o papel que ele estava procurando. “A Sra. Beaufont pode ser uma das Sete, mas o poder é relativo”.

“O que é isso?” Decar perguntou, passando para a escrivania para ver de perto.

Adler não disse outra palavra, simplesmente entregou o relatório a seu irmão.

Alguma coisa despertou nos olhos de Decar quando ele olhou para cima. “Você vai atribuir-lhe este caso?” Ele riu. “Isso a vai manter ocupada por semanas, especialmente com você exigindo que ela treine enquanto trabalha”.

Adler acenou com a cabeça vitoriosamente. Ele pegou outro relatório e o entregou. “E quando ela terminar com isso, os Conselheiros lhe atribuirão isto. Era nisto que eu queria trabalhar hoje à noite”.

Decar o pegou lendo minuciosamente a página, rindo novamente. “Isso é brilhante”.

“Isso vai mantê-la ocupada e fora de perigo”, disse Adler orgulhosamente. “Veja, eu lhe disse que não havia nada com que se preocupar”.

“Eu não estava realmente preocupado com a garota”, declarou Decar. “Ela não tem formação, não está acostumada com nosso estilo de vida e não tem um filtro adequado”. Eu só não queria que ela atrapalhasse as coisas”.

“E eu lhe disse para não se preocupar, irmão”, disse Adler simplesmente. “Fomos obrigados a preencher a posição aberta de Guerreiro”. Eu teria ficado feliz em substituir os Beaufonts, mas isto é quase melhor. Dois amadores se juntaram aos Sete. Nós realmente não poderíamos ter pedido mais”.

“Então, o que fazemos agora?” Decar perguntou, tirando um lenço e limpando o suor de sua testa.

“Fazer?” Adler perguntou. “Nós não precisamos fazer nada”.

Ele olhou de relance seu pequeno dragão. Adler o havia adquirido durante suas viagens na Índia de um mercador que não entendia que o ovo da serpente que ele tinha não era nada disso. Seis meses depois, quando Indikos eclodiu, Adler finalmente afirmou que era o dono de um raro dragão em miniatura, um com poderes únicos como os de um mágico. Por uma década

ele havia sido seu companheiro mais fiel, mostrando uma devoção que a maioria nunca conheceu. *Se ao menos todos nos Sete mostrassem tal lealdade*, Adler pensava muitas vezes.

“Então você suspeita que as coisas não serão perturbadas daqui para a frente?” perguntava com ceticismo Decar. “Porque você já teve essa presunção antes”.

A insinuação pairou pesadamente no ar, mas Adler a descartou com um abanar de mão. Ele caminhou até uma garrafa de conhaque ao lado do sofá e serviu dois copos. Entregando o primeiro a seu irmão, ele guardou o segundo para si mesmo. “Não se preocupe, Decar. Creio que a Casa dos Sete chegou a um novo auge. Já se foram os dias em que tínhamos que nos preocupar. Seguindo em frente, a Casa voltará ao normal, servindo para proteger a magia como deveria estar fazendo desde o início”.

Decar levantou seu copo e o encostou contra o de seu irmão antes de tomar um gole, desfrutando estranhamente do calor extra que ele criou em seu corpo.

Capítulo 13

Ocheiro do café não trazia o mesmo calor que normalmente fazia quando Liv o levou à boca. Ela a segurou antes de tomar um gole, o aroma fazia seu estômago girar.

Normalmente, Liv não bebia café, mas as circunstâncias o exigiam. Ela havia voltado da Casa dos Sete para casa e achou impossível dormir. Durante horas, ela havia se revirado, vendo estranhas luzes brilhantes como fogos de artifício quando fechava os olhos. Só às três da manhã é que a chocante exibição deixou de a acordar.

Quando seu despertador disparou às seis horas, ela quase o atirou sobre seu apartamento. Exausta e com um zumbido nos ouvidos, Liv saltou da cama, tomou banho e colocou um conjunto de roupas frescas antes de descer para abrir a loja de reparos, notavelmente a tempo.

Ninguém nunca apareceu às sete da manhã para ter suas torradeiras ou aspiradores de pó consertados, mas John não ouvia a razão. Ele sempre insistia que a loja fosse aberta mais cedo. Normalmente Liv não se importava, porque ela podia usar a hora ou duas horas extras antes da chegada dos clientes para trabalhar nos projetos que sempre pareciam se amontoar na parte de trás.

Naquela manhã em particular, porém, Liv dificilmente conseguia encontrar a energia para manter a cabeça erguida. Ela tentou segurar a caneca de café quente fumegante na boca novamente, mas o cheiro instantaneamente fez seu estômago roncar de inquietação.

“Você precisa dormir”, observou Platão do lado dela na bancada de trabalho.

“Você está certo”, disse ela, baixando a xícara de café. “Você vigia a loja. Eu vou tirar uma soneca lá atrás. Se alguém precisar de alguma coisa, diga que você é um gato falante e eu sou um mágico que passou a noite acordado tentando dar sentido à minha nova e estranha vida. Legal?”.

Platão fingiu não ter ouvido Liv e inclinou sua cabeça na direção da mão dela, que estava batendo a caneca ainda na frente dela. “Talvez o anel faça

mais sentido para você durante o dia. Você poderia tentar o estudar enquanto a loja está calma”.

Liv olhou para o anel, que era o estranho objeto que Ian tinha dado a Sophia para passado a ela. O anel de casamento de sua mãe, uma herança que havia sido passada na família Beaufont por séculos - mas isso não explicava porque Ian havia dito a Sophia para o dar a Liv se alguma coisa acontecesse com ele.

O anel era uma monstruosidade, mas Liv tinha decidido o usar, não confiando em o deixar escondido em algum lugar em seu apartamento. O diamante do centro era gigante, com aproximadamente cinco quilates, e com corte redondo. Ao redor da gema principal havia quatorze diamantes menores de várias cores, claros e escuros de azul, verde, vermelho, amarelo, laranja, roxo e até mesmo preto.

A banda era de platina, e esculpida no interior estavam as palavras: Juntos somos fortes e equilibrados.

Liv procurou na bancada de trabalho as lupas que John usava com frequência para pequenos reparos. Quando as encontrou, ela as colocou e deu uma olhada mais de perto no anel. O artesanato era incrível - não que Liv tivesse estudado muitas gemas, mas ela podia dizer imediatamente que os diamantes eram da mais alta qualidade. E o anel não tinha um único arranhão.

“Isto deve ser protegido por magia”, murmurou ela, girando o anel e procurando qualquer coisa que explicasse porque seu irmão queria que ela o tivesse. Frustrada, ela tirou os óculos.

“Eu não entendo”, disse ela a Platão. “Ian estava me dizendo para não desperdiçar minha juventude sozinha e que eu deveria me casar?”

Platão sacudiu a cabeça, agitando o anel entre as pontas dos dedos de Liv. “Acho que não, mas suspeito fortemente que ele lhe deixou uma pista”.

Liv deixou cair a mão e soltou um suave rosnado de frustração. “Mas porquê? Porque eu precisaria de uma pista a menos que houvesse algum mistério a ser resolvido”?

A torradeira ao lado dela na estação de trabalho tremeu. Pensando que o grande terremoto estava finalmente chegando, Liv se calou e agarrou Platão, correndo para a porta que dividia a fachada da loja das traseiras.

Ela olhou em volta, esperando o grande tremor. Quando nada aconteceu, ela olhou para Platão confusa.

“O que exatamente você está fazendo?”, perguntou ele secamente.

“Estou salvando você de um terremoto”, explicou ela, olhando para a torradeira e os outros objetos na mesa de trabalho que ainda vibravam.

“Que terremoto?” perguntou Platão.

Liv olhou ao redor, observando que os aparelhos que revestem as prateleiras empoeiradas não estavam vibrando como os da bancada de trabalho. Suas sobancelhas se sulcaram em tom de confusão. Platão se mexeu e saltou para o chão, voltando rapidamente para cima da mesa de trabalho.

“Posso sugerir que o tremor é menos resultado da mudança das placas tectônicas e mais relacionado a um certo mágico que precisa aprender a controlar sua magia?” ele disse com ousadia.

Liv olhou vagamente para os objetos. “Eu? Eu é que estou fazendo isso?”

Platão acenou com a cabeça. “Assim como na noite passada quando você mudou seu nome na Árvore dos Sete ou fez as chamas acenderem nas tochas”.

“Você tem certeza de que fui eu?” perguntou Liv.

Platão simplesmente lhe deu um olhar que dizia: “Vamos lá, caia na real”.

“Bem, como faço para parar?” Liv perguntou enquanto a torradeira balançava ainda mais forte e caiu de lado.

Platão se deitou, colocando a cabeça sobre as patas. “Se treine. Mas por enquanto, é melhor você cuidar desse cliente”.

Os olhos de Liv se alargaram em choque e seu olhar voou para a entrada, onde uma figura estava do outro lado. Suas costas estavam voltadas para a porta, e ele a pressionou com sua extremidade traseira, já que carregava uma grande impressora em ambas as mãos.

Liv ousou avançar, varrendo as várias ferramentas da bancada de trabalho para o chão onde elas continuavam a saltar como se estivessem possuídas.

Sane, um cliente, se assustou quando as ferramentas caíram ao chão, girando quando ele entrou.

“O que foi isso?” perguntou ele, procurando a causa do barulho.

Liv bateu com as duas mãos na torradeira, que saltava de forma selvagem. “Oh, nada. O gato idiota acabou de derrubar minhas ferramentas”.

Platão lhe abriu um breve olho e se aninhou mais em uma posição de sono.

Shane balançou a cabeça, seus cabelos pretos e finos batendo no rosto. Ele usava sua camisa dos Metallica habitual e um laço prateado na orelha

direita. Uma década antes, ele havia sido um astro do rock em turnê com várias bandas conhecidas, tocando baixo. Atualmente, ele era dono da loja de penhores no caminho.

“É por isso que você não deve ter animais na loja”, declarou Shane, dando ao gato um olhar reprovador. “Além disso, muitas pessoas são alérgicas a animais”.

“Sim, mas ele é como que meu animal de conforto, então devo o ter aqui comigo”, respondeu Liv, prendendo a torradeira com seus cotovelos. Como uma doninha possuída, ela ainda estava tentando escapar de suas garras. No chão, as ferramentas continuavam a ricochetear, tinindo suavemente.

Shane riu. “Eu não acredito em todo esse papo de conforto animal. Eu só tomo drogas, e me sinto bem”.

“Drogas”. Vou me lembrar disso”, disse Liv laconicamente. “Obrigado”.

Shane espreitou pela lateral da bancada de trabalho até onde as ferramentas estavam dançando. “O que está acontecendo lá? Você tem outro gato?”

“Ratos”, declarou Liv. “Levante a bunda, Platão, e trate já dos vermes”.

Platão levantou a cabeça e bocejou antes de voltar a colocar para baixo.

“Os malditos gatos não valem nada”, declarou Shane. “Meu Doberman já teria comido esses ratos no café da manhã».

Cheio dessa conversa, Platão se esticou para uma posição de pé, arqueando suas costas. Ele saltou da bancada de trabalho e desapareceu atrás de um porta-ferramentas.

“Então, você tem algo para eu consertar?” perguntou Liv, pegando a torradeira, que estava ficando cada vez mais impaciente com o que parecia energia combustível a cada minuto.

“Sim, algum punk me vendeu isto”, disse Shane, deslizando a impressora sobre a mesa. “Funcionou por dois minutos, mas no momento em que o cara se foi, parou de funcionar. Ele não vai voltar para a pegar, e eu imaginei que John ou você a poderiam consertar”.

Liv segurou a torradeira no peito como se fosse um ursinho de pelúcia. “Sim, deixe aqui, e eu vou dar uma olhada”.

Shane a olhou de relance enquanto ela abraçava a torradeira e balançava a cabeça. “Na verdade, eu queria lhe mostrar uma coisa. Acho que o processador está frito, mas também há um problema com os rolos. Foi por isso que ela continuava a emperrar quando eu a usei pela primeira vez”.

Liv olhou sobre a mesa enquanto Shane abria um painel.

“Você vê, aí dentro”. Shane apontou. “Acho que há algo alojado entre os rolos”.

“Sim, eu vejo isso”, disse Liv rapidamente. “Eu cuidarei disso”. Não se preocupe”.

“Você não pode ver daí”, disse Shane. “Na verdade, se você segurar este painel aberto, eu posso tentar colocar meus dedos ali”.

As ferramentas no chão bateram mais alto do que antes em uma espécie de protesto.

“Não se preocupe com isso”! Liv gritou, sua exasperação irrompendo, fazendo com que vários aparelhos caíssem das prateleiras. Pó e pequenas peças espalhadas do impacto.

Shane protegeu seu rosto da pequena explosão, pulando para trás.

Liv se encolheu, segurando a torradeira ainda mais apertada.

“Que diabo foi isso?” perguntou Shane, olhando para os eletrodomésticos espalhados pelo chão.

“Acho que estão havendo tremores”, insistiu Liv, com pressa.

A testa de Shane enrugou. Ele retirou seu telefone, puxando um aplicativo. “Eu não recebi nenhuma notificação, e normalmente recebo se eles estão na minha área”.

“Eles são pequenos”, argumentou Liv.

“Aquele misturador voou da prateleira”, disse Shane, apontando. “E olhe para aquela chave inglesa!” Ele apontou para as ferramentas que saltavam no chão.

“Sim, concordo que você provavelmente deveria voltar à sua loja para ver se está tudo bem”, disse Liv, conduzindo Shane até a porta.

Ele a olhou com uma expressão confusa, como se a tivesse ouvido mal. “Eu não disse nada sobre voltar à minha loja”.

“Você não disse?” perguntou Liv. “Eu poderia jurar que você disse que estava preocupado com a forma como os terremotos estavam afetando sua loja”.

Shane olhou para seu telefone, que relatou não ter ocorrido nenhum terremoto. Então sua expressão confusa mudou para uma expressão relaxada, como se de repente estivesse em transe. “Sim, você está certa. Eu deveria voltar para a minha loja”.

“Exatamente”, concordou Liv, empurrando Shane para fora, a torradeira

ainda pressionada em seu peito. “Vou olhar para a impressora e ligo quando tiver uma estimativa de conserto”.

“Impressora?” perguntou Shane, olhando por cima de seu ombro. Ao ver o dispositivo eletrônico que ele havia trazido, ele acenou com a cabeça. “Certo. Impressora. Isso é estranho, esqueci tudo”.

A torradeira finalmente se soltou dos braços da Liv, saltando sobre sua cabeça. Ela pulou, a agarrando e puxando de volta contra o peito.

“O que dia...”

“Terremoto”, disse Liv imediatamente, calando Shane. “Volte para a sua loja”. Nada de estranho está acontecendo aqui”.

Novamente sua expressão de perplexidade caiu e ele acenou com a cabeça embotada. “Sim, você está certa”.

Quando Shane saiu, outro conjunto de aparelhos saltou das prateleiras, estourando no chão.

Platão espreitou do canto mais distante da sala, apenas seu rosto visível. “Bem, isso foi a coisa mais divertida que eu vi em muito tempo”.

Liv abriu um baú vintage cheio de cobertores de viagem e enfiou a torradeira dentro, batendo a tampa antes que ela pudesse escapar. Ela se sentou no baú, saltando do movimento da torradeira lá dentro. “O que eu vou fazer? Platão, você pode me treinar para usar minha magia?”

“Receio não poder”, respondeu Platão, olhando os pedaços e as peças que se movimentavam no chão. “Mas posso lhe dizer que você precisa relaxar. Quanto mais preocupada você ficar, mais difícil será para você controlar sua magia”.

“Como posso relaxar?” perguntou Liv. “A loja está uma bagunça, e eu acho que fiz uma lavagem cerebral a um cliente”.

“Sim, isso foi bastante impressionante. Pensamento rápido”.

“Eu não queria fazer isso!” Gritou Liv. Um frasco de parafusos explodiu, enviando cacos de vidro em todas as direções. Platão se abaixou de volta sob a prateleira. Liv cobriu o rosto com seus braços.

“Eu mencionei que você precisa relaxar?” perguntou Platão. “Tente meditar. Se você não tiver suas emoções sob controle, as coisas só vão piorar, já que elas estão intimamente ligadas à sua magia”.

“Meditar?” Isso parecia uma coisa muito difícil para Liv, com tantas emoções em pânico dentro dela.

“Ou isso ou você pode tomar uma dose de uísque”, sugeriu Platão.

“Uísque?” perguntou Liv. “É manhã cedo.”.

“O álcool entorpece habilidades mágicas, além de ter um efeito depressivo nas emoções”, explicou Platão.

Liv se lançou do baú e a torradeira quase explodiu. Ela não lhe prestou atenção e puxou a gaveta superior de um armário de arquivamento ao lado da bancada de trabalho. Pegando uma garrafa meio cheia de uísque, Liv arrancou a rolha com seus dentes.

“Me lembre que preciso comprar uma nova garrafa de uísque para John”, disse Liv, tomando uma bebida enquanto mais aparelhos saltavam das prateleiras como se estivessem tentando se suicidar.

“Continue bebendo, ou será mais do que uma garrafa de uísque que ficará devendo ao pobre homem”, sugeriu Platão de seu esconderijo.

Liv fechou os olhos e continuou bebendo mesmo com o uísque queimando sua garganta. Ela engoliu, sentindo o fogo dentro dela suavizando enquanto o a bebida batia na barriga. Só quando a garrafa estava vazia é que Liv parou de beber. Ela tossiu, o uísque subiu ao seu nariz queimando seus seios nasais.

Olhando em volta ansiosamente, Liv observava como os pedaços e os cacos no chão rolavam alguns centímetros e depois voltavam na outra direção, quase como um bêbado cambaleante. Ela sentiu tontura do álcool e arrotou, entretida pela torradeira batendo contra a parte superior do baú. Subitamente, os aparelhos ficaram parados.

Liv soltou um suspiro gigantesco. “Finalmente”, murmurou ela, olhando em volta para a bagunça.

“Sim, e não era sem tempo”, disse Platão, se abaixando sob a prateleira e desaparecendo completamente.

Liv olhou para a porta enquanto John entrava na loja, o choque cobriu seu rosto.

Capítulo 14

O que, em nome de Deus, aconteceu aqui?” perguntou John, jogando sua mão no peito e tropeçando para trás.

As sinapses de Liv aparentemente não estavam disparando no momento. Ela não podia acreditar no que tinha feito, ou que tinha causado qualquer estresse a John. Se sentindo culpada, Liv avançou. “Está totalmente bem. Uns garotos estavam aqui esta manhã. Acho que eles entraram pelas traseiras. Eles estavam na loja quando eu entrei e eu os mandei embora”.

John olhou em volta, incrédulo, olhando para os vários aparelhos quebrados. Então, se lembrou de algo, ele olhou para Liv, preocupado, fazendo as rugas ao redor de seus olhos se aprofundarem. “Você está bem? Eles não te machucaram, machucaram?”

Ela abanou a cabeça, o poço da culpa transbordando. “Eu estou bem. Eu só estava tentando limpar antes de você chegar aqui”.

John apontou para a garrafa vazia que ainda estava na mão de Liv. “Acho que os merdosos beberam todo o meu bom uísque”.

Liv acenou enquanto cobria sua boca para que John não pudesse sentir o cheiro da bebida em seu hálito. “Temo que sim. Eu estava prestes a jogar isto no lixo”.

“Você fez um relatório policial?” perguntou John. “E a porta nas traseiras? Preciso consertar a fechadura?”

Liv teria que lhe dizer a verdade em breve... quando ela a entendesse melhor. “Não, está tudo bem. Eu já consertei a fechadura. Você nem vai perceber que alguém a quebrou. E não, ainda não tive a oportunidade de fazer um relatório policial”.

“Aqueles bandidos”, perguntou John, arrancando seu telefone. “Você os olhou bem?”

“Ah, sim”, disse Liv, colocando a garrafa de uísque no caixote do lixo e agarrando a vassoura e a pá de lixo. Sua magia idiota havia quebrado mais de uma dúzia de aparelhos. Ela tinha que descobrir como consertar isso para John.

“Como eles se pareciam? Quantos eram?” John perguntou, discando para a polícia e pressionando o telefone em seu ouvido.

“Eram três”, começou Liv. “Um tinha cabelo preto curto, como um corte de tigela. Outro tinha cabelo castanho encaracolado, e o último era careca”.

John cobriu o telefone com uma mão. “Liv, você acabou de descrever os Três Estarolas?”

Varrendo o chão, Liv cobriu o corado em seu rosto. “Eu ainda estava meio adormecida quando entrei na loja. Talvez eu não tenha olhado tão bem para eles”.

* * *

Liv demorou mais do que deveria para limpar a loja enquanto John falava com a polícia. Foi difícil para ela se concentrar com o uísque rolando em seu estômago. A cada minuto que passava, ela se preocupava que o álcool fosse passar e que sua magia estivesse novamente fora de controle. Era por isso que seu treinamento era crucial. Se ela não conseguisse controlar as coisas logo, ela teria que pedir ajuda à Casa. Essa era a última coisa que ela queria após sua demonstração de independência na noite anterior.

“Ok, isso está feito”, disse John com um suspiro pesado ao entrar de novo na loja depois de falar com a polícia na frente.

“O que eles disseram?” perguntou Liv, jogando o lixo de sua pá no caixote.

“Aparentemente, houve uma série de incidentes semelhantes na área”, relatou John. “Malditos garotos não têm nada a fazer”.

O peito de Liv foi iluminado.

John olhou para o caixote do lixo cheio de aparelhos muito quebrados para serem reparados e pintados. “Vou ter que creditar ou pagar a maioria desses clientes por seus aparelhos”.

“Você pode retirar do meu salário”, ofereceu Liv.

John deu a ela um olhar confuso. “Por que eu faria isso?”

“Bem, porque talvez eu estivesse alguns minutos atrasada esta manhã”, insistiu Liv, com pressa. “Se eu tivesse chegado a tempo, talvez os garotos não tivessem feito tudo isso».

John riu com naturalidade. “Você não se atrasou um dia em sua vida para o trabalho. Não, essas coisas acontecem, Liv. Vamos limpar isso e vai ficar

tudo bem. Não se preocupe”.

“Ei, John”, começou Liv, com tom cuidadoso. Ela queria lhe contar tudo - sobre sua magia e Platão e sua família - mas quanto mais tempo demorava, mais ela pensava que não podia. E se ele a rejeitasse? A mandasse embora? A expulsasse? Não, ela lhe diria em tempo, assim que pudesse provar que não era um perigo para ninguém nem para nada. “Você tomou seus remédios para o coração hoje?” ela finalmente perguntou.

Ele olhou para ela entretido e depois acenou com a cabeça dizendo que não. Tirando o frasco de comprimidos do bolso do casaco, ele o abriu e tomou um dos pequenos comprimidos brancos. “Hoje não vou brigar com você por isso, embora desejasse que aqueles hereges me tivessem deixado um pouco de uísque”.

Liv virou suas costas para John, fingindo arrumar uma das prateleiras. *Comprar mais uísque para John*, ela se lembrou silenciosamente.

“Talvez Rory me traga algumas coisas hoje”, John ponderou. “Eu preciso trabalhar depois disto”.

Liv girou, uma ideia lhe ocorreu. “Por quanto ele os vende a você?”

“Vender?” perguntou John. “Ele não vende. Rory apenas as dá para mim. Ele diz que são coisas que ele encontra no ferro-velho”.

“Sério?” perguntou Liv.

“Sim, e a maior parte nem precisa de muito conserto. Você sabe disso das coisas que já trabalhou no passado”, declarou John, acenando na vitrine na frente da loja onde os aparelhos reparados estavam à venda. “Portanto é realmente tudo lucro, o que quer que Rory me traga”.

“Você está esperando o ver hoje?” Liv perguntou esperançosamente.

John coçou sua cabeça. “Eu nunca sei quando verei o sujeito, na verdade. Ele simplesmente aparece”.

“Bem, você sabe onde ele mora?”

John olhou para cima para a pilha de aparelhos que ele havia começado a classificar. “Não tenho certeza”. Por que você quer saber?”

“Estou apenas me perguntando onde ele consegue suas coisas”, mentiu Liv. “Estava pensando que poderia fazer uma pequena ‘limpeza’ para você. Ajudar a compensar o que aconteceu aqui hoje”.

John pegou um aquecedor elétrico, o examinando. “Acho que podemos salvar este aqui”. Ele o entregou a Liv. “Talvez você o possa tentar consertar. E não se preocupe em fazer nada para compensar o dia de hoje. Como se a

culpa fosse sua”.

A culpa era quase demais para ela. Ela agarrou o aquecedor e mordeu com força no lábio.

A torradeira bateu fortemente na parte superior do baú vintage, fazendo a tampa abrir ligeiramente.

Os olhos de Liv ficaram salientes com o que via. *Maldição, que diabos está acontecendo com aquela maldita torradeira?*

John se virou ao som, olhando o baú com desconfiança. “Platão está batendo em algum lugar?”

“Sim”, disse Liv, “gritando para trás”. “Aquele gato causador de problemas provavelmente está se metendo em alguma coisa”.

“Para onde você está indo?” perguntou John.

“Para as traseiras para consertar este aquecedor”, disse Liv, desaparecendo antes que John pudesse protestar. Ambos sabiam que as melhores ferramentas estavam arrumadas na bancada de trabalho lá na frente, mas Liv não tinha chance de estar perto de John naquela altura ou ela poderia fazer uma bagunça ainda maior.

Ela expirou, fechando os olhos. O uísque estava se desgastando mais rápido do que ela esperava, ou talvez sua magia fosse mais difícil de ser domada.

Liv fazia contagens decrescentes a partir de dez, se imaginando a si mesma andando de elevador para baixo. Era uma técnica que ela usava com frequência para dormir. Quando ela estava quase no primeiro andar em sua mente, ela se sentia muito mais relaxada.

“Você vai se esconder aqui o resto do dia?” A voz de Platão chamou, fazendo com que os olhos de Liv se abrissem.

Ela acenou com a cabeça para o gato em pé na bancada de trabalho desordenada na sua frente. “Acho que esse é o melhor plano para agora, a menos que você tenha uma ideia melhor”.

“Me culpar de todos os seus problemas parece fazer parte da maioria de seus planos”, disse Platão, com um ar ofendido.

“Sim, desculpe por isso”, disse Liv, usando uma chave de fenda para abrir a parte de trás do aquecedor.

“Porque você não usa sua magia para consertar isso como você fez com o micro-ondas?” Platão sugeriu, acenando para o aquecedor.

“Porque eu não sei como fazer”, argumentou Liv. “E se eu explodir ou

fizer um desastre nas traseiras da loja também?”

“E se você consertar isso?” Platão contra-atacou. “E agora que você está relaxada, você parece estar com melhor controle. Você simplesmente não pode deixar que suas emoções escapem de você novamente”.

Liv espreitou na parte de trás do aquecedor. “Fritou - outro aparelho que não pode ser salvo”.

Os objetos sobre a mesa começaram a tremer.

“Se acalme”, advertiu Platão.

Os olhos de Liv cresceram à medida que os objetos sobre a mesa começaram a saltar de forma mais selvagem. Ela fechou os olhos e começou a contar de dez para trás novamente, tentando bloquear os sons de batidas. Quando eles pararam, ela abriu novamente os olhos, com um sorriso aliviado em seu rosto.

“Ótimo”, disse Platão. “Agora tente focar esse poder em consertar o aquecedor”.

Liv perfurou o aparelho quebrado com o olhar, vendo que o consertou tal como tinha feito com o micro-ondas. Ela sentiu a energia sair dela como se fosse uma nuvem de fumaça, fazendo o laço em torno das peças do aquecedor e as trocando.

Em sua mente, ela viu o aquecedor funcionando. De alguma forma, ela podia ver profundamente o aparelho, observando como as peças voltavam à condição de trabalho. Era como estar em vários lugares ao mesmo tempo, sua intenção a transportou. Foi brilhante e inspirador, e absolutamente um dos sentimentos mais surpreendentes que ela já havia experimentado!

Fagulhas dispararam para fora do aquecedor, fazendo com que a Liv protegesse o rosto. Platão pulou da mesa, mais uma vez se abrigando. A fumaça saía do aquecedor, que havia pegado fogo.

Liv correu para as traseiras onde o extintor estava localizado, o arrancou da parede e voltou à medida que o fogo crescia, queimando a bancada de trabalho. Ela borrifou o aquecedor, enviando espuma branca por todo o lugar.

“O que está acontecendo aí atrás?” John gritou da frente.

“Nada!” Liv gritou, parando o extintor e abanando as mãos para dispersar a fumaça.

“Cheira a fumaça?” perguntou John.

“Maldição”. Maldição. Maldição”, resmungou Liv sob seu fôlego, baixando o extintor e começando a limpar mais uma vez. “Não, você só está

ficando senil, meu velho”.

“Sim, isso parece certo”, respondeu ele com um risinho.

Pegando o aquecedor, Liv o jogou no caixote do lixo. “Estou inútil hoje. Eu deveria simplesmente ir para casa e parar de causar problemas para John”.

“Ou você poderia ir à Casa dos Sete e aceitar seu treinamento”, afirmou Platão, subindo novamente sobre a mesa e farejando a espuma branca.

Liv fez uma careta com a Ideia. “Ainda não sei se estou assim tão desesperada”.

“Ou”, disse Platão, “você pode tentar pedir conselhos ao gigante”.

Liv suspirou, olhando para o local onde o aquecedor havia estado. Estava agora permanentemente queimado. “Eu o faria, mas não sei como o encontrar”.

“Eu sei onde”, declarou Platão.

Liv olhou para cima. “Sabe? Por que você não disse nada? Onde ele está?”

“Na frente da loja com John”, disse Platão, com ar de diversão em seu rosto.

Capítulo 15

Espere”, disse Liv, caminhando até a porta e espreitando por ela. Rory estava, de fato, ao lado de John, olhando ao redor da loja com uma expressão preocupada. Ele era tão alto que John teve que erguer a cabeça para olhar para ele. Ao lado dele havia uma grande caixa com vários fios pendurados na lateral.

Liv olhou para Platão. “Por que você não me disse que ele estava aqui?”

“Pensei que você poderia consertar o aquecedor”, respondeu o gato.

Liv olhou para a bagunça que tinha feito, e os objetos sobre a mesa começaram a chocalhar novamente. “Da próxima vez, tenha um pouco menos de fé em mim”, disse ela, espetando a cabeça através da porta oscilante, que dividia a parte de trás da parte da frente da loja.

“Olá”, disse ela casualmente, chamando a atenção de ambos os homens. “Oh, Rory, você está aqui. Eu não tinha ideia”.

O gigante a olhou com desconfiança, sem dizer uma palavra.

“Bem, já que você está aqui, você se importaria de pegar algo da prateleira superior aqui atrás para mim”? perguntou Liv, apontando para trás dela. “Está bem no topo da prateleira de cima e eu não consigo chegar lá”.

“Por que você não usa a escada?” perguntou John.

“Está quebrada”, mentiu Liv.

John franziu o sobrolho. “Isso também? Maldição, este lugar está caindo aos pedaços diante dos meus próprios olhos”.

“Vou consertar isso”, disse Liv. “Não se preocupe. Mas Rory, se eu pudesse ter sua ajuda, isso seria ótimo”.

O gigante acenou com a cabeça, mostrando a John uma expressão calma. “Demoro um momento. Escolha da caixa e me diga o que você quer”. Você pode ficar com tudo isso”.

John acenou com a cabeça, remexendo dentro da caixa na sua frente.

Liv correu de volta para a área de trabalho, começando a andar para frente e para trás. O que ela ia dizer a este gigante? Como ele a poderia ajudar? Ela não tinha certeza, mas de todas as pessoas que ela conhecia, ele era o único

que ela achava que sabia alguma coisa sobre magia. Pelo menos, ela esperava que seu instinto estivesse certo sobre isso. Caso contrário, ela estava prestes a fazer figura de tola.

Liv congelou quando Rory se abaixou para entrar. Seu olhar caiu sobre as marcas de queimaduras e espuma na mesa de trabalho e os objetos vibrando ao redor dela.

“Eu sabia que sentia magia”, disse ele, num sussurro baixo.

“Você sabia?” perguntou Liv com alívio. “Quando você apareceu aqui?”

Rory balançou a cabeça. “Eu o senti a quilômetros de distância. Foi como se uma bomba mágica tivesse explodido. Foi por isso que eu vim até aqui”.

O rosto corou. “Sim, então aparentemente você sabe sobre magia. Isso é uma coisa boa. Uma preocupação a menos”.

Platão subiu a escada pelas prateleiras altas e se empoleirou na parte superior, olhando para baixo.

Rory olhou para o gato por um momento antes de olhar para a Liv. “Então você não precisa da minha ajuda para recuperar algo do alto?”

Liv torceu os dedos, tentando descobrir a melhor abordagem. “Não, eu realmente tenho uma confissão a fazer, e preciso de sua ajuda”.

“Além do fato de ter sido você quem destruiu a loja e que seu gato fala com as pessoas?” perguntou Rory, sem parecer nada impressionado.

Platão levantou a pata e a lambeu. “Eu só falo com a Liv, não com as pessoas”.

“Sim, além disso”, disse Liv, olhando para os objetos que continuavam a vibrar sobre a mesa.

Rory cruzou seus grandes braços e franziu o sobrolho. “Continue, então”.

Liv respirou devagar, e ao exalar, as ferramentas assentaram um pouco, não fazendo tanto barulho. “Então, ao que parece, sou um mágico, e acabei de ter minha magia destravada. Não tenho a menor ideia de como a usar, e preciso desesperadamente de alguém que possa me ajudar ou temo que eu possa destruir esta loja”.

Rory olhou para as marcas de queimadura na mesa. “Temo que você fará pior do que isso. Continue assim e você pode destruir metade de Los Angeles”.

Liv forçou uma gargalhada. “Agora, não vamos exagerar”.

Os parafusos na mesa de trabalho rolaram todos de uma só vez, saltando no chão como feijões saltadores mexicanos.

Rory deu a ela um olhar desafiador.

Liv penteou seus cabelos nervosamente. “Sim, bem, talvez eu esteja um pouco fora de controle. É que não estou acostumada à minha magia e, aparentemente, minhas emoções a estão afetando”.

Rory acenou com a cabeça. “O que você quer de mim?”

“Eu estava pensando que talvez por você ser uma criatura mágica...”

Ele tossiu tensamente.

“Pessoa mágica”, ela corrigiu, mas o olhar no rosto dele não amoleceu. “De qualquer forma, não sou boa com a terminologia, mas achei que você poderia me direcionar a alguém que pudesse me ajudar”.

“Ajudar você a fazer o quê?” perguntou Rory.

“Treinar sobre como usar minha magia”, respondeu Liv.

“Por que você está me perguntando?” Rory questionou. “Se você é um mágico que acabou de ter sua magia desbloqueada, você tem acesso à Casa dos Sete”. Eles certamente a irão treinar”.

Liv sacudiu a cabeça. “O problema é esse. Eu não quero a ajuda tendenciosa deles”.

Pela primeira vez, a expressão cética no rosto do gigante desapareceu. Um ponto em comum parecia conectar os dois. “Então você não está com a Casa dos Sete?” perguntou Rory.

Liv olhou para o chão. Os gigantes não eram fãs da Casa dos Sete. Liv queria contar tudo a Rory, mas ela não o conhecia suficientemente bem para saber se ele a rejeitaria de imediato. Ela tinha que jogar isto com cuidado. “É complicado”, admitiu ela.

“Por que sua magia estava trancada?” perguntou Rory.

“Eu não queria, e desisti para não ter que ser governada pela Câmara”, declarou Liv. Não era uma mentira, mas não era toda a verdade.

“E agora?” perguntou Rory.

“Bem, você tem magia, certo?”

Ele piscou os olhos impassivelmente para ela, não respondendo à pergunta.

Liv tossiu. “Certo. Sim, claro, você tem. E você sabe como sua vida é muito melhor com isso. Eu decidi que abraçaria minha magia”.

“Mas você não tem ideia do que está fazendo, obviamente”, apontou Rory, acenando na frente da loja, seu braço parecendo a asa de uma águia.

“Eu sei o que estou fazendo”, argumentou Liv. “Eu simplesmente não sei

como a controlar”.

Rory a olhou com uma expressão cética.

Liv amoleceu. “Certo, tudo bem. Eu não sei o que estou fazendo. É por isso que preciso de sua ajuda. Você conhece alguém que possa me treinar? Eu não tenho dinheiro, mas posso trabalhar em troca de ajuda”.

“Aqueles que eu conheço não iriam querer nada em troca de ajuda”, respondeu Rory. “Impedir um mágico de abusar de seus poderes seria suficiente para eles”.

“Uau, então você vai me mandar para alguém que sabe de magia? Eles são bem treinados? Onde os posso encontrar?”

Rory a observou por um momento e depois acenou com a cabeça. “Sim, eles são os melhores que conheço para treinamento, mas saiba que se você vai trabalhar com eles, você tem que levar a sério tudo o que eles dizem”. Ele olhou para os objetos que se agarravam em volta da mesa. “Você vai ter que trabalhar para se disciplinar, ou suspeito que eles não vão continuar treinando você”.

Liv acenou com a cabeça. “Sim, eu posso fazer isso. Eu farei o que for preciso. Apenas me diga onde posso encontrar essas pessoas”.

Rory enfiou a mão em seus bolsos de jeans e retirou um pedaço de papel recortado. Ele o entregou à Liv. “Aqui está o endereço deles. Você os pode encontrar lá”.

Ela o desenrolou, confusa. “Espere, não há nada aqui. Está em branco”.

Rory acenou com a cabeça. “Vá encontrar estas pessoas logo após o trabalho hoje. Uma vez que você parta, o endereço aparecerá no papel”.

“Oh, como magia?” perguntou Liv com uma gargalhada.

Rory não pareceu divertido. “E, enquanto isso, fique longe da eletrônica”.

Liv olhou para ele com desprezo. “Hum, como eu vou fazer isso? Eu trabalho em uma loja de reparos eletrônicos”?

Rory olhou para as ferramentas que se moviam em direção à borda da mesa, prestes a pular para o lado. “Vou dizer a John que hoje você está no back office trabalhando nas contas”.

Liv respondeu radiante. “Estamos atrasados no arquivamento e outras coisas”.

“Sim, papel está bom”, disse Rory. “Só não se aproxime de nada eletrônico”. Ele floresce com magia em bruto”.

Liv acenou com a cabeça, de costas para o escritório abarrotado de faturas

vencidas e recibos de contas a pagar. Quando ela estava quase chegando à porta, fez uma pausa. “Ah, e estas pessoas que vou encontrar mais tarde... Qual é o nome deles?”

Rory olhou para o chão com incerteza. “Vou dizer a eles para esperarem por você. Eles podem fazer sua própria apresentação”.

Capítulo 16

Durante o resto do dia, Liv não deixou o escritório. Para seu alívio, não ocorreram outros estranhos contratemplos relacionados com sua magia. Como bônus, Liv encontrou um vale que John havia esquecido de colocar no caixa, assim como dinheiro de três clientes que eles não haviam faturado. O dinheiro encontrado cobriu mais do que os danos que ela havia feito à loja. Isso não a fez se sentir completamente melhor, mas suavizou um pouco a culpa.

Quando Liv deixou o escritório, ficou aliviada ao encontrar a área onde as marcas de queimadura do aquecedor haviam sido retiradas, que agora estava imaculada. Disposto sobre a mesa ao lado de uma fileira de ferramentas arrumadas, o aquecedor estava como novo. Liv não ousava se aproximar da bancada de trabalho. Ao invés disso, ela recuou em direção à saída.

“Estou saindo, John”, chamou Liv para a frente.

“Até amanhã”, respondeu ele, passando a cabeça pela porta oscilante. “Oh, e boas notícias”. Eles já pegaram os bandidos”.

“O quê?” perguntou Liv, fazendo uma pausa na porta.

John acenou orgulhosamente. “Eles negam ter entrado aqui, mas admitiram muitos outros distúrbios na área. A polícia diz que nosso relatório os colocou no seu rastro, correndo bem hoje”.

Liv acenou com a cabeça, com um sorriso falso no rosto. “Isso é ótimo. Bem, estamos de folga o resto do dia. Se cuide, e não fique aqui a noite toda”.

“Oh, não tenho que trabalhar até tarde esta noite”, disse John, caminhando na direção de Liv “Rory limpou tudo para mim quando fui almoçar. Quando voltei, o lugar já estava impecável. Na verdade, não quero fazer nada na loja, estou com tanto medo de sujar tudo”.

Liv riu. “Sim, o mantenha limpo o máximo de tempo possível”.

“E os aparelhos que Rory me trouxe estavam todos em perfeitas condições”, continuou John, “o que tornou meu trabalho mais fácil”. Eu simplesmente os coloquei na prateleira do varejo e todos eles foram vendidos

em pouco tempo”.

Liv sorriu de verdade desta vez. “Bem, afinal não foi um dia tão ruim assim”.

“O melhor que eu já tive em algum tempo, na verdade”, disse John.

“Isso é maravilhoso”. Liv sorriu. “As traseiras estão limpas e encontrei algumas contas vencidas. O relatório está em sua mesa”.

John espreitou em seu escritório, seu rosto brilhava, o que o fazia parecer mais jovem. “Oh, bem, olha lá. O tampo da minha mesa é marron claro. Já não o via há tanto tempo que me tinha esquecido. Não acredito que você fez tantos progressos hoje”.

Liv olhou para Platão. “Eu tive ajuda”.

John riu, pegando o relatório na esquina de sua mesa. Seus olhos cresceram quando ele leu a linha do fundo. “Isto está certo?”

Liv acenou com a cabeça. “Sim, e era apenas dinheiro jogado à espera de ser reclamado».

“Bem, eu reclamo”, declarou John, rindo mais forte. “É como se minha sorte tivesse mudado. Talvez eu renove seu apartamento com um pouco desse dinheiro”.

Liv sacudiu a cabeça. “Não, por favor, não o faça. Eu gosto do meu apartamento como ele é. Mas a loja poderia ter um letreiro novo”.

John concordou com um aceno de cabeça. “Um novo letreiro então”.

Liv acenou para John enquanto ela e Platão saíam dos fundos da loja para o beco desordenado. Talvez esse fosse o trabalho dela amanhã: limpar as caixas velhas e o lixo que eles jogavam lá atrás. Qualquer coisa para a manter longe da eletrônica e de fazer outra bagunça para John. No entanto, até agora, nenhum dano real tinha saído do incidente naquela manhã. Muito pelo contrário. E oxalá que a quem quer que Rory estivesse enviando Liv a ajudasse para que ela nunca mais perdesse o controle de sua magia.

* * *

Empurrando uma colher de macarrão e queijo para sua boca, Liv olhou fixamente para o pedaço de papel que Rory lhe havia dado. Estava ainda em branco.

“Quando vai me dar o endereço?” perguntou Liv, comendo por cima do balcão da cozinha, que servia como sua secretária e área de jantar. Ela não se

importava com o pequeno apartamento, porque ela podia limpar tudo em menos de quinze minutos. Além disso, ela só tinha que caminhar três metros da cama até a pia para tomar um copo de água no meio da noite.

“Ele disse que o endereço aparecerá quando você partir para o local”, disse Platão, comendo também no balcão da cozinha, sua tigela de comida quase já vazia.

“Sim, mas como saber qual caminho seguir?” perguntou Liv.

“Eu votaria a favor de seguir a rota mais rural para evitar o contacto com produtos eletrônicos por acidente”, aconselhou Platão.

Liv olhou para o armário onde ela havia enfiado a maior parte de seus aparelhos ao entrar em seu pequeno apartamento. “Esse provavelmente é um bom plano”.

Ela enfiou o último pedaço de macarrão em sua boca, sentindo uma fome muito maior do que de costume. Para sua surpresa, depois de comer um prato inteiro de macarrão e queijo, ela ainda estava faminta.

Liv abriu sua geladeira e observou as opções patéticas: três palitos de queijo, um saco de cenouras e um frasco de pickles.

“Eu preciso mesmo ir às compras”, ela resmungou, batendo a porta da geladeira fechada e abrindo a despensa.

“E você vai fazer isso quando? Depois de ter tido sua lição de magia hoje, mas antes de seu primeiro turno como Guerreiro da Casa dos Sete?” perguntou Platão, terminando sua tigela de comida e parecendo bastante satisfeito.

Liv abriu a despensa, um sorriso estampado em seu rosto. Ela agarrou o saco de Doritos com leite. “Bingo! Pensei que já tinha comido isto”.

Platão lambeu suas costeletas, se limpando depois de seu jantar. “Porque a maior parte de sua dieta consiste em queijo?”

Liv abriu o pacote, inalando o aroma encantador dos laticínios em pó e das especiarias. “Sou uma cheesetariana”.

“Isso não existe”, disse Platão secamente.

“Você não existe”, Liv disparou de volta com a boca cheia de migalhas.

“Voltando a falar de sua agenda e da falta de tempo para fazer as compras”, começou Platão.

Liv enfiou três lascas na boca de uma vez, abrindo os lados da boca no processo para que todas elas se encaixassem.

“Acho que você talvez precise reconsiderar suas responsabilidades”.

“Você só está com medo que eu não tenha tempo de pegar a comida do gatinho”, brincava Liv.

Platão balançou a cabeça. “Pode a surpreender saber que não estou dependente de você para me alimentar. É uma coisa que eu te deixo fazer”.

“Isso não me surpreende em nada”, disse Liv, lambendo seus dedos. “Você aparece magicamente de forma regular e evita me dizer onde esteve, e sabe coisas que a maioria dos mágicos com quem cresci nem sequer sabe. Tenho certeza de que você pode se alimentar tão bem quanto muitas outras coisas que você não compartilhou comigo”.

“Eu joga na Bolsa de Valores quando você está dormindo”, admitiu Platão. “Pronto, você está feliz? Eu compartilhei um segredo sobre mim”.

Liv riu. “Não penso por um segundo que você esteja mentindo sobre o comércio de ações, mas temo que isso só arranhe a superfície de sua misteriosa fachada”.

“Então, de volta à sua carga de trabalho”, disse Platão. “Casos de trabalho como Guerreiro ocuparão grandes pedaços de suas noites, e possivelmente os dias”.

Liv olhou para o saco outrora cheio de Doritos para encontrar apenas alguns pedaços no fundo. *Para onde eles tinham ido tão rápido?* Ela franziu o sobrolho, olhando para o gato. “Sim, e daí?”.

“E você vai precisar treinar também durante o dia”, argumentou Platão.

Liv apanhou as migalhas no fundo do saco. “Novamente, e daí?”

“Portanto, talvez você queira considerar cortar suas horas na loja de eletrônicos ou desistir completamente”.

Liv disse zangada com o felino. “Bem, parece que eu envenenei acidentalmente sua comida e o resultado é que você perdeu a cabeça”.

Platão balançou a cabeça. “Acho que vale a pena considerar”.

Liv amassou o saco de aperitivos vazio, ainda sentindo fome estranhamente. Ela pegou uma caneca do lava-louça e a encheu debaixo da torneira. “Eu não vou desistir de John. Além disso, eu preciso desse trabalho”.

“Na verdade, você não precisa”, argumentou Platão. “Você pode não ter assinado nenhum acordo formal de RH com a Casa, mas os Guerreiros fazem uma vida confortável”. Você recusou o privilégio de viver na Casa dos Sete, mas ainda assim ganhará um belo salário nos casos em que trabalhar”.

Liv revirou seus olhos. “Viver na Casa dos Sete não é um privilégio. Está

cheio de mágicos dissimulados que pensam que são melhores do que todos os outros”. Ela olhou com carinho para seu minúsculo apartamento, decorado com pinturas em aquarela e acrílicos que ela havia comprado de vendedores ambulantes. Seu sofá e sua mesa de café eram de segunda mão do homem nativo americano que vivia abaixo dela. O sofá estava em ótimo estado, coberto de tecido com um padrão de plumas pastel.

A mesa de café parecia nova em folha, e na superfície tinha um caçador de sonhos. Por baixo disso estavam as palavras: “Você nasce livre para ser tudo o que sonha ser”.

O homem havia vendido os móveis à Liv por um pacote de biscoitos e sorvete e um saco de rollups. de frutas. Era tudo o que ela tinha para lhe pagar, mas ele provavelmente teria lhe dado de graça, querendo descarregar os móveis antes de sua mudança inesperada. No entanto, Liv não queria esmolas, então ela insistiu em lhe pagar com algo.

Ela meio que desejava ainda ter aquela caneca de sorvete agora, mas definitivamente amava seu sofá, que se dobrava em uma cama rugosa.

“Além disso, a Casa não tem o mesmo encanto e caráter de minha casa”, continuou Liv.

“Tem um buraco negro gigante e um salão com uma linguagem secreta”, argumentou Platão. “Eu diria que tem muito caráter”.

“E não importa o quanto eu ganhe como Guerreira, ainda preciso do trabalho do John”, insistiu Liv. “Isso me motiva, e me faz sentir que tenho um lugar onde pertencço”.

“Agora você é uma Guerreira da Casa dos Sete, a mais prestigiosa organização de mágicos do mundo”, disse Platão. “Eu diria que você tem um lugar onde pertencer”.

“Eles são um órgão governamental, como um bando de políticos em algum edifício abafado no capitólio”, disse Liv, tomando um gole de água.

“Você não vai deixar seu emprego, então?” perguntou Platão, mas havia algo diferente em seus olhos de repente - possivelmente uma faísca de injúria.

“Claro que não”, declarou Liv. “Vou ter que fazer tudo funcionar”.

“Achei que você diria isso”, disse Platão, pulando da bancada.

Liv gritou. “Então por que você perguntou?”

“Só para ver se a magia já estava subindo à sua cabeça». Platão olhou para ela da porta da frente. «Bem, vamos ou não? Não devemos fazer esse treinador misterioso esperar».

Liv sacudiu a cabeça para o gato e pegou o pedaço de papel em branco.
“Sim, estou pronta”.

Capítulo 17

Você só pode estar brincando comigo?” Liv disse, lendo o endereço no pequeno pedaço de papel.

“É longe?” perguntou Platão, olhando para ela desde o chão.

Ela balançou a cabeça e lhe mostrou o papel.

“Eu não consigo ver”, declarou Platão.

“Oh, bem, é...”

“Não diga o endereço”, advertiu ele, lhe cortando a palavra. “Há um encanto no papel que faz com que só a pessoa a quem foi dado o possa ler”. Se se compartilha o endereço, automaticamente o esquece”.

Liv fez uma expressão surpreendida. “Nunca ouvi falar de magia como essa”.

Platão acenou com a cabeça. “Os gigantes e outras criaturas mágicas têm uma maneira diferente de usar sua magia. Está amarrada a objetos encantados”.

“Bem, espero que a quem quer que Rory esteja me enviando saiba sobre magia de mágicos”, disse Liv, andando pela calçada, seguindo o mapa em sua cabeça. Ela havia passado os últimos cinco anos explorando esta cidade e se apaixonando pela maior parte de suas curiosidades. Ela não era de um lugar específico quando morava na Casa das Sete, já que a Casa não fazia parte de nenhum lugar, mas sim de sua própria localização, como uma cidade autossustentável”. Uma vez que ela tinha saído de lá, tinha sido bom explorar Los Angeles e encontrar sua identidade nos muitos bairros estranhos.

Liv virou uma esquina e fez uma pausa. A rua era escura e árvores altas alinhadas na calçada, difundiam sombra na maior parte da área. Ela olhou para os lampiões queimados da rua, desejando que estivessem acesos. Ao fundo da rua, os sem abrigo se amontoavam, empurrando carrinhos ou montando acampamento para a noite ao lado de vários prédios.

“Você não está com medo, está?” perguntou Platão em um sussurro.

Liv o ridicularizou. “Fale por si, gato assustado”.

“Ha-ha.”

Por trás de uma das árvores, uma figura cambaleou - um homem vestindo muita roupa e um gorro comprido que obscurecia um de seus olhos. Em uma mão, ele segurava uma garrafa com alguma bebida alcoólica, e a outra estendeu para Liv. “Olá, querida”. O que te traz aqui em baixo? Procurando um pouco de diversão?”

Liv saltou vários metros para trás.

O sem abrigo não percebeu a dica, vindo mais rápido para ela.

Liv parou, esticando seu braço para detê-lo. “Cara, se você se aproximar mais, eu vou te dar um chute circular na cabeça”.

Ela não sabia realmente como fazer tal ataque, mas ela sabia como falar merda. Isso era melhor do que saber lutar, ela raciocinou.

“Medo, só estou tentando ser amigável com você, querida”, disse o homem com uma risada grossa.

“Leve seu comportamento amigável para outro lugar”, disse Liv, o calor começando a se acumular em seu peito.

“Oi, galera, temos aqui uma agressiva”, cantou o homem.

Atrás dele, mais vultos se deslocaram antes de aparecerem: dois homens, que se pareciam com o primeiro em suas roupas sujas e folgadas, com expressões esfomeadas.

Maldito seja, pensou Liv, dando mais um passo atrás. Ela procurou Platão e não se surpreendeu ao descobrir que ele havia desaparecido. *Deve ser legal*.

“Agora, venha aqui, querida, e me diga o que uma garota legal como você está fazendo aqui em baixo...” sugeriu o homem antes de tomar um longo gole de sua garrafa. Ele a entregou ao homem que estava ao seu lado e se balançou na direção de Liv.

Ela se abaixou, deslizando para o lado quando o vagabundo mergulhou para ela e ele tropeçou, caindo no pavimento por causa do impulso. Um dos outros homens a tentou alcançar, mas ela girou para o lado mais rápido do que ele, depois o abalroando com o ombro até que ele foi contra o terceiro homem. Quando colidiram, a garrafa caiu das mãos de um deles, se estilhaçando no chão.

O sem abrigo que tinha caído no pavimento se levantou, sua expressão cheia de raiva. Ele se inclinou e pegou um pedaço da garrafa quebrada, o brandindo para Liv.

“Agora veja o que você fez”, disse ele nervoso. “Você vai ter que pagar por isso”.

Os três homens se aglomeraram ao redor da Liv, a encurralando com as árvores e edifícios atrás dela.

Ela ergueu os punhos, pronta para esmurrar o primeiro homem em seu bom olho se ele desse mais um passo à frente.

Das sombras vinha um rosnado alto, como se um leão gigante estivesse se escondendo no escuro.

Os homens todos congelaram, olhando uns para os outros.

“O que foi isso?”, perguntou um deles.

Novamente o rosnado soou, desta vez mais alto do que antes. Um homem tropeçou de novo. Outro tapou seus ouvidos para tentar bloquear o som do perigo. O líder deu uma sacudida e correu para a esquina onde os postes ainda funcionavam e os outros foram logo atrás dele.

Liv deixou sair um suspiro de alívio, grata por não ter que machucar as mãos no rosto daqueles homens. Ela teria feito isso, e talvez tivesse perdido, mas não teria recuado.

Se voltando para a sombra, Liv cruzou seus braços sobre o peito. “E eu que pensava que você me tinha abandonado”.

Vindo do escuro com um olhar presunçoso no focinho era Platão. “Eu nunca o faria. Só pensei que seria mais útil para você se eu não fosse visto”.

“Obrigado. E pensamento inteligente”, disse Liv, olhando ao redor. Ela apontou para uma pequena casa ao fundo do quarteirão. “Acho que é esse o lugar”.

“Que charmoso”, disse Platão, olhando o prédio. Estava aninhado entre uma loja de conveniência abandonada e um armazém enferrujado.

A casa se tinha mantido nesta área em sua maioria industrial enquanto o resto do bairro tinha sido invadido por edifícios que pareciam estar perto de cair. Embora o pequeno chalé provavelmente tivesse sido bonito, agora precisava de tinta fresca, e metade do alpendre parecia estar pronto para ruir. A rua fora do chalé era escura, mas a luz brilhava da casa, cada janela estava iluminada.

Liv olhava para Platão com cautela. “Bem, Hansel, pronto para potencialmente se tornar uma torta?”

“Claro, e não se preocupe, eu não vou deixar isso acontecer”, respondeu ele calmamente. “Eu te protejo”. A silhueta de Platão cintilou e ele desapareceu.

Liv suspirou. “Obrigado, mas me faria sentir melhor se você tivesse

ficado por aqui depois de fazer essa declaração”.

Embora Platão não tenha respondido, Liv sabia que ele estava lá.

Ela fez uma pausa, olhando para a casa estranhamente comum em sua localização bizarra. *Ok, aqui vai nada*, pensou ela, se sentindo de repente exausta após o longo dia. Apesar disso, Liv subiu pelo alpendre com cuidado, com medo de cair.

Levantou a mão para bater na porta quando ela abriu alguns centímetros e um olho verde no meio de cabelos castanhos encaracolados olhou para ela de cima para baixo.

Rory puxou a porta para trás para revelar sua grande forma, que foi abaixada para evitar bater com a cabeça no teto baixo. Ele olhou para fora e sacudiu sua cabeça. “Wayne e seus amigos são inofensivos. Você não precisava os assustar”.

Liv espreitou por cima do ombro antes de olhar boquiaberta para o gigante. “Ele estava me assediando. Eu estava me protegendo”.

“Se proteger é mais evitar problemas do que lutar para sair deles”, disse o gigante, recuando e estendendo o longo braço para receber Liv dentro de casa.

Ela pisou cuidadosamente na entrada, esperando que a casa se abrisse para algo grandioso como a Casa dos Sete fez, embora parecesse ser uma loja de rua do lado de fora. Entretanto, o chalé parecia absolutamente normal quando ela entrou nele. Na verdade, parecia pertencer a uma avó com seus móveis velhos e almofadados, cobertos de xales de lã tricotados à mão.

Nas paredes estavam penduradas pinturas a óleo de cavalos pastando em campos verdes e gatinhos brincando em frente a janelas cobertas de neve. As mesas de café e de apoio estavam cobertas de panos ornamentados, e sobre elas se encontravam candeeiros delicados com tons pastéis.

Liv olhou ao redor enquanto Rory entrava na sala, onde o teto era um pouco mais alto do que na entrada, permitindo que ele se levantasse corretamente. Ele se sentou em uma poltrona, fazendo as molas gemerem.

“Bem, você quer um tour primeiro ou podemos começar?” Rory perguntou, a olhando com ceticismo enquanto estudava os móveis da sala de estar.

Liv piscou os olhos surpreendida. “Você? Você é o único que vai me treinar para usar minha magia?”

“O que você estava esperando, um mágico?” perguntou Rory.

“Bem, eu apenas pensei... Quer dizer, eu não sabia. E você não me deu nenhuma informação”.

“E você sem dúvida se pergunta se um gigante é suficientemente bom para a ensinar, uma mágica, como usar sua magia”, Rory resmungou, uma pitada de aborrecimento em sua voz.

“Eu não disse isso”, protestou Liv. “Eu simplesmente não sei como isto funciona”.

Rory olhou de lado para ela, uma expressão incerta em seu rosto. “E seus pais? Você herdou sua magia deles. Por que eles não estão se oferecendo para a treinar?”

Liv engoliu em seco. “Eles estão mortos”.

Rory acenou com a cabeça quase como se ele esperasse esta resposta. “E sua outra família? Avós, tias, tios...”

Liv sacudiu a cabeça. “Eu não mantenho contato com nenhum deles”.

Rory franziu seus lábios largos. “Algo não está se alinhando em tudo isso. Recentemente você teve sua magia destravada, mas porquê? Normalmente, um mágico não faz isso por escolha. Você teve problemas com a Casa dos Sete ou algo assim?”

Liv olhou atrás dela para a porta, se perguntando se ela deveria simplesmente sair. tonsas vibrações negativas hostis que ela estava sentindo de Rory não a faziam realmente se sentir bem-vinda.

“O que é isso em sua mão?” Rory perguntou, se levantando de repente, o que fez o chão ranger ruidosamente.

Liv puxou sua mão para o peito, cobrindo o anel com a outra mão. “Não é nada. Apenas um anel que eu encontrei”.

Rory estreitou seus olhos para ela, estendendo sua gigantesca mão de forma exigente. “Vamos ver este anel de ‘nada’ que você encontrou”.

Liv novamente considerou a possibilidade de sair do pequeno chalé, mas isso a deixou com apenas uma opção para treinamento. Ao invés disso, ela levantou o queixo e orgulhosamente estendeu sua mão. Isto só funcionaria se ela encarasse quem ela era, e instintivamente ela sabia disso.

O olhar de Rory caiu, e ele resmungou ao ver o grande anel. Quando ele olhou para ela, a expressão de desaprovação era pesada em seu rosto. “Você é um dos Sete”.

Liv sacudiu a cabeça, mas depois se corrigiu. “Sou, mas só desde ontem à noite”. Meus irmãos foram mortos recentemente, me colocando na posição de

Guerreira”. Decidi assumir o papel, e eles destravaram minha magia para que eu pudesse proteger o lugar de minha família dentro da Casa”.

Novamente Rory resmungou, correu de volta para a cadeira e se sentou. “Porque você, um potencial membro da Realeza, estaria morando em um apartamento estúdio e trabalhando para John? Porque sua magia estava trancada em primeiro lugar? Você fez algo errado?”

Liv suspirou. “Sim. Eu desafiei a Casa, mostrando forte desaprovação de como eles lidaram com a morte de meus pais. Quando me fartei da Instituição, renunciei ao meu lugar dentro da Casa e como minha família é fundadora, eles decidiram que minha magia deveria ser trancada se eu fosse sair por conta própria”.

Rory acenou com a cabeça. “Isto está começando a fazer sentido. A Câmara não gostaria que um mágico poderoso que mostra tendências para a rebelião tivesse magia”.

“Bem, a escolha foi minha”, argumentou Liv. “Eu não queria ter nada a ver com magia”. Eu queria estar o mais longe possível”.

“Até agora”, declarou Rory.

Liv deixou sair um fôlego pesado. “Eu não posso fugir de quem sou para sempre. Mesmo com minha magia trancada, ela ainda encontrou maneiras de passar”.

Rory arqueou uma sobrancelha olhando para Liv. “Você tem certeza disso? O bloqueio da Casa sobre os poderes de um mágico é forte”.

Liv acenou com a cabeça. “Sim, achei que estava perdendo a cabeça, mas Platão pode atestar que já a usei várias vezes”.

“Eu acredito em você”, admitiu Rory. “Eu sabia que sentia algo mágico em você antes de hoje”.

“Então, você pode me ajudar?” perguntou Liv. “Não posso ter uma repetição de hoje”. Sinto a energia da magia fluindo dentro de mim, e estou dando tudo o que tenho para a manter controlada esta noite”. Sinto que ela pode explodir se eu não tiver cuidado”.

O gigante observou Liv por um longo momento e balançou a cabeça. “Eu não sei. Ajudar um mágico trapaceiro a ter sua magia sob controle é uma coisa. Ajudar um Guerreiro da Casa dos Sete é outra coisa completamente diferente”.

“Entendi que a Casa abusa de seus poderes e cria um sistema que serve principalmente aos mágicos”, começou Liv. “Meus pais lutaram contra

muitas dessas práticas durante anos. Vi desde cedo que a Câmara criou leis, mas não serviu à justiça”. Não é a mesma coisa, e garanto que não sou como o resto deles”.

“Mas agora você está trabalhando para eles”, respondeu Rory friamente.

“Sim, bem, pensei que se eu não gostasse da forma como eles operavam, eu poderia fazer parte da mudança”, contra-argumentou Liv. Ela tentava principalmente salvar o lugar de sua família na Casa, mas no fundo, ela queria assumir a cruzada de seus pais. Eles tinham tentado fazer a diferença mudando a forma como a Casa funcionava, e talvez eles tivessem tido sucesso se tivessem vivido.

“E você não tem nenhuma objeção a ser treinada por um gigante?” Rory perguntou após cuidadosa deliberação.

Liv encolheu os ombros. “Desde que você saiba o que está fazendo e possa me ajudar, não me importa quem você é. A última coisa que quero fazer é ir até a Casa e aceitar seu treinamento”.

Rory a olhou com uma expressão cética que fez com que as linhas em sua testa se aprofundassem. “A maioria dos mágicos prefere socializar e treinar com outros mágicos. Você vive e trabalha ao redor dos mortais. Você rejeitou um papel pelo qual a maioria dos mágicos teria matado. E agora você está me pedindo, a um gigante, para a treinar. Porque você é tão diferente, Liv?”

“Abdiquei porque estava cansada de ver a magia estragar tudo na minha vida”, começou Liv. “Não confiava nisso. E confio nos mortais porque, com eles, as coisas são aquilo que parecem”. Não me importa se você é um elfo ou um centauro ou o que quer que seja. Se você pode me ajudar, então é isso que importa”.

“Você é uma mágica estranha”. Rory se levantou de sua cadeira e passou através de uma porta aberta para uma cozinha brilhante.

“Ummm, o que isso significa? Você vai me treinar?” Liv perguntou.

“Vou tentar te treinar”, disse Rory da cozinha, fazendo muito barulho. “Mas antes de começarmos, há algo que você precisa”.

Um momento depois, Rory voltou carregando um prato de carne e queijo. Liv olhou com hesitação quando ele o colocou sobre a mesa do café.

“Vá em frente e coma”, disse o gigante.

“Espere, o que eu preciso é de carne e queijo”? Liv questionou.

Rory acenou com a cabeça. “Fazer magia quando você está com fome e cansado é uma receita para o desastre, e usar magia vai esgotar suas reservas

rapidamente, então mantenha se alimentada o tempo todo. Também é importante que você tenha sempre o máximo de descanso possível”.

Liv pegou um pedaço de carne, enrolado de forma engraçada e preso com um palito. Ela deu uma mordida, apreciando o sabor salgado enquanto olhava em volta para a estranha sala de estar. “Obrigado. Alguém já lhe disse que você nos lembra de nossa avó?”.

Capítulo 18

O queixo de Liv caiu quando ela seguiu Rory até o quintal dele. As luzes da casa e as chamas de uma fogueira tornavam o quintal visível. O gramado enorme era delimitado por arbustos exuberantes e árvores imponentes que bloqueavam a vista dos galpões e da viela suja. Fila após fila de flores explodiam de cor nos canteiros transbordantes. Frutas e legumes enchiam as caixas no meio do jardim, e no pátio havia um baloiço amarelo, uma fogueira e uma rede.

“Eu estava me perguntando onde você havia ‘magicado’ sua casa”, disse Liv, olhando ao redor do quintal imaculado.

Rory via que ela estava incrédula. “Isto não é mágico. Eu construí cada centímetro deste jardim. Embora eu use magia para realçar partes dele, isto foi feito principalmente com muito trabalho”.

Liv olhou novamente para várias seções do pátio, não acreditando que tudo isso fosse real. “Uau. Você fez tudo isso?”

“Os mágicos preferem usar magia para criar suas casas, valorizando cada aspecto para que se pareça enganosamente algo mais. Eles não se satisfazem com moradias que na verdade são pequenas. Em vez disso, eles encaixam uma mansão em um bangalô ou transformam algo perfeitamente normal e banal em algo escandaloso, só porque não conseguem aceitar as coisas como são. Eles nunca são felizes com coisas medíocres ou simples”.

“Bem, por definição, a mediocracia não é algo que se ambicione”, argumentou Liv, embora ela não discordasse de tudo o que Rory havia dito. Mesmo assim, ela precisava fazer o papel de defensora do diabo. Sempre.

“Apreciar as coisas como elas realmente são é uma forma de arte”, contrapôs Rory. “Os mágicos se metem em apuros por encantarem demais suas casas ou por acelerarem seus carros até serem perigosos, ou por usarem demasiadas poções de juventude em seus rostos. É raro que uma criatura mágica se meta em apuros por um desses crimes”.

“Então este jardim...” Liv perguntou, estendendo a mão e tocando uma suave flor de hibisco.

“Eu o criei sozinho, escavando os canteiros, colocando as plantas e cuidando delas todos os dias”, declarou Rory.

“Com pouca ou nenhuma magia?” Liv questionou.

Ele encolheu os ombros. “Eu sou a favor de facilitar minha vida com magia, mas o que você vê é real. Além disso, eu mesmo faço a maior parte das tarefas de casa. Há algo de honesto em fazer as coisas sem magia. Ser excessivamente dependente disso é perigoso”.

“Porquê jardins?” perguntou Liv, notando um par de olhos reflexivos que ela reconheceu em algures em um arbusto.

“Os gigantes e muitas outras criaturas mágicas se sentem mais em casa em um jardim ou floresta”, explicou Rory. “Muitos de meus antepassados lutaram contra o movimento de que deveríamos ter casas adequadas em vez de viver na floresta. Entretanto, a Casa dos Sete ripostou por muitos anos, e agora a maioria das pessoas que conheço vivem em uma casa e fingem ser mortais em vez de abraçar nossos caminhos”.

Isto não fazia parte da história que havia sido ensinada a Liv. Seus livros de história diziam que a Casa havia salvo muitas criaturas mágicas da fome e da doença, as educando sobre as formas de vida sofisticadas. Quantas vezes ela havia ouvido dizer que foram os mágicos presenteando gigantes com a tecnologia de encanamento e eletricidade que ajudaram a salvar sua raça?

“Então, como funcionará este treinamento mágico?” perguntou Liv.

“A magia é o mesmo que qualquer um de seus sentidos”, começou Rory. “Pode ser passiva, como quando você passeia pelo jardim e sente o cheiro de uma rosa. Ou pode ser ativa, como quando você está na caça de uma joaninha e deve usar seus olhos para a encontrar. Entretanto, ao contrário de seus outros sentidos, a magia está ligada a suas emoções, e se você não tiver um controle sobre elas, ela irá dominar tudo”.

“Certo, controle nas emoções”, declarou Liv. “Eu posso fazer isso”. O que vem a seguir?”

Rory balançou a cabeça. “Não, primeiro praticamos isso, depois passamos a aprimorar suas habilidades mágicas”. Neste momento você provavelmente não sabe como usar sua magia para preparar uma xícara de chá, mas se você primeiro conquistar suas emoções, fazer os feitiços mais difíceis virá naturalmente”.

“Bem, devo me estender nesta rede para que possamos ter uma sessão de terapia?” perguntou Liv.

Rory apontou para um canteiro de flores vazio. Ao seu lado, uma pá se materializou, depois um par de luvas. “Eu quero que você cave um buraco”.

Liv ergueu o dedo, tentando se lembrar do feitiço para cavar. Estava presa muito no fundo de sua memória; muito atrás para que ela se lembrasse com o enorme carrancudo olhando para ela.

Rory enrolou sua grande mão na de Liv, cobrindo seus dedos, pulso e parte de seu braço.

Ela olhou para ele confusa. “Não deveria eu usar um feitiço para cavar o buraco? Acho que há outras maneiras mágicas de o fazer”.

“Há, mas eu quero que você use uma não mágica”.

“O quê?” perguntou Liv. “Você quer que eu cave um buraco à mão?”

Rory acenou com a cabeça se balançou para dentro da rede, que estava superdimensionada. Ele parecia um grande homem-bebê balançando. “Vamos lá. Não temos a noite toda”.

Liv tirou seu telefone do bolso de trás e olhou as horas. “Na verdade, só tenho mais ou menos uma hora antes de ir para a Casa”.

Rory apontou para a pilha de sujeira. “Então vá cavar”.

Liv resmungou enquanto puxava as luvas e pegava a pá. A ferramenta quase não progrediu nada enquanto Liv a escavava na sujeira macia. Ela olhou de volta para Rory com um olhar questionador. “Onde você quer que eu coloque a sujeira?”

Ele encolheu os ombros. “Isso não importa realmente”.

Liv acenou com a cabeça e jogou a sujeira em sua direção.

Ele se agachou, afastando a sujeira que o vento transportava para o atingir no rosto. “Não era isso que eu queria dizer”.

“Bem, da próxima vez você pode ser mais específico, instrutor mágico”, disse ela, jogando a pá na sujeira e depois a esvaziando a alguns metros do buraco.

“Você tem certeza de que não está apenas tentando obter mão-de-obra gratuita de mim?” perguntou Liv após alguns minutos.

O gigante olhou para ela e depois para o buraco. “Acredite, se eu quisesse mão-de-obra gratuita, escolheria alguém com um pouco mais de músculo do que você”. Como é assim, ficarei aqui a noite toda esperando que esse buraco seja cavado”.

“Quão fundo você quer?” perguntou Liv.

“Profundo o suficiente”.

Ela revirou os olhos. “Mais uma vez, não consigo ver como isto deve me ajudar com minha magia”.

“Se trata de controle, pequeno gafanhoto”.

Ela trouxe a pá e jogou seu conteúdo na direção de Rory novamente. Com um toque de seu pulso, a sujeira voou de volta para Liv, atingindo no rosto.

Rory riu disso, fazendo um som expansivo enquanto seu rosto se transformava.

“Ei, você se parece com um ogro quando ri”, observou Liv.

“E você parece uma noiva apta para um troll com essa sujeira no rosto”, disse Rory, ainda rindo.

Vinte minutos depois, quando o buraco tinha vários metros de profundidade e largura, Liv girou para enfrentar Rory, que estava roncando. “Ei, isto já é profundo o suficiente?”

Ele abriu um olho e se sentou. “Sim, isso vai servir”.

“Certo, e agora?”, perguntou ela.

Rory lançou o dedo no buraco, e toda a sujeira subiu ao ar e o voltou a encher.

“Espere! Por que você fez isso?” Gritou Liv, com a cara vermelha de calor. O fogo no poço ao lado do baloiço queimava, sua visão foi momentaneamente coberta de vermelho, e os sons no jardim foram amplificados.

“Cavar o buraco novamente”, insistiu Rory.

“O quê? Isso é uma loucura”!

“Cavar o buraco novamente”, repetiu ele.

“Mas...”

“Isso é uma ordem”, disse Rory. “Se você não gostar, vá embora”.

Liv o amaldiçoou sob seu fôlego, puxando as luvas com mais força. Suas mãos já estavam doridas por ter cavado, e suas costas doíam. Cavar o buraco foi provavelmente uma das coisas mais difíceis que ela já havia feito fisicamente, o que era comprovado pelo suor derramando em seus olhos.

“Não estou reclamando, só não entendo como cavar um buraco me ensina a usar minha magia”, disse Liv entre respirações irregulares.

“Não estou lhe ensinando a usar sua magia”, disse Rory através de um bocejo alto. “Estou te ensinando como a controlar”.

“Qual é a diferença?” perguntou Liv.

“Você já sabe como usar sua magia”, respondeu Rory. “Faz parte de seus

instintos, como usar seus sentidos”. O que você não sabe fazer é a isolar de tudo o mais. Está misturada com seus outros sentidos, e foi por isso que você quase destruiu a loja de John”.

“Tudo funcionou, porém”, disse Liv defensivamente.

Depois de mais vinte minutos, o buraco era idêntico ao último. Liv se virou e descansou o braço sobre a pá. “Certo, eu te cavei outro buraco. E agora?”

Rory apontou para a sujeira, e ela varreu de volta para o buraco. “Escava novamente”.

Os olhos de Liv se alargaram com frustração e, de repente, sua visão foi tingida de vermelho escuro. Sua mão se apertou em torno do cabo da pá, e a madeira se lascava em seus dedos. O chão começou a tremer sob seus pés. O moinho de vento no canto do pátio se descontrolou quando um vento repentino correu sobre jardim.

Rory se sentou, parecendo vitorioso. “Apenas duas vezes para cavar o buraco. Como eu imaginei, você é uma cabeça quente”.

“Eu não sou”! Liv gritou e a pá quebrou em dois, caindo no chão em pedaços.

Rory olhou os pedaços quebrados com diversão. “Agora, isole suas emoções de sua magia”.

“Como eu faço isso?” perguntou Liv, com suas entranhas vibrando de raiva.

“Visualize os colocar em um compartimento, onde eles não terão a capacidade de afetar seus sentidos”, instruiu Rory.

Liv apertou os olhos, se sentindo ainda mais frustrada do que antes. O chão continuava tremendo sob ela, quase a desequilibrando.

“Leve a raiva que você sente de si mesma e de mim e a prenda”, continuou Rory. “Então sinta o que resta”.

Quando Liv era pequena e tinha medo, sua mãe trouxe uma caixa de “medo” feita de madeira e supostamente protegida por um encantamento especial. Liv fingia então enfiar cada coisa de que tinha medo na caixa. Sua mãe dizia que quando a caixa se fechava, os medos não podiam mais a afetar. Sempre funcionou...bem, até que não funcionou, quando seus pais morreram e os medos eram grandes demais para a caixa.

Liv retratou uma caixa semelhante em sua mente. Desta vez foi rotulada de “emoções”. Ela visualizou colando todas suas frustrações e inseguranças e

raiva na caixa, depois a fechou e trancou.

Como se ela estivesse em uma planície desértica, Liv olhou para a extensão de sua mente, a caixa das “emoções” bem ao seu lado.

O tremor constante sob seus pés suavemente se desvaneceu até que o chão parou de novo. O barulho estrondoso das árvores se reduziu a uma suave melodia. A luz vermelha que tingia sua visão desapareceu. De repente, ela sentiu cada um de seus sentidos intensamente: O sabor do ar do outono, o cheiro da grama, a sensação do ar suavemente pegando em seus cabelos. Em seu corpo, ela tomou consciência de uma força, uma força que se movia como um relógio enquanto também fluía como um rio. Estava em todas as partes dela, ligada a tudo e presa por nada.

Pela primeira vez em toda a sua vida, Liv sentiu sua magia em sua forma mais pura. Ela era abrangente, imparável e completamente hipnotizante. Ela a viu em sua mente, fluindo como filamentos de uma fita, deslizando através das planícies de sua consciência. Se movia como um dragão, voando livre, sem restrições nesta forma. Ela olhou para a caixa das emoções e entendeu como agora segurava as rédeas de sua magia. Isto era completamente diferente do que antes, quando seus sentimentos tinham conduzido uma fera, permitindo que ela investisse em qualquer direção que quisesse.

Ao abrir os olhos, Liv se viu sorrindo.

“Bem, ainda bem que consegui ter isso sob controle antes de estourar todas as minhas lâmpadas”, declarou Rory, olhando ao redor do jardim agora calmo.

“Então, você me deixou louca para me ensinar a controlar minhas emoções?”, perguntou ela, meio irritada e também impressionada.

“O trabalho duro é a melhor maneira de aprender a conter seus sentimentos porque é um ato humilhante”.

Liv olhou para o lugar onde o buraco que ela havia cavado duas vezes havia estado. “Era definitivamente humilhante”.

“Bem, e eu também sabia que o esforço físico evitaria que sua magia ficasse fora de controle”, admitiu Rory.

Um copo de água gelada apareceu na mesa ao lado do baloiço e Rory apontou para ele. “Isso é para você”.

“Obrigado”. Liv caminhou até lá, pegando a bebida e curtindo a condensação fria no copo contra seus dedos doloridos.

“Então, você vê como desatar suas emoções de sua magia”, começou

Rory. “Agora você tem que as manter assim”.

“Mas como? O que eu sinto tinge tudo, do meu humor ao meu tom de voz”.

Rory acenou com a cabeça. “Costumava ser, mas agora você precisa ter mais cuidado. As pessoas costumam dizer que algo as faz sentir de certa forma, mas, honestamente, as emoções são sempre escolhas. Você escolheu ficar brava por eu ter feito você cavar novamente o buraco, e então você permitiu que suas emoções assumissem o controle. É como quando alguém dirige um carro. Se ficar chateado, pode começar a dirigir erraticamente, mas alguém que domina suas emoções sabe não o fará. Lida com a frustração e a mantém separada de como dirige. Você terá que praticar fazendo isso com sua magia. Você tem que a dirigir, não permitir que suas emoções a dirijam”.

“Hmmm...isso realmente faz sentido”. Liv limpou a mão em seu jeans, antes de tirar o telefone do bolso. Eram dez minutos para as nove. “Oh, merda! Estou atrasada. Tenho que ir para a Casa dos Sete”!

Ela congelou, percebendo que não havia como chegar a Santa Mônica em tão pouco tempo.

“Você parece perdida”, observou Rory.

“Preciso atravessar a cidade em apenas alguns minutos”.

Ele bocejou, despreocupado com o problema dela. “Faça um portal, então”.

“Eu não sei como fazer um”, admitiu ela.

“Você sabe para onde está indo, certo?”

Ela acenou com a cabeça.

“Então você sabe como fazer um portal”, declarou Rory. “A magia é sobre intenção e energia”. Combine os dois, e você pode fazer muitas coisas incríveis”.

“Mas não existe um feitiço ou algo específico que eu precise para criar um portal? Eu sempre achei os portais incrivelmente difíceis de produzir”.

Rory se empurrou para fora da rede e se esticou. “A maioria dos mágicos complicam demais a magia. Sim, há feitiços e poções e muitas outras coisas em que podemos entrar, mas a magia mais complicada é a mais simples de realizar. Ela pode custar muito, mas tudo o que você deve fazer é se concentrar”.

Liv acenou com a cabeça e apertou os olhos, visualizando a localização do portal para a Casa dos Sete. Seus olhos se abriram com um pensamento

repentino. “E se eu não conseguir fazer isso? Você pode abrir um portal para mim?”

Rory balançou a cabeça. “A confiança é a chave. Os mágicos mais bem sucedidos têm um ego do tamanho da mansão de um gigante. Acredite que podem fazer algo e fará. Junte isso com atividades humildes, e talvez você não se torne naquilo que a maioria dos mágicos que conheço se transformou”.

Liv suspirou. Confiança. Ela sempre tinha fingido ter isso, mas a magia não podia ser enganada. Ela realmente tinha que acreditar em si mesma, não apenas fingir até conseguir, o que tinha sido seu lema nos últimos cinco anos.

Em sua mente, ela retratou a localização da entrada de Santa Mônica da Casa dos Sete. Ela também sentiu controlar firmemente as rédeas de sua magia. Ela a podia levar a qualquer lugar, com base simplesmente na sua vontade, então com toda a sua alma, ela tentou acreditar que podia ir a qualquer lugar. Ela tinha visto Clark abrir um portal ontem à noite. Ela tinha visto seus pais o fazer durante toda a sua infância. Não havia razão para que ela, uma mágica poderosa, não fosse capaz de fazer o mesmo.

Uma luz tão brilhante que quase a cegava com os olhos fechados brilhava diante dela. Ela pensou por um momento que Rory havia ligado um holofote sobre ela, mas quando ela abriu os olhos, viu um arco cintilante cheio de azuis e verdes.

“Isso fui eu?” perguntou Liv, incrédula. No mesmo instante, as luzes começaram a se apagar.

“Se lembre, a confiança é a chave”, disse Rory.

Liv acenou com a cabeça, se apoiando. “Claro que sim, era eu. Eu criei um portal”.

Ela deu um passo, prestes a entrar no portal, quando Rory riu. “Esperemos que você tenha acertado ou pode distorcer seu pequeno rosto humano feio”.

Liv parou. “Espere, o quê? Distorcer meu rosto? Ei, pare com os insultos?”

Ele passou por ela, de pé ao lado e olhando o portal. “Os humanos têm um aspeto engraçado com suas pequenas características”.

Ela sacudiu a cabeça para ele. “Você é engraçado, e ocupa muito espaço”.

“E você está empatando, com medo de que seu primeiro portal a corte pela metade”.

“Bem, você não acha normal?” perguntou Liv ao gigante.

“Não, e é por isso que você precisa de disciplina”. Rory a, empurrou para frente e direto através do portal.

Capítulo 19

Liv prendeu a respiração enquanto caía pelo portal, um flash de raiva de Rory subia através dela. Mas ela se agarrou com força a essa emoção, a colocando na caixa antes que ela a fizesse tremer a Terra ao pousar.

Seus pés bateram no chão com um baque e as pontas dos dedos de Liv tocaram suavemente o solo quando ela percebeu que estava de cócoras. O portal protegeu sua aparência momentaneamente quando ela pousou, lhe dando uma chance de se endireitar antes que isso a misturasse com o ambiente envolvente. Ou era suposto ser assim que um portal fazia a transição de uma pessoa. Ela nunca tinha feito um, e geralmente tinha uma tonelada de problemas ao passar por eles.

Liv olhou ao redor no desembarque, muito curiosa para ver se ela tinha feito o portal direito e também querendo se orientar. Desmaiar no portal de viagem não seria bom, sem ninguém para a ajudar. O ar salgado do oceano a atingiu de imediato, e os sons imitaram os de ontem à noite. Liv olhou para a sua direita e ficou aliviada ao encontrar o Oceano Pacífico lá, assim como lojas e bares à sua esquerda.

“Então você fez isso”, disse Platão, ao lado de Liv e olhando ao redor.

“Onde você esteve? E de onde você veio?”, perguntou ela.

“Vendo você ser um jardineiro, principalmente”. Ele olhou para o portal. “É melhor fechar aquilo, a menos que você queira criar todo tipo de problemas”.

“Como eu faço isso?” perguntou Liv.

“É como fechar uma porta”, explicou Platão. “Simplesmente a fecha”..

“Oh cara, porque estou procurando conselhos sobre magia quando é tão fácil de usar”? Liv disse, com um tom de sarcasmo.

Platão caminhou alguns passos antes de voltar para trás. “Não é fácil de implementar, mas o processo é, em sua maioria, simples. Você ficaria surpresa como é difícil para as pessoas se focarem. A chave para uma vida de sucesso é simples e a riqueza e a fama podem ser alcançadas através de

treinos habituais, mas poucos chegam até lá”.

“Se você sabe tanto de todas essas coisas, por que não está rolando na massa?” perguntou Liv, fechando o portal e andando atrás do gato.

“Como você sabe que eu não estou?”

Ela revirou os olhos. “Eu esqueci que você negocia ações. Não importa”.

O par parou em frente à loja Palm Reading.

Liv olhou para seu telefone. “Ei, eu consegui com dois minutos de sobra”.

Ela tinha levado sua mão até a porta e se preparava para entrar quando Platão disse: “Sim, que pena que você não tenha mais alguns minutos extras”.

“Espera, o quê?” perguntou Liv, olhando para ele. “Porquê?”

Ele balançou a cabeça. “Não há tempo para isso agora. Você não quer se atrasar”.

* * *

“O que você está vestindo?” Clark perguntou quando ele avistou Liv enquanto ela passeava pelo corredor.

Ela olhou para baixo. Suas calças jeans e camiseta estavam ornamentadas com sujeira, e ela percebeu que provavelmente também estava estampada no seu rosto.

“Oh”, disse ela. Ela procurou Platão, mas percebeu que ele havia desaparecido novamente. Era isso que o felino tinha querido dizer. “Eu tive um longo dia, e acabei de vir de outra coisa”.

“Outra coisa?” perguntou Clark, a olhando com repugnância. Ele, ao contrário, estava vestindo um terno azul escuro listrado com alfinetes e gravata branca. “Você parece que acabou de cavar uma vala”.

Liv riu. “Eu meio que cavei. Duas vezes”.

Clark suspirou. “Você deveria estar levando isto a sério. Você chegou a pensar em receber treinamento ou apenas brincar em um jardim comunitário o dia todo?”

Liv suspirou. “Eu não estava brincando. Por mais difícil que seja acreditar, eu estava sendo treinada. Eu até abri o portal para chegar aqui”.

Clark balançou a cabeça. “Olha, eu não tenho tempo para seus jogos. Precisamos entrar na Câmara da Árvore”.

Liv olhou para ele com desprezo. “Eu não estou mentindo para você. Eu abri um portal. Não é tão difícil assim. Apenas se concentre, e bummm”.

Clark deu a ela um olhar irritado. “Sim, ‘foco e pimba’. Muito engraçado. Preciso pagar o seu táxi?”

Liv sacudiu a cabeça e passou pelo seu irmão. “Não, eu estou bem. Paguei por isso com os produtos que vendi no mercado. Não se preocupe, Bro”.

Ela só ouviu metade do grunhido que Clark fez antes de ser abafado pelo Muro de Reflexão. Mais uma vez, ela se sentiu cega. Viu figuras indistintas. Ouviu os cânticos. Quando ela não aguentava mais, chegou na Câmara da Árvore, onde os Guerreiros e Conselheiros olhavam para ela com repugnância. Em comparação com a aparência real dos outros Guerreiros, Liv parecia uma pessoa sem teto. Os Conselheiros todos colocaram seus narizes emproados no ar quando a viram, como se temessem que pudessem pegar qualquer gene degenerado que ela possuísse.

Liv ignorou os olhares e marchou até sua luz azul, tomando sua posição quando Clark atravessou o Muro de Reflexão.

“Assim que o Sr. Beaufont estiver no lugar, vamos começar”, disse Adler, com pesado tom de desaprovação.

“Sim, desculpe, senhor”. Clark subiu as escadas até onde os Conselheiros se sentavam.

Uma vez que ele havia tomado seu lugar, Adler começou. “Agora, todos aqui sabem como são realizadas as reuniões do dia-a-dia, exceto a Sra. Beaufont, por isso vou tirar um minuto para explicar rapidamente o processo para ela”.

Bianca sorriu e acenou com a cabeça na direção de Adler, aparentemente apreciando sua consideração pelo status de novato de Liv.

“Os Conselheiros se reúnem antes disto para rever os vários casos que chegaram”, continuou Adler. “Durante essa reunião, decidimos a melhor maneira de intervir, e também designamos casos para os Guerreiros à nossa disposição. Temos o benefício de saber qual o perfil do Guerreiro que melhor corresponde ao nível de dificuldade com o qual cada caso é codificado”.

“O meu nível de magia foi normalizado?” Liv interrompeu.

Adler levantou uma sobrancelha branca, lhe dando um olhar impaciente. “Olívia, eu realmente não tive a chance de rever suas estatísticas”. Ele olhou para a mesa dos Conselheiros. “Mais alguém teve?”

Raina Ludwig pigarreou. “Parece que sua magia ainda está instável, e pode precisar de mais um dia para equilibrar”.

“Isso é normal?” perguntou Liv.

“Realmente, Olívia, não temos tempo para discutir as especificidades de seus níveis mágicos”, declarou Adler. “Se você precisar discutir isso, terá que agendar uma reunião privada com os Conselheiros”.

“Eu não acho que a investigação sobre meus níveis anormais de magia esteja fora de questão”, disse ousadamente o Liv. “Este é meu primeiro dia de trabalho, afinal de contas”.

O tigre branco se esgueirou do lado do banco, com seus olhos verdes sobre ela.

Adler olhou para o tigre branco, depois redirecionou sua atenção para Liv. “Seu nível mágico é preocupação dos Conselheiros, e nós o levamos em consideração ao estabelecer tarefas hoje”.

“Pensei que você disse que não sabia qual era o meu nível mágico atualmente”, desafiou Liv.

Adler suspirou fortemente. “Realmente não se pode esperar que eu me lembre de tudo sobre cada novo Guerreiro. Agora, se você não tiver mais nada para interjeitar, iremos atribuir tarefas”.

Liv esticou o braço dramaticamente, oferecendo o chão aos Conselheiros.

Adler tossiu, limpando sua garganta, levantando um bloco para ler. “Primeiramente, Trudy e Stefan, localizamos um grupo de mágicos não registrados em algum lugar em Bali, Indonésia. As leituras têm sido casuais, mas acreditamos que há pelo menos meia dúzia. Vocês irão até lá e trarão os infratores. Vocês têm autoridade para usar força letal sobre aqueles que resistem”.

Liv mordeu a língua, embora ela tivesse uma tonelada de perguntas e reclamações. A força letal era algo que deveria ser aplicado àqueles que cometeram crimes hediondos. Alguém não registrar sua magia parecia uma infração menor.

As duas figuras ao lado de Liv, um homem e uma mulher, acenaram com a cabeça antes de caminharem para a porta.

“Maria”, disse Adler, olhando para a Guerreira do outro lado que tinha duas longas tranças pretas. “Uma loja em Manhattan tem vendido mercadorias encantadas para os mortais. Tem havido uma série de explosões e algumas quase fatalidades. Você deve reunir a mercadoria depois de trazer os responsáveis”. Você pode usar qualquer método que julgar necessário para os prender”.

A mulher acenou com a cabeça e marchou para a saída sem uma palavra.

A atenção de Adler desviou para seu irmão, que estava na sua frente. “Decar, você deve continuar a trabalhar em seu caso atual. Os Conselheiros revisaram seus relatórios e achamos que você está no caminho certo”.

O guerreiro alto ao lado de Liv se afastou imediatamente, ganhando um olhar do tigre branco quando ele partiu.

“Emílio e Akio, há vários casos envolvendo gnomos e duendes operando fora de nosso acordo”, declarou Adler. “Vocês devem dividir os casos e lidar com eles devidamente”.

Nenhum dos Guerreiros disse nada, apenas giraram e caminharam pela saída.

“Olívia”, começou Adler.

Liv apontou para a árvore onde seu nome estava gravado. “É Liv, na verdade”.

Clark cobriu parcialmente seu rosto com a mão, escondendo seu constrangimento.

“Certo. Como eu estava dizendo”, disse Adler, com sua voz firme, “há um troll solto em Las Vegas na Strip”. Você deve localizar essa criatura e se desfazer dela rapidamente”.

“Me desfazer dela?’ Você está insinuando que eu deveria matar a coisa?” perguntou Liv.

Adler acenou com a cabeça. “Naturalmente. Ele violou o tratado”.

Liv coçou sua cabeça. “Certo. E está passeando pela Strip fazendo o quê, exatamente?”

“Não importa”, respondeu Adler, com atenção sobre algo à sua frente. “Um avistamento público de um troll é inaceitável”.

“Não é que alguém na Strip tome atenção”, argumentou Liv. “Os turistas bêbados provavelmente pensam que é apenas um cara mascarado”.

Adler deu um olhar cortante para a Liv. “Não importa o que os mortais pensam”. O troll deve ser punido por sua violação”.

“Como você sugere que eu encontre este troll?” Liv apontou sobre seu ombro. “Na verdade, como qualquer um dos Guerreiros encontra aqueles a quem foi designado para ‘lidar’?”

Adler se virou para a mulher no extremo oposto. “Você tem o codex digital da Sra. Beaufont?”

Hester acenou com a cabeça, balançando a mão e empurrando um

pequeno dispositivo sobre a superfície do púlpito, que quase que flutuou pousando na mão de Liv.

“Você encontrará os detalhes de seus casos aí a partir de agora”, explicou Adler. “Ele lhe dará algumas informações, mas o rastreamento do troll ficará a seu critério”.

“Como eu...”

Um clarão olhar penetrante de Clark interrompeu Liv.

Adler deu um olhar lateral a Clark. “Você está se perguntando como localizar o troll, Sra. Beaufont? Porque se você tivesse aceitado nossa oferta para treinar, não precisaria perguntar”.

“Oh, o treinamento da Casa cobre o rastreamento de troll no primeiro dia, não é mesmo?” perguntou Liv de forma sarcástica.

Adler espreitou sobre a borda do púlpito, exagerando no esforço de olhar para ela. “O que seu treinamento de hoje lhe ensinou? Como cultivar?”

Bianca cobriu sua boca enquanto uma risada apertada saía dela.

“Aprendi a controlar minhas emoções”, disse Liv reflexivamente, sentindo sua fúria temperamental. A ironia de sua afirmação e o ardor emocional não se perderam nela. Ela empurrou toda sua frustração com os Conselheiros para dentro da caixa, a chutando para um canto em sua mente.

Adler olhou para os Conselheiros à esquerda. “Nosso novo guerreiro passou o dia inteiro aprendendo a controlar suas emoções. Isso não é alguma coisa?”

“Parece-me uma completa perda de tempo”, disse Lorenzo Rosario, parecendo aborrecido ao pentear seus dedos finos em sua barbicha.

“Eu não passei o dia inteiro aprendendo isso”, disse Liv cuspiendo. “Eu trabalhei a maior parte do dia”.

A maior parte do rosto de Clark estava coberta por sua mão enquanto Bianca ria ainda mais alto.

“Trabalhou naquela loja de eletrônicos, quer dizer?” Adler perguntou, parecendo muito divertido para o gosto de Liv. “Você planeja continuar a trabalhar neste emprego de mortal?”

“Não acredito que o que eu faço em meu próprio tempo seja uma preocupação dos Conselheiros”, disse Liv, de volta.

A expressão divertida no rosto de Adler se evaporou enquanto ele se inclinava para frente. “Embora você possa estar certa, achará seu papel de guerreiro muito mais fácil se não lutar contra nós em tudo. Os Conselheiros

estão aqui para a ajudar, Sra. Beaufont”.

Vendo o olhar humilhado no rosto de Clark, Liv decidiu recuar. “Estou grata pela ajuda. Eu simplesmente escolho viver minha vida fora deste lugar à minha própria maneira”.

“Bem, se você decidir mudar de ideia sobre treinamento, então...”

“Ela criou um portal”, Hester interrompeu Adler, olhando para seu bloco e folheando o relatório sobre a magia da Liv.

Uma pequena risada escapou da boca dele. “Isso é impossível. A magia do portal é complexa e requer muito foco”.

“Não para mágicos que aprendem a controlar suas emoções”, disse Liv, ganhando um olhar questionador do tigre branco. Ele ficou de pé e se dirigiu a ela graciosamente. Quando estava diante dela, ele se sentou, olhando para ela de maneira avaliativa.

Liv tentou fingir que ele não estava perigosamente perto e lhe fazendo um olhar que a fazia sentir como se fosse o jantar.

Todos os Conselheiros estavam ocupados revendo suas notas em seus cadernos. Passado uns momentos, Adler olhou para cima, passando o braço sobre sua testa. “Bem, uma explicação provável é o atual surto em seu poder. No entanto, se normalizará em breve, portanto você não deve se acostumar a ele. A magia do portal é algo que os mágicos do segundo ano começam, mas não dominam. Eu garanto que é preciso mais do que controlar as emoções para se conseguir”.

Liv olhou para o tigre, tentando decifrar a estranha mensagem em seus olhos. “Se eu não estou supostamente pronta para tentar a magia do portal, como você esperava que eu chegasse a Las Vegas?”

Adler suspirou como se estivesse entediado com esta conversa. “Todas as notas para o seu caso estão no códice, Sra. Beaufont”. Peço-lhe que o estude com cuidado e volte aqui com perguntas ou preocupações amanhã”.

“Então, quando você espera que eu complete o caso?”

Adler olhou do púlpito para ambos os lados, embora não parecesse registrar os vários rostos antes de falar novamente. “Isso depende inteiramente de você, mas por favor entenda que seu primeiro caso é sempre desafiador, portanto não tenha hesitações”.

“Certo”, disse Liv.

Um momento depois, Adler olhou para ela com um brilho ousado em seus olhos. “Sra. Beaufont, só para que você saiba, depois de seu caso ter

vido designado, você está dispensada por hoje”.

Liv se viu acenando, assim como os outros Guerreiros haviam feito. Ela recuou em direção à saída, e só se virou e acelerou quando o tigre branco se levantou de sua posição, fazendo mais uma vez o olhar que ela reconhecia, mas não conseguia ler.

Capítulo 20

Fora da Câmara da Árvore, Liv escorregou em uma das bordas sombrias do corredor. Ela parou para respirar um pouco, até que Platão se materializou nessa deixa.

“Será que lidei mal com isso?”, perguntou ela ao felino.

Ele lhe enviou um olhar impassível. “Depende do que você estava querendo”.

“Acho que um pouco de desdém misturado com admiração estupefata”.

“Acho que você conseguiu isso”, respondeu Platão.

Liv recuou quando vários Conselheiros saíram pela Porta da Reflexão, nenhum deles falando, mas se apressando para a grande porta do outro lado da câmara. Um frio tão assustador que quase a fez gritar a arrepiou em suas costas e braços. Liv susteve o grito antes de escapar dela e girou para descobrir que ela quase tinha caído no estranho abismo do corredor. Ela deu um passo de distância, cuidando para permanecer escondida se alguém mais saísse da Câmara da Árvore.

“Do que você acha que se trata?” perguntou Liv, apontando para o abismo negro.

“Eu tenho algumas especulações sobre o que poderia ser”.

“Deixe-me adivinhar... você não vai me dizer, vai?» perguntou Liv, ouvindo enquanto os Conselheiros se retiravam.

“Então, este caso lhe foi atribuído?” Platão acenou com a cabeça para o dispositivo em sua mão.

“Certo”, disse Liv, levantando o códice. “Como eu o ligo”.

O códice se iluminou, iluminando o espaço ao seu redor.

“Bem, esse foi um momento estranho”, disse Liv.

“Não acredito que tenha sido”, disse Platão. “Tente pensar no que você precisa do dispositivo”.

Liv fez isso, refletindo sobre o caso do troll. A tela tremulava, trazendo um relatório.

“Então funciona fora do meu pensamento?” perguntou Liv.

“Intenções, na realidade”, Platão corrigiu. “Se lembra do que Rory disse sobre a magia estar relacionada a intenções?”

Liv acenou com a cabeça, olhando para a tela. Sua boca caiu. “Eles esperavam que eu dirigisse ou voasse até Las Vegas para este caso?”

Platão não parecia tão ofendido quanto ela se sentia. “De que outra forma você deveria ter chegado lá?”

“Portal mágico”.

“Você não deve ser capaz de fazer isso”.

“E ainda posso”, respondeu Liv. “E eles me pedem para pegar um troll. Se eu não soubesse, diria que eles estavam me dando casos de merda”.

Liv analisou o relatório. Lhe oferecia múltiplos meios de transporte, nenhum deles usando magia. Ela também tinha uma conta para despesas e um cartão de crédito que cobria sua passagem aérea ou um aluguel de carro.

“Isto diz que eu deveria usar um feitiço de rastreamento para encontrar o troll”, declarou Liv, lendo o relatório. “Você sabe como fazer isso?”

“Não, mas eu tenho uma ideia”, respondeu Platão.

Liv sorriu para o gato, estendendo sua mão e se preparando para criar um portal. “Certo, vista a sua roupa de festa. Estamos indo para Vegas, querido”.

* * *

Liv tentou abrir a boca para gritar com o troll de dois metros e meio de altura que, mesmo para os padrões de Las Vegas, não estava usando roupas suficientes. Contudo, toda vez que ela abria a boca, sentia como se estivesse se afogando em uma poça de água.

“Olá”, disse o troll, com dicção perfeita e uma corrente pendurada entre o piercing em seu lóbulo da orelha e o de sua narina. “Você está bem?”

Liv ficou boquiaberta com o troll, cuidando para manter seus olhos afastados de tudo o que não estava completamente protegido por sua tanga. As pessoas passeavam ao seu redor na Strip, com seus olhos fixos na besta que cheirava estranhamente a leite azedo e gelatina de cereja.

“Liv, acorda, sim?” disse o troll, mais uma vez, a sua voz lhe lembrando alguém.

Ela espreitava a criatura, hipnotizada por seu comportamento dócil.

Algo a abalou. Ela se virou, mas não havia ninguém por perto. Mesmo assim, o tremor continuou.

“Ei, acorde!”

Liv ficou direita em um sobressalto, com os olhos esbranquiçados pelo brilho das luzes da loja. Líquido escorreu de seu queixo. Ela trouxe seu braço através da boca, babando completamente o rosto.

“Finalmente, dorminhoca”, disse Shane, olhando para ela de forma curiosa.

Liv olhou à sua volta, tentando se orientar. As últimas doze horas avançaram rapidamente no seu cérebro até que ela se lembrou de como veio a adormecer na bancada de trabalho na loja de John.

“Ei, Shane”, disse ela, sua voz rouca. “O que posso fazer por você?”

Ele apontou para a impressora ao seu lado. “Você teve chance de verificar isso?”

Ela piscou os olhos para o dispositivo. “Hum, na verdade, eu não. As coisas ficaram loucas aqui ontem”.

Shane assobiou através de seus dentes. “Eu soube. Ouvi falar das crianças que assaltaram a loja. Além dos terremotos e dos vermes, John está de mãos cheias”. Ele olhou à sua volta. “No entanto, a loja parece melhor do que nunca”.

Liv concordou com um aceno de cabeça. Rory tinha feito um bom trabalho. Ela tinha tentado continuar ajudando naquela manhã consertando vários dispositivos, inclusive a impressora, mas não tinha funcionado. Toda vez que ela apontava para algo, uma faísca fraca saía dela como se sua magia estivesse quebrada.

“Vou dar uma olhada na impressora esta manhã”, prometeu Liv. “Se você passar por cá amanhã, eu terei uma estimativa».

“Oh, dê uma pausa a si mesmo se precisar”, disse Shane. “Parece que você se adormeceu a limpar este lugar”.

“Não foi... Sim, obrigado”, disse Liv gaguejando e acenando para Shane, enquanto ele se afastava pela porta. Não valia a pena se meter em problemas mais profundos.

Quando a porta da loja fechou com um guizo, Liv puxou a impressora para mais perto dela. Ela podia não ter magia para consertar o equipamento no momento, mas ela tinha seu cérebro, que era quase melhor. Então, algo que Rory havia dito ressoou claramente em sua cabeça: “Há algo de honesto em fazer as coisas sem magia. Ser excessivamente dependente dela é perigoso”.

Liv sorriu, as palavras ressoaram algo profundo dentro dela - uma crença central que a tornou diferente da maioria na Casa dos Sete. Desde muito jovem, ela não confiava em magia. Não porque ela temia o papel que isso tinha desempenhado na morte de seus pais, mas porque ela achava que isso estragava as boas pessoas. Tornava as coisas muito fáceis. Criava aparências e enganava. A magia em sua essência era a decepção, ou pelo menos era nisso que ela costumava acreditar. Ela não tinha mais tanta certeza.

“Você tem um urso de goma colado na bochecha”, disse Platão depois de ter saltado para a bancada de trabalho.

Liv bateu em seu rosto e arrancou um urso de goma de cereja da bochecha. Ela o olhou antes de o colocar em sua boca.

Platão lhe deu um ar de repugnância.

“Ei, estou com fome”, protestou ela.

“Eu entendo porquê. Você não comeu tanto assim”. Ele acenou com a cabeça na embalagem de donuts, um saco vazio de amêndoas torradas e os ursinhos de goma semiacabados.

Liv o ignorou e agarrou o saco de gomas de ursinhos, puxando um punhado de gomas. Ela respingou os ursinhos em sua boca, imaginando que poderia os ouvir gritar enquanto mastigava, assim como o troll poderia ter feito com ela na noite passada, se ele quisesse.

O açúcar não a despertou como ela gostaria, mas a tirou o fôlego de sua constante fome.

Mais uma vez, ela apontou seu dedo e sua intenção para a impressora, desejando a consertar. Quando nada aconteceu, ela suspirou.

Sacudindo a exaustão quase incapacitante, Liv começou a trabalhar. Ela tinha muitos aparelhos para consertar, e aparentemente a magia não viria em seu socorro.

Capítulo 21

A porta estava bem aberta quando Liv chegou à cabana de Rory naquela tarde após o trabalho. Ela comprou uma barra proteica numa loja e a devorou no caminho. Embora ela tivesse tentado abrir um portal para sua casa, não tinha funcionado, o que significava que ela teve que andar dois quilômetros e meio até lá, o que teria sido bom em qualquer outro dia, exceto naquele dia. Cada passo parecia um milhão. A cada minuto, um ano. Cada som era uma orquestra de barulho, e as luzes eram ofuscantes.

“Você está com péssimo aspeto”, observou Rory quando ela entrou para a casa dele e se encostou à porta.

Liv olhou de relance para Platão. “Você o vai deixar falar com você dessa maneira?”

A ignorando, Platão saltou para a poltrona próxima e se esticou antes de apalpar a almofada várias vezes com suas garras e se deitar.

“Eu estava me referindo a você, mágica”, disse Rory.

Liv tirou um fio loiro da bochecha. “Oh, bem, esqueci de escovar meu cabelo”.

“Ou dormir”, acrescentou Rory.

Liv acenou com a cabeça. “Sim, eu só consegui dormir cerca de duas horas, mas vou ficar bem”.

“O inferno é que você vai”. Rory pegou uma pequena bolsa de couro ao lado de sua cadeira e sacudiu o conteúdo de distraidamente.

Liv o abanou. “Está tudo bem. Eu posso passar dias sem ter uma noite inteira de descanso. Eu só tenho que compensar em algum momento”.

“Isso pode ter sido verdade antes de sua magia ser destravada, mas as coisas agora são diferentes”, explicou Rory. “Se você não descansar, a magia vai sugar a sua vida”. Espero que você não tenha tentado usar nenhum feitiço hoje”.

Liv olhou para o lado. “Sem sucesso”.

Rory acenou com a cabeça. “Ainda bem que você veio aqui antes de se matar, sua mágica idiota”. Não use mais magia até que você tenha tido um

descanso adequado”.

“Mas e a nossa lição?” perguntou Liv.

Rory jogou a bolsa para frente e para trás em suas mãos grandes. “Ela foi cancelada. E se você voltar a aparecer aqui tão cansada, as aulas estão canceladas de vez. Ver um mágico idiota se matar não está na minha lista de tarefas”.

“Mas a insultar está...” Liv disse para ela própria.

“Vá para casa e descanse uma noite inteira”, ordenou Rory. “Se você fizer isso, podemos retomar as aulas amanhã”.

Liv sacudiu a cabeça enquanto um bocejo gigante escapou de sua boca. “Não posso. Tenho que ir à Casa dos Sete esta noite”.

Os olhos de Rory tremulavam de aborrecimento. “Você não é boa para eles desta maneira”.

“Não importa”, declarou Liv. “Eles já me tratam como se eu fosse uma perdedora. Se eu não aparecer, eu lhes darei mais um motivo para me ridicularizarem”.

“Uau”, disse Rory com zero de emoção. “Parecem mesmo o tipo de indivíduos íntegros com quem eu gostaria de me cercar”.

Liv não poderia contrariar isso. “Os Sete são um bando de idiotas, mas eu não estou fazendo isso por eles. Estou fazendo isso por meu irmão e minha irmã. Por minha família”.

Rory a observou por um momento, a expressão taciturna que ele tinha na maior parte do tempo se desvaneceu ligeiramente. “Então, suponho que você deixará a oficina de reparos”.

Liv sacudiu a cabeça. “Não, eu trabalho por mim. Uma garota tem que ter algo”.

Rory contemplou a bolsa em sua mão por um momento. Quando olhou para ela novamente, ele teve uma expressão de indiferença. “Então você vai ter que descobrir como gerir tudo isso sozinha, porque parece ter tomado uma decisão”.

Platão levantou sua cabeça. “Eu lhe disse isso também”.

Rory olhou diretamente para o gato. “Eu pensei que você tinha dito que só falava com a Liv?”

A cabeça de Platão virou para trás enquanto ele fechava os olhos.

“Malditos lince, sempre pensam que são tão espertos”, reclamou Rory.

“É a segunda vez que alguém chama Platão de ‘lince’”, declarou Liv. “O

que isso significa?”

Rory ergueu uma de suas sobrancelhas espessas para ela. “Ele é seu gato, e você nem sabe o que ele é?”

“Ele não é meu gato”, argumentou Liv. “Platão pertence a si mesmo, assim como eu pertença a mim mesma”.

Rory acenou com a cabeça. “Sim, é bem verdade. E, tecnicamente, ele não é um gato. Bem, não pelos padrões tradicionais”.

Ele ficou de pé, escovando as calças, embora elas não estivessem sujas. De uma prateleira próxima, ele retirou um livro e o entregou à Liv.

“Eu lhe diria para ler isso em seu tempo livre, mas isso é uma espécie de piada neste momento”.

Ela leu a capa em voz alta. “*Criaturas Misteriosas de Bermuda Laurens*”.

Rory apontou para o livro. “Nem tudo nesse livro é exato”. Muito disso é conjectura porque o assunto é um pouco difícil de se medir”.

Liv riu. “Sim, esta senhora das Bermudas provavelmente inventou muitas destas coisas... como o nome dela, por exemplo”.

Rory olhou com um ar de repugnância. “A Bermuda era minha mãe”.

Liv cobriu sua boca. “Sinto muito. Só queria dizer que era um nome estranho para um livro sobre criaturas misteriosas”.

“Porquê?” Rory questionou.

“Bem, porque as Bermudas são um lugar camuflado em mistério”.

Rory balançou sua cabeça para ela. “É um lugar onde os mortais viram muitas coisas que não deveriam ter visto ou coisas que não podem explicar”. A área é bastante normal pelos nossos padrões».

Nossos padrões”, repetiu Liv secamente.

“Bem, leia o livro quando puder. Talvez você aprenda algo sobre seu pequeno amigo”.

Liv ergueu o livro, encostando sua cabeça nele. “Vou ler através de osmose quando estiver dormindo”.

“Não leia nada enquanto estiver dormindo até que tenha descansado bem. Você precisa sonhar para descansar corretamente”.

Liv deu-lhe um ar de surpresa. “Eu estava apenas brincando. Se pode ler enquanto se dorme?”

“Ler enquanto dorme, ou explorar, ou fazer quase tudo”, explicou Rory. “Como você acha que as Grandes Pirâmides foram construídas tão rápido?”

“Alienígenas?” Liv respondeu com cautela.

Rory suspirou. “Para um Sete, você é certamente burra”. Eu esperaria que sua educação fosse mais...bem, orientada para a doutrina”.

Liv encolheu os ombros. “Esqueci muito disso, e meus pais fizeram muito do meu ensino, que era meio orgânico. Foram apenas os anos formativos em que fui submetida aos ensinamentos rigorosos, que minha mãe sempre chamou de ‘lavagem cerebral sutil’”.

Rory pressionou seus dedos em seus grandes lábios, seus olhos se estreitaram. “Parece que sua mãe e eu teríamos nos entendido”.

Liv queria concordar, mas a ideia de que Rory teria gostado de uma conversa com sua mãe lhe fez doer a garganta. Quase lhe fez ciúmes pensar que outra pessoa teria tido a atenção de sua mãe quando ela a queria toda. A preocupação com o amor de alguém que não se pode ter era a maldição de Liv.

Uma batida na porta de Rory assustou Liv e ela pulou, seus reflexos estavam imprevisíveis devido a sua exaustão.

No alpendre, estava uma mulher velha de cócoras que tinha a cabeça coberta por um xaile. Ela tinha um grande nariz enrugado, e quase não tinha dentes quando, o que se via quando sorria. “Desculpe por a ter assustado. Eu estava procurando por Rory”.

O gigante veio ao redor da Liv, quase a empurrando para fora do caminho. “Birdie”. Eu lhe disse que iria ter com você”.

“Eu sei, eu sei”, disse a mulher, lhe acenando com uma mão enrugada. “Mas é bom para mim sair”.

Rory entregou à mulher a bolsa de couro com um sorriso. “Eu entendo isso. Aqui está”.

“Eu prometo que no próximo mês...”

“Não vamos falar sobre isso”, disse Rory, a calando e levando para longe.

Liv observou enquanto ele ajudava a mulher a descer o alpendre, sussurrando algo no ouvido dela. O gigante teve que se dobrar para o alcançar.

“Bye, bye, Rory”, a velha disse quando estava no caminho, acenando para trás enquanto caminhava para frente.

“O que foi isso tudo?” perguntou Liv, com os braços cruzados.

Rory balançou a cabeça. “Não foi nada, e definitivamente não é da sua conta”.

“Tudo bem. Vou apenas catalogar com o resto de seu comportamento

suspeito”.

Rory parou depois de entrar em sua casa. “Você não deve perder seu tempo fazendo isso. Você não tem coisas mais importantes com que se preocupar?”

Liv bocejou. “Sim, por falar nisso, dormir. Se eu chegar em casa agora mesmo, posso dormir algumas horas antes de ir para a Casa esta noite”.

Rory olhou para ela por um longo momento e então disse: “Porque você ainda está aí parada? Você não deveria ter saído já?”

“Sim, acerca disso. Estou um pouco cansada. Você abriria um portal para eu voltar para casa?” perguntou Liv.

Ele balançou a cabeça. “A magia do portal não é a especialidade de um gigante”.

“Como vocês chegam a qualquer lugar então?” Liv perguntou.

Rory a olhou com um ar desafiador. “Usamos um tipo diferente de magia, pequeno gafanhoto”.

“Bem, você pode me teletransportar ou me projetar com uma fisga ou o que quer que você faça para viajar longas distâncias?”

“Posso chamar um táxi”, declarou Rory.

“Oh, então você não vai me dizer que tipo de magia vocês, gigantes, usam para viajar?”

Rory cruzou os braços, correspondendo à sua postura. “Há algumas coisas que os mágicos não precisam saber”.

Capítulo 22

Quando Liv entrou na Câmara da Árvore, havia apenas três Guerreiros de pé em seus lugares. Ela pensou por um momento que estava estranhamente adiantada, mas então Adler disse: “Agora que a Sra. Beaufont se juntou a nós, podemos começar”.

Ela ocupou seu lugar, ganhando um olhar curioso do cara ao seu lado. Os cabelos pretos de Stefan Ludwig contrastavam com sua pele de porcelana. Ele usava um manto de viagem que estava salpicado de sangue em vários lugares.

Liv lhe devolveu o olhar de curiosidade antes de dirigir sua atenção para os Conselheiros.

Clark a olhou de frente, provavelmente aliviado por ela não estar coberta de lama, embora ela não tivesse tido tempo de trocar seus jeans e sua blusa de malha, que estavam enrugados por causa de sua longa soneca.

“Trudy e Stefan, vocês voltaram”, disse Adler. “Você conseguiu conter os mágicos não registrados?”

O queixo de Stefan levantou ligeiramente. “Três se registraram na Câmara e afirmam que foi apenas um erro. Os outros três tentaram fugir”.

“E?” Adler perguntou, dando a palavra.

“Não fomos capazes de os prender vivos”, respondeu ele.

O corvo negro que Liv havia reparado em sua primeira visita à sala voou de um poleiro invisível, pousando no centro do meio círculo no chão e olhando para cima para o Guerreiro.

“Muito bem”, disse Adler.

Ele voltou sua atenção para Liv, seus olhos frios a escrutinando. “E Sra. Beaufont, você voltou. Isso deve significar que você se desfez corretamente do troll em Las Vegas”.

“Sim”, respondeu imediatamente Liv, seus braços se cruzando atrás das costas e suas orelhas queimando.

“Posso perguntar como você cuidou do troll?” perguntou Haro Takahashi, com as mãos levantadas.

Liv olhou para ele, apreciando os padrões intrincados em suas vestes vermelhas e de seda.

“Sim, estou especialmente curiosa para saber como você o derrotou, e tão rapidamente”, disse Bianca. “Não esperávamos que você voltasse tão cedo”.

“Bem, aparentemente o acaso com minha magia continua, porque eu ainda posso criar portais”, respondeu Liv.

“Espero que isso desapareça em breve”, declarou Adler. “Mas o troll...o que você fez com ele?”

Liv abriu sua boca para contar a história, mas nada saiu. Foi provavelmente o olhar suplicante no rosto de Clark que a impediu de divulgar a verdade. Ela tentou inventar uma mentira passível de ser contada.

“Eu vejo aqui que você não tentou um feitiço de rastreamento?” Hester disse, estudando seu tablet, que detalhava as várias magias que Liv havia usado recentemente.

Ela balançou a cabeça. “Não, eu decidi usar uma abordagem direta. Simplesmente perguntei pela Strip”.

“Você perguntou?” Bianca exclamou com uma risada repentina.

“Sim, como um detetive. Eu fiz a abordagem de Sherlock Holmes”, respondeu Liv.

Bianca olhou para Haro e depois Adler. “Isso teria levado a noite toda”.

“Demorou cerca de vinte minutos”, corrigiu Liv. “Você ficaria surpresa com a quantidade de pessoas que reconheciam um troll grande e nojento carregando um taco e grunhindo alto”.

Bianca fez uma careta. “Que bestas nojentas”.

“Essa foi uma abordagem conservadora”, disse Raina, ganhando um rápido olhar de seu irmão ao lado de Liv.

“Eu poderia ter usado um feitiço de rastreamento, mas decidi não o fazer”, mentiu Liv.

“E muito certa você estava”, disse Raina, seu tom mais simpático desta vez. “Acho que foi uma jogada inteligente”. Os feitiços de rastreamento custam muita energia e podem levar algum tempo para serem usados. Parece que você encontrou o troll mais rápido do que se você tivesse empregado magia”.

“Eu não tenho certeza disso”, Bianca disse.

A gentil expressão de Raina caiu enquanto ela olhava para Bianca, as duas trocando olhares acalorados.

“Como você lidou com o troll?”

Liv ficou surpresa que tenha sido seu irmão a fazer a pergunta. Ele parecia tão diferente quando olhou para ela, não era como o garoto de quem ela se lembrava.

“EU-EU-EU...” Liv gaguejou, incapaz de olhar para ele. “Eu o levei para uma parte remota do deserto”.

“E então?” perguntou Adler, se inclinando para frente.

Liv mastigou seu lábio. Isto não ia ser tão ruim assim. Ela só tinha que ter confiança. “Eu o deixei lá”.

Um grande tumulto irrompeu dos Conselheiros. Stefan e Trudy atiraram seu olhar cauteloso. Até a guerreira do outro lado da sala, Maria Rosário, estava olhando Liv em estado de choque.

“Por que você faria isso?” perguntou Lorenzo. “Você não foi capaz de o subjugar?”

“Ela não conhece nenhum feitiço de combate”, disse Bianca. “Eu avisei que tudo isso seria um problema para ela”.

“Não é isso”, insistiu Liv, dando um passo à frente e fazendo o corvo saltar um metro atrás. “O troll não estava machucando ninguém. Ele era apenas um troll idiota”.

Adler esfregou sua têmpora, seus olhos se estreitaram. “Sra. Beaufont, você deveria descartar o troll, não levar ele por um portal para algum lugar no deserto onde ele continuará a ser um problema”.

“Mas é isso mesmo”, disse Liv, sua voz cada vez mais alta. “Ele não era um problema. Ele estava perdido e confuso”.

Bianca riu. “Ele é um troll. Eles nascem assim, e morrem assim”.

Liv rangeu seus dentes, empurrando todas as suas emoções hostis para dentro da “caixa” antes que eles tirassem o melhor de si. Ela sentiu seu poder voltar para ela quando suas emoções estavam em xeque.

“O troll pode não ter falado inglês, mas ele me entendeu quando eu lhe disse que estava lá para ajudar”, declarou Liv. “Ele gosta do deserto, e agora ele está longe dos mortais e não incomoda ninguém. Eu não vejo qual é o problema”.

“A questão”, disse Adler, parecendo tentar acalmar sua própria raiva, “é que lhe disseram para se desfazer do troll. Isso foi uma ordem, não algo a ser negociado”.

“Porquê o matar? Porque ele é um troll que se perdeu e tropeçou em

território mortal”? perguntou Liv.

Cada um dos Conselheiros acenou com a cabeça para ela.

“Não!” gritou ela, fazendo o corvo saltar novamente. “Ele não estava fazendo nada de errado. Eu o observei. Ele não fez mal a uma única pessoa, e todos pensaram que ele fazia parte de algum espetáculo. Mesmo quando os turistas o ridicularizavam, ele não fazia nada. Ele apenas olhava em volta para tentar descobrir onde estava”.

“Se trata de fazer cumprir a lei, que é o que é suposto fazer no seu papel de Guerreira “, argumentou Adler.

Liv cruzou os braços sobre o peito e olhou os Conselheiros com um olhar aguçado.

“Então eu só devo seguir a lei, mesmo que seja burra e não faça sentido?” Liv olhou para os outros Guerreiros. “É isso que todos vocês fazem? Vocês simplesmente se livram das pessoas cegamente sem questionar se elas são culpadas de um crime ou não?”

Trudy balançou a cabeça imediatamente, mas Stefan e Maria pareceram não estar dispostos a se cativar, mantendo os olhos focados para frente.

“A aplicação da lei vai continuar a ser um problema para você, Sra. Beaufont?” perguntou Haro, num tom curioso e não punitivo.

“Depende”, começou Liv, ganhando um olhar frustrado de Clark. “Será que as leis vão funcionar sem preocupação com a justiça real? De que adianta defender a lei se expulsamos nossas preocupações sobre como funciona a justiça empática? Parece que todos vocês têm leis cegas que afirmam que se uma criatura violar uma regra, ela será punida sem levar em conta as circunstâncias. Nem tudo na vida é preto ou branco. Às vezes, as pessoas violam as leis por razões perfeitamente boas, ou por engano. Como você sabe que aqueles mágicos em Bali foram totalmente culpados? Talvez eles não soubessem fazer melhor, e estavam assustados e reagiram por autopreservação? E se...”

“Basta!” Adler gritou, cortando o discurso de Liv.

A Câmara caiu em silêncio, exceto pelo som do corvo bicando no chão como se estivesse tentando soltar um dos azulejos.

“Sra. Beaufont”, Adler começou lentamente, “é prerrogativa do conselho designar os casos como acharmos conveniente”. Nós determinamos a lei, e seu trabalho é a aplicar”.

“Mas às vezes quando você está no campo...”

Adler ergueu a mão, a interrompendo. “A lei é a lei, independentemente da situação”. É nossa responsabilidade trazer objetividade, e é por isso que revisamos e atribuímos casos. Seu julgamento é muito nebuloso quando você está no campo. Se cada Guerreiro lidasse com cada caso como achava que deveria, onde estaria a linha”?

“A linha é traçada em torno da justiça”, argumentou Liv. “Não tem que ser difícil se alguém puder pensar por si mesmo”.

Isto causou um alvoroço por parte dos Conselheiros, mas os Guerreiros permaneceram completamente parados.

“Já chega!” Adler gritou, fazendo seus contemporâneos se acalmarem. Ele olhou friamente para a Liv. “Você deve voltar para onde deixou o troll e se desfazer dele como lhe foi ordenado. A criatura violou nosso acordo, e a punição é clara e não negociável. Além disso, não o podemos deixar lá fora, onde ele pode cometer a ofensa uma segunda vez. Há compreensão, e depois há descuido». Adler olhou para o banco em ambas as direções. “Todos os Conselheiros estão de acordo?”

Houve um sim coletivo do grupo, embora alguns deles, incluindo Clark, não tenham parecido tão inflexíveis quanto outros.

“Muito bem”, declarou vitoriosamente Adler. “Você vai se desfazer do troll e nos dará um relatório completo amanhã. Isso está claro?”

Liv percebeu então que precisava ficar muito melhor em mentir.

Capítulo 23

Quando John apareceu na loja no dia seguinte, Liv já estava trabalhando e no seu segundo café da manhã. Ela não tinha nenhuma maneira graciosa de comer o rolo de canela gigante, então ela apenas deu uma grande mordida, sujando as bochechas e o nariz todo.

John a observou por um momento antes de olhar para a impressora. “Você disse que os rolos estavam emperrados. O que mais?”

“Os rolos estão antes fritos”, disse ela através da grande boca cheia de massa úmida.

John se virou para ela. “Liv, posso te fazer uma pergunta?”

Ela limpou a boca com um guardanapo e tomou um gole de suco de laranja. “Não”, ela disse simplesmente quando engoliu.

Ele a olhou fixamente.

“Eu meio que odeio quando as pessoas fazem essa pergunta”, ela respondeu. “Tipo, já se sabe que você vai fazer sua pergunta. porquê fazer esse negócio de prefácio?”

“É educado”, respondeu ele.

“Oh, e quando você começou com as gentilezas?”

“O médico disse que seria bom para o meu coração se eu não estivesse sempre tão mal-humorado com todos”, ele compartilhou.

“Parece que você precisa de um novo médico que o entenda”. Liv lambeu os dedos, olhando o rolo de canela e tentando decidir onde dar a próxima mordida. “Você tomou seus remédios?”

Ele acenou com a cabeça. “Sim, mas minha pergunta é sobre você. Você está... bem, eu não sei como perguntar isso”.

Liv desviou o rolo de canela para baixo, tentando manter sua expressão normal. Será que John sabia? Teria ele a visto naquela manhã, quando ela estava usando sua magia? Teria ele ouvido Platão falar? Era apenas uma questão de tempo. “John, eu posso explicar”.

Ele balançou sua cabeça para ela. “Está tudo bem. Mas você tinha que

saber que eu acabaria descobrindo”.

“Acho que você está certo”.

“Eu sabia que algo estava acontecendo há algum tempo. Você tem dormido o tempo todo”. Ele ergueu um dedo. “E comendo sem parar”. John apontou outro dedo. “Você está mais mal-humorada do que de costume e desaparece a noite toda. Eu sei que não deveria notar, mas eu reparo. Eu me sinto seu protetor. Mas esta mudança que você está passando... Bem, não tem que ser sozinha”.

Liv olhou para o rolo de canela, de repente não com tanta fome. “John, eu realmente tenho que fazer isto sozinha. Minha nova vida e a velha não podem realmente se misturar. Quero dizer, não inteiramente”.

“Mas o bebê”, começou John. “O que você vai fazer a respeito disso?”

Liv ficou de boca aberta, seus olhos também se abriram. “Espere, você acha que eu estou grávida?”

John riu desconfortavelmente. “Bem, é óbvio, não é?”

Liv se juntou a ele nas gargalhadas. Ela caiu no chão de tanto rir. John parou de rir, aparentemente não achando que era tão engraçado quanto ela.

Quando ela se levantou para tomar ar, seu rosto estava vermelho. “John, eu não estou grávida. Eu estou... Eu só aceitei um trabalho secundário. É por isso que estou com fome e cansada”. Novamente, ela tinha vontade de lhe contar tudo. Talvez ele adorasse que ela fosse mágica e que ela pudesse facilitar a vida deles com magia. Talvez ele se alegrasse com o fato de que ela permanecesse leal a ele e à loja, embora ela fosse agora uma guerreira cobiçada. Ou talvez ele se assustasse e pensasse que ela era louca. Ela sacudiu o impulso, o interiorizando. Não, ela não podia arriscar dizer a verdade a ele. Ainda não.

“Você não está... Espere, você aceitou outro emprego? Onde?”

“Em Santa Mônica”, disse Liv, não querendo mentir para John. Aos Conselheiros era diferente, mas John merecia sua honestidade e confiança. Bem, tanto quanto ela podia dar a ele.

“Oh, bem, se você precisar de um aumento, eu ficaria feliz por”

“Não”, Liv o interrompeu, não conseguindo suportar o olhar atencioso em seus olhos. “Não é isso. Estou fazendo isto para ajudar um amigo”.

“Amigo?” perguntou John, com uma expressão cética.

Ela revirou os olhos, enquanto Platão pulou na bancada de trabalho e cheirou seu rolo de canela. Ela o empurrou para longe. “Acredite ou não, eu

tenho amigos”.

“Não tenho certeza se acredito nisso”, brincou John. “Mas se você diz que não precisa de um aumento de salário, então eu acredito em você. Eu só não quero que exagere. Talvez você esteja assumindo coisas demais”.

Se junte ao clube de pessoas que pensam que eu não consigo fazer tudo isso, pensou Liv.

“Então a impressora funciona bem”, disse Liv, redirecionando a conversa.

John apontou para a fila de aparelhos na prateleira. “E você diz que também consertou tudo isso?”

“Eu consertei”. Liv deu uma dentada em seu rolo, desfrutando da doçura cremosa.

John olhou em volta e suspirou. “Como você teve tempo de consertar meia dúzia de aparelhos eletrônicos esta manhã?”

Ela encolheu os ombros, com a boca cheia.

“Bem, isso não me deixa muito para fazer, então”, disse John, momentaneamente perdido.

Liv engoliu, lhe oferecendo um sorriso. “Por que você não tira um dia de folga?”

Ele acenou. “Nós dois sabemos que isso seria uma forma de tortura para mim”.

O telefone de Liv, que estava na bancada, emitiu um som. Ela olhou para ele, surpresa por quem lhe havia enviado uma mensagem; ela não sabia que Rory tinha seu número. Então ela se lembrou de toda aquela parte sobre magia e tecnologia. O telefone dela era oficialmente “inteligente”.

A mensagem dizia, **Estou ocupado hoje à noite. Até amanhã.**

John usou uma expressão inquisitiva quando ela olhou para cima.

Ela agarrou o telefone e o enfiou no bolso de seu hoodie. “É o meu amigo. Parece que eu tenho a noite livre”.

“Oh, bem, então você quer me ajudar com o jipe”, perguntou ele, com um brilho de entusiasmo em seus olhos.

O Willys dos anos 40 já não andava há anos. John trabalhava nele nos fins de semana, mas havia muitos reparos e nunca havia dinheiro ou tempo suficiente para que ele ficasse perfeito. Ainda assim, Liv havia aproveitado as chances que lhe havia dado para trabalhar com ele na conversão elétrica de seu motor. Normalmente era “seu” projeto, então o convite era um gesto boa vontade.

“Claro que sim!” Liv exclamou, mas depois se lembrou de seu turno na Casa dos Sete. Ela acrescentou: “Mas eu não posso ficar muito tempo. Tenho uma coisa que tenho que fazer”.

“Eu pensei que você disse que não precisava trabalhar hoje à noite.”, disse John.

“Eu não tenho, mas tenho que dar a Platão seu remédio para os parasitas”.

John e o felino olharam para ela e depois um para o outro em uníssono.

“Oh, pobre rapaz”, disse John amavelmente. “Ele tem minhocas?”

“Sim”, Liv mentiu. “O veterinário diz que é de comer de latas de lixo e lambar o traseiro”.

John acenou com a cabeça como se aquilo fizesse todo o sentido. “Ainda bem que ele tem você para cuidar dele”.

* * *

“Essa foi a melhor mentira que você conseguiu inventar? Eu tenho minhocas”? Platão perguntou quando atravessaram o portal para Santa Mônica algumas horas mais tarde.

“Você é um gato”, disse Liv. “Isso não importa”.

Ele manteve sua cabeça erguida. “Importa para mim”.

“Eu não sabia mais o que dizer”. Liv parou em frente à Casa dos Sete. Na verdade, ela tinha chegado bem cedo por uma vez, já que não tinha se encontrado com Rory e John a havia dispensado quando escureceu demais para ver. Mesmo assim, eles tinham trocado a bateria e Liv tinha consertado o rádio, que John pensava que estava queimado. Sem magia, provavelmente estaria. Ela ainda não sabia exatamente como sua magia funcionava, mas com seu foco afinado, ela tinha conseguido consertar muitas coisas na loja naquele dia.

Uma vez atravessado o longo corredor, Liv passou pela grande porta. Ela havia prometido a Sophia que iria visitar e não queria decepcionar a menina. Entretanto, quando ela estava do outro lado da porta grande, Liv não sabia para onde ir a seguir. Ela não tinha aprendido qual porta levava aos aposentos dos Beaufonts. Ela poderia tentar um feitiço de localização, mas não sabia como os usar. Consertar as coisas com magia era fácil, Platão raciocinou, porque ela já sabia como consertar as coisas. Mas fazer coisas com magia que não se sabia como fazer era diferente, ele explicou.

No átrio para a longa escadaria, Liv congelou. Olhando para as escadas que subiam sete pisos, ela se encheu de emoções que não se permitia sentir há muito tempo.

“Você está perdida?” uma voz lhe disse em suas costas.

Liv se sacudiu e se virou para encontrar Stefan Ludwig de pé a apenas alguns metros de distância. Ela não o tinha ouvido se aproximar. Dando um passo para trás, ela encontrou a parede.

“Eu estava procurando pelos aposentos dos Beaufonts”.

Suas sobrancelhas pretas tricotadas ficaram tensas. “Desculpe minha intromissão, mas você já não deveria saber onde são?”

Liv deixou sair um fôlego quente através de suas narinas. “Eu não vivo aqui”.

“Oh, bem, isso explica porque nunca te vi por perto”. Ele estendeu sua mão. “Eu sou Stefan, um dos Guerreiros que você praticamente condenou por seguir a lei cegamente ontem”.

Ela não pegou a mão dele. “Eu não me arrependo de nada”.

Ele riu facilmente. “Eu nunca teria esperado que Liv Beaufont pedisse desculpas, então não se preocupe”. Ele a olhou de relance. “Você já tem uma reputação e tanto, sabe?”

Ela acenou com a cabeça, olhando para seu manto, que estava limpo. “Você já matou algum mágico hoje?”

Novamente ele riu, desta vez mais alto. “Eu não, mas ainda é cedo”.

Liv estreitou os olhos para ele, abanando a cabeça.

“O que você assassinou?”, disse ele, apontando para ela.

Ela olhou para baixo e suspirou. Suas calças jeans e camiseta estavam cobertas de óleo do jipe. Liv fechou seu casaco, mas isso não cobriu todas as manchas. “É de um jipe, que por sinal, eu não assassinei. Estou trabalhando para o salvar, pois não fez nada de errado, mas você percebe nada sobre isso”.

A expressão de Stefan mudou para um leve desprezo. “Sabe, não somos todos maus”.

“Sabe, se não são todos maus, não precisam dizer isso às pessoas. Elas simplesmente percebem isso”.

Stefan deu um passo à frente, invadindo o espaço dela. “Sangue de ovelha”.

Liv estreitou os olhos. “O quê?”

“Esse foi o sangue no meu manto ontem à noite”.

Ela andou ao redor dele, tentando se distanciar um pouco. “Isso é horrível”. Você foi abater ovelhas depois de assassinar mágicos? Você é doente”.

Ele riu tão abruptamente que fez Liv congelar.

“Eu não matei as ovelhas ou os mágicos”.

Liv ficou momentaneamente sem palavras. Isso não fazia nenhum sentido, mas o seu olhar fixo lhe dizia que ele não estava mentindo - ou então ela queria acreditar.

“Stef...” uma voz chamou por trás dela

Ele olhou por cima do ombro de Liv e sorriu.

Liv girou para encontrar Raina Ludwig de pé na entrada.

A expressão da mulher mudou para uma amigável quando viu Liv. Raina estava vestindo um longo vestido em tons vermelhos e azuis. Em suas ancas e ombros, o exibia elegantes flores. Seus caracóis pretos fluíam em cascata sobre seus ombros. “Oh, você veio para jantar. Isso é maravilhoso. Vou dizer a eles para prepararem um lugar extra para você”.

Liv sacudiu a cabeça rapidamente. “Não, na verdade não vim. Eu já comi, mas obrigada. Estou aqui para ver minha irmã”.

Raina sorriu mais amplamente. “Oh, Sophia é minha favorita. Ela é a criança mais brilhante que eu já conheci”. Ela caminhou e estendeu a Liv sua mão. “Eu sou Raina. Deveríamos nos apresentar formalmente, acho eu”.

Liv estendeu a mão, oferecendo um leve sorriso. “Prazer em a conhecer.”.

Raina se inclinou mais para perto, o que não causou a Liv a mesma ansiedade que seu irmão lhe tinha causado. “Eu gostei da maneira como você lidou com o troll. Fez sentido para mim. Só lamento que você tenha tido que voltar e se desfazer dele”.

O rosto de Liv quase a denunciou. Ela apertou a mão de Raina, a sacudindo com mais força. “Sim, que pena que eu tive que matar aquela besta, mas meu freezer está cheio de carne de troll que me durará eternamente”.

Raina piscou o olho para ela, puxando sua mão. “Sua irmã está levando o jantar em seus aposentos, como sempre. É a porta marcada com o brasão de sua família. Posso te mostrar?”

Liv de repente se sentiu burra por não se ter lembrado do brasão da família. Claro, foi assim que os aposentos foram marcados. “Não, eu estou

bem. Eu não quero te impedir de jantar”.

Raina acenou com a cabeça. “Prazer em te conhecer, Liv. Estou ansiosa para te ver mais”.

Liv não sabia como responder a este comentário aparentemente genuíno, então ela simplesmente acenou para Raina e seu irmão e subiu as escadas.

* * *

Sophia quase se lançou em Liv quando ela abriu a porta. Então, vendo as grossas marcas de óleo em suas roupas, ela fez uma pausa. “Em que você está coberta?”, perguntou a menina.

Ela estava usando um vestido de suéter rosa e prata com cinto e leggings que a faziam parecer mais velha do que ela era. Liv se lembrou de quando puxava as golas apertadas dos vestidos que sua mãe lhe fazia usar e reclamar de como o couro patenteado Mary Janes machucava seus pés. Ela olhou para seus sapatos Converse e sorriu com prazer de como ela se sentia confortável.

“É óleo”, respondeu Liv.

“Que tipo de feitiço exige óleo?”

“Mecânica”.

Sophia olhou com um ar curioso. “Ainda não ouvi falar deste ramo da magia”.

“E você provavelmente não vai ouvir”, disse Liv, espreitando ao redor de Sophia. “Ei, o Clark está aqui?”

Sophia balançou a cabeça. “Não, ele gosta de beber com os velhos enrugados”.

A expressão confusa no rosto de Liv disse a Sophia que ela havia entendido mal.

“Oh, quero dizer Adler e seu irmão e Bianca e Emilio, que não são velhos, mas agem como tal”, explicou Sophia. “E Haro e Akio estão lá em parte do tempo”.

“Eles comem na sala de jantar lá em baixo?” perguntou Liv.

“Não, eles se encontram nos aposentos particulares da Adler”. Sophia piscou seus lindos olhos azuis. “Eles são bons demais para o resto de nós”.

“E você come aqui em cima sozinha?” perguntou Liv.

Sophia olhou para os dois lados do corredor e acenou sorratamente para Liv. “Eu não estou sozinha”.

Quando passou pela porta, Liv congelou. Ali, sentados em um círculo sobre o tapete, havia uma dúzia de animais de pelúcia. Na frente deles estavam pratos e xícaras de chá. “Você está jantando com seus amigos?”

Sophia bateu palmas. “Tudo bem, pessoal. Ela é legal”.

Todos os animais ressuscitaram, pegando suas xícaras de chá e conversando uns com os outros ou passeando pela sala.

“Ummm, você encantou seus animais de pelúcia para ter festas com você?”

“Eu simplesmente ativei o lado deles que estava adormecido. Mas eu não devo fazer tais coisas, e ninguém além de Clark, e agora você, sabem que eu tenho magia forte o suficiente para fazer este tipo de coisa. Eu não deveria ser capaz até os doze anos, quando minha magia estiver registrada”.

“Então os Conselheiros não têm registro de sua magia, têm?”

Sophia acenou com a cabeça.

Liv olhou para suas roupas manchadas. “Bem, você pode me ajudar para que eu não pareça um mecânico? Clark vai me olhar a noite toda com ar de julgamento”.

“Claro”, disse Sophia. “Você ainda não sabe como fazer isso?”

Liv sacudiu a cabeça. “Não, eu realmente não fui muito ensinada. Quando eu tinha sua idade, não mexia na minha magia”.

“Porquê?” perguntou Sophia.

Liv assistiu como uma girafa de brinquedo enfiava seu rosto em uma xícara de chá, quase ficando presa em seu nariz. “Eu não confiava nela. Eu tinha visto a magia fazer muitas coisas ruins. Eu tinha ouvido as coisas de que mamãe e papai falavam”. Liv paralisou, com medo de ter dito algo errado.

“Você não precisa se preocupar com isso”, disse Sophia, de repente parecendo muito madura. “Pensar neles não me deixa triste. Não tão triste quanto te entristeceria”.

Liv não sabia o que dizer, então viu um ursinho de pelúcia derramando chá em sua frente e depois limpando com um guardanapo. Algo na parede distante chamou sua atenção. Um conjunto de palavras que ela já não via há muito tempo gravadas na parede, eram as palavras que seus pais diziam com frequência: *Familia Est Sempiternum*

A família é para sempre.

Liv tossiu para soltar a tensão em sua garganta.

“Aposto que sua educação foi diferente da minha”, prosseguiu Sophia, sentindo o súbito crescimento de emoções em sua irmã mais velha. “Clark disse que mamãe e papai não forçavam as coisas consigo”. Ele disse que você as alcançaria por conta própria, e que seria melhor assim”.

Liv acenou com a cabeça. “Sim, isso é verdade”.

“Tive que ir à escola da Casa a maior parte da minha vida, e é meio rigoroso”, explicou Sophia.

“Mas você é boa com sua magia”, salientou Liv, olhando ao redor da sala cheia de criaturas de pelúcia animadas. Então, algo lhe ocorreu. “Mas por que você não se junta aos outros para jantar?”

“Eu às vezes junto”, explicou Sophia. “Mas estou com pessoas o dia todo, por isso é bom estar apenas com meus amigos”.

Liv queria abraçar a garotinha. Em vez disso, ela apontou para Platão, que se havia aparecido em algum momento. “É mais ou menos o que eu sinto por ele, mas não lhe diga que eu disse isso ou nunca mais se calará”.

Sophia encostou a mão na boca e sussurrou: “Acho que ele pode te ouvir”.

Liv a copiou. “Ele sempre pode me ouvir. É por isso que eu digo metade das coisas que faço”.

Platão aproximou-se dos animais de pelúcia, os seus olhos dançavam de um para o outro enquanto desfilavam ao seu redor.

“Então, você acha que pode limpar minha roupa?” Liv perguntou à irmã, olhando para suas roupas engorduradas.

“Eu posso arranjar uma melhor”. Sophia apontou para sua irmã, e um momento depois Liv sentiu uma contração por todo o corpo. Ela olhou para baixo, certa de estar sendo estrangulada na cintura.

“O que você fez comigo?” perguntou Liv, olhando de relance o vestido que usava. O corpete estava justo e forrado com fitas, e havia botões nas costas. O espartilho dificultava a respiração e ela não precisava se mover para saber que o pesado trem atrás dela dificultaria a caminhada.

“Fica bonito em você”, Sophia disse.

“Eu sou uma Guerreira, e preciso parecer uma”.

Sophia pensou por um momento e depois acenou com a cabeça. Um momento depois, Liv se viu usando um fato preto, como algo que um ninja vestiria.

“Ummm...não!”

“Ótimo”, disse Sophia, pensando novamente. “Que tal isto?”

Liv sentiu algo em volta dela, mas não tão apertado como antes. Quando a transformação terminou, ela estava usando calças e top de couro preto e um casaco com vários zíperes e compartimentos e um capuz.

“Eu não odeio isto”, disse Liv, admirando como o fato a fazia parecer furtiva.

“Isso faz você parecer dura”, respondeu Sophia.

Liv piscou o olho para ela. “Eu sou dura. Mas na verdade, eu só estava pedindo para você limpar minhas roupas velhas”.

Sophia acenou com a cabeça e devolveu o piscar do olho. Um segundo depois a roupa da Liv se materializou na mão da Sophia, dobrada e limpa. Ela as passou para Liv. “Aqui estão, agora você as tem para mais tarde, quando voltar a fazer aquela coisa mecânica”.

Liv riu. Definitivamente, ela ia encontrar tempo para passar com esta garotinha. Havia poucas coisas que renovavam seu espírito, mas Sophia Beaufont era uma delas.

Capítulo 24

Liv esperava receber olhares curiosos quando entrou na Câmara da Árvore. O que ela não esperava era encontrar um pequeno dragão voando através da sala. Era vermelho, com escamas iridescentes que apanhavam as luzes em cima que indicavam os mágicos registrados.

O corvo observava do chão enquanto o dragão subia e descia, gritando. Liv fez uma careta ao som horrível, mas tentou o ignorar enquanto ocupava seu lugar ao lado de Stefan. Decar ainda estava fora, assim como Emilio e Akio. Liv pensou que alguns casos demoraram mais do que outros, o que manteve os Guerreiros afastados.

Stefan a olhou com surpresa quando ela deslisou para o lado dele. Ele provavelmente esperava que ela ainda estivesse coberta de óleo.

Quando Liv cruzou o olhar com Clark, ele também pareceu aturdido, mas agradavelmente. Ele colocou o polegar para cima. Se ele soubesse que Sophia era responsável pelo guardarroupa dela, talvez não tivesse ficado tão satisfeito. Isso fez com que Liv se perguntasse onde Sophia conseguiu as roupas. Elas tinham que ter vindo de algum lugar.

O pequeno dragão mergulhou, indo direto para a cabeça de Adler. Liv esperava que colidisse com seu rosto, mas se nivelou e pousou ao lado do mágico. Adler levantou sua mão e o dragão esfregou sua cabeça contra ela como um gato querendo atenção. O dragão então se enrolou ao seu lado, com seus olhos estreitos sobre os Guerreiros.

Não sabia que era dia de trazer seu animal de estimação para o trabalho ou eu teria... Não importa, pensou Liv.

“Trudy e Stefan”, começou Lorenzo, lendo de seu tablet. “Vocês tiveram um sucesso moderado em reunir mágicos não registrados, somando um total de doze no último dia. Mas houve algumas baixas”.

Stefan limpou sua garganta. “Era inevitável, senhor”.

Lorenzo acenou a ele. “Os não registrados tendem a ser os menos sofisticados entre nós”.

“Senhor”, começou Trudy. Liv não a tinha ouvido falar antes e sua voz

era mais aguda do que ela esperava, já que tinha ombros largos e características masculinas. Ela tinha o mesmo cabelo curto e espetado que sua irmã Hester, embora o dela ainda fosse loiro, enquanto que Hester tinha ficado completamente grisalha. Ainda assim, Hester tinha uma feminilidade que a fazia parecer meiga e Trudy parecia dura.

“Sim?” perguntou Lorenzo, olhando ao longo do seu nariz comprido para a mulher.

“Vamos continuar a reunir estes mágicos não registrados?”

Lorenzo pareceu distraído por um momento, tocando em seu aparelho.

“Os Conselheiros acham que esse é o melhor uso para suas habilidades e das de Stefan por enquanto”, afirmou Adler. “Vocês dois têm o melhor histórico, e parecem trabalhar bem juntos”.

“Eu entendo isso, senhor”, começou Trudy. “Eu só estava pensando se poderíamos ser designados para algo diferente por um tempo”.

Adler bufou, fazendo o dragão mexer. “Não limpamos os não registrados há algum tempo. Isto é necessário”.

Trudy acenou com a cabeça. “Muito bem, senhor. Muito bem, senhor. Estou feliz por continuar”.

“E se esses rebeldes lhe derem muitos problemas, se sinta à vontade para parar de lhes oferecer a chance de se registrarem e simplesmente se livre deles”, acrescentou Adler.

“Espere, não estamos nem dando aos mágicos a chance de se renderem?” Liv perguntou fora de vez, como de costume. “Estamos atirando primeiro e fazendo perguntas depois?”

Adler não tentou esconder seu incômodo. “Nós somos mágicos, Sra. Beaufont. Não atiramos nas pessoas nem em nada do gênero. E todos os mágicos são avisados da repercussão se eles não registrarem sua magia ao amadurecerem. A ignorância não é uma desculpa para a delinquência”.

“Um aviso ainda parece ser o primeiro rumo de ação”, argumentou Liv. Ela estava prestes a dizer mais, mas ela sabia que era inútil. O rosto de Clark havia desabrochado em um embaraçoso tom de rosa.

“Você quer nos dizer como você lidou com o troll?” Adler perguntou.

“Eu o matei”, disse Liv, fazendo Clark fechar os olhos de aflição.

Adler suspirou. “Como você fez isso?”

“Bem”, disse Liv, desenhando a palavra, “primeiro usei um feitiço para amarrar seus braços e pés. Uma vez que o canalha estava de costas, usei um

encantamento de asfixia, mas ele ficou irritado naquele momento, rolando e derrubando pedras do teto da caverna”.

Liv sabia que os Conselheiros teriam um registro dela usando esses feitiços desde que Rory e ela os haviam praticado na noite anterior. Eles simplesmente não sabiam que ela não os havia executado em um troll.

“Você estava em uma caverna?” Hester perguntou intrigada.

“Ah, sim”, respondeu Liv. “O bruto tinha feito um belo lar para si mesmo. E ele era implacável, a se libertar de seus bloqueios...”

“Veja, eu lhe disse que ela não estava pronta para feitiços de combate”, Bianca sussurrou alto na direção de Haro, à sua esquerda.

Liv fez contagem decrescente de dez antes de continuar seu discurso ensaiado. “Estavam chovendo pedras do teto, mas eu não estava sem opções...”

“Como você matou o troll?” Adler interrompeu.

Ele não era um homem paciente, observou Liv.

“Eu o matei com uma maldição de paralisia, seguida de um tiro de trauma”, disse Liv.

“Você sabe como fazer um tiro de trauma?” perguntou Haro.

“Sei”, disse Liv.

Haro olhou do banco, acenando com a cabeça. “Essa é a maneira certa de derrubar um troll”.

“Como você se desfez dele?” Adler perguntou.

Liv pestanejou. “Eu acabei de lhe dizer”.

“Não, Guerreira, quero dizer, o que você fez com o corpo dele? Você não o deixou para trás para os mortais encontrarem, deixou?”

Liv engoliu em seco. “Claro que não. Eu o queimei”.

Assim, quando os Conselheiros disseram “livrar de”, eles realmente queriam apagar todas as provas de uma criatura ou pessoa mágica, Liv percebeu.

“Muito bem”, disse Adler sem inflexões. “Temos outro caso para você que acreditamos ser o certo para suas novas capacidades”.

Liv reparou na mudança do comportamento de Clark. Ele baixou a cabeça, suas orelhas ficaram vermelhas.

Lorenzo começou a ler. “Recentemente, tomamos conhecimento de algum tipo de criaturas que aparentemente estão sugando energia no subsolo de Los Angeles”.

“Espere, LA tem subterrâneos?” perguntou Liv.

Lorenzo acenou com a cabeça. “Sim, aparentemente, se pensava que a maioria dos túneis estavam fechados e os túneis abertos costumavam viajar entre os edifícios governamentais. No entanto, aprendemos que há extensas redes que estão operando. Mais investigação precisa acontecer, mas uma vez localizados os seres responsáveis por sugar energia, precisamos de...”

“Nos livrar”, disse Liv, terminando sua frase.

“Exatamente”, declarou Lorenzo. “Tem havido inúmeros relatos de incômodos, portanto não temos certeza exatamente do que está acontecendo. É provavelmente um caso de térmitas encantadas ou algo que sobrou de quando os trolls viviam naqueles túneis”.

“Então é uma missão de controle de pragas?” perguntou Liv.

Lorenzo olhou de lado para os outros Conselheiros.

“É uma tarefa de Guerreiro”, corrigiu Adler. “Você tem algum problema?”

Liv ignorou o olhar no rosto de Clark e simplesmente balançou a cabeça. “Não. Soa como um desafio divertido. Eu vou embora”.

Ela se movimentou e trotou, não precisando ser formalmente dispensada como antes. Ela sentiu os olhos dos Conselheiros de costas enquanto se dirigia para o Muro de Reflexão. Quando ela estava quase atravessando a porta, ela ouviu o bater de asas do estranho dragão. Só então ela se perguntou onde estava o tigre branco naquele dia.

Capítulo 25

Durante mais de três horas, Liv tentou localizar uma entrada para o subsolo de Los Angeles. Em vez disso, ela encontrou principalmente túneis limpos e elegantes que conduziam entre os edifícios do governo. Embora fossem assustadores e escuros, não havia absolutamente nenhum sinal de qualquer criatura estranha tentando sugar energia. Estes túneis não eram como os que ela tinha ouvido falar em Portland, Oregon, que eram conhecidos por abrigar contrabandistas antigamente. Estes tinham sido usados durante a Proibição, mas mesmo assim, pareciam inofensivos.

Quando ela havia escapado a um segurança pela décima vez, Liv decidiu que era hora de desistir por essa noite. Ela tinha trabalho no dia seguinte, e se ela aparecesse na casa de Rory exausta novamente, ele deixaria de a treinar.

Pela manhã, ela ficou surpreendida ao descobrir que Platão havia saído mais cedo. Ela viu a roupa preta de que Sophia tinha tratado com carinho enquanto vestia um par limpo de jeans e sua camisola favorita.

Ela parou na Padaria Village, que deveria ser conhecida por encher o ar com o convidativo cheiro de pão fresco. Por causa desse cheiro, ela gastou o último dinheiro de seu salário em um croissant de presunto e queijo com queijo extra e um batido proteico. Liv nunca tinha gastado seu salário tão rápido, mas acompanhar sua fome estava saindo caro. Se ela vivesse na Casa dos Sete, não seria grande coisa já que suas refeições seriam fornecidas, mas então ela teria que suportar mágicos irritantes.

Quando ela mordeu o croissant ainda quente, ela sorriu interiormente. A liberdade e a independência valiam mais para ela do que qualquer outra coisa. Ela podia não estar nadando em dinheiro, mas ela tinha uma vida que tinha construído. Isso era mais importante para ela.

Uma vez instalada em seu lugar habitual na loja, Liv olhou em volta sem objetivo. Não havia nada para fazer por uma vez. Ela havia usado sua magia para reparar tudo ontem à noite antes de sair, quando John tinha ido mais cedo para preparar as peças para reparar o jipe. Como não tinha entrado

nenhum aparelho novo, Liv teve seu primeiro momento de descanso em algum tempo. Ela se inclinou para trás em sua cadeira, aproveitando a paz e o sossego por uma vez quando algo a cutucou nas costas.

Se inclinando para frente, ela verificou que foi sua bolsa. Ela procurou a fonte de seu desconforto e puxou o livro que Rory lhe emprestara, *Criaturas Misteriosas*. Encostando sua cabeça ao volume, ela fingiu dormir.

“Ler enquanto durmo”, disse ela, abanando a cabeça. “Sim, certo. Até lá, terei que fazer da maneira antiga”.

Liv abriu o livro empoeirado e ficou impressionada com as obras de arte que preenchiam as primeiras páginas. Havia um mapa de um mundo que a autora, Bermuda Laurens, havia intitulado o “Planeta Original”. Os continentes se pareciam com os da Terra, só que tinham formas ligeiramente diferentes. Havia também superfícies extra de terra que Liv não se lembrava de ver no globo normal.

Liv continuou a virar as páginas e encontrou algo que lhe pareceu estranho, que foi a página de dedicatória. Ela dizia: “Dedicada aos Sete, pois o vosso mistério eu não posso desvendar, por mais que eu tente”.

Liv olhou para o anel em seu dedo. O maior diamante se iluminou.

“Já somos duas, Bermuda”, disse Liv em voz alta.

Liv não tinha tido muito tempo para pensar sobre a pista que Ian havia deixado. Ela havia tentado dizer a si mesma que ele estava apenas passando uma herança de família, mas se fosse assim, ele não teria pedido a Sophia que a desse em segredo. Ela não sabia que tipo de pessoa Ian havia se tornado, mas ela se lembrou que ele não fazia nada sem uma boa razão. Por isso ela tinha tido o cuidado de esconder o anel em seu bolso na Casa dos Sete. Ela queria desesperadamente perguntar a Clark sobre isso, pensando que ele poderia saber algo, mas ela não tinha certeza de que ele não contaria a Adler ou a outra pessoa.

Não, se Ian tivesse pedido a Sophia para manter segredo, ele não queria que ninguém mais soubesse disso.

“O que você estava tentando me dizer?” perguntou Liv em voz alta.

Liv folheou o grosso livro, que estava cheio de belos desenhos de diferentes criaturas. Tudo desde horvendi, uma pequena e fiel raça de fadas, até sacros, uma espécie de anões que raramente era vista.

Liv tinha crescido ao redor de muitas criaturas mágicas diferentes, mas nada como estas. Honestamente, as que ela conhecia eram mais como

animais de estimação. Ela só conheceu elfos ou fadas em algumas ocasiões e nunca pareceu que houvesse interações agradáveis entre eles e os mágicos. Depois de uma dessas situações, tudo tinha ficado fora de controle na Casa dos Sete, e todas as crianças foram proibidas de interagir com qualquer daquelas criaturas mágicas a partir daquele momento. Tinha sido uma guerra silenciosa, Liv tinha percebido mais tarde.

Ela virou a página e achou surpreendente a introdução ao próximo capítulo. *Todos nós somos criaturas. Entretanto, há uma espécie entre nós que se vê a si mesma como civilizada e considera o resto de nós como animais mágicos.*

Não foi difícil descobrir a quem Bermuda estava se referindo. Na verdade, grande parte do livro parecia ser um comentário sobre os mágicos e como eles se mantinham separados do resto. Liv não precisava se perguntar se Bermuda era tida em alta estima entre a Casa dos Sete. Há muito tempo eles vinham tentando regular a magia dos gigantes.

Várias páginas mais adiante, Liv parou em uma imagem que ela reconheceu. Sob ela o título lido, *é assim que o lince mágico aparece para a maioria, embora esta não seja sua verdadeira forma.* A imagem mostrava um gato doméstico comum, mas a ponta de sua cauda era branca, assim como a parte superior de suas orelhas, assim como Platão.

Liv continuou a ler.

Os lincos são conhecidos há séculos por serem os grandes guardadores de segredos. De quem são os segredos que eles guardam, talvez nunca saibamos. Eles podem tomar a forma de um leão, um tigre, um lince ou um leão da montanha, mas são vistos com mais frequência em sua forma mais enganosa: o gato caseiro domesticado. Eles são mestres em se esconder e podem desaparecer à vontade. A maioria acredita que eles possuem mais conhecimento do que eles deixam transparecer, e eles tendem a ser muito seletivos com quem compartilham informações. Por causa disso, eles são frequentemente vistos como não confiáveis. Além disso, os lincos podem ter a capacidade de ver através de objetos, e é por isso que muitas vezes estão associados a verdades ocultas. Entretanto, aqueles que fazem amizade com um lince devem ser advertidos: eles não são propensos a um comportamento amigável. Portanto, se eles conhecem alguém e não partem como são propensos a fazer, já que são nômadas naturais, você é parte de um segredo que eles estão tentando esconder.

Liv olhou para cima de repente, se sentindo vigiada. “Platão, você está aí?”

O silêncio seguiu sua pergunta. Se sentindo consciente, Liv olhou em volta. Será que ela fazia parte de um segredo que Platão escondia? E se sim, o que ela não sabia? Tinha chegado, aparentemente do nada, no dia em que ela havia deixado a Casa dos Sete. Ela nunca havia perguntado sobre sua presença e ele não havia saído do lado dela desde então, mas agora sentia necessidade de questionar seu propósito na vida dela. E ainda assim, ela se preocupava que quanto mais ela o fizesse, mais provável era que ela o perdesse. Esse pensamento foi seguido por um sentimento de afundamento.

Encerrando o livro, Liv olhou ao redor da loja organizada. Poderia haver muita coisa que ela não sabia sobre Platão, mas neste ponto, ela não tinha certeza se era necessário descobrir algo novo.

* * *

Liv começou a se preocupar quando seu turno acabou na John’s Repair Shop e ela ainda não tinha visto Platão. Era possível que ele estivesse ferido? Talvez ele soubesse que ela tinha lido sobre sua raça no livro e isso tinha quebrado algum tipo de acordo silencioso entre eles. Ela não conseguia descobrir, e não havia como o localizar. Ela sabia instintivamente que, se Platão quisesse ser encontrado, ele o seria. Caso contrário, era uma causa perdida.

Desanimada, mas decidida a aproveitar ao máximo o dia, Liv apareceu na cabana do Rory bem na hora certa. Seu estômago resmungou quando ela subiu no alpendre raquítico. Ela nem tinha ido a casa para comer, porque, na verdade, não havia nada em sua despensa ou geladeira. Ela só iria ser paga daqui a dois dias, e embora ela pudesse pedir a John um adiantamento, isso não ia acontecer. Ele se preocuparia com ela e tentaria lhe dar um aumento de salário que ela não merecia. Não, Liv teria apenas que se contentar. Ela jantaria na Casa dos Sete se fosse preciso, ou talvez Rory a ensinasse como fazer aparecer sua própria comida, embora ela duvidasse disso. Ela sabia desde sua infância que criar comida era um feitiço complexo porque a comida era um dos Três Requisitos da Vida.

“Alimentos/água, ar e sono são os feitiços mais complicados de se lançar”, lhe disse certa vez seu pai. “Fazer aparecer comida ou tirar ar ou

colocar alguém a dormir é extremamente difícil”. Os mágicos são fortes e vivem por séculos, mas somos suscetíveis à morte se nossas necessidades básicas não forem atendidas”.

A porta estava aberta quando Liv chegou à casa de Rory, e um aroma denso e saboroso flutuava da cozinha quando ela entrou, como se estivesse lá para a tentar.

“Ei?” Liv chamou.

“Estou aqui atrás”, respondeu Rory, espreitando na esquina com algo rendado pendurado em seu pescoço.

Curiosa, Liv caminhou para a cozinha, com o nariz a guiando. “O que você está fazendo?”

“Tortas”, respondeu Rory, grunhindo quando uma panela bateu contra o forno.

Liv veio à esquina para encontrar algo que ela não esperava. Fileiras sobre fileiras de tortas dispostas em prateleiras de resfriamento empilhadas até o teto. O vapor subia do topo das tortas, enviando vários cheiros em espiral pelo ar.

Rory estava em frente ao forno, puxando uma grande torta usando luvas de forno com flores. Ele girava, com a sobrelha suada enquanto sentia o cheiro da crosta. Pendurado no pescoço e amarrado em volta da cintura, estava um avental de renda decorado com pássaros e ninhos.

Ele colocou a grande torta na prateleira inferior enquanto Liv olhava para as dezenas de outras espalhadas pela sala.

“Ummm, vamos começar com a pergunta óbvia”, começou Liv. “O que você está fazendo?”

Rory contou as tortas. “Estou fazendo tortas”.

“Porquê?” perguntou Liv.

“Para comer”, declarou Rory simplesmente, continuando a contar.

“Este é, tipo, seu jantar desta noite?”

Rory balançou a cabeça. “Eu não conseguia comer tudo isso de uma só vez”.

Liv deu uma palmadinha no estômago. Ela sentiu que estava pronta para esse desafio.

Rory se virou para a encarar. “Além disso, sou intolerante ao glúten. Me dá uma irritação terrível, e irrita meu estômago por dias”.

“Então, para quem são todas essas tortas?”

“Amigos”, respondeu Rory, desatando o avental e o pendurando em um gancho na parede.

“E mais uma vez, alguém já lhe disse que você os lembra de sua avó, com suas estampas florais e sua cozinha vintage?”

Rory olhou à volta da cozinha, que foi decorada com verdes hortelã e rosas suaves. Ele encolheu os ombros. “Guardei alguns dos efeitos de minha avó, mas acho que este lugar tem um bom equilíbrio de masculinidade e feminilidade”.

Liv realmente não se importou em argumentar esse ponto. “Então estes amigos... Sou considerada um deles?”

“É essa sua maneira de pedir uma fatia de torta?” perguntou Rory.

Liv acenou com a cabeça, salivando do cheiro insuportavelmente bom.

“Qual você gostaria?” Rory apontou para a primeira fila de tortas. “Temos torta de frango, torta de carne, canela de maçã, crocante de mirtilo, baunilha de pêsego, marmelada de cereja e ruibarbo de morango”.

Liv ficou atordoada com as opções. Sua boca ficou aberta enquanto seu desejo procurava explodir.

“Não há tempo para torta”, disse Platão da entrada da cozinha. “Temos trabalho a fazer”.

Capítulo 26

Platão, onde você esteve?” perguntou Liv, olhando para o gato.

“Encontrei a rede de túneis”, respondeu ele.

“Você esteve fora procurando por eles todo esse tempo?” Liv questionou.

Rory olhou para Liv e Platão, a confusão crescia em seu rosto.

“Não fazia sentido que os túneis emitissem leituras de uma criatura mágica tipo sanguessuga, mas que não pudéssemos encontrar provas disso”, declarou Platão. “Então eu investiguei até encontrar o que estava faltando. Ou melhor, onde”.

“Você vai me dizer ou terei que adivinhar?” perguntou Liv.

Platão acenou na direção da porta da frente. “Eu lhe mostrarei”.

Rory cortou a maior das tortas e tirou uma fatia fumegante, a deslizando para um prato decorativo. Ele o entregou a Liv, mas olhou diretamente para Platão.

“Ela precisa comer, ou não será boa para nenhum de nós”, disse ele. “Primeiro a torta de frango, depois o que quiser”.

Platão suspirou impaciente e desapareceu na sala de estar.

“Quer me dizer o que está acontecendo?” Rory perguntou a Liv enquanto ela enfiava a torta fumegante em sua boca, queimando a língua.

Liv explicou o caso que lhe havia sido atribuído e entregou a Rory seu código digital com as notas.

“Então você foi a este local no subsolo e não encontrou nada?” Rory perguntou, lendo o dispositivo.

“Nada fora do comum, mas parece que Platão encontrou uma nova pista”.

Rory olhou com um ar cético. “Primeiramente, não é comum um lince ser tão útil”.

“Platão é diferente”, disse Liv, comendo o último pedaço de sua torta e tomando o copo de água fria que Rory lhe ofereceu na hora certa.

“E em segundo lugar, ele está falando muito ultimamente”, continuou Rory.

“Platão é diferente”, repetiu Liv.

“É isso mesmo”, disse Rory em um sussurro. “Os lincos nunca são diferentes. Você leu sobre ele no livro que eu lhe dei? Eles são enganadores e egoístas. Se ele está te ajudando, bem...”

“Você acha que eu faço parte de um segredo que ele está escondendo?”

Rory a observou com incerteza por um momento e depois acenou com a cabeça. “Isso faz o maior sentido, mas nunca é tão simples. Vou apenas advertir para não confiar na criatura”.

Liv terminou o copo de água, finalmente cheia após a refeição saudável. “Não há mais ninguém vivo em quem eu confie”.

Rory balançou a cabeça. “Oh, você é uma humana idiota, mas eu vou deixar passar”. Rory passou a mão na fila de tortas, e elas foram imediatamente embaladas em caixas de papelão branco amarradas com fitas.

“Quem são os amigos a quem você está dando essas?” perguntou Liv.

Rory a ignorou. “O que eu não entendo é, se a Casa dos Sete recebeu relatos de sanguessugas, porque eles não têm uma leitura melhor sobre onde estava acontecendo ou quem está fazendo isso”.

“Não é meu trabalho detetar isso?”

“Ainda assim, o relatório tinha que vir de algum lugar. Há algo acerca disso que não me soa bem», disse Rory, coçando seu queixo largo.

“Bem, por que você não vem comigo e vê o que pensa, se tem tais suspeitas”, convidou Liv.

Rory olhou atordoado. “Você, uma Guerreira da Casa dos Sete, quer me levar em um de seus ilustres casos?”

“Fui designada para o que parece ser um caso falso no subsolo cheio de esgoto de LA”, declarou Liv. “Não sei quão ilustre este será”.

Rory hesitou por um momento, olhando Liv.

“Ei, você me deve uma lição”. Ela pegou um grande casaco de couro pendurado numa cadeira da sala de jantar e quase dobrou seu peso pela peça de vestuário superdimensionada. “Eu preciso que você me ensine mais alguns feitiços de combate”. Ela tentou jogar o casaco na direção de Rory, mas não conseguiu o alcançar, pousando a seus pés.

Ele dirigiu sua mão para o casaco, o fazendo flutuar acima do chão antes que ele voasse até sua mão estendida. “Se você quer aprender a fazer um tiro de trauma, é melhor ficar muito mais forte”.

“Oh cara, você não vai me fazer cavar outro buraco, vai?”

“Não”, disse Rory, caminhando em direção à porta. “Não tenho o dia todo para ficar sentado”.

* * *

Liv seguiu Platão enquanto indicava o caminho através dos túneis que ela havia passado horas investigando no dia anterior. Ela não precisava ler mentes para saber que ele estava tudo menos entusiasmado com o gigante que os acompanhava. Sim, Rory desconfiava de Platão, mas ele também era uma fonte de informação sobre outras criaturas mágicas, e Liv devia usar toda a ajuda que pudesse obter para resolver este caso.

Platão parou abruptamente e Liv foi contra ele, depois Rory bateu nas costas dela. Olhando para Rory com puro desdém, Platão disse: “Veja por onde anda”.

O gigante só balançou a cabeça, não parecendo ofendido.

“Foi o que encontrei antes”, explicou Platão, indicando uma parede sólida.

“Uau, uma parede de cimento por que passamos um bilião de vezes ontem à noite”, exclamou Liv com chacota em sua voz.

“Tem um glamour”, disse Rory, caminhando diretamente até a parede e colocando a mão na superfície.

“Sim, imaginei que você pudesse ver através dela, gigante”, disse Platão secamente.

Liv olhou para o gato e Rory. “Alguém quer me dizer o que está acontecendo?”

“Os gigantes não podem ser enganados pelo glamour ou qualquer magia usada para enganar”, explicou Platão.

“Oh, então é por isso que você não faz nada em sua casa para que ela pareça menos atamancada”, disse Liv.

Rory deu a ela um olhar irritado. “E também porque é errado. Se lembre, é melhor para nós tentarmos desfrutar das coisas como elas são”.

“Sim, eu me lembro, mas não funciona para você de qualquer maneira, então é um pouco menos poético do que a primeira vez que você tentou fazer isso». Liv apontou para a parede. “Mas você consegue ver através disto? O que há do outro lado?”

“Mais túneis”, observou Rory, se abaixando para espreitar na parede.

Liv olhou para Platão. “Você acha que é aqui que estão sugando?”

Ele acenou com a cabeça. “Eu sei que sim, mas o gigante tem razão que algo está errado”. A Câmara lhe deu este caso, mas os detalhes não são suficientemente específicos. Parece que eles estão quase mandando você em uma caça ao ganso selvagem”.

“Por que eles fariam isso?” perguntou Liv. “Eu sou uma Guerreira, destinada a ajudar e proteger”.

Rory passou sua cabeça através da parede sólida, e um momento depois, ele a puxou para trás. “Você é uma dor de cabeça que eles provavelmente querem manter fora até que você esteja melhor treinada”.

“O que você viu? Alguma coisa?” perguntou Liv.

Rory balançou a cabeça. “Não tenho certeza do que vi. Vai ser preciso mais investigação”.

Liv gesticulou. “Gigantes antes da beleza”.

Rory olhou para a parede e voltou para a Liv e riu. “Não consigo caber por aquela abertura”.

“Qual é o seu tamanho?” perguntou Liv. “Suficientemente grande para Platão?”

“Sim, e você, se você se encolher bem, humana”, respondeu Rory.

“Mas onde está a abertura? Tudo o que vejo é uma parede”, disse Liv.

Platão suspirou e pulou, desaparecendo atrás da parede glamorosa.

“Viu? Basta seguir o gato”, explicou Rory.

Liv revirou seus olhos. “Oh, certo. Siga o gato”. Ela sentiu a parede até que sua mão atravessou. “Então eu simplesmente atravessei este buraco?”

O vento batia em Liv quando seu tronco caiu pelo buraco, mas suas pernas permaneceram presas do outro lado. Ela caiu de cabeça, com o rosto esmagado contra o outro lado da parede. Se empurrando para cima, ela olhou diretamente para Platão, que estava sentado no chão, na sua frente.

“Alguém poderia ter me dito as dimensões da abertura e que ela estava suspensa a dois metros do chão”, reclamou Liv.

Rory riu do outro lado do muro. “Foi mais divertido desta maneira”.

Platão riu com ele.

“Oh, agora vocês dois estão se entendendo?” perguntou Liv.

“Não, mas ver você cair pelo buraco foi muito divertido”, disse Platão.

Liv empurrou seus pés, tentando os fazer passar. “Posso ter um pouco de ajuda aqui?”

Rory agarrou seus pés e os empurrou, a obrigando a fazer uma cambalhota. “Obrigada”.

“Não há problema”, disse ele, ainda rindo.

“Então, o que... você vai esperar aí por nós?” Liv perguntou.

“Vou ficar de olho”, respondeu Rory. “Algo não está certo sobre isto, mas marque onde está este lugar no caso de você perder o lince. Você vai precisar de uma maneira de encontrar a saída”.

Liv olhou para Platão. “Eu não vou te perder, vou?”

Ele olhou, fazendo uma expressão pouco comprometida. “Sinceramente, não sei exatamente o que está aqui em baixo, mas algo me diz que ter uma opção de reserva caso você me perca é uma boa ideia”.

Liv concordou com um aceno de cabeça e apontou, fazendo um “X” aparecer na parede.

Ela então se virou, e seu hálito prendeu em sua garganta. Diante dela estava algo sobre o qual ela só lia ou via nos filmes.

Capítulo 27

Uma figura transparente cintilante flutuava, deslizando sobre o chão frio. Liv piscou os olhos, tentando perceber os detalhes. Era um homem de cabelo curto, carregando um taco de beisebol e parecendo confuso.

“Isso é um...” Liv perguntou a Platão em um sussurro.

“Um jogador de beisebol?” ele respondeu sarcasticamente.

“Ha-ha. Você sabe o que quero dizer”.

“Oh, sim, é um desses”.

“Um desses quê?” Rory perguntou do outro lado do muro.

Liv se inclinou mais para perto, tomando cuidado para não cair para o outro lado. “É um fantasma”.

“Mmmm...isso é interessante”.

“Sim, era isso que eu estava pensando”, disse Liv enquanto o fantasma desaparecia através de uma parede sólida. “E porque é isso interessante?”

Rory riu um pouco. “Bem, por causa do relatório sobre o caso. Sanguessugas e fantasmas andam de mãos dadas”.

“Exatamente o que eu imaginava”, disse Liv com confiança. “E porque sanguessugas e fantasmas andam de mãos dadas?”

Rory suspirou. “Vá ver o que mais você pode encontrar e me deixe pensar sobre isso. Algo não está certo”.

“Bem, eles não enviam Guerreiros para casos em que tudo é cor de rosa”.

“Liv? Você deveria ver isto”, chamou Platão. Ela se virou para descobrir do que ele estava falando.

Um fluxo de pó verde em espiral pelo ar ao longe. O túnel desapareceu na escuridão à frente, mas o verde se acendeu, iluminando as paredes à medida que se movia.

“O que é isso?”

Platão balançou a cabeça. “Eu não sei. Eu sou a favor de seguir estranhas luzes verdes, no entanto se for um fogo-fátuo, estamos ferrados”.

“O que é isso?”

“Foi assim que todos os grandes viajantes se perderam”, explicou Platão.

“Bem, acho que é um risco que temos que correr”, declarou Liv. “Vamos descer o túnel escuro à procura do desconhecido e de fantasmas”.

“Nós só vimos um e provavelmente não está relacionado”. Platão liderou pelo caminho, com sua cauda no ar.

Quando tinham andado vários metros, a luz dos outros túneis se evaporou, os deixando quase na escuridão.

Liv ergueu a mão, tentando lembrar o feitiço da luz. Quanto mais ela tentava lembrar, mais parecia que ele lhe escapava, como um sonho ao acordar. Então ela pensou em quando consertou aparelhos sem murmurar um encantamento, mas apenas pensando no conserto. Ela tentou pensar sobre a luz. Algo que iluminava seu caminho. Sua boca se abriu, e numa voz profunda ela cantou: “*Raaaam*”.

A vibração da palavra pareceu estranha em sua garganta, mas um momento depois uma bola de luz se materializou na sua frente, iluminando o caminho.

Ela olhou para Platão vitoriosamente. Ele estava com uma expressão curiosa. “Ei, você é capaz de ver no escuro, mas eu não consigo”.

“Não é isso”, disse Platão. “Você acabou de falar a antiga língua dos Fundadores”.

“O quê? Não, eu não fiz. Eu disse o encantamento pela luz”.

“Na língua antiga”, argumentou Platão.

“Como você sabe? Pensei que só os Sete conseguiam ler ou falar”?

“Eu a reconheci”, respondeu Platão. “Como você chegou a esse encantamento?”

“Pensei apenas em luz, e essa palavra veio à tona”. Liv hesitou, depois perguntou a Platão: “Há algum segredo que você queira me contar?”

Ele pensou por um momento. “Essa é uma pergunta muito geral, e não. Acho melhor seguirmos essa coisa verde antes que ela escape”. Ele indicou a luz verde que saltava adiante.

Liv concordou com um aceno de cabeça. “Sim, boa ideia”.

Eles aceleraram, tentando encurtar a distância entre eles e a luz flutuante. O túnel continuava, suas paredes de pedra e pisos de cimento não lhes davam a possibilidade de saber até onde já tinham ido. Após vários minutos, o túnel se dividiu. A luz verde balançou brevemente e depois girou para a direita.

Liv olhou para Platão antes de se apressar atrás da luz verde, depois parou

para olhar o que estava diante dela. Algumas dúzias de bolas de luz verde voavam ao redor de uma grande sala em forma de caverna. Liv pensou ter passado despercebida quando todas elas pararam, pairando no ar. Então, uma a uma, as figuras verdes se voltaram. Com as luzes iluminando as criaturas, Liv reconheceu o que elas eram - as mais feias criaturas semelhantes a fadas que já havia visto.

Os pequenos bichos tinham asas pálidas com pintas que se assemelhavam às de uma borboleta, e uma cauda curta incandescente na ponta pendurada entre seus pés grossos e com garras. Em suas cabeças anormalmente redondas e carecas tinham grandes olhos negros e suas bocas continham várias fileiras de dentes afiados. A luz verde irradiava de uma substância que carregavam em suas mãos, que também estavam pressionando nas rachaduras das paredes desta sala.

“Oh, inferno”, suspirou Liv, se afastando das criaturas que pairavam sobre ela incógnitas.

“O que são eles?” perguntou Liv.

“Feios”, respondeu Platão, se mantendo no lugar.

As criaturas deram um grito coletivo de fúria antes de deixar cair os feixes de material verde brilhante e voar em sua direção.

“Não!” Liv gritou, levantando as mãos para cobrir seu rosto.

Ela estava certa de estar prestes a ser maltratada por aqueles dentes afiados, mas em vez disso, ouviu sons de batidas. Liv baixou as mãos e percebeu que as criaturas colidiam com uma parede invisível entre eles e elas.

“Bela barreira”, disse Platão orgulhosamente.

“Barreira?” perguntou Liv, olhando a parede enquanto as criaturas a batiam de novo e de novo.

“Especificamente, uma barreira defensiva”, disse Platão. “Normalmente, um mágico lança uma intuitivamente quando se sente ameaçado”.

“Sim, bem, a ideia de ser comido vivo por fadas feias meio que me fez sentir ameaçada”.

“Bem, agora que você as tem contidas e estamos seguros, quer tentar alguma diplomacia?” perguntou Platão.

Liv olhou ao redor da sala, usando o globo de luz que estava pairando ao seu lado iluminando os lugares que ela queria ver usando sua inclinação para o dirigir. Os pedaços de material verde brilhante estavam amontoados nos cantos entre a parede, o teto e o chão, fazendo com que a sala parecesse

radioativa. Liv não entendia que tipo de magia era esta, mas ela sabia que era seu trabalho agora controlar e parar qualquer coisa que colocasse outros em perigo.

Ela deu um passo à frente e falou. “Estou aqui para impedir todos vocês de sugarem poderes mágicos”.

“Ótimo, você está indo com a abordagem direta”, disse Platão secamente.

“O que devo fazer, atirar primeiro e fazer perguntas depois, como os Conselheiros sugerem?”

“Não, só estou curioso em saber o que vai acontecer”.

“Sanguessuga? Sanguessuga? Sanguessuga?” disseram as fadas em uníssono, suas vozes aguçadas e guinchando.

“Sim. Vocês não podem continuar tomando o poder mágico”, continuou Liv. “Vou vos dar um aviso, e depois terei que vos deter”.

“Pare. Pare. Pare”, repetiram elas. Como se tivessem coordenado esta dança, formaram uma figura sólida de homem e o fizeram caminhar até a parede onde o verde resplandecente estava preso. “Pare”. Pare. Pare”.

Liv abanou a cabeça. “Sim, terei que os deter se vocês não pararem de sugar a energia. Nós sabemos que são vocês”.

“Fantasmas. Fantasmas. Fantasmas”, disseram as criaturas, saindo da figura do homem e voando aleatoriamente, alguns deles batendo novamente na parede invisível.

“Espere, por que eles estão falando sobre os fantasmas”? perguntou Liv.

“Penso que a questão mais importante é o que eles estão fazendo à sua parede”, disse Platão.

Ela descobriu o que ele queria dizer; eles estavam batendo na barreira dela ou dando mordidas com os dentes, fazendo ruídos de serra. Liv não sabia o que estava acontecendo com a barreira, mas ela imaginava. Seguindo seus instintos, ela pegou Platão e correu na direção oposta, à medida que um zumbido alto como o de um enxame de abelhas começou correndo atrás dela. As fadas feias ficaram zangadas com a interrupção e as ameaças, e não havia mais nenhuma barreira entre ela e elas.

Capítulo 28

O globo de luz acelerou à frente de Liv, perto o suficiente para que ela não tropeçasse no escuro. Agarrando Platão em seus braços, Liv sentia o movimento do ar em suas costas enquanto as pequenas criaturas se aproximavam mais rápido, encurtando a distância.

“Você tem alguma ideia brilhante sobre como não ser comido?” perguntou Liv entre respirações esfarrapadas.

“Corra mais rápido”, respondeu Platão.

“Eu poderia tentar lançar outra barreira”, disse Liv.

Platão olhou por cima do ombro de Liv. “Você não tem distância suficiente para fazer isso com sucesso”.

Liv continuou, disposta a correr mais rápido. Ela se concentrou em os fazer parecer o mais leves possível ao tocarem o chão e o deixaram novamente. Correr nunca foi o seu forte, mas com uma série de fadas feias e sedentas de sangue a perseguindo enquanto faziam ruídos estridentes, ela se sentiu como uma velocista olímpica.

A luz dos túneis de conexão era visível à frente, o que não fez com que Liv se sentisse melhor, pois ela sabia que a entrada para o outro lado era um buraco que ela não podia ver. Ela poderia correr diretamente para a parede de cimento antes de encontrar a porta. E o que evitaria que as fadas feias a seguissem através dela?

O suor escorria em seus olhos enquanto ela continuava a correr. Desejando que a esfera desaparecesse, Liv imaginou transferir essa energia para suas pernas para a ajudar a se mover mais rápido. O túnel se desfocou enquanto ela ganhava velocidade, agora se movendo tão rápido que pensou que iria rolar para frente fora de controle.

“Você está ganhando alguma distância”, disse Platão, ainda olhando por cima do seu ombro.

Liv avistou algo à frente. Ela pensou que era o X que ela tinha desenhado, mas piscou os olhos e descobriu os cabelos encaracolados de Rory. Ele tinha enfiado sua cabeça pelo buraco, fazendo parecer que estava pendurada na

parede como um troféu de caçador.

Seus olhos se alargaram quando ele avistou Liv. Ela estava prestes a lhe dizer para se mexer quando o zumbido das fadas parou de repente. Liv pensou que finalmente tinha uma distância suficiente entre elas usando sua supervelocidade e girou, com a mão no ar, pronta para lançar outro feitiço de barreira. Entretanto, as fadas feias estavam todas pairando a uma distância segura. Seus olhos em bico observavam Liv esfomeadamente, mas nenhuma delas se atrevia a se aproximar.

Mantendo a mão para cima, Liv recuou. “Acho que elas perceberam a mensagem”.

Platão, se agitou para se livrar, saltando para o chão e olhando para o outro lado. “Sim, eu acho que sim, mas não acho que essa mensagem tenha vindo de você”.

Liv rapidamente olhou por cima do ombro e depois voltou a olhar para as fadas, ainda pairando a vários metros de distância. Ela deu uma olhada dupla quando a imagem por trás dela afundou. A cabeça de Rory ainda pairava sobre a parede, mas seus olhos geralmente verdes eram vermelhos e tinha uma hostilidade brutal em seu rosto.

“Rory?” perguntou Liv, olhando entre ele e as fadas. Parecia ser um impasse, os rostos redondos das criaturas se iam tornando escarlate enquanto pairavam furiosamente.

“Passe”, ordenou Rory.

Platão não hesitou, rastejando através do buraco ao redor do rosto de Rory.

“Ummm, eu não sei como”, disse Liv, sem saber onde o buraco começava e terminava e sem querer esbarrar em seu rosto.

Uma mão grande a alcançou através do cimento aparentemente sólido. Liv vacilou de sua súbita proximidade, mas não reagiu até que os dedos de Rory a agarraram ao redor do colarinho e a levantaram. Ela engoliu em seco, prendendo a respiração enquanto ele a puxava pelo buraco como se ela fosse uma boneca de trapo. Os braços de Liv cobriram sua cabeça para a proteger de uma colisão com a parede, mas para seu alívio, Rory a puxou de forma limpa e a jogou no chão.

Liv estava pronta para decolar correndo novamente, mas hesitou quando viu a figura de Rory caída. Ele estava encostado à parede com sua cabeça pendurada entre os joelhos.

“Ummm, estamos bem?” perguntou Liv. “Essas fadas feias estão vindo atrás de nós?”

Rory balançou a cabeça. “Zonks. E eles não conseguem ver a abertura”.

“Zonks? É assim que essas coisas são chamadas?” perguntou Liv.

Rory olhou para cima, o vermelho de seus olhos se desvaneceu de volta para o verde. “Sim, e eles são sensíveis, então se você os chamou de feios na cara deles, não é de se admirar que eles estejam loucos”.

“Bem, eu também lhes disse que estava lá para os impedir de sugar energia”, respondeu Liv. “Eles provavelmente não gostaram de se desligar do que estavam fazendo”.

Rory balançou a cabeça. “Não são eles que estão sugando”.

“Eu os vi”, argumentou Liv, olhando para Platão em busca de apoio. “Nós os vimos. Eles tinham uma substância verde que estavam colocando nas fendas das paredes”.

Rory limpou o suor de sua testa e começou a avançar, agachado para evitar bater a cabeça. “Vamos lá. Preciso de uma bebida depois de lidar com você”. Explicarei daqui a pouco”.

“Ei, o que você quer dizer com ‘depois de lidar comigo?’” perguntou Liv. “Eu não sou o problema aqui. Aqueles Zonks tentaram nos comer ao jantar”.

“Depois de lhes ter chamado nomes”, disse Rory. “E os condenou por algo que você não sabe se eles fizeram. Você é muito mais parecida com a Casa dos Sete do que você imagina, lançando acusações e fazendo perguntas após o fato”.

Liv murmurou para o chão enquanto marchavam em direção à entrada do túnel. Ela não queria admitir que Rory pudesse estar certo. Na verdade, ela queimava por dentro de pensar que havia ofendido uma raça de criaturas mágicas e também de as ter julgado sem provas, como a Casa dos Sete faria.

Capítulo 29

Liv teve que dar três passos para cada um dos de Rory para tentar o acompanhar ao sair dos túneis subterrâneos. Quando chegaram à superfície, ela se surpreendeu por já estar escuro. Liv não imaginava que eles tivessem estado fora por tanto tempo e no início ela se preocupou em chegar atrasada à Casa dos Sete, mas depois se lembrou que não tinha que comparecer até que fizesse progressos neste caso.

“Há um pub lá em baixo”. Rory apontou para um beco sujo que estava quase todo tomado pela escuridão.

“Por favor me diga que há glamour neste lugar, e eu não estou vendo o bar limpo para o qual você está apontando”... disse Liv.

Rory agarrou a parte de trás da camisa da Liv e meio que a arrastou, meio que indicou o caminho até chegar a um restaurante chinês.

“Quando você disse pub, eu estava pensando em cerveja e linguiça, não em chá e bolinhos”, admitiu Liv.

“Boteco”, esclareceu Rory.

“Bote você”, respondeu Liv.

Ele gemeu, não apreciando seu humor e abriu a porta. O cheiro de tempura e peixe os atingiu imediatamente. Rory apreciava os cheiros em frente à anfitriã, que apenas acenava com a cabeça como se ver um gigante que tinha que se baixar para entrar no restaurante fosse banal.

Liv seguiu Rory enquanto ele a conduzia pelo corredor até os banheiros. Ela estava prestes a protestar quando ele abriu a última porta e o suave som de um violino encheu o ar.

A sala ao lado era bem diferente do brilhante restaurante asiático com móveis pastéis e estátuas empoeiradas. O bar em que eles entraram estava cheio de madeira escura e cheirava a suor e alcaçuz. No bar ornamentado estavam três dos maiores homens que Liv já tinha visto, incluindo Rory. Jogando cartas em uma mesa velha e raquítica, havia alguns gnomos com narizes gordurosos e olhos trêmulos, e no canto havia uma banda de três peças que incluía uma flauta, um pandeiro e um violino. Tocando os

instrumentos estavam dois homens e uma mulher. Liv não precisava olhar para eles por muito tempo para reconhecer suas características élficas, que eram mais sutis do que as características que distinguiam os gnomos e gigantes. Embora tivessem cabelos longos e chapéus, era impossível disfarçar totalmente seus narizes, queixos e orelhas pontiagudos.

“Ummm, não tenho certeza se é uma boa ideia para mim estar aqui”, disse Liv em um sussurro.

“Conhece um lugar melhor para aprender sobre Zonks e como medir a energia mágica sugada”? Rory desafiou.

Liv olhou para Platão, mas imediatamente percebeu que ele havia desaparecido ou se escondido.

Rory se sentou em uma cadeira que não parecia poder suportar o seu peso. Ele acenou para o barman, uma mulher, que em comparação com todos no bar parecia ser quase normal. Seus cabelos meio loiros e meio cor de morango emolduravam seu rosto com caracóis, e ela vestia uma saia comprida, que usava para secar as mãos enquanto passeava até a mesa.

“Sr. Lauren, o que o traz aqui?” disse a empregada, piscando os olhos para Rory. “Eu lhe disse que estávamos bem depois da queda, e...”

“Não é nada disso”, interrompeu Rory. “Eu e minha amiga queremos uma caneca do que você tiver de especial agora”

A mulher acenou com a cabeça, olhando Liv relutantemente. “Claro que sim”.

“Tudo bem”, disse Liv, depois de a mulher se afastar. “Honestamente, eu só vou tomar água. Eles têm água aqui, certo?»

Rory não lhe ligou, abanando a cabeça enquanto estudava as pessoas ao seu redor. “Eu pedi cervejas”.

“Obrigado, mas não é necessário”.

Rory se manteve atento a um dos outros gigantes no bar. “Eu não bebo sozinho, então ou você bebe comigo, ou nós partimos, e ficará muito mais longe de resolver seu caso”.

Liv concordou com relutância. “Muito bem. Então estes Zonks...me fale sobre eles. E o que era aquela coisa que você estava fazendo com seus olhos?”

“Isso foi simplesmente uma repercussão do uso da minha magia elementar”, explicou Rory. “E os Zonks não sugam energia. Na verdade, são fadas operárias por natureza”.

“Que vivem no subsolo e transportam partículas radioativas?”

“Esse deve ter sido um material que eles reprogramaram para fazer um reparo”, declarou Rory. “Você disse que eles o estavam colocando na parede? Como em uma fenda?”

Liv acenou com a cabeça. “O que você estava dizendo antes sobre os fantasmas?”

Rory olhou como que dizendo: “pare e desista” enquanto a empregada se aproximava.

“Sim, de qualquer forma, eu lhe falei sobre o troll?” Liv perguntou, se apressando para disfarçar a conversa enquanto a mulher pousou duas canecas que facilmente continham três litros de cerveja cada uma. Ela as deslizou sobre a mesa com um sorriso trêmulo.

“Algo mais para vocês dois?” perguntou a mulher. “Compartilhar umas batatas fritas ou algo assim?”

Rory deu uma gargalhada. “Não, não é nada disso, Cindy. Nós estamos bem”.

O alívio inundou o rosto da mulher. “Oh, que bom. Nós estávamos nos perguntando”. Ela indicou por cima do ombro onde estavam os outros três gigantes.

“O que eles estavam se perguntando?” Liv perguntou quando Cindy os havia deixado com suas cervejas, que Liv não sabia como iria fazer para beber.

“Eles pensavam que você era minha acompanhante”, disse Rory. “É comum compartilhar a comida em um primeiro encontro na cultura gigante. A ideia é mostrar contenção e dar à mulher a maior parte da comida como sinal de humildade e altruísmo”.

Liv explodiu em risadas, fazendo com que todos no bar olhassem para eles. Ela não conseguiu se deter mesmo quando os duendes tocaram mais silenciosamente, interrompidos por seu constante riso. “Eles pensaram que você e eu...” Liv passou as mãos debaixo dos olhos, afastando as lágrimas que os inundavam.

Rory levantava facilmente sua cerveja e tomava um gole longo, engolindo um terço dela. “Então esse troll? Esse foi seu primeiro caso?”

“Sim, e eles queriam que eu...você sabe...”

“Não. O que eles queriam que você fizesse com ele?” Rory perguntou, embora o olhar em seu rosto dissesse a Liv que ele estava mexendo com ela.

Ela passou seu dedo pela garganta e deixou sair de sua boca. “Você sabe”.

Ele acenou com a cabeça. “E o que você fez?”

“Eu o levei para um lugar na Amazônia e me certifiquei de que ele estivesse o mais longe possível da civilização”, explicou Liv. “Eu disse ao grandalhão que ele nunca mais se aproximaria das pessoas”.

“E ele a entendeu?”

“Não tenho certeza”. Ele grunhiu e acenou muito com a cabeça”.

“O que você disse...bem, você sabe?”

“Eu menti”, confessou Liv. “Poderia voltar para me castigar, mas eu não ia me desfazer de um troll que não estava fazendo nada de errado”.

Rory parecia ligeiramente impressionado. “E é por isso que não se pode exterminar os Zonks”.

Liv concordou com um aceno de cabeça. “Você mencionou os fantasmas e que estavam relacionados com a sugação?”

“Sim. Os fantasmas, em essência, são feixes de energia mágica, como cofres dela”, explicou Rory enquanto Liv rodava cerveja no topo de sua caneca. Ela ficou meio pendurada para perceber o ângulo certo para beber como um cachorro.

“Você quer experimentar uma palhinha, meia leca?”

Ela balançou a cabeça. “Não, estou quase conseguindo”.

“Claro que sim”. Rory ridicularizou. “Quando você ou eu usamos magia, recorreremos a fontes de poder, como elementos, por exemplo. Por sua vez, a energia de um fantasma está presa dentro dele”.

“Então eles são como baterias, de certa forma?”

“Exatamente”, disse Rory. “Faz muito mais sentido para mim, que quem quer que seja que esteja sugando energia mágica esteja usando os fantasmas de alguma forma”.

“Como atraí-los?”

Rory levantou sua caneca e bebeu mais um terço. “Talvez. Precisamos de mais informações”.

“E é por isso que estamos aqui”. Liv pegou sua caneca com as duas mãos e a inclinou até a boca, mas ela escorregou nos dedos, derramando cerveja pelo queixo e pela frente.

Rory uivou de riso quando ela deixou cair a caneca. Parecia que ela havia tomado um banho de lager.

Liv trouxe seu braço à boca, depois se agitou como um cachorro atirando cerveja para Rory.

“Então porque você me trouxe aqui, além de ser para seu entretenimento?” perguntou Liv, tentando levantar a cerveja novamente. Tendo perdido metade de seu conteúdo, foi mais fácil de pegar. Liv tomou um gole longo e a colocou na mesa com um baque.

“Quem é sua amiga, Rory?” perguntou um dos gnomos, puxando um banco do bar até a mesa deles. Ele tinha apenas um metro de altura e tinha uma expressão facial como se o bigode debaixo do nariz tivesse cheirando a leite azedo.

Rory o examinou e acenou na direção de Liv. “Esta é Helga Dobo”.

Liv não conseguia fingir sua mágoa. *Helga?* Que tipo de nome horrível era esse?

“Helga, você continua bebendo assim e nosso amigo Rory terá que a carregar para fora daqui”, aconselhou o gnomo.

“Onde estão os copos que você usa?” perguntou Liv. “Esses são melhores para mim”.

Os outros gnomos à volta da mesa olharam como se ela tivesse acabado de dizer palavras de guerra. Todos eles se afastaram da mesa em uníssono, escorregando de suas cadeiras.

Liv olhou para Rory. “O quê? O que eu disse?”

Rory se inclinou para mais perto, enquanto os outros três gnomos se sobrepunham. “Eles não gostam de ser lembrados de que não são tão grandes quanto gigantes”.

Liv olhou para os quatro gnomos de um metro de altura e depois para Rory e riu. “Isso não é como andar de biquíni durante uma tempestade de neve? Você pode fingir o quanto quiser, mas a verdade é evidente”.

“Liv...” Rory advertiu.

“Liv?” o gnomo questionou. “Pensei que você disse que o nome dela era Helga, um bom nome de gnomo forte. Quem é essa Liv? Esse é nome de mágico».

Liv olhou para Rory e depois para os gnomos. “Espere, você pensou que eu era um gnomo?” Ela se levantou, olhando para o gnomo e seus amigos. “Eu obviamente não sou um gnomo. Eu tenho mais ou menos um metro e meio de altura”.

“Liv...” Rory disse novamente.

“Para um gnomo feminino isso coloca você um pouco acima da média, mas para os padrões dos mágicos, você está na média”, disse um dos gnomos.

Liv pegou sua caneca de cerveja e tomou um longo gole, terminando seu conteúdo. Bem, quase terminando, já que pingou um pouco pelo queixo abaixo. Ela bateu com a caneca sobre a mesa, ganhando a atenção de todos no bar.

Rory se inclinou para trás em seu assento, olhando para o teto. “E eu pensei que a trazer aqui seria um erro”.

Liv acenou, balançando um pouco. “Consegui, Sr. Laurens”. Ela olhou para os gnomos. “Se eu disse algo que os ofendesse, lamento profundamente”.

“Não gostamos que as pessoas nos olhem do alto”, disse um dos quatro.

“Como é suposto as pessoas olharem para vocês?” perguntou Liv com um soluço.

Rory atirou sua cabeça para trás, suspirando alto. “Aqui vamos nós”.

Liv estava prestes a perguntar se ela poderia ajudar a terminar sua cerveja quando uma pancada afiada a atingiu na pele. Ela saltou, agarrando sua perna, e olhou para baixo para ver o gnomo mais próximo puxando seu minúsculo pé para trás.

“Você me chutou, seu merdinha!” Liv gritou.

“E há muito mais de onde isso veio, mágica”, advertiu o gnomo. “Estaremos lá fora, esperando para lhe dar uma lição”.

Os gnomos aplaudiram duas vezes em uníssono e desapareceram.

Liv piscou os olhos e olhou para Rory. “Espere, para onde eles foram? Eu pensei que eles estavam prestes a cantar uma canção e dançar uma dança bonitinha”.

“Eles sabem que é melhor não lutar no bar da Cindy. Eles foram lá fora para esperar por você”, respondeu Rory secamente. “Eles planejam te dar um chute no traseiro”.

Capítulo 30

Liv riu. “Você só pode estar brincando comigo? Aqueles carinhas querem se desfazer de mim?” Rory cruzou seus braços grossos sobre seu peito. “Eu não os subestimaria. A magia dos gnomos é forte e você não está treinada em combate”.

Liv zombou. “Eu sei como lutar”.

“Você sabe como começar brigas”, ele contra-argumentou.

Liv pegou a cerveja de Rory, não pediu permissão e bebeu. Ele não pareceu nem um pouco chateado ao ver Liv engolir o resto de seu conteúdo. Quando estava vazia, ela a colocou de volta sobre a mesa e arrotou. “Vamos dar um chute no rabo de um gnomo”.

Rory olhou para os gigantes no bar e suspirou. “Você está por sua conta, mágica”.

“Ótimo”, disse Liv, dando um passo à frente e balançando enquanto ela se dirigia para a saída.

Quando chegaram ao beco, Liv ficou grata pelo ar noturno, que lhe trouxe o frescor necessário às bochechas.

Entre os edifícios de ambos os lados da viela estavam os quatro gnomos, de pé ombro a ombro e bloqueando o caminho.

“Eles se acham tão duros com sua aparência hostil e suas cabeças gordas”, disse Liv, olhando para os homenzinhos a vinte metros de distância.

“Eles não lutam de forma justa”, advertiu Rory.

“Daí serem quatro deles e um de mim”.

“Sim, mas você é uma mulher. Na cultura do gnomo que é considerada justa, já que as fêmeas são geralmente maiores e mais fortes”.

“Eu não me pareço com um gnomo”, argumentou Liv, colocando seus punhos nas ancas.

“Não com uma gnoma atraente, isso é certo”.

“Ei, eu não tenho um nariz bulboso ou cabelos crescendo nas minhas orelhas, então eu acho que sou muito mais atraente do que os gnomos”.

Rory balançou a cabeça. “Suas características são muito delicadas, e seus ombros muito estreitos. Uma mulher atraente tem um nariz que enche o rosto e um corpo de linebacker, como a Cindy”.

“A bartender ali dentro é uma gnoma?”

“Sim, e você está empatando”, disse Rory.

Liv olhou para os gnomos, que não tinham cedido. “Eu não estou. Estou apenas lhes dando tempo para descobrirem sua estratégia”. Ela inspirou profundamente, estendendo bem os braços. “Vocês vão precisar dela, gnomos!”

“Dizer insultos só vai atrasar o inevitável”, advertiu Rory, agarrando a parte de trás da camisa da Liv e a levantando do chão.

Ela chutou tentando o afastar, com zero de sucesso. “Ei, o que você está fazendo?”

“Estou te ajudando”, disse ele.

“Me ajudar teria sido me ensinar a magia de combate antes”.

Rory puxou seu braço para trás. “Nunca é tarde demais para uma lição”. Ele jogou Liv pelo ar, e ela pousou aos pés dos gnomos.

Ela olhou para os homenzinhos e rosou: “Vocês querem uma briga? Eu lhes darei uma, mas se preparem para correr para casa chorando para mamãe”.

“Pare de falar tanto e comece a lutar!” Rory gritou.

Liv se levantou de joelhos e olhou para ele. “É cortês avisar no que eles se meteram”.

“Os gnomos não são ligados às suas mães”.

Liv acenou com a cabeça, olhando para o gnomo mais próximo. “Se prepare para correr para casa, para sua esposa feia”.

O gnomo ao seu lado deu um passo à frente, sua bota pisando nos dedos de Liv.

Ela uivava de dor, puxando a mão para o peito enquanto se virava de costas e batia com seus pés. “A sério, seus merdinhas, chutam canelas e pisam nos dedos? Isso é tão estereotipado. O que você vai fazer a seguir, me morder?”

Dois dos gnomos saltaram para ela, com as mãos sujas acima das cabeças enquanto gritavam de raiva.

Liv fez uma simulação à direita, fazendo com que um gnomo passasse por ela e arrancou uma lata de lixo da parede e a colocou diretamente na

frente do outro gnomo. Ele correu direto para ela, caindo de rabo da colisão.

Liv riu, baixando e agarrando a tampa do caixote do lixo e a segurando como um escudo.

Um dos dois gnomos ainda de pé levantou uma mão e uma bola de luz vermelha derramou dela.

“Ei, Roar? O que é isso?”

“O que lhe parece?” gritou ele de seu lugar à margem.

“Uma bola de fogo”.

O gnomo puxou atrás seu braço como se estivesse prestes a jogar uma bola de beisebol.

“Bingo”, disse Rory. “Tente não se queimar”.

“Obrigado, amigo”. Liv ergueu a tampa enquanto a bola de fogo se dirigia ao seu rosto. Ela a desviou, a fazendo saltar na direção dos gnomos no chão, que estavam tentando se levantar.

Ambos os gnomos de pé agora produziam bolas de fogo e se preparavam para as jogar a Liv. Ao lado dela, os outros gnomos estavam rangendo seus dentes, parecendo que estavam prestes a atacar.

“Ummm, alguma ideia brilhante, gigante?”

“Fique atenta”, respondeu Rory, soando divertido.

Liv correu para o lado assim que um dos gnomos atacou e uma bola de fogo rodopiou à volta dela, quase queimando suas calças. “Obrigado, mas eu estava pensando em uma abordagem mais tática”.

“Use magia”, sugeriu Rory.

Liv se baixou enquanto uma bola de fogo passava sobre sua cabeça, pousando com uma explosão sobre o prédio de tijolos atrás dela e enviando faíscas para todos os lados. “Obrigado, mas mais uma vez preciso de algo mais específico”.

“Qual é a melhor maneira de combater o fogo”? perguntou Rory.

Todos os quatro gnomos estavam agora jogando bolas de fogo, não dando a Liv uma chance de reorganizar depois de quase ser queimada. Ela usou um caixote de lixo para proteger sua metade inferior enquanto usava a tampa para desviar qualquer coisa mais alta.

“Combater o fogo com fogo, certo?” perguntou Liv.

“Não, humana idiota”, corrigiu Rory. “Combater o fogo com gelo”.

“Acho que você não conhece seus clichês”. Enquanto Liv saltava por trás de seu caixote do lixo, três bolas de fogo acertaram dentro dele, o tirando do

caminho.

“Pense ‘gelo’ e tente tirar a energia do ambiente envolvente, já que você está bêbada e não pode confiar em sua fonte interna”, aconselhou Rory.

Liv olhou para ele, tirando seu foco da luta por uma fração de segundo. Isso quase lhe custou todo o cabelo em sua cabeça. Uma bola de fogo rodopiou com as chamas em frente às sobancelhas dela. “Eu não estou bêbada. Será que um bêbado seria capaz de fazer isso?”

Liv rolou pelo chão enquanto os gnomos lhe jogavam bolas de fogo consecutivas. Ela saltou e foi parar ao redor dos gnomos, acabando com sua formação.

“Não tenho certeza porque alguém iria querer”, respondeu Rory.

Uma bola de fogo ricocheteou da parede atrás da Liv e bateu na parte de trás de seu escudo improvisado, fazendo com que ela o largasse. Ela foi tentar o apanhar, mas um dos gnomos a atacou, saltando para o ar com as garras para frente.

Liv ergueu a palma da mão e pensou em gelo e uma sensação de congelamento se reuniu em torno dela. Empurrando a energia para fora, ela sentiu a confiança que tinha vindo a associar com a magia.

O gnomo congelou no ar por um momento antes de cair no chão como uma estátua feita de gelo. Ele rolou para o lado, o gelo cobria a extremidade do nariz e a cabeça.

“Ei, agora!” disse Liv, ripostando e enfrentando os outros três gnomos. Eles fizeram uma pausa, olhando hesitantemente.

“Não use o mesmo feitiço duas vezes ao lutar”, aconselhou Rory.

“Porque vai me drenar muita energia?” perguntou Liv, a exaustão de repente a atingiu.

“Porque é tolo e seu oponente saberá o que esperar”.

Os gnomos levantaram suas mãos juntas e algo começou a se formar entre suas palmas. Bolas de neve.

“A sério, qual é o vosso fascínio por bolas?” perguntou Liv, procurando por seu escudo.

“Veja, agora eles puxaram a magia do gelo, o que tornará seu feitiço de congelamento ineficaz”, apontou Rory.

“Então eu uso fogo?” perguntou Liv.

Rory revirou seus olhos. “Não agora que você já lhes disse o que ia fazer”.

Liv se baixou tentando se esquivar e evitar que as bolas de neve chegassem a ela à velocidade da luz.

“Droga, vocês deveriam pensar em entrar nas ‘minor leagues’”, disse Liv, girando para evitar outro ataque. “Bem, talvez a ‘Little League’. Não sei se vocês são suficientemente altos para jogar com os grandes”.

As bolas de neve vieram mais rápido. Liv sentia que estava fazendo uma dança horrível, tentando evitar ser atingida por um ataque de gelo. As bolas que batiam nas latas de lixo deixaram amolgadelas, o que não a fez se sentir melhor sobre a neve versus o fogo.

“Pare de empatar e ataque!” Rory gritou.

“Eu estou tentando”, gritou Liv, pulando para frente e para trás. Ela levantou a mão e pensou no quanto precisava incapacitar os gnomos para poder planejar um ataque. De repente, o mais próximo começou a subir no ar. Liv se agachou, tentando descobrir o que estava acontecendo com ele. O que estava atrás dele também começou voando, e à sua volta estava uma bola de sabão.

“Eu os coloquei em bolhas!” Liv exclamou e se abaixou enquanto uma bola de neve se dirigia à sua cabeça.

Ela levantou sua mão para o único gnomo livre. “Ei! Você também está pronto para a hora do banho, amiguinho?”

O gnomo congelou, olhando para seus companheiros, que estavam subindo mais alto, o vento agora os empurrava para os lados. Uma vez que atingissem a lateral do prédio, eles estariam caindo em linha reta.

A bola de neve que o gnomo estava prestes a lançar se dissolveu ao dar vários passos para trás, ele depois girou e correu em outra direção. Seus amigos chocaram um com o outro ao colidirem com o pavimento. Ambos pareciam desorientados quando caíram no chão, rolando e lançando a Liv um último olhar vingativo antes de fugir pelo beco, deixando seu amigo congelado para trás.

“Yeah, é melhor vocês correrem!” Liv gritou, agitando seu punho no ar.

Ela se voltou para Rory, parecendo vitoriosa. “Vê, eu consegui!”

“Com certeza que sim”, disse ele claramente.

“Agora podemos falar com quem quer que possa me ajudar a encontrar a magia sugada”.

Rory acenou na direção em que os gnomos haviam fugido. “Sim, bem, é melhor você começar correndo, porque acabou de os afugentar”.

Capítulo 31

Eram os gnomos que poderiam me ajudar?” perguntou Liv, com as mãos sobre as ancas. “Porque você não me disse?”

“Eu não tive nenhuma chance. Você já tinha começado uma briga com eles e então já era tarde demais”.

“Bem, teremos que encontrar outra pessoa”, declarou Liv.

Rory balançou a cabeça. “Os gnomos são os únicos que conheço que têm um medidor de energia para rastrear a magia armazenada”.

Liv olhou com um ar zangado. “Mais uma vez, algo que eu acho que você deveria ter me dito antes que eu os ofendesse”.

“Parece que você vai ter que se contentar com a opção dois”, disse Rory.

“O que é isso?”

“Vá até a Casa dos Sete e pergunte se eles têm algo semelhante que funcione”?

Liv se dobrou olhando para seus jeans, que estavam queimados em vários sítios e para sua camiseta suja. “Certo, bem, eu preciso me mudar primeiro. Ela apontou para si mesma, mas nada aconteceu.

“O que você está tentando fazer?” perguntou Rory.

“Estou tentando trocar de roupa”.

Ele protegeu seus olhos. “Não faça isso na minha frente. E se algo der errado?”

“Bem, então acho que você vai ver um seio”.

“E perder meu almoço”, disse ele com um olhar de desagrado. “Também, de onde você está puxando essas roupas? De seu apartamento?”

“Ou onde quer que seja. Eu não lavei a roupa, então provavelmente não de minha casa”, respondeu Liv. “Minha irmã me colocou roupas, mas não tenho ideia de onde elas vieram”.

“Os mágicos têm um serviço que usam para fazer aparecer as coisas”, explicou Rory. “Ele consome menos energia do que criar um objeto a partir do nada”.

“Um serviço?” perguntou Liv.

“Sim, o serviço tem um depósito de armazenamento da maioria das coisas comuns que os mágicos manifestam”.

“Como um fato de combate negro?” perguntou Liv, pensando no traje em que Sophia a tinha colocado.

“Sim, assim como outras coisas”, explicou Rory. “Entretanto, a menos que você tenha uma subscrição deste armazém mágico de suprimentos, você terá que convocar de seu apartamento ou criar do nada, o que você parece muito bêbada para conseguir”.

“Mais uma vez, não estou bêbada”, disse Liv, cambaleando alguns metros para o lado e depois voltando para trás para enfrentar Rory. “Certo, bem, talvez eu esteja tonta. Essa parece ser a maneira de aparecer na Casa dos Sete: bêbada e suja”.

* * *

A Câmara da Árvore estava vazia quando Liv caiu através da Porta de Reflexão. Ela estava seriamente cansada de ter a experiência de ficar cega enquanto figuras indistintas se amontoavam ao seu redor.

O tigre branco saiu das sombras quando ela olhou para a sala, reparando em detalhes que ela não havia notado quando estava diante dos Conselheiros.

Ele lhe atirou um olhar certo que parecia ver todo o caminho até sua alma.

“Então, qual é o seu negócio?” Liv perguntou ao tigre branco, sentindo soluços aparecendo.

Ele olhou impassivelmente para ela.

“E o corvo? Para que é isso?”

O tigre branco se aproximou de Liv, parando quando estava perigosamente perto. Olhou para o bolso dela por um longo momento, antes de olhar para ela.

Tomando a dica, Liv alcançou seu bolso, encontrando o anel de sua mãe lá dentro, que lá tinha colocado naquela tarde. Ela também encontrou algo que não se lembrava de estar em seu bolso: uma nota de cem dólares. Liv fez uma expressão confusa. Ela havia acabado de lavar estes jeans, o que significava que o dinheiro havia sido colocado recentemente em seu bolso. Mas como? Ela o empurrou de volta para baixo e segurou o anel. “Você vai dizer a eles que eu tenho isto?”

O tigre não respondeu, mas seu olhar parecia comunicar toda uma série de informações. Ela levantou o anel até à luz que irradiava da árvore. “Eu não entendo o que devo fazer com ele”.

Símbolos como no longo corredor entre a entrada e a Câmara irradiavam atrás do anel. Liv puxou o anel para baixo, assustada. Os símbolos desapareceram. Mais uma vez ela o levantou, de modo que ficou nivelado com a árvore e os muitos nomes das famílias. Os símbolos apareceram novamente atrás do anel, flutuando no ar.

“Espere, do que se trata?”

“Do que se trata?” uma voz questionou por trás de Liv.

Ela ficou tensa, enfiando o anel no bolso enquanto girava para enfrentar Decar Sinclair. O outro Guerreiro usava um manto prateado que acentuava seu cabelo branco, o fazendo parecer quase monocromático. Ele estudou Liv enquanto ela colocava o anel em seu bolso.

“Oh, nada”, respondeu Liv. “Eu estava me referindo ao dedo que quebrei hoje à noite”. Ela ergueu o dedo do meio, lhe mostrando o apêndice machucado enquanto o virava.

Ele fez uma careta. “Como você fez isso?”

“Luta de bar”, disse ela de forma simples. “Você viu meu irmão?”

Decar acenou com a cabeça. “Sim, ele está no escritório de Adler. Eu a conduzirei até lá”.

Liv queria recusar a oferta, mas ela não sabia onde era o escritório de Adler. Ela estava se sentindo um pouco ousada demais e com medo de dizer algo que o ofendesse.

Seguindo Decar pelo Muro de Reflexão e pela grande porta para os aposentos, Liv ficou de olho à procura Platão, esperando que ele estivesse em algum lugar próximo e pudesse a ajudar se ela não conseguisse manter a boca fechada.

“Você percebe que os Guerreiros não devem entrar em brigas de bar e agir de maneira desordeira”, disse Decar, em um tom transbordante de condescendência.

“O quê? Pensei totalmente que isso estava na descrição do trabalho. Bem, que droga! Talvez eu tenha que repensar toda esta coisa de proteger a magia”.

Decar olhou para ela enquanto subia as escadas. “Por enquanto, ninguém sabe quem você é, porque você é nova. Entretanto, com o tempo, mágicos e criaturas a conhecerão, e seu comportamento se refletirá sobre a Casa dos

Sete”.

“E é por isso que hoje usei minhas boas calças jeans”.

Decar olhou para suas calças queimadas e balançou a cabeça desaprovando. Ele apontou para uma porta marcada com o brasão de família dos Sinclair. Liv se lembrou do pai dela dizendo que discutiu mais com Adler Sinclair do que com qualquer outro conselheiro. “É saudável ter um defensor do diabo”, disse seu pai uma vez, mas Liv sentia que havia mais do que desacordos comuns entre os dois.

Liv passou por ele e bateu três vezes na porta, e um momento depois ela deslizou para trás.

Avançando, o nariz de Liv foi abordado pelo forte cheiro de incenso no ar. Ela o cobriu e olhou para a grande sala.

“Olá, Sra. Beaufont”, Adler cumprimentou do outro lado da sala, onde ele estava sentado em frente de Clark. “O que podemos fazer por você? Você não deveria estar tratando de um caso?”

Liv acenou com a cabeça. “Sim, mas eu tenho uma pergunta para meu irmão”.

Clark se levantou e se dirigiu a Liv, reparando em sua aparência descuidada. “Você está bem?”

“Estou ótima”, mentiu Liv, seu cérebro nadando em cerveja que ela bebeu muito rápido. Estava finalmente batendo nela, ou talvez fosse o incenso no ar que a estava deixando tonta.

“Você cheira como se tivesse estado brincando com gnomos”. Adler zombou.

“Sim, há uma manada deles no meu time de kickball”, disse Liv, olhando por cima do ombro de Clark.

“Foi assim que você quebrou seu dedo?” Adler perguntou, a olhando por cima de seus óculos e com uma taça de vinho em suas mãos.

“Ela disse que entrou em uma briga de bar”, disse Decar.

“Você está bêbada?” Adler perguntou.

“Você é feio?” Liv questionou. A mão de Clark acertou em sua testa.

“Olívia, você não deve...”

“Sim, parece que sua irmã bebeu um pouco demais, Sr. Beaufont”, declarou Adler. “Porque você não a leva embora até que ela fique sóbria?”

“Não vai ajudar. Você ainda será feio”, disse Liv enquanto Clark agarrava seu braço e a puxava através da porta aberta. Ele a arrastou por outro

conjunto de escadas e não a soltou antes de abrir a porta marcada com o brasão da família Beaufont.

As luzes estavam apagadas na sala de estar e Sophia estava dormindo no sofá com um ursinho de pelúcia junto ao seu peito.

“O que você estava pensando?” Clark perguntou, olhando Liv. “Você ofendeu Adler”.

“Eu também me passei com Decar”, disse Liv com orgulho.

Os olhos de Clark afundaram por um pedaço. “Você precisa aprender a se comportar. Aqui operamos com um certo nível de decoro”.

“Enchimento chato é o que lhe chamo”.

Clark beliscou seu nariz. “Você tem um cheiro horrível. Você estava realmente andando com gnomos hoje à noite?”

“Lhes dando uma coça, mas mais ou menos”, respondeu Liv.

“Porque você iria se aproximar deles?”

Liv olhou para Sophia por um momento antes de se reconcentrar em Clark. “Você sempre foi tão snob, ou andar com Adler e Decar fez desaparecer isso?”

“Liv, os gnomos são...”

“Assim como nós”, disse Liv, o calando. “Era isso que mamãe e papai costumavam dizer, se lembra? Quando os Sete lançaram o livro contra gnomos ou outras criaturas, mamãe e papai lutaram por seus direitos, dizendo que os mágicos não deveriam ser tratados de maneira diferente”.

Clark balançou a cabeça. “Eu me lembro. Claro que me lembro! É que eles não estão aqui, e a atual administração...”

“É como costumava ser, exceto que sem o pai como Conselheiro, não há ninguém para se opor à regra cruel e injusta de Adler”.

“Você não entendeu”, disse Clark, desdenhosamente. “Você não está aqui há tempo suficiente”.

“Ou talvez por causa disso, eu o entendo muito melhor do que você”, contradisse Liv. “De qualquer forma, preciso de sua ajuda. Encontrei alguns Zonks nos túneis subterrâneos onde pensamos que a sugação está acontecendo”.

“Pensamos?” Clark questionou.

Ela balançou a cabeça. “Platão e eu”.

A expressão de Clark não parecia que ele estivesse convencido. «Então os Zonks estão por trás disso?»

“Não, elas são fadas operárias”, declarou Liv. “Eu acho que elas estavam me levando à causa”.

“Os Zonks precisam de magia para consertar as coisas”, disse Clark, começando a andar na frente de Liv. “Faz todo o sentido que sejam eles a sugar”.

“Não, não faz”, argumentou Liv. “Eles estavam selando algo. Talvez tentando evitar a sugação. Preciso investigar mais. Estou procurando uma maneira de medir a energia mágica. Você tem algo que sirva?”

Clark a olhou por um momento. “Não. Se você encontrou Zonks no local, então eles são responsáveis. O protocolo dita que você os prenda e os detenha”.

“Não, Clark. Você não está percebendo. Eles não são a causa, eu sei disso, mas preciso investigar mais. Você vai me ajudar?”

Clark parou de andar. “Lhe dando algo para medir a energia mágica?”

“Sim. Assim posso seguir o rasto e descobrir quem está por trás disso”.

“Os Zonks estão por trás disso. Isso é óbvio para mim. Cuide deles e feche o caso. Quanto mais cedo você fizer isso, quanto melhor você vai parecer”.

“Quanto melhor você parecer”, contra-argumentou Liv.

“Ei, você já está recebendo calor suficiente para seu comportamento”, disse Clark. “O melhor seria completar o caso e provar aos Conselheiros que você está tentando o seu melhor, especialmente depois desta noite”.

“Ei”, disse Liv, usando a mesma inflexão que Clark tinha. “Este é o meu caso, atribuído a mim por você e seus amigos idiotas”. Eu o resolverei como achar conveniente, e você terá que lidar com isso. Este não é um caso de abrir e fechar. Eu sei disso. Eu o posso sentir”.

Clark trincou seu lábio. “O que você fez com o troll?”

“Eu o matei”, respondeu Liv.

Ele balançou a cabeça e foi para seu quarto. “Maldição. Isto não vai funcionar se você for mentir e quebrar regras”.

“De que outra forma isto iria funcionar?” perguntou Liv. “É quem sempre fui, e não vou mudar agora”.

Clark bateu a porta de seu quarto, fazendo Sophia mexer no sofá.

A menina de cabelos loiros se sentou, parecendo desorientada. “Liv?”, perguntou ela, esfregando os olhos. “O que você está fazendo aqui?”

Liv foi até sua irmã e se ajoelhou ao seu lado. “Só parei aqui por um

momento. Posso a levar para a cama e a aconchegar?”

Os olhos azuis que olhavam para Liv faziam com que seus joelhos ficassem fracos. Como ela sentiu tanta falta da garota e nunca se deu conta até aquele momento? “Sim, por favor”, pediu Sophia, estendendo uma pequena mão para ela.

Liv a puxou para cima e depois colocou Sophia em seus braços, a carregando para a cama onde ela deveria ter estado o tempo todo.

Capítulo 32

Deixando cair fios e parafusos e outras peças atrás dela, Liv carregou um monte de aparelhos quebrados para o balcão frontal. Ela os jogou sobre a mesa, permitindo que eles rolassem antes de descansar.

“Você acha que pode fazer isso?” perguntou Platão, saltando para o balcão e inspecionando uma bússola quebrada.

“Porque os gnomos são os únicos que podem fazer medidores mágicos ou o que quer que lhe chamemos?”

“Porque eles têm uma tendência natural para serem capazes de medir as coisas. Eles não têm nem mesmo termômetros e outras coisas”.

Liv lambeu seu dedo e o colocou no ar. “Eu também consigo. Estão vinte graus aqui dentro”.

“Você sabe que eu tenho total confiança em você, mas qual é seu plano de reserva se isto não funcionar?” perguntou Platão.

Liv começou a desmontar a bússola. “Não é assim que funciona a fé completa”.

“Só acho que ter outras opções é importante”.

Liv tocou a bússola, enviando magia para dentro do dispositivo e o fazendo girar loucamente. “Vou fazer amizade com as fadas feias, acho eu”.

“Elas disseram algo sobre fantasmas e formaram aquela imagem de um homem, então elas obviamente sabem algo”, concordou Platão, olhando para cima quando Shane entrou na loja carregando a impressora que Liv tinha consertado.

“Olá”, ela o saudou, arrancando o vidro de um relógio. “A impressora está funcionando bem?”

Shane a deslizou sobre a bancada. “A coisa é que... está funcionando demasiado bem”.

“Demasiado bem?” Liv questionou. “Acho que isso é uma novidade”.

Shane tirou uma folha de papel da bandeja da impressora e a entregou à Liv. Era uma foto colorida de um carro esportivo vermelho. Todos os

detalhes eram nítidos e, ao fundo, as árvores estavam brilhantes e emoldurando perfeitamente o veículo.

Liv olhou a foto e a devolveu. “As impressoras a laser a cores percorreram um longo caminho recentemente”.

“É isso mesmo”, disse Shane, olhando para a imagem. “Isto não é uma impressora colorida”.

“Oh, eu atualizei para você”, respondeu Liv, pensando rápido.

A sobrançelha de Shane entortou. “Mas algo mais estranho acontece. Tem a opção de cópia, certo?”

“Sim”, disse Liv, olhando entre Platão e a impressora, nada entusiasmada com o que mais a impressora poderia estar fazendo de estranho.

Shane levantou a parte superior da impressora e colocou a imagem do carro no scanner. Ele então pressionou o botão verde, e a copiadora começou a digitalizar. Um momento mais tarde, ela fez uma réplica exata do original.

Liv pegou nela. “Não tenho certeza se vejo a questão aqui”.

Shane ergueu a tomada. “Não está ligado à tomada”.

“Oh”, disse Liv, seus olhos se alargando. “Isso é esquisito”.

“Realmente estranho”, concordou Shane. “Notei isso esta manhã, depois de fazer uma dúzia de cópias e depois perceber que meu assistente havia desligado a impressora ontem à noite. Nem consigo entender como funciona. É como magia ou algo assim”.

Liv riu bruscamente e em voz alta. “Magia? Isso é ridículo. Tenho certeza de que há uma explicação. Aposto que tem uma bateria integrada”.

Shane coçou sua cabeça, olhando fixamente para a impressora. “Eu não sei...”

Liv afastou o seu ceticismo. “Agora eu me lembro. Este modelo vem com uma bateria de reserva que vai durar um pouco até você o conectar. Isso irá recarregar a bateria para a próxima vez que você precisar usar a impressora fora da rede”.

“Bateria?”... Shane questionou. “Fora da rede? Isso é realmente uma coisa que as impressoras têm agora?”

Liv riu. “Oh, onde você esteve? Claro que sim”.

Shane deixou sair um suspiro gigantesco. “Bem, isso é um alívio. Eu realmente não sabia o que fazer com isto. Pensei que estava perdendo a cabeça”.

“Ainda não”, respondeu Liv, voltando sua atenção para seu projeto atual e

silenciosamente dispensando Shane.

Ele acenou com a cabeça, pegando a impressora de volta com um grunhido. “Bem, obrigado. E eu lhe agradeço por atualizar para a cor. Essa é uma característica agradável”.

“De nada”. Liv manteve seus olhos baixos quando Shane saía, trabalhando para manter sua expressão neutra.

Quando a porta da frente se fechou, Liv deixou sair um fôlego. “Bem, foi por pouco”.

“Quantos dos outros aparelhos que você consertou você acha que estão fazendo coisas estranhas?” perguntou Platão.

“Se eu conheço minha sorte, todos eles”.

“O que você vai fazer?” Platão questionou.

“Se afaste”, respondeu Liv. “Mas falando sério, como consertar as coisas com magia sem ter consequências involuntárias?”

Platão pensou por um momento. “Talvez tentar consertar exatamente o que está errado”.

Liv acenou com a cabeça. “Sim. A maioria das coisas que eu consertei, eu apenas lancei energia até funcionar”.

“O que significava que a magia consertaria qualquer coisa que estivesse errada, ou mesmo em falta”.

“Mas se eu souber o que está errado e me focar nisso...”

“Então você não terá batedeiras que possam fazer um bolo sem ajuda”, disse Platão, terminando a frase dela.

Liv bateu com a mão em sua boca. “Sra. Holly. Espero que o liquidificador e a batedeira não tenham tomado conta da casa dela”.

“Aposto que a velha lunática não reparou em nada”, disse Platão. “E se ela contar a alguém, apenas pensarão que é outra de suas histórias rebuscadas”.

Liv acenou com a cabeça. Ninguém ia acreditar na Sra. Holly, mas havia outros clientes que poderiam causar agitação se seus dispositivos estivessem funcionando sem eletricidade ou tentando lançar foguetes.

* * *

“Você fez isto?” perguntou Rory, virando o dispositivo manual em seus dedos.

“Bem, eu mais ou menos o montei”, respondeu Liv.

Rory ligou o dispositivo e observou como a agulha se movia para frente e para trás antes de apontar diretamente para a Liv.

Ela franziu sua testa. “Por que ela não está apontando para você?”

Ele encolheu os ombros. “Eu não sei como você tem isso calibrado”.

“É suposto apontar para o maior armazenamento de magia”, explicou Liv. “Pensei que isso nos levaria à energia sugada”.

Rory levantou uma sobrancelha. “Então, entre você e eu, o medidor está afirmando que você é mais poderosa”.

Liv acenou. “A Casa mencionou que minha magia se equilibraria. Está aumentando porque eu acabei de a desbloquear”.

Rory olhou com um ar pouco convincente. “Nunca tinha ouvido falar disso antes, mas também não conheço muitos que tenham tido sua magia trancada. Só aqueles mágicos que não cooperam com a Casa”.

“De qualquer forma, você acha que vai funcionar?” perguntou Liv, levando o dispositivo de volta.

“Só há uma maneira de descobrir”, respondeu Rory. “Mas se lembre que eu não posso entrar nesses túneis, então você está por sua conta”.

Liv tirou seu telefone do bolso. “Sim, mas vai ser como se você estivesse lá o tempo todo”.

Capítulo 33

Então, onde está o buraco?” perguntou Liv, procurando o túnel escondido.

Rory apontou. “É sempre em frente”.

Como uma pessoa cega, Liv foi andando e tocando na parede de cimento.

“A entrada é por aqui”, disse Platão a vários metros de distância, olhando para a parede.

Liv olhou de relance para Rory. “Por quanto tempo você ia me deixar apalpar a parede antes de me dizer?”

Um sorriso rachou seu rosto. “Você o teria encontrado eventualmente”.

“Os gigantes são pessoas horríveis”, disse Liv a Platão.

“Eu poderia ter lhe dito isso”, disse o gato antes de pular na parede e desaparecer.

Liv encontrou a borda do buraco e começou a escalar, tomando cuidado para não cair do outro lado. Quando estava a salvo no chão, ela levantou o telefone. Felizmente, ela ainda tinha sinal de rede devido às melhorias mágicas que a Casa havia feito no aparelho. Ela fez uma videochamada para Rory, ouvindo seu telefone tocar a apenas alguns metros de distância.

Depois de três toques ela disse: “Você pode atender?”

“Não quero parecer muito ansioso”, respondeu Rory.

“Oh, pelo amor de tudo o que é sagrado!”

Rory atendeu após mais um toque. “Oi, aqui é Rory”.

Liv lhe piscou o olho ao telefone. “Sim, eu meio que sabia disso, idiota”.

Ele balançou a cabeça. “Quem está falando? Eu não consigo ver sua cara no escuro”.

Então, “Oh, é a Liv”, disse Rory, a reconhecendo. “Eu consigo ver seu rosto agora”.

“Ha-ha.” Liv ergueu a mão, recriando a bola de luz sem ter que murmurar o encantamento desta vez.

Ela puxou o medidor mágico que havia construído da bolsa na sua cintura e o ligou. No início, a agulha se movia para frente e para trás, parando nela

por um momento antes de girar na direção oposta.

“Aparentemente você não é a mais poderosa fonte de magia aqui em baixo”, disse Platão, olhando para o dispositivo.

À frente, ela espiava a luz verde que havia visto antes e ia andando junto à parede. “Os Zonks estão aqui”, sussurrou ela.

“Evite os ofender e eles a devem ignorar”, a voz de Rory veio pelo telefone no bolso em seu traseiro. “Você pode fazer isso direito? Não ser ofensiva por uma vez?”

Liv pensou por um momento. “Não tenho certeza se consigo. Pode me doer”.

“Bem, então sofra”, respondeu Rory.

Liv continuou pelo túnel. «Como você sabe que eles me ignorarão e não tentarão dar uma mordida no meu corpo como antes?»

“Os Zonks estão acostumados a ignorar os humanos enquanto trabalham”, explicou Rory. “Eles geralmente passam despercebidos acima do solo, se misturando com o meio ambiente, mas neste local, eles não estão disfarçando sua aparência. Isso provavelmente significa que eles estão usando a maior parte de sua magia para consertar qualquer que seja o problema”.

“Eu também me disfarçaria se me parecesse com eles”, disse Liv. “Entretanto, acho que não há botox e cirurgia plástica suficientes para consertar completamente seus rostos feios”.

“Lembre-se do que eu disse sobre não ser ofensiva”, declarou Rory.

“Certo”, disse Liv baixinho. “Mas isso só significa que eu tenho que insultar mais você.”

“Custe o que custar”, concordou Rory.

Quando o túnel se dividiu, Liv seguiu o medidor, que apontava para a direita, na direção oposta de onde a luz verde das fadas estava irradiando.

À frente, ela espiou uma figura cintilante. “Eu localizei outro fantasma. Você acha que essa é a fonte da magia?”

“Duvidoso”, respondeu Platão. “Um fantasma não teria mais energia do que você”.

Outra figura transparente passou através de uma parede, ficando atrás da primeira.

“E que tal dois?” perguntou Liv.

“Há dois fantasmas?” Rory questionou.

“Três, na verdade”, respondeu Platão quando outro fantasma escorregou do teto, se juntando aos outros, que estavam marchando para frente como zombies.

“Três ainda não seriam suficientes”, declarou Rory. “Para ter mais magia que você, acho que teria que ser mais como dez ou doze fantasmas”.

“Droga”, Liv expirou, surpreendida.

Ela continuou os seguindo, mantendo uma distância segura dos fantasmas, que se aproximavam de uma sala iluminada à esquerda.

Um conjunto de vozes ecoou da área. Platão parou primeiro, encostado contra a parede. Seus ouvidos se inclinaram enquanto ele escutava.

“Há dois homens falando”, disse ele quando Liv olhou com curiosidade.

“Tenha cuidado, Liv”, advertiu Rory. “Quem quer que esteja lá em cima tem esta grande fonte de magia”.

“Como sabemos que eles não são a verdadeira fonte?” perguntou Liv em um sussurro.

“Não sabemos”, respondeu Rory. “Olhe mais de perto, mas não seja apanhada”.

“Afirmativo”. Liv deslizou contra a parede enquanto um fantasma desaparecia ao virar da esquina. Ela sentiu algo atrás dela e se virou para encontrar mais um fantasma se aproximando.

“Enquanto o condutor estiver ligado, eles continuarão a vir”, disse um homem à frente. “Entretanto, vamos ter que o desligar logo para recarregar”.

“Se essas malditas fadas parassem de bloquear nossos esforços, já teríamos terminado”, disse outro homem.

“Sim, o que quer que eles estejam fazendo está impedindo os fantasmas de passar por qualquer entrada, menos por esta”, disse o primeiro homem. “Mas olha, ainda estão passando por aqui alguns”.

O outro homem riu, um som frio e oco. “Só mais umas poucas centenas e teremos o suficiente”.

“Mas, como eu disse, precisamos encerrar isto em poucos minutos”.

“Bem, eu preciso pegar algo para comer de qualquer maneira”, disse o outro homem.

Liv olhou para Platão, seus olhos se arregalando. Eles não tinham muito tempo. Ela precisava se aproximar e ver com o que eles estavam lidando. Ela acelerou silenciosamente. Quando chegou à entrada da sala, Liv congelou, tirando seu telefone do bolso.

Ela o passou pela lateral da porta para que Rory pudesse ver o que estava na sala antes dela. Uma vez que ela tinha certeza de que ele tinha visto bem, ela segurou o telefone e olhou diretamente para ele. Seu rosto tinha ficado completamente frouxo.

Ele falou as palavras: “Sai agora”.

Capítulo 34

O coração de Liv estava acelerado enquanto ela deslizava pelo buraco na parede. Antes mesmo de bater com os pés no chão, Rory a agarrou pelo pulso e a puxou para a frente.

“Olhe, só porque você é maior e mais forte, você não pode me puxar como uma boneca de trapos”, ela repreendeu enquanto ele a arrastava pelo túnel.

“Não posso, então?”, perguntou ele com a voz rouca.

“O que você viu?” perguntou Liv quando ele havia diminuído um pouco o ritmo.

“Uma bateria mágica alimentada por fantasmas”, respondeu Platão.

Rory acenou com a cabeça. “Eles têm algo que atrai os fantasmas e eles entram em uma grande conduta. Parecia que estavam presos lá dentro”.

“Essa é a fonte de magia sugada?” perguntou Liv.

“Sim, e eu reconheci um dos homens”, acrescentou Rory. “Seu nome é Valentino, e ele não é o tipo de mágico com quem você quer se meter. Ele vem criando problemas para gigantes e elfos há muito tempo”.

“E agora parece que ele está aprisionando fantasmas”, declarou Liv. Rory parou quando eles emergiram dos túneis subterrâneos. “Faz todo o sentido. Ele prende os fantasmas e eles alimentam a fonte mágica”.

“A questão é o que ele vai fazer com toda essa energia?” Liv questionou.

Um olhar conturbado atravessou o rosto de Rory. “Não é bom. Vamos ter que o desligar”.

“Nós?” Liv perguntou. “Você não pode sequer descer lá. Eu preciso de um plano. Talvez a Casa possa me ajudar? Se há tanta energia, não deveria arriscar entrar lá sozinha”.

Rory acenou com a cabeça. “Sim, acho que este caso acabou de ficar um pouco fora do seu alcance”.

* * *

As pálpebras de Adler tremiam de irritação quando Liv terminou de contar aos Conselheiros o que havia encontrado. Ela era a única guerreira na Câmara da Árvore.

“Você tem alguma evidência desta coisa que viu?”, perguntou ele.

“Não, mas...”

“E você não o viu com seus próprios olhos, não é verdade?” Bianca questionou.

“Bem, não, mas meu gato viu”, disse Liv, desejando que Platão estivesse ao lado dela em vez de se esconder em algum lugar na sala.

“Um lince, você quer dizer”, corrigiu Adler. “Eles são conhecidos por não serem confiáveis”.

“Não Platão”, disse Liv num tom desafiador. Ela não podia lhes dizer que Rory também tinha visto a fonte da magia porque mencionar um gigante desacreditaria imediatamente a história, sem mencionar que eles descobririam que ela estava trabalhando com Rory e Clark provavelmente morreria de vergonha.

Adler suspirou. “Sinto muito, mas não tenho certeza do que você espera que façamos aqui”.

“Há um homem chamado Valentino e ele está aprisionando fantasmas”, explicou Liv pela terceira vez. “Temos que ir atrás dele”.

“Nós não somos guerreiros”, declarou Adler. “Você é, e parece que o problema é com os Zonks. Você os viu com seus próprios olhos, colocando uma substância estranha nas paredes”.

“As fadas feias não são o problema”, insistiu Liv, observando a expressão frustrada no rosto de Clark. Seu rosto havia ficado mais irritado enquanto ela contava aos Conselheiros o que havia visto.

Adler bateu com os seus dedos impacientemente no banco. “Você sabe que os Zonks são conhecidos por criarem distúrbios em todo o mundo? Eles se escondem atrás dessa imagem de ser útil, mas na verdade eles são um enorme incômodo”.

Bianca acenou com a cabeça. “Faz sentido que eles estivessem por trás disso”.

“Era Valentino”, argumentou Liv, quase batendo o pé.

Adler balançou a cabeça, seus cabelos brancos balançavam com o movimento. “Valentino é um grande apoiante da Casa. Ele nunca faria nada para abusar da magia. Se ele está trabalhando em algo, você deve ficar o mais

longe possível”. Adler olhou para o banco rapidamente. “Vocês todos concordam que a Sra. Beaufont deveria ir atrás dos Zonks e os dizimar? Eles parecem ser o problema, de acordo?”

Houve um murmúrio coletivo de “sim” do grupo.

Liv suspirou. “Não temos nenhuma evidência disso”.

Adler estendeu sua mão e uma bola de cera se materializou acima de sua palma. Ela flutuou pelo ar e pairou na frente de Liv. “Você deve pegar isso e a usar para se livrar dos Zonks”.

Liv estendeu a mão e pegou a bola. “Como?”

Adler suspirou. “Se você tivesse aceitado o treinamento da Casa, saberia como usar um shimven”.

Liv colocou a bola de cera em seu bolso. “Eu ainda não acho que os Zonks sejam o problema”.

Adler bateu com a mão no púlpito. “Não é responsabilidade de um Guerreiro pensar. Isso é o que nós, Conselheiros, fazemos. Você deve seguir o nosso conselho e proceder. Isso está claro?”

Liv procurou os outros Conselheiros para obter apoio. Clark tinha seu rosto parcialmente coberto. Raina ofereceu um sorriso simpático, mas permaneceu em silêncio.

Foi Hester quem finalmente falou. “O comportamento de Valentino é suspeito, mas se você tirar os Zonks e a magia não parar de ser sugada, podemos estender a investigação”.

Adler bufou. “Eu realmente acho que isso não será necessário. Pensaremos nisso depois que a Sra. Beaufont completar seu caso.” Ele olhou para ela bruscamente. “No futuro, você não deverá precisar se reunir conosco com tanta frequência, mas sim completar seus casos com base nas informações que lhe fornecemos. Trate dos Zonks e tenho certeza de que terminaremos com isto”.

Liv deixou sair um fôlego, desejando que Clark olhasse diretamente para ela. Se sentindo derrotada, os seus ombros desabaram. “Sim, está bem. Vou exterminar algumas fadas feias se é isso que todos vocês querem”.

Capítulo 35

Liv teve o primeiro dia de folga durante toda a semana e estava planejando como matar uma horda de fadas.

“Se lembra do tempo em que pegávamos uma matiné aos domingos e não planejávamos a destruição de criaturas inocentes?” Liv perguntou a Platão enquanto esperavam por Rory junto à entrada para o subsolo.

Platão encolheu os ombros. “Eu sempre dormia no cinema. Eu prefiro a aventura”.

Liv atirou o shimven o ar. “Pois, acho que sim. Mas eu sinto falta da Netflix e de ter um tempo para dormir”.

“Você é uma Beaufont”, declarou Platão. “Você não é alguém que fica preguiçando nos fins de semana e nas folgas”.

“Não, não mais”. Liv olhou para o gato de lado. “A propósito...”

“Ninguém diz ‘a propósito’ casualmente. A frase deveria ser: ‘Estive trabalhando para lhe perguntar algo’”.

“Muito bem, muito bem”, continuou Liv. “Tenho trabalhado para perguntar como você me encontrou no dia em que saí da Casa dos Sete, há cinco anos”.

“Como?” Platão questionou.

“Bem, e porquê seria bom saber também”.

Platão olhou para cima enquanto Rory se aproximava. “Liv, eu poderia sentir você a cem quilômetros de distância”.

“Por causa da minha magia?”

Ele balançou a cabeça. “Por causa de sua dor. Eu senti que você precisava de um amigo”.

Liv acenou com a cabeça. “E eu precisava”.

Ela não acreditou completamente que seu amigo mais antigo a tivesse conhecido simplesmente porque ele sentiu que ela precisava dele, mas queria acreditar nisso com todo o seu ser. No fundo, Liv sabia que Platão tinha tido uma razão muito importante para se juntar a ela naquele dia fatídico e nunca

mais sair de seu lado desde então. Entretanto, ela não queria estragar este momento, ou talvez ela não quisesse saber a verdade.

Rory correu, pegando o shimven antes de cair de volta na palma da mão de Liv. “O que você está fazendo?”

Liv lhe lançou um olhar estranho. “É uma bola de cera. Eu estou brincando com ela”.

Rory balançou a cabeça. “A bola de cera está enclausurando os shimvens, que são escaravelhos carnívoros”.

Liv tremeu. “É assim que eles esperam que eu acabe com os Zonks?”

Rory fez uma expressão de repulsa ao empurrar a bola de volta para a mão dela. “Sim. Que maneira horrível de derrubar criaturas mágicas”!

Liv sacudiu a cabeça, empurrando cuidadosamente a bola para dentro do bolso. “Não se preocupe, eu não planejo a usar nos Zonks”.

“Então você está indo contra as ordens do Conselho?” perguntou Rory.

“Claro que estou”, disse Liv. “Os Zonks não são o problema, mas eu estava pensando que talvez eles pudessem nos ajudar».

Rory acenou com a cabeça orgulhosamente. “Eu estava pensando a mesma coisa”. Ele tirou um frasco de líquido púrpura. “Lhe trouxe uma moeda de troca”.

“O que é isso? Algum tipo de suco?” perguntou Liv.

Ele a entregou a ela. “Oh, não, é a comida favorita dos Zonks. Puré de beringela temperado com bolinhos esmagados”.

“Cara, é de admirar que essas coisas sejam tão feias?”

* * *

Na entrada da sala onde Liv tinha encontrado os Zonks pela primeira vez, ela fez uma pausa, observando as pequenas fadas enfiarem pedaços de líquido verde nas rachaduras. Elas não estavam, como Rory havia mencionado, preocupadas com sua presença. Ela não tinha certeza se elas sabiam sequer que ela estava lá.

Depois de um minuto inteiro os vendo trabalhar, ela limpou a garganta. As fadas pararam em uníssono, se virando com uma dança coordenada. Liv manteve sua expressão neutra, pois ela observava as muitas caras feias. O brilho verde da substância que elas seguravam fazia com que suas feições parecessem mais sinistras.

“Ei, aqui, adoráveis fadas”, começou Liv, segurando o frasco de pasta púrpura. “Eu lhes trouxe um presente”.

Ela desenroscou a tampa e a tirou para fora.

As fadas faziam ruídos coletivos de excitação e formavam um grande coração.

Bom começo, pensou Liv.

Ela puxou o frasco de volta. “Eu sei que vocês estão tentando parar Valentino, mas não é o suficiente”.

O coração dos Zonks se dissolveu e eles se espalharam, zumbindo com uma irritação repentina.

Liv colocou o frasco no chão e recuou. “Penso que se trabalharmos juntos, poderemos ser bem sucedidos. Vocês não querem Valentino aprisionando fantasmas, nem eu. Vocês estão tentando resolver o problema o parando, mas ele está encontrando maneiras de contornar os bloqueios que vocês criam”. Ela apontou para o verde brilhante preenchendo a maior parte das fendas da sala, obviamente barricando a sala do outro lado onde Valentino estava trabalhando.

“Eu sei que vocês são operários, mas eu estava me perguntando se, neste caso, vocês poderiam tentar ser distratores”... Liv disse, tentando ignorar o zumbido à medida que ele crescia. “Eu preciso que vocês criem uma distração para que eu possa entrar na sala e desativar qualquer dispositivo que ele tenha”.

As fadas trocaram olhares e depois formaram um ponto de interrogação.

“Como?” perguntou Liv. “Boa pergunta. Eu estava pensando que vocês deveriam se tornar um incômodo...”

O zumbido se tornou quase ensurdecador.

Liv acenou com seus braços. “Não estou dizendo que vocês são um incômodo; muito pelo contrário. Mas para que este plano funcione, teriam que fazer algo para atrair Valentino e seus homens para longe do coletor de fantasmas. Talvez vocês até possam quebrar algo nos túneis que os atraia para fora”.

As fadas formaram uma cara de raiva.

“Se vocês sabem como consertar as coisas, sabem como as quebrar”, continuou Liv apressadamente. “Eu deveria saber. Isso se chama engenharia reversa em meu negócio. Não me importa o que vocês fazem; eu só preciso que ganhem tempo. Acham que podem ajudar”?

O rosto irado se dissolveu quando as fadas quebraram a formação, olhando umas para as outras como se estivessem numa convenção silenciosa. “Sim. Sim. Sim”, elas cantaram em uníssono.

Liv soltou um suspiro de alívio. “Perfeito. Vamos começar”.

As fadas formaram uma mão gigante.

Liv não sabia o que fazer com isso.

“Acho que eles estão dizendo para parar”, disse Platão.

“Então porque eles não o dizem?” perguntou Liv. “Eles são aparentemente capazes de falar, mesmo que apenas em forma de canto”.

Uma única Zonk voou para frente, fazendo com que Liv se inclinasse para trás, preparada para atacar se necessário.

As outras fadas formaram um grande modelo de Liv, fazendo sua cabeça parecer um pouco maior do que ela pensava que era. Algumas outras fadas se uniram, criando uma Zonk maior que voou ao lado do modelo de Liv.

“Você quer que eu leve um de vocês comigo?” perguntou Liv.

“Sim. Sim. Sim”, eles cantaram novamente.

Liv olhou para Platão. “Acho que não pode magoar”.

“Eles parecem se comunicar telepaticamente uns com os outros, portanto, ter um deles com você o colocará em contato com todos eles”, argumentou Platão.

“Boa ideia”, disse Liv, estendendo um dedo para a Zonk apertar. “Estou ansiosa para trabalhar com você”.

A fada zumbia alto e sorria e de alguma forma o gesto positivo tornava a criatura mais feia.

Se os looks pudessem matar, os Zonks poderiam apenas olhar para Valentino e sorrir.

Capítulo 36

Aespera era uma virtude que os gigantes tinham em alta estima. No entanto, ser forçado a ficar nos túneis e não ajudar Liv era incrivelmente difícil para Rory Laurens.

Ele tinha gostado dela desde o início, antes mesmo de ter a certeza de que ela tinha magia. Alguma coisa sobre a pureza honesta em seus olhos o encantou nela. Ela também tinha a confiança de John, e não havia ninguém em cujo julgamento Rory confiasse mais. John era um bom homem, que fazia o bem pelas pessoas, mesmo que isso significasse que ele ficava a perdendo. Foi por pessoas como ele que Rory foi mais além para ajudar.

“Conseguimos a cooperação dos Zonks”, disse Liv por telefone.

Rory o segurou, olhando para seu rosto na tela. “Esse está com você agora?”

“Sim, ele é como meu walkie-talkie para o bando”, respondeu Liv e olhou de relance para a fada voando ao lado de sua cabeça. “Espere, você é um ele? Ou uma ela? Ou uma...”

“Você cala sua boca antes de dizer algo que a faça ser comida?” Rory advertiu.

Ela revirou os olhos. “Essas são perguntas razoáveis. Como devo usar o pronome certo sem as informações corretas?”

“Tente falar menos e fazer mais”, declarou Rory.

“Tudo bem, até lá você pode falar para o meu traseiro”, disse Liv, e o telefone ficou escuro porque ela o tinha enfiado de volta em seu bolso.

Rory ouviu os passos no túnel, então ele fechou os olhos e ativou um feitiço de camuflagem. Eles eram uma especialidade dos gigantes. Era assim que eles tinham passado relativamente despercebidos por séculos. A maioria dos humanos nem sabia que os gigantes estavam ao seu redor porque muitos preferiam operar totalmente camuflados o tempo todo. Rory já havia sido assim, mas ser invisível também lhe deu um olhar real sobre as pessoas. Quando elas não sabiam que você as observava, elas não escondiam seu sofrimento. Rory abandonou sua camuflagem, o primeiro de sua família a

fazer isso em um século e trabalhou para se integrar na sociedade como uma pessoa estranhamente alta. Ninguém suspeitava que ele fosse algo mais do que freak durante todos estes anos. Bem, até que a Liv Beaufont apareceu.

Rory se chegou para trás mais um pouco, esperando que ele estivesse deixando espaço suficiente para os homens passarem sem perceberem que ele estava ali.

“Já desliguei o primeiro armazenamento”, disse Valentino pelo telefone que estava segurando. “E eu fui em frente e ativei a segunda rodada. Eles querem duas a três fontes de energia”.

Eles? Rory se perguntou. Para quem Valentino estava trabalhando?

“Sim, eu sei que não nos resta muito tempo”, disse Valentino, passeando o seu casaco comprido. Era um tom de verde pálido, como algo que um duende usaria, feito de um tecido especial. “Aparentemente, alguém está em cima de nós, por isso eu pedi segurança dupla à medida que a fonte de poder aumenta. Qualquer um que tente intervir agora terá um despertar rude. Eu tenho o poder de cem fantasmas armazenado comigo”.

Valentino escalou através do buraco, sua voz ficou menos distinta à medida que ele se afastava. “Estou indo por aí. Vamos ligar a conduta no máximo. Temos que fazer isto e sair daqui”.

* * *

Esperar era algo em que Liv era horrível. Ela sabia que os Zonks tinham que fazer seu trabalho primeiro, mas ficar no túnel escuro esperando o sinal era terrivelmente frustrante. Ela tinha colocado Rory em mute e estacionado seu traseiro em um canto escuro, enquanto os Zonks se preparavam para fazer o que quer que fosse que eles iam fazer. Ao lado dela, a fada se movia para cima e para baixo no ar, seus olhos salientes, visíveis no escuro. Ela notou que de perto a Zonk era... bem, ainda super feia, mas suas características também eram meio interessantes, como se um morcego tivesse sido misturado com um rato e depois criado por uma traça.

À frente Liv ouviu batidas de pés. Ela endureceu, ouvindo de que direção vinha. O som se dissipou. A Zonk olhou para ela e acenou com a cabeça.

Ok, aqui vamos nós, pensou Liv, com um aperto se apoderando de seu peito. Ela começou andando para a sala principal onde a energia sugada era armazenada.

Capítulo 37

Três vezes Rory havia tentado contactar Liv sem conseguir. Valentino estava em cima deles, ou alguém mais estava. Ele estava acelerando o processo. O pior de tudo, ele já tinha uma fonte de magia armazenada e a carregava com ele, indo na direção de Liv.

Ela não tinha nenhuma chance se enfrentasse alguém com tanta magia. Ele a esmagaria antes que ela soltasse um único feitiço.

O coração de Rory acelerou em seu peito. Ele tinha que ajudar Liv, mas chegar até ela não ia ser fácil. Esta opção sempre esteve lá, mas era perigoso a usar. Rory tirou uma pedra lisa e redonda do bolso de seu jeans. Ela havia sido passada de seu avô para seu pai e depois para ele. As pedras de transporte eram raras e a maioria dos gigantes não as tinha, mas sua família tinha preservado as deles, tendo o cuidado de as usar apenas em emergências. Fazia muitos anos desde que ele a tinha usado, sabendo que seu poder diminuiria até que tivesse tempo de recarregar. Não só isso, porque seu poder estava ligado à Terra, havia certos riscos ao usar a pedra que seu pai havia aprendido da pior maneira. Cada experiência era diferente e Rory não tinha ideia do que poderia acontecer desta vez.

Ele esfregou seu polegar na parte superior da pedra e seus dedos indicador e médio na parte inferior. A pedra ficou instantaneamente mais quente em suas mãos quando ele pensou no local para onde precisava viajar. Quando a pedra estava quase quente demais para tocar, Rory fechou seus olhos, sabendo que o flash que viria em seguida o poderia cegar.

* * *

Liv não se surpreendeu que fantasmas estivessem depositando energia na sala à frente. O que ela não esperava era o enorme volume de fantasmas se aglomerando no espaço. Eles caíam do teto ou caminhavam através das paredes. Nenhum deles parecia preocupado com ela, seu foco estava direcionado à sua frente.

Um frio glacial percorria seu interior enquanto os fantasmas passavam por ela. Liv pulou para o lado, mas não importava. Havia fantasmas por toda parte.

Quando ela olhou ao redor da sala, não conseguiu perceber nada além das figuras brancas e cintilantes dos fantasmas, todos marchando para frente. Então Liv notou que todos eles estavam entrando em um grande prisma no meio da câmara. À medida que se aproximavam, o prisma os esbatia e os sugava, fazendo com que os fantasmas parecessem estar sendo atraídos por um aspirador de pó.

Liv observou a estranha cena, notando como as sombras se moviam dentro do prisma. Aqueles tinham que ser os fantasmas encurralados.

Conectadas ao prisma estavam mangueiras múltiplas. Uma delas levava a uma enorme máquina que tinha várias luzes piscando. Do outro lado do prisma havia uma máquina semelhante, mas preso no meio havia um grande recipiente com um cilindro de vidro suspenso no meio. Uma substância azulada estava subindo no cilindro.

“Isso é...” Liv perguntou a Platão.

“A energia mágica convertida”, respondeu ele.

“Nojento”. É como se ele estivesse fervendo fantasmas e os transformando em um caldo mágico”, observou Liv.

A orelha de Platão se torceu. “Acho que alguém está vindo. É melhor você se apressar”.

Liv olhou para a Zonk, que não tinha saído de seu lado. “Seus amigos? Eles não estão provocando uma diversão?”

“Sim. Sim. Sim”, respondeu a fada.

“Então quem está vindo?” perguntou Liv.

“Não sei, mas é melhor irmos trabalhar, desligando isto”, respondeu Platão.

* * *

No centro de um túnel escuro, Rory pousou, com sua cabeça batendo no teto com um baque.

“Ai”, ele rosou, esfregando seu couro cabeludo. Apesar de ter sido transportado de cócoras, a pedra sempre o entregava como bem entendia. Isso era parte do risco.

Um pequeno estrondo balançou o chão debaixo de seus pés.

Havia o outro risco. Terremotos.

Chovia poeira por cima. Não poderia haver um lugar pior para se estar quando um terremoto acontecesse. Rory se abaixou, cobrindo seu rosto enquanto corria atrás de Liv. Ele não só precisava de a avisar sobre Valentino, mas também tinha que a tirar desta confusão antes que ela fosse enterrada por causa dele.

* * *

Correndo para a primeira peça de maquinaria, Liv tentou fazer uma leitura rápida. Esta foi a que atraiu os fantasmas, ela tinha adivinhado. A outra converteu e condensou sua energia mágica. Ela teve que desligar essa primeiro e depois liberar os fantasmas. Tanto quanto ela sabia. Qualquer coisa além disso ainda era um mistério.

O chão tremeu de repente sob seus pés e Liv girou à procura de Platão. Ele tinha desaparecido. O momento não poderia ser pior.

Ao lado dela, ouviu o zumbido que recentemente veio associar com sua amiga Zonk. “Ei, você sabe como podemos desativar esta máquina? Precisamos que os fantasmas parem de vir”.

“Nós consertamos. Nós consertamos. Nós consertamos”, assegurou a pequena fada.

“Sim, eu entendo isso”, disse Liv enquanto poeira e rocha caíam por cima dela. Ela olhou em volta, tentando descobrir o que estava causando o tumulto. Talvez Rory estivesse pisando em algum lugar.

“Para resolver o problema, precisamos desativar esta máquina”. Liv apontou para a caixa gigante. “Você acha que pode descobrir uma maneira de bloquear os sensores? Eu poderia puxar os fios, mas tenho medo do que isso faria. Vou tentar descobrir o prisma. Tem que haver uma maneira de soltar os fantasmas presos”.

A Zonk pensou por um momento e depois fechou os olhos para a máquina. “Consertar. Consertar. Consertar.”, cantava a fada, quase sumindo no ar enquanto voava.

Outro tremor e Liv quase perdeu seu equilíbrio, caindo perto do prisma. Sua mão atravessou o vidro, para sua surpresa. Como se o prisma estivesse tentando a atrair para dentro dele, ela sentiu uma sensação de sucção. Liv

puxou sua mão de volta, mas ela resistiu, fazendo com que a máquina puxasse mais forte. Ela se jogou de volta e caiu no fundo, rolando atrás da outra máquina.

Liv estava prestes a se levantar quando duas figuras entraram correndo na sala. Ela afundou de volta nas sombras, observando.

Capítulo 38

Passar pelo túnel desmoronando não foi fácil para Rory, mas ele tentou deslizar sem causar mais danos. O chão tremia mais violentamente a cada novo terremoto. À frente, ele conseguia ouvir os homens gritando. Como ele havia planejado, aterrissou a apenas algumas dezenas de metros da sala principal. Ele viu dois homens que corriam para dentro da sala, carregando a energia dos fantasmas. Atrás deles estavam outros dois.

Rory gritou, fazendo com que parassem. Como se estivessem relutantes em ver quem tinha uivado, eles circulavam lentamente de um lado para o outro.

Quando avistaram Rory agachado no túnel, eles olharam um no outro com um olhar ansioso e correram na direção oposta. Se apressaram a passar pela sala e continuaram correndo.

Isso foi fácil, pensou Rory.

Atrás dele, ouviu mais sons. Ele se virou para encontrar dois homens armados. Não o tipo de armas que ele pudesse respeitar, como espadas ou paus. Estes mortais estavam segurando pistolas: armas de covarde.

* * *

“O que está acontecendo aqui?” gritou um dos homens enquanto entrava na sala, olhando para a conduta.

“O que está um desses insetos nojentos fazendo aqui?” gritou o outro homem, correndo e golpenado o Zonk.

Liv tinha fé de que a fada poderia fazer seu trabalho, mas somente se lhe fosse dada uma chance.

“Ei, feioso”, disse Liv, pulando de seu esconderijo. “Cuidado com quem você está chamando de nojento. É meu amigo”.

Os homens giraram para a enfrentar, a vingança brotando na cara deles naquele instante.

“Ouvimos que uma parasita poderia estar vindo aqui para intervir”, disse o primeiro homem, passando por cima, nada intimidado pela visão de Liv.

“Parasita?” ela questionou, expirando. “Não sou eu quem está roubando energia dos inocentes e fez uma bagunça para que outros limpassem”. Ela apontou para o homem careca e depois para seu amigo, que havia puxado uma faca. “Vocês dois é que parecem os parasitas, para ser honesta”.

O homem sem arma estendeu sua mão para o outro homem. “Não se preocupe com essa daqui. Apenas parece um mágico novato que se perdeu. O chefe disse que estes tipos não são um problema. Nós só temos que a deter e ele vai lidar com ela”.

O outro homem riu. “Mas nós podíamos a fazer cansar antes que ele chegasse”.

Liv ficou aliviada ao ver que a Zonk havia voltado a fechar a conduta. Agora só tinha que garantir que ela tivesse tempo para terminar. Liv não sabia como a magia de combate funcionava inteiramente, mas parecia que ela respondia às suas necessidades. Ela ergueu a mão e murmurou uma frase que nunca havia ouvido antes. Ela literalmente saiu da sua boca do nada.

“*Hel-E-Hi-Cha*”, disse ela com uma voz profunda.

O primeiro homem levantou os pés do chão, ficando suspenso no ar. O outro voou para trás e bateu na parede distante e sua faca caiu no chão.

Liv assistiu ao primeiro homem dar um pontapé no ar e ao outro balançar a cabeça, desanimado pelo ataque repentino.

“Economize sua energia”, disse Platão de um canto distante ou de cima ou atrás de Liv. Ela girava, tentando o encontrar, mas ele não estava em nenhum lugar à vista e mesmo assim, parecia estar tão perto.

Liv acenou com a cabeça quando tinha feito um círculo completo. O felino estava certo. Ela não precisava desperdiçar sua preciosa energia com esses capangas. Ela se inclinou e agarrou a faca que o homem havia deixado cair.

“Vocês têm cinco segundos para sair daqui antes que eu os corte em fatias para o jantar”, disse Liv. “Os mágicos novatos são os piores porque não sabemos nossa própria força ou quando parar de a usar”.

Liv girou a faca em sua mão, surpreendida quando ela parou com o timing perfeito e não tinha cortado os dedos no processo. O primeiro homem desceu de volta ao chão e o segundo pulou e ambos saíram correndo pela porta e se afastaram.

Capítulo 39

Rory cerrou os punhos, o calor subia na sua cabeça, fazendo com que seus olhos ficassem vermelhos. O chão tremia violentamente sob eles, quase derrubando os dois homens.

Normalmente, Rory dependeria de sua força bruta para derrubar esses homens, mas no túnel estreito, ele estava em desvantagem. Se movimentar era complicado e chegar a qualquer lugar rapidamente era impossível. Com o chão tremendo mais a cada minuto que passava, isso complicou toda a situação. Rory tinha que lidar com esses idiotas rapidamente e chegar a Liv.

Ele ouviu o clique da arma e estreitou os olhos para o homem mais próximo dele. Com um simples abanar de mão de Rory, o homem voou de volta através do túnel, pousando a 5 metros de distância e a sua arma ricocheteando de sua mão.

O outro homem disparou, a bala atingiu Rory no o peito. Ele olhou para baixo, irritado.

“Sério? Esta é uma das minhas camisas favoritas”, rosnou ele, olhando para o buraco que a bala havia feito em sua camisa de quadrados de flanela. Ele pegou a bala e a sacudiu, balançando sua cabeça.

O homem recuou, percebendo imediatamente que estava absolutamente ferrado. A pele de gigante era incrivelmente dura e quando a magia deles estava ativada, como a de Rory estava agora, eles eram quase imparáveis. Quase. Os mágicos, os mais experientes, sabiam como quebrar as defesas de um gigante, mas Rory não precisava se preocupar com isso com um único mortal olhando para ele.

O gigante empurrou o ar com sua mão em um movimento rápido. Embora não tenha tocado o homem, ele voou de volta, pousando em uma pilha de pedras ao lado de seu parceiro.

Rory se virou na direção de Liv, mas já era tarde demais. O túnel à frente estava em processo de colapso, poeira e detritos caindo em uma correria.

* * *

A Zonk zumbia alto, puxando vários fios livres da grande máquina. Um zumbido que Liv nem percebeu monopolizada pela ação da fada. O prisma empalideceu por um instante, depois ficou mais brilhante, e depois desapareceu completamente.

O fantasma que estava prestes a caminhar diretamente para o prisma parou e olhou em volta, confuso. Atrás dele, outros fizeram o mesmo, como se estivessem acordando de um atordoamento.

“Vão embora!” Liv comandou, os conduzindo para fora do caminho que eles seguiam. “Saíam daqui. Isto foi uma armadilha”.

Os fantasmas a olhavam, muitos deles inclinando a cabeça para o lado como se tentassem entender melhor de um ângulo diferente.

“Sério, saíam daqui!” Liv gritou, tentando afastar o fantasma mais próximo, suas mãos atravessando diretamente o velho homem.

Ele piscou os olhos para ela impassivelmente, e um momento depois recuou como se tivesse acabado de se lembrar de algo que precisava fazer. Um a um, os fantasmas caíram pelo chão ou flutuaram pelo teto enquanto a sala tremia furiosamente.

Lá fora, no túnel, houve um estrondo forte, seguido por uma nuvem de poeira. Liv cobriu sua boca e tossiu, seus olhos queimavam dos escombros no ar.

Ela olhou à sua volta. “Bom trabalho, Zonk. Agora precisamos descobrir como reverter o prisma para que possamos tirar os fantasmas de lá”.

Dentro do prisma, as sombras dançavam. Às vezes uma forma se aproximava da superfície, suas características ficavam nítidas e depois desbotadas novamente. Quantos fantasmas ficaram presos lá dentro? Era difícil dizer.

Liv olhou de relance o contentor na outra máquina. Não estava nem meio cheio. Ela não tinha certeza de quanta magia estava armazenada nele, mas não podia arriscar que chegasse às mãos erradas. Ela puxou o cilindro, tentando o soltar. Ouviu a Zonk mexendo na outra máquina.

O cilindro estava bem preso, fazendo com que os dedos de Liv ficassem doendo pelo esforço de o tentar soltar. Ela empurrou e quando finalmente se soltou, ela tropeçou levando o contentor a reboque. A força a enviou diretamente para o prisma; ela não conseguiu parar o impulso. Ela ia cair diretamente nele. A sensação de sucção tomou conta dela. Não havia como resistir a isso.

E então algo saiu das sombras: um leão do tamanho de um pônei. Ele bateu nela com suas patas, batendo do outro lado enquanto saltava sobre o prisma e depois desapareceu.

“Pl-Pl-Pl...” Liv gaguejou, subitamente desorientada. Ela não conseguia processar o que havia acontecido, já que tudo havia ocorrido tão rapidamente. Ela pensava que tinha imaginado tudo, mas então Liv olhou para baixo e viu o rasgo em sua camisa, as marcas da garra do leão gigante em seu ombro e o sangue escorrendo pelo braço.

Capítulo 40

Os homens que Rory havia atirado tinham fugido, o que era a coisa mais inteligente a fazer com os túneis desmoronando, mas ele precisava estar do outro lado de um monte de escombros. Ele não podia se teleportar novamente. Foi por ele ter feito isso que estava nesta posição, colocando Liv em perigo. Platão não, no entanto. Aquele lince, onde quer que estivesse, viveria suas nove vidas ou as que lhe restassem. Mas Liv - ela ainda podia ser esmagada. Um mágico poderia viver algumas centenas de anos, mas isso nunca foi uma garantia. Nada era, Rory descobriu.

Ele hesitou, olhando para o amontoado de rochas. A magia seria a maneira mais fácil de a eliminar, mas essa também era a causa do problema. Rory sabia que levaria mais tempo, mas começou a trabalhar desobstruindo o túnel manualmente. Ele sentiu que essa era a abordagem correta, e os sentimentos eram tão bons quanto ouro para ele. A lógica foi a queda da maioria dos homens, porque tirou o fator mais importante da equação: a emoção.

* * *

Liv deixou cair o cilindro, e ele rolou para longe. Sua atenção foi roubada pela ferida em seu braço. Ainda não doía, mas ela sabia que isso se devia apenas ao choque.

Para sua surpresa, a Zonk deixou o que estava fazendo e correu para ela de repente com aquela estranha substância verde nas mãos.

“Estou bem”, disse Liv enquanto a fada tentava se aproximar, empurrando o material verde brilhante em sua direção.

“Magoada”. Magoada. Magoada.”, cantou. “Eu conserto.”

Liv acenou com a cabeça. O que mais ela deveria dizer enquanto a sala tremia de um estranho terremoto e depois também girava de sua vertigem.

Ela estava incrivelmente grata por Platão ou o que quer que fosse que a salvou de cair no prisma, e ela estava apenas um pouco irritada por a criatura

ter maltratado seu braço no processo. Ela desviou o olhar enquanto a Zonk trabalhava, não conseguindo suportar a visão de sua carne rasgada nem mais um pouco.

Passos de corrida roubaram a atenção de Liv e ela olhou para cima enquanto um homem com um fraque verde escuro, que atrás ficava abaixo dos seus joelhos, corria para a sala. Ele usava um chapéu de coco, e sua expressão era de fúria.

Valentino parou enquanto olhava ao seu redor. Ele olhou primeiro para o prisma, pálido e escuro e as figuras sinistras que espreitavam nas superfícies. Depois ele olhou para Liv, fervilhando de raiva inegável em seus olhos.

“Você”, disse ele, a única palavra trazia consigo convicção e ressentimento. “Como você ousa entrar na minha área e tentar parar as coisas? Quem você pensa que é?”

Liv afastou a Zonk, se endireitando. “Eu sou Liv Beaufont, uma Guerreira da Casa dos Sete e seu pior pesadelo”.

Valentino riu, um som estilhaçado sem alegria. “Você não passa de uma mágica destreinada, sem respeito pela autoridade”.

Como ele sabia disso? Liv se questionou.

“Como eu disse, seu pior pesadelo”, repetiu Liv.

Do bolso de sua jaqueta longa, Valentino tirou outro cilindro, este cheio até a borda com o líquido azulado. “Me foi dito para não a matar, mas sou conhecido por não ser um ouvinte muito bom”.

“Quem lhe disse para não me matar?” questionou ela.

Mais uma risada. “Pessoas mais poderosas do que você ou eu”. Valentino olhou a lata de forma presunçosa. “Bem, eles costumavam ser. Você sabe que com o que estou segurando agora, eu tenho poder que você nem pode imaginar?”

Liv revirou seus olhos. “Vamos lá, me dê algum crédito. Eu não nasci ontem. E também, porque você tem que soar tão vilão? Tipo, sério? Você soa como todo bandido que já conheceu sua morte por causa da ganância e do engano”.

Liv se levantou do chão subitamente e foi atirada para dentro da máquina por uma força diferente de tudo o que ela já havia experimentado. Não tinha havido nenhum aviso. Valentino não tocou seu pulso ou murmurou um feitiço ou até mesmo se contraiu. Ele simplesmente olhou para ela e ela foi atirada a vários metros.

Sua cabeça bateu com força na máquina. Ela pensou que o chão roncava debaixo dela novamente, mas percebeu que eram apenas peças caindo ao redor dela. O terremoto parecia ter parado por enquanto.

Liv rolou para o lado enquanto Valentino flutuava pelo ar, pousando a seus pés. Ela olhou para o homem, sem saber como proceder. Antes que ela pudesse sequer considerar suas opções, ele a puxou para cima e ela ficou de pé como uma estátua. Embora ela tentasse mover suas mãos, ela as sentia como se estivessem amarradas ao seu corpo.

“Me deixe”, disse Liv através dos lábios apertados.

“Com muito prazer”, respondeu Valentino e ela se levantou do chão, pairando logo acima do prisma. “Adicionar você a este lote me levará ao meu objetivo muito mais rápido do que usar fantasmas. Na verdade, é muito bom que você tenha aparecido quando o fez”.

Liv meio que esperava que o leão gigante saltasse das sombras novamente para a empurrar para fora dali. Ela ficou tensa, não esperando que as unhas afiadas cortassem novamente algum de seus braços.

“Onde está a lata?” perguntou Valentino, focando sua atenção sobre a máquina em que ele a jogara. “O que você fez com ela?”

“Eu libertei toda a magia”, mentiu Liv.

Ele lhe deu um olhar cético de lado. “Não importa”. Um momento depois, uma lata vazia apareceu onde a outra havia estado. “Acho que você tem magia suficiente para quase encher esta até ao fim, e então... Bem, eu serei imparável”.

“Não se a Casa trancar sua magia”, Liv disparou.

Isto pareceu empatar Valentino por um momento. “Sim, suponho que você esteja certa. Pensando melhor, eu não deveria lhe fazer mal”.

Ele a balançou rapidamente antes de colocar Liv perigosamente perto do prisma. “Sim, pensando bem, acho que podemos nos ajudar um ao outro”.

Algo caiu do bolso de Liv enquanto seus pés tocavam o chão, mas ela estava muito preocupada com a Zonk que a seguia para tentar reparar seus novos ferimentos.

“Eu não estou nessa de ajudar homens como você”, disse Liv, mal lhe foi permitido mover a mandíbula porque Valentino a paralisou em sua maioria.

Ele sorriu, dando um fôlego. “Oh, mas a questão é essa; você não tem escolha”. Ele enfiou o cilindro de magia no bolso interno de sua jaqueta. “Você, Liv Beaufont, vai informar à Casa que destruiu minha área tentando

parar minha operação. Embora eu tenha escapado, você destruiu todas as latas que eu tinha. Isso está entendido?”

Liv sabia que isso era errado. No fundo, ela sabia que não tinha feito o que Valentino tinha dito ou destruído a magia. No entanto, ela se viu acenando com a cabeça. “Tudo bem”, ela ouviu alguém dizer, e percebeu que era a sua voz.

“Ótimo”, disse Valentino. “Agora, o que aconteceu com as latas de magia?”

“Todas elas foram destruídas”, declarou Liv em voz robótica. Em sua cabeça, ela gritava: “Não, isso está errado”, mas não chegava aos seus lábios.

“E agora, acho que devemos garantir que a prova seja real”. Valentino deslizou sua mão pelo ar como um mestre de cerimônias abrindo um espetáculo no circo e a máquina rachou, emitindo vapor.

Liv observava, mas seus pensamentos se confundiam. Quanto mais tempo ela ficava imóvel, mais difícil era para ela separar a realidade das falsas lembranças. Talvez todas as latas tivessem sido destruídas, embora por alguma razão isso parecesse errado.

Valentino apontou para a máquina mais próxima deles e ela explodiu, enviando faíscas por todo o lugar. Elas atingiram o chão perto dos pés de Liv, mas ela permaneceu congelada. O incêndio eclodiu das várias máquinas, ocupando o espaço. Liv sabia que precisava correr. Ela precisava de ar puro, mas ficou paralisada.

A Zonk guinchou, correndo até suas pernas que haviam sido atingidas por faíscas e agredidas quando ela voou pelo ar. Estava tentando a tratar, mas era inútil. Seu verdadeiro problema não podia ser consertado, ou seja, que ela não se lembrava do que havia acontecido. Valentino tinha escapado, mas ele ainda estava na frente dela.

A Zonk soltou um grito agudo e voou direto para o teto antes de fugir. Liv não conseguia entender porque a abandonara até que olhou para baixo e viu a bola de cera que deve ter caído de seu bolso. Ela havia se aberto e hordas de escaravelhos negros rastejavam para fora dela. Ela não pensou muito nisso até que percebeu que eles estavam crescendo à medida que avançavam pelo chão, brandindo suas tenazes ameaçadoras no ar enquanto emitiam um terrível som sibilante.

Enquanto Valentino apontava para o prisma, ele reparou nos shimvens - os insetos comedores de homens. “Mas que diabos?”

Ele enviou feitiços na horda, os virando e destruindo um após o outro.

Liv de repente percebeu que podia se mover. Seus dedos se mexeram e ela recuou vários metros.

Valentino reparou no seu movimento através de sua visão periférica e, de repente, ela estava deslizando pela sala, depois batendo na parede traseira. “Eu ainda não terminei meu assunto com você. Você sairá daqui e reportará à Casa dos Sete, mas não até que eu diga. Devemos fazer com que pareça que você realmente fracassou em tudo”.

Liv caiu, sentiu como se tivesse deslocado seu ombro. Ela o agarrou com a outra mão e sacudiu, tentando o colocar de volta no lugar. Um grito saiu de sua boca, e ela pensou que iria desmaiar com a dor. Em vez disso, ela caiu de lado, a sua bochecha ficou pressionando com força no cimento.

E ela a viu.

A lata azul. Estava apenas meio cheia, mas ainda assim... A centímetros de seu rosto, escondida atrás de equipamentos quebrados, estava a outra lata. Isso não fazia sentido para ela, porque ambas haviam sido destruídas - ou era o que ela se lembrava, de qualquer forma.

Liv alcançou a lata parcialmente cheia enquanto se empurrava para cima. A mão de Valentino foi estendida em direção ao prisma, seu foco era o destruir quando Liv tirou a energia da lata. Ela não tinha certeza de como funcionaria, mas a tarefa veio naturalmente à sua cabeça, como se ela a estivesse usando como varinha ou bastão. A posse do cilindro de magia lhe deu acesso a ela. Ela sentia o pulsar da magia através de cada fibra de seu ser, sobrecarregando suas sinapses.

“Não!” Gritou Liv, sua voz parecia abalar toda a sala.

Valentino olhou para cima em alarme, seus olhos se desviaram para a lata ao alcance de Liv. Ela estendeu sua mão na direção dele, mas ele foi rápido, atirando um escudo invisível. Liv podia sentir a luta entre suas magias. Enquanto ela tentava dominar Valentino, ele fazia o mesmo, sua força a desafiava em todos os níveis.

Liv resmungava enquanto o suor derramava pela testa. Ela recuou, a magia de Valentino a empurrava para longe.

A sala estava rapidamente se enchendo de fogo. Ela deveria correr ou o extinguir. Ela tinha que usar sua magia para o bem, mas precisava de cada grama para combater o mágico que estava diante dela.

Ele foi forçado a recuar vários metros, colidindo com a parede.

Liv não sabia como isto terminaria, já que parecia impossível que qualquer um deles pudesse vencer. Ele não era compatível com ela, não mais, mas ela não era suficientemente poderosa com apenas metade da lata de magia para alimentar seus esforços.

As veias da cabeça de Valentino pareciam quase estourar enquanto o poder dela o empurrava para o lado mais alguns centímetros.

Liv se manteve firme, mas não sabia quanto tempo mais duraria, e então de algum lugar ouviu uma voz que ela reconheceu. “Não empurre. Puxe”, disse ela.

É claro, Liv pensou e imediatamente mudou a direção de sua magia, puxando Valentino em direção a ela. Seus olhos se encheram de alegria ao perceber o que estava prestes a acontecer. Ele se levantou no ar e seus pés raspavam o chão enquanto ele foi empurrado para a frente, sugado diretamente para o prisma se diluindo. Tinha acontecido rápido e estava acabado rápido. Liv não conseguia acreditar que isso tinha acontecido.

Ela olhou em volta para o fogo e a fumaça. O prisma era uma prisão onde se podia entrar, mas de onde não se podia escapar. A sala estava destruída, mas ela estava viva.

A luz brilhava do prisma de repente, brilhando mais forte a cada segundo. Era como se estivesse olhando o sol. Liv soube instintivamente que o prisma estava excessivamente cheio, segurando tanto a magia fantasma como agora a de Valentino e não havia como liberar o poder. Liv tinha parado Valentino, mas não podia impedir o que iria acontecer a seguir. O prisma estava prestes a explodir, e não havia como fugir dele.

Capítulo 41

Rory jogou a última pedra grande para fora do caminho, fazendo uma abertura que era grande o suficiente para ele caber. A magia teria limpo o túnel mais rápido, mas limpar os escombros com as mãos tinha sido mais seguro.

Do outro lado, uma luz tão brilhante, que Rory não suportava olhar para ela, brilhava na sala à frente. Ele protegeu seus olhos enquanto caminhava. “Liv!” gritou ele, acelerando em direção a ela.

Quando ele chegou à entrada da sala, foi difícil perceber o que estava acontecendo. Duas grandes máquinas foram totalmente destruídas. No centro do espaço, um prisma do tamanho de um carro brilhava intensamente, vibrando fortemente como um vulcão prestes a entrar em erupção. E do outro lado da sala estava Liv, com o rosto vermelho e uma lata azul de magia em suas mãos.

“Vamos lá”, gritou Rory.

“Não posso”, gritou ela, sua voz quase se afogou com os fogos que a rodeavam.

Rory entendeu imediatamente. Ela estava presa e, pelo que parecia, ferida. Liv ergueu as mãos para apagar os fogos que se propagavam do prisma e das máquinas, mas seus esforços eram inúteis; o fogo desaparecia por segundos e depois reacendia. A magia no prisma não podia ser contida, e logo irromperia.

“Voe até aqui”, sugeriu Rory.

Liv pairou a alguns centímetros do chão, mas caiu de volta com um baque. Voar implicava prática e não era fácil quando tudo ao redor parecia prestes a explodir.

Rory sabia o que devia fazer naquele instante, e não hesitou. Ele se esgueirou diretamente para o fogo que cercava Liv.

Sua boca estava aberta quando ele atravessou o espaço e a arrebatou como uma boneca de trapos. Gentilmente ele a colocou nas suas costas e ela o agarrou pelo pescoço enquanto ele a carregava pelo caminho de volta.

Liv manteve seus pés altos enquanto eles atravessavam o fogo.

O prisma pairava a alguns centímetros do chão e parecia que o vidro estava se estilhaçando dentro dele repetidamente. Eles não tinham muito tempo, ou talvez nenhum.

Rory nunca havia imaginado morrer desta maneira. Ele não sobreviveria à explosão; nada nos túneis sobreviveria. Tudo acima da superfície também sentiria as repercussões.

Ele correu, segurando Liv no alto de suas costas, com o cuidado de escolher o caminho que tinha menos chamas.

Quando chegaram ao outro lado da sala, Liv escorregou para o chão, pousando em seus pés. Ela andava à volta de Rory enquanto o barulho se tornava ensurdecedor. O chão era como lava, derretendo seus sapatos enquanto caminhavam e o ar era espesso com fumaça. O prisma estava a segundos de detonar e liberar toda a magia que tinha armazenado.

Liv fechou os olhos e abriu um portal na entrada da sala. O arco brilhava com uma luz pálida, os azuis e os verdes não eram suficientemente intensos.

“Vamos lá, Liv,” encorajou Rory, sua voz se exaltou. “Você tem que acreditar em si mesma. A confiança é a chave para a magia do portal”.

Ela estendeu sua mão na frente dela e gritou, a voz cheia de desejo. O portal se intensificou, agora parecendo uma porta de verdade, não uma imagem indistinta.

Rory agarrou Liv pelo ombro e a empurrou através do portal, andando atrás dela, sem se preocupar com o lugar para onde iam. Ao cruzar o limiar, o prisma explodiu, enviando magia para todos os lados como estilhaços de vidro.

Do outro lado, ele não se surpreendeu ao encontrar Liv dobrada ao lado da oficina de reparos de John e Platão sentado ocasionalmente ao lado dela, lambendo sua pata.

Capítulo 42

Você percebe que você mesma e muitos mortais estão em perigo”, disse Adler, olhando para Liv do púlpito.

Ela rolou seus ombros para frente e para trás várias vezes. Hester Devries tinha ajudado Liv quando ela apareceu na casa, seu braço ainda estava gravemente ferido. Ela também havia tratado os outros cortes e hematomas que sofreu enquanto lutava contra Valentino. Aparentemente, a mágica tinha uma marca única de magia curativa, que era rara e era de família, embora muitas vezes saltasse várias gerações.

Hester ficou impressionada quando viu o curativo que a Zonk tinha colocado no ombro de Liv para tentar curar os arranhões. “Ela usou uma substância conhecida como smoglite, que é incrivelmente versátil”, Hester explicou, enquanto Trudy trazia para Liv uma nova camiseta preta e jeans.

“Achei que você poderia gostar disto”, disse Trudy, dando a Liv as roupas, já que as dela estavam quase todas queimadas e em pedaços.

Liv olhou para as roupas e para Trudy, se perguntando se elas eram sua maneira de dizer: “Eu te aceito como você é”.

Liv agradeceu enquanto gritou de uma súbita sensação de picada no seu braço.

“Sinto muito”, declarou Hester. “Não há como diminuir a dor. Estou tirando o veneno da ferida”.

“Veneno?” Liv questionou.

“Oh, sim, os lincos têm um veneno poderoso que torna seu oponente incapaz de se mover”, explicou Hester.

Liv lembrou que tinha tentado voar ou mesmo atravessar os fogos. Parecia impossível. Se Rory não tivesse aparecido...bem, ela estaria morta. Mesmo o portal teria sido impossível se ela não tivesse tirado poder da lata de magia, que agora estava aos cuidados dos Conselheiros, que a tinham tomado quando ela apareceu sozinha, sangrando e exausta.

“Ele não queria me machucar”, disse Liv depois que a picada desapareceu.

“Quem, querida?” Perguntou Hester, curando a ferida.

“O lince”, respondeu Liv.

Hester olhou para ela de forma incerta. “Se você lutou contra um lince e saiu viva, você é realmente afortunada. Eles quase nunca perdem”.

“Não foi assim...” Liv começou, mas depois deixou suas palavras desbotarem. Havia certas coisas que ela não podia contar aos Conselheiros sobre o que havia acontecido nos túneis subterrâneos. Platão, por exemplo. E Rory. Ela temia que o que ela pudesse relatar não fizesse qualquer sentido.

Liv olhou Adler diretamente nos olhos. “Eu sei disso, mas Valentino estava fora de controle. Ele era o problema. Ele estava faminto por poder. Se eu não o tivesse impedido, quem sabe o que ele teria feito com a magia”?

“Onde está Valentino agora?” Adler perguntou, batendo seus dedos longos no tampo.

“Bem, ele está morto, ou o que quer que esse prisma tenha feito com ele”, declarou Liv. Ela olhou para Clark em busca de apoio, mas ele parecia tão impassível como sempre.

“E você disse que ele tentou te fazer uma lavagem cerebral para acreditar que ele tinha escapado?” perguntou Raina.

“Sim”, respondeu Liv.

“Você tem certeza de que ele não escapou?” Raina questionou. “Ele estava no controle de uma grande quantidade de magia e a lavagem cerebral é difícil de superar”.

Adler se inclinou para frente. “Sim, como sabemos que os eventos que você contou são como realmente aconteceram”?

“Não é isso que eu quero dizer”, declarou Raina. “Estou simplesmente apontando que os eventos podem estar confusos na cabeça de Liv. Ela precisa descansar”.

Adler balançou a cabeça. “A maioria dos Guerreiros não descansará esta noite, já que eles têm que limpar esta bagunça. Ela também não deveria».

Os outros Guerreiros que haviam estado presentes quando Liv chegou, tinham sido enviados aos túneis subterrâneos para encobrir a agitação que a explosão havia criado. Stefan e Akio tinham saído imediatamente, sem olhar para trás por terem que deixar seus casos de lado para este.

“Quantas latas sobraram, Sra. Beaufont?” perguntou Haro.

Liv tremeu por dentro. Ela sabia a resposta, mas ainda assim a questionava. “Havia uma; aquela que eu dei a todos vocês”.

“Mas você disse que eram duas”, declarou Lorenzo.

Liv acenou com a cabeça. “Havia mais duas, mas elas explodiram com Valentino, ou melhor, elas foram a causa da explosão”.

“Você tem certeza?” Adler pressionou.

Liv começou acenando com a cabeça, mas depois balançou querendo dizer que não. “Eu não sei. Quero dizer, eu acho que ambas as latas foram destruídas”.

“Que fique registrado que a Guerreira não está segura do que aconteceu com as latas de magia e pode precisar passar por um procedimento de lavagem cerebral reversa”, disse Adler imediatamente.

“Eu, eu, eu...” Liv gaguejou. Ela olhou para Clark novamente, mas ele não estava disposto a apoiar a irmã. Ela não o entendeu. Ela havia completado seu segundo caso e sobrevivido. Ela havia derrubado um homem mau e ele não parecia nem um pouco orgulhoso dela. Mas então, ela não sabia porque isso importava. Ela não tinha feito nada disso por ele. Tinha sido pela mãe e pelo pai deles. Por Ian e Reeses. Para a família Beaufont.

“Sra. Beaufont, foi dito para dissipar os Zonks”, declarou Adler.

“Mas eles não eram o problema, como eu já provei”, disse Liv atirando de volta.

“Independentemente disso, ir contra as ordens dos Conselheiros é motivo de punição e...”

“Liv arriscou sua vida para proteger a magia”, disse Raina, interrompendo Adler.

“E esse é o verdadeiro trabalho de um Guerreiro”, disse Hester orgulhosamente.

Haro acenou com a cabeça, quase sorrindo. “Eu concordo. Eu a elogio, jovem guerreira, pela forma como você lidou com este caso. Pode não ter sido como nós, os Conselheiros, aconselhamos, mas um pouco de improvisado é importante em seu papel”.

Os olhos claros de Adler caíram quando um ar carrancudo tomou conta de seu rosto. “Acho importante que mantenhamos a ordem, é tudo”.

“E graças à Liv, nós mantivemos”, disse Raina alegremente. “Ouso dizer que temos mais para celebrar esta noite do que poderíamos ter sonhado”.

“Celebrar?” Liv perguntou, perplexa e de repente se perguntando onde estava o tigre branco.

“Oh, você deve ter estado ocupada demais com seu caso”, disse Hester

com um sorriso. “Hoje à noite há um grande evento. É véspera de All
Hallow’s”.

Capítulo 43

Eu não tenho nada para vestir”, argumentou Liv. Sophia bateu em seu pequeno queixo e pensou por um momento. “Você quer ser uma sereia ou um unicórnio?”

“Eu acho que quero ser uma menina que está dormindo”, respondeu Liv.

“Você tem que vir para a celebração”, insistiu Sophia. “Todos estão tão entusiasmados com a sua conclusão deste caso. Já ouvi muita gente falando sobre isso”.

“Essa é a questão, eu não tenho que fazer nada”, disse Liv, admirando a fantasia de dragão de Sophia. Ela parecia um dos mais belos dragões azuis que Liv já havia visto, com escamas cintilantes e uma longa cauda.

“Então, sereia ou unicórnio?” perguntou Sophia novamente.

“Que tal algo que não é real, como um humilde vegano ou um hipster desprezioso?” Perguntou Liv de forma ríspida.

Sophia acenou com a cabeça e apontou. “Já sei”.

Um momento depois, Liv estava usando um traje de bailarina completo com tutu e tiara.

“Eu não sabia que você queria que eu vomitasse, querida irmã”, disse Liv, olhando para suas meias-calças rosa.

Sophia riu e trocou Liv de novo. “Certo, tudo bem. Acho que todos vão ignorar se você não estiver vestida este ano, mas no próximo ano quero que façamos uma fantasia de grupo. Clark, também”.

Liv resmungou para si mesma ao pensar em Clark. Se ele fosse fazer parte do traje deles, teria que ser algo que tivesse a ver com o fato de ser um traidor.

A música ecoava do corredor do lado de fora, fazendo Liv quase saltar. Seus nervos foram abalados após o que se passou nos subterrâneos. O tremor do chão a fez pensar que era outro terremoto. Ela teve que dizer ao Conselho que isso havia sido o resultado da magia de Valentino, embora Rory tivesse admitido que ele havia causado o desmoronamento. Ela não sabia os detalhes e ele tinha dito claramente que ela não precisava saber.

“Vá à frente”, disse Liv a Sophia, cujo rosto estava repleto de emoção.

“Isso significa que você vai desaparecer e não vai à comemoração?”

Liv revirou seus olhos. “Não, isso significa que preciso de um momento para mim antes de ter que fingir ser gentil com as pessoas”.

“Ok, isso é justo”, declarou Sophia. “Vou te guardar um lugar junto à fonte de chocolate”. Eles transformam a do jardim para que ela flua com o chocolate. É grande o suficiente para nos banharmos”.

Liv suspirou. “Por que não pode ser uma fonte molho ranch? Eu gostaria mais”.

“Quem não gosta de chocolate?” perguntou Sophia.

“Os sem alma”, respondeu Liv. “Então, eu e os vampiros”.

Sophia fez um último sorriso, que quase não era visível sob o grande fato que ela estava usando, antes de sair pela porta.

Liv olhou ao redor da sala de estar da suíte de Sophia e Clark. “Muito bem, saia”.

A sala permaneceu bastante silenciosa. Ela estava prestes a chamar novamente quando, das sombras, Platão se materializou, cabisbaixo enquanto atravessava o espaço até ela.

“Você está amuado?” perguntou ela enquanto ele se sentava diante dela.

“Você está com raiva?”, perguntou ele.

“Se eu me lembro corretamente, e não tenho certeza absoluta de que sim”, começou Liv, “você estava tentando salvar minha vida. Era você, certo?”

“Você teria caído no prisma e ficado perdida para sempre”, disse Platão, olhando para ela, com seus olhos verdes brilhando. “Mas não, não era eu”. Digamos que era um amigo e eu estou apenas retransmitindo a mensagem deles”.

“Oh, certo”, disse Liv, se agachando e olhando para Platão. “Você poderia dizer a seu amigo que eu agradeço por ele ter salvo minha vida, mesmo que ele me tenha maltratado no processo?”

“Você acredita no que eles lhe dizem sobre mim?” perguntou Platão com ousadia.

Liv pensou sobre isso por um momento. Ele tinha ouvido o que Rory e outros tinham dito sobre lincês. Platão tinha fingido não se importar, mas a verdade era evidente em seu rosto. “Acredito apenas naquilo que vejo com meus próprios olhos e ouço com meus próprios ouvidos e sinto com meu próprio coração”.

“O que isso significa?” Platão questionou.

“Significa que enquanto você estiver ao meu lado, nunca questionarei sua lealdade, mesmo que não conheça todos os segredos que você guarda”.

“Você é uma mágica sábia e ingênua, Liv Beaufont”. Platão curvou sua cabeça para ela em uma demonstração de respeito. “Nunca, jamais mude”.

Capítulo 44

Amúsica que enchia a Casa dos Sete era estranha, cheia de notas assombrosas enquanto Liv descia as escadas até ao andar principal. Velhas lembranças da véspera de All Hallow's foram fluindo sobre ela a cada passo. Era como voltar para casa quando ela se aproximava do átrio e do salão de jantar que levava ao salão de baile e aos jardins externos. Ela nunca tinha querido voltar para casa depois de sair e foi por isso que ela tinha construído uma que ela amava. No entanto, olhando para as decorações e os convidados vestidos com fantasias, ela se sentiu solitária por algo que nunca havia pensado que iria querer novamente: uma família.

Quando chegou ao fundo da grande escadaria, ela hesitou, pensando que deveria correr pelo corredor oposto e sair. No entanto, isso incomodaria Sophia, e nada valia isso. A garotinha representava tudo o que estava certo sobre o mundo. Ela usou sua magia para o bem, sorriu e tornou tudo melhor para ela e inspirou aqueles ao seu redor com sua luz. Se alguma vez valeu a pena proteger a magia, foi agora, no mundo em que Sophia Beaufont vivia.

“Me deixe adivinhar”, disse uma voz nas costas de Liv. “Você está vestida de mágica”.

Liv girou para encontrar Stefan Ludwig com um sorriso astuto e uma jaqueta de tweed, seu cabelo tinha um risco ao meio. “E quem você é suposto ser, um professor universitário?”

Ele apertou a gravata e enfiou suas mãos nos bolsos. “Na verdade, eu sou F. Scott Fitzgerald”.

Liv levantou uma sobrancelha. “Então, quando você não está massacrando mágicos inocentes, você está lendo literatura tortuosa? Isso soa bem”.

“Então você não é um fã de Fitzgerald?”

“Au contraire”. Adoro toda a literatura tortuosa, especialmente se ela flui bem. Só que eu nunca o tomei como...desse tipo”.

Stefan ofereceu a ela seu braço e sorriu. “Sabe, Liv, em meus anos mais jovens e mais vulneráveis, meu pai me deu alguns conselhos em que tenho

pensado desde então”.

“Usar fio dental à noite?” perguntou Liv.

“Nunca julgue um homem pelo seu aspeto, mas sempre o julgue pela forma como ele trata os outros”.

Liv olhou para o braço que ele ainda segurava e se aproximou dele. “Bem, eu acho que vou reter o julgamento”. Ela parou, pensando em algo. “Sua família? Eles são novos na Casa dos Sete? Eu não me lembro dos Ludwigs”.

Ele acenou com a cabeça, andando ao lado dela. “Sim, a maioria na Casa foi substituída nos últimos anos por diferentes razões. Somente os Beaufonts, Sinclairs e Takahashis permanecem dos Fundadores”.

“Sim, e eu me lembro da família Mantovani. Quero dizer, cresci com eles, embora Bianca aparentemente não tenha crescido”, disse Liv, olhando para o banquete na sala ao lado, que parecia ter quilômetros.

Stefan riu. “Oh, eu não acho que mais dez vidas amadurecerão aquela mágica. Ela é um produto do elitismo, que não faz nenhum bem a ninguém”.

Liv concordou com um aceno de cabeça, não se sentindo nada mal vestida enquanto olhava para o mar de fantasias elaboradas. “Mas sim, os Ludwigs, De Vries e Rosarios são todos novos para os Sete, não são?”

Ele acenou com a cabeça. “São, e a maioria de nós somos bons, mesmo que você nos veja como pretensiosos snobs com quem prefere não dividir uma casa”.

“Como sua família foi escolhida?” perguntou Liv. “Foi por causa de doações abundantes ou por séculos de fazer ofertas aos Sete”.

Stefan examinou a sala, não parecendo impressionado. “Meus avós libertaram uma aldeia inteira de criaturas que eram escravas de mágicos há alguns séculos. Desde então, nosso nome está na lista e recentemente surgiu, dando a Raina e a mim uma chance de levar adiante seu legado”.

Liv bocejou alto. “Bela tentativa. Mas já ouvi essa história centenas de vezes”.

Stefan piscou o olho para ela. “Não, não ouviu, mas se você quiser o conto completo, nos procure livros de história. É um período bastante fascinante, embora nenhum mágico possa se orgulhar”.

Liv se desculpou com um aceno de cabeça e passeou pela sala, observando o perímetro. Ela não conhecia muitos no espaço lotado e a maioria tinha seus rostos cobertos, tornando impossível discernir quem eram.

Foi por isso que ela ficou chocada quando um cavaleiro de armadura caminhou diretamente até ela, agarrou seu braço e a puxou para longe da multidão.

“Ei, o que você acha que está fazendo?” perguntou Liv, puxando seu braço..

Ele girou e disse: “Não faça perguntas. Simplesmente me siga”.

Ela não sabia por que o fazia, mas Liv permitiu que o homem a conduzisse até os jardins.

As luzes brilhando na topiária eram uma visão mágica que complementava a luz de fogo das tochas posicionadas à volta do jardim e o ar fresco e noturno era uma sensação boa em seu rosto depois de ter estado no salão de baile lotado.

O cavaleiro parou quando eles estavam entre uma parede de tijolos e uma fileira de arbustos. Ele girou o dedo em círculo e todos os ruídos ao redor deles se desvaneceram. Liv pensou que tinha ficado surda até Clark levantar a viseira de cavaleiro para revelar completamente seu rosto.

“Coloquei um feitiço de camuflagem sobre nós para que não possamos ser ouvidos ou vistos”, explicou ele.

“Bem, que droga!”, reclamou Liv. “Queria que todos observassem enquanto eu te dava uma surra por ser um cara de pau”.

Clark examinou os jardins antes de encontrar os olhos de Liv. “Eu sei que tenho estado distante”.

“Distante?”, questionou ela. “Você me trata como se eu fosse um duende”. Você nem olha para mim durante os interrogatórios dos Conselheiros. Eu poderia ter tido sua ajuda hoje, e você...”

“Eu sei”, disse Clark em um silêncio. “Sinto muito. É que eu pensei... bem, eu tenho tentado ficar perto dos outros”.

“Certo”, disse Liv, revirando seus olhos. “Porque se você coçar as costas deles, eles...”

“Não, Liv”, Clark a interrompeu. “Porque se eu puder ficar por perto e aprender mais, eu posso descobrir o que está acontecendo.”

“O quê?” perguntou Liv, de repente confusa.

Um barulho estridente surgiu quando Clark mexeu em sua armadura. O gesto não foi nada gracioso. Um momento depois, ele retirou uma fita de papel. “Reese me deixou algo, mas eu só o encontrei em minhas coisas. Eu não sei como ou quando ela a colocou lá, mas sei que é dela. Tem a sua

marca”.

Liv pegou o pedaço de papel e o abriu, vendo a marca da borboleta com três antenas, o símbolo que sua irmã sempre colocou em sua correspondência. “Alguém poderia o ter forjado”.

Clark balançou a cabeça. “Não, é a caligrafia dela. E a maneira como apareceu na minha mesa? Bem, ela me fez lembrar de um feitiço no qual Reese estava trabalhando. Ela o chamou de ‘o feitiço do testamento vivo’. A ideia era que se algo acontecesse a alguém, depois da sua morte, a mensagem ou ficha ou o que quer que fosse que deixassem para alguém seria entregue no sétimo dia seguinte”.

“E esta nota?” perguntou Liv, embora ela soubesse a resposta.

“Apareceu na manhã do sétimo dia após a morte dela e de Ian”.

Liv abriu o pergaminho até o fim e o leu três vezes, mas aquilo não fazia sentido para ela.

Olívia tem a chave. Você tem o coração. Juntos vocês devem terminar o que começamos.

Com amor,

Reese.

Liv olhou para cima, sem saber o que fazer das três frases. “Eu tenho a chave para quê?”

Clark pegou o papel de volta. “Isso eu não sei. Eu nem sei o que ela quis dizer com o coração, mas sei que Ian e Reese estavam tentando nos dizer algo. Não podemos ignorar esta mensagem”.

Por um momento, Liv quis tirar o anel no bolso e o mostrar a Clark, mas ela ainda não confiava nele. “O que você quer dizer com ‘não podemos ignorar’?”.

Clark olhou em volta por um momento antes de focalizar novamente nela, seus movimentos estavam tensos. “Não tenho certeza do que está acontecendo”. Acho que Ian e Reese estavam trabalhando em alguma coisa. Talvez até mesmo nossos pais também...”

“Oh, então você está finalmente admitindo que suas mortes foram suspeitas?” perguntou Liv, o interrompendo.

Ele acenou com suas luvas de metal. “Não tenho certeza se é isso que estou dizendo. Tudo o que sei é que devemos ficar juntos e tentar aprender mais. Precisamos de provas e mais informações”.

“Quatro pessoas que amamos morreram e não temos nada que prove que

há algo suspeito, exceto muitas fatos circunstanciais que não batem certo. Como, porque morreram juntos? A mãe e o pai, e Ian e Reese? Porque suas mortes não foram explicadas? E...”

Clark acenou com a cabeça, a interrompendo. “Eu sei. É estranho e eu acho que você está excessivamente paranóica. Eu provavelmente excessivamente negligenciando”.

“Bem, desde que você finalmente você assuma isso”.

Clark se inclinou mais para perto. “Há algo mais”.

Liv simplesmente olhou fixamente para seu irmão, esperando pelas próximas palavras dele.

“Fui verificar o recipiente no depósito depois do que aconteceu, e ele está desaparecido”.

“O quê?” perguntou Liv.

“Sim, e então eu verifiquei o registro que você forneceu, e ele afirma que você disse que ambas as latas foram destruídas na explosão”, explicou Clark.

“Mas eu trouxe de volta uma delas”, disse Liv e hesitou. “Espere, eu trouxe, não trouxe?” De repente ela não conseguia se lembrar qual era a realidade: esta, ou aquela que Valentino havia colocado em sua cabeça. Estava tudo confuso.

“Acho que alguém estava esperando que você confundisse as coisas e eles estão confiando nisso agora”, disse Clark.

A verdade surgiu na cabeça de Liv e ela sentiu um forte tiquetaque em seu peito. “Você acha que Adler...”

O olhar no rosto de Clark a silenciou. “Ainda não sei no que acreditar. Você também não deve saber. Temos que investigar, mas com cuidado. Parece que Ian e Reese podem ter nos deixado pistas, mas precisamos prosseguir com muita cautela”.

“Sim, porque se alguém os matasse pelo que sabiam, poderia acontecer exatamente a mesma coisa conosco”.

Clark concordou com um aceno de cabeça. “Eu prometo ficar ao seu lado, mesmo que isso não pareça ser o que estou fazendo”.

“Você está criando uma fachada, para não chamar a atenção”, percebeu Liv.

“Sim, porque você está chamando bastante atenção”, disse ele com uma risada.

“Devo parar?”, questionou ela. Se aproximar da verdade era a única coisa

que Liv queria há muito tempo, mas ela havia desistido e depois havia esquecido.

“Não, continue fazendo o que está fazendo”, disse Clark a ela. “Eu não fui capaz de lhe dizer isto publicamente, mas o que você fez com este caso foi brilhante. Mamãe e papai teriam ficado extremamente orgulhosos de sua coragem”.

Liv não sabia o que dizer a isso e o aperto na sua garganta era tão forte que era difícil respirar através dela.

“Liv, vamos em frente, quero que trabalhemos juntos”, disse Clark, estendendo a mão. “Mas isso significa que você vai ter que ser sincera comigo. Confie em mim e também me escute quando eu lhe dou conselhos. Temos um acordo?”

Liv olhou para a sua mão blindada. Ele estava oferecendo uma verdadeira parceria. Era assim que os Guerreiros e Conselheiros deveriam operar, mas eles não tinham agido dessa maneira desde o início. Ela pensou na Casa dos Sete e em como ela havia sido criada para manter um equilíbrio. Guerreiros e Conselheiros, trabalhando juntos para proteger a magia. Seus pais haviam amado e honrado esses papéis. Eles tinham arriscado tudo por eles porque era nisso que eles acreditavam.

E embora Liv tivesse duvidado da honra da Casa dos Sete por tanto tempo, no fundo de seu coração, ela sentia que sua missão original ainda era verdadeira. As parcerias que os Fundadores haviam estabelecido eram uma coisa bela, destinada a preservar uma das forças mais poderosas do mundo: a magia.

Liv pegou a mão de Clark e apertou, olhando diretamente nos olhos. Ela sentiu a energia invisível amarrar suas mãos, como se estivesse criando um pacto. “Sim. Trabalhar juntos, irmão, para que possamos encontrar a verdade e também proteger a magia”.

Clark sorriu de volta para sua irmã. “Na verdade, você se lembra o que papai costumava dizer sobre verdade e magia?”

Liv pensou por um momento e estava prestes a dizer que não se lembrava, mas então uma voz que não ouvia há muito tempo e que havia sentido muito a falta ecoou em sua cabeça. Ela disse as palavras como elas soavam em sua mente. “A verdade que une todas as coisas é a derradeira forma de proteger a magia, mas primeiro ela deve ser descoberta”.

FINIS

A história continua com *A Guerreira Insubordinada*, disponível em breve na Amazon e Kindle Unlimited.

—

O que você achou do livro? Escreva uma crítica ou nos classifique com estrelas na Amazon. Para isso, basta ir até ao final deste livro e seu Kindle lhe pedirá uma avaliação.

Como uma editora indie que aplica a maior parte de sua receita na tradução de novas séries, nós na LMBPN International não temos a capacidade de lançar grandes campanhas publicitárias. Portanto, críticas construtivas e classificações de estrelas na Amazon são muito valiosas para nós, porque você pode aumentar massivamente a visibilidade deste livro para novos leitores que ainda não conhecem nossas séries de livros. Você nos ajuda a lançar mais séries novas em paralelo na tradução para o português.

No final deste livro, encontrará uma lista de todos os nossos títulos. Talvez haja outra série para você. Também encontrará o endereço de nossa newsletter e nossa página no Facebook e grupo de fãs - assim nunca mais vai perder um novo livro em português da LMBPN International.

O que acontecerá em seguida?

A verdade está enterrada há tanto tempo, que apenas uma pessoa a pode descobrir - alguém que não joga de acordo com as regras.

A magia foi roubada.

A espada de um gigante trancada.

E ninguém questiona o peculiar.

Exceto para Liv Beaufont. Ela se queixa disso.

A Casa dos Sete a continua enviando em perseguições de gansos selvagens, mas esta Guerreira acaba tropeçando em pistas. Quando alguém a leva a um aliado improvável, Liv estabelece uma parceria que ela pode acabar se arrependendo.

Uma década de servidão não é tão ruim assim, certo?

No entanto, se as coisas derem certo, Liv estará muito mais perto de descobrir quem assassinou seus pais.

Vale a pena arriscar tudo em nome da justiça?

Em breve disponível na Amazon

A IMPARÁVEL LIV BEAUFONT 02

A GUERREIRA INSUBORDINADA

FAMILIA EST SEMPITERNUM

SARAH
NOFFKE

MICHAEL
ANDERLE

Notas do Autor de Sarah (29.01.2019)

Voltar às minhas raízes de fantasia depois de um período de ficção científica e de criação de histórias para crianças, tem sido muito impressionante. Mas ainda tive que colocar alguns elementos de ficção científica nesta série, porque isso é o meu forte. A tecnologia mágica foi muito divertida e espero que venha a complicar as coisas (de uma boa maneira) à medida que os livros forem progredindo.

Quando Michael e eu estávamos elaborando este universo, me lembro de sentar no chão do meu escritório e escrever anotações enquanto ele jorrava ideias. Essas anotações são praticamente ilegíveis. Decidi começar a gravar nossas conversas, desde então posso realmente voltar e rever tudo o que ele disse. A sério, Michael, você tem aulas de conversação rápida?

Michael era bastante inflexível, desde cedo, que havia um gigante na equipe da Liv. Ele sempre o chamava George, o que tornava minhas anotações totalmente hilariantes quando as revisava: “George a joga em uma briga de bar”. “George é secretamente simpático”. “George quer uma namorada alta”. A razão pela qual isto é especialmente engraçado é que “George” é o nome falso que eu chamo meu ex-marido nos livros e nas mídias sociais para proteger sua identidade. George é secretamente simpático. Muito secretamente.

A certa altura, estávamos tentando arranjar um companheiro para a Liv. Os cães são ótimos, mas isso tem sido muito usado. Depois há trolls e fadas e afins. Eu atirei que o companheiro de Liv era um gato. Ao que Michael perguntou: “Porquê um gato?”.

Olhei para a cadeira do meu escritório naquele momento para encontrar meu próprio gato sentado em meu lugar. É por isso que eu tinha me sentado no chão. O maldito animal dirige o show na minha casa. Foi quando Platão foi criado.

Na manhã seguinte, eu abri aleatoriamente estas notas caóticas em uma página. Nela dizia: “Cães são prostitutas”.

A sério, eu preciso gravar nossas conversas. Juntar as anotações e tentar descobrir todas as ideias fantásticas que queríamos incluir neste primeiro livro levou algum tempo. Tenho quase certeza que tive que virar o caderno de cabeça para baixo, em algum momento, para ler as palavras que circulavam

no papel. Mesmo assim, acho que tudo deu certo. Michael conseguiu seu gigante e eu consegui o gato e muitos dos melhores momentos do livro saíram daquela primeira conversa.

Michael deita ideias ao acaso quando estamos falando. Elas sempre me fazem pensar e trazem um frescor para o livro. Uma dessas ideias foi quando a Liv ficou bêbada. Michael estava falando sobre Liv ser uma rebelde e disse: “E então este cara diz: ‘Você está bêbada?’ e Liv responde: ‘Você é feio? Depois, ela pode dizer: ‘Bem, você ainda é feio’”.

E é assim que a magia acontece. Acredito que me tornei uma escritora melhor trabalhando com Michael. Ele me ajuda a inovar minha própria escrita. E tem me ensinado que às vezes os melhores capítulos são onde os personagens simplesmente relaxam e exploram e se unem. Ah, e a brincadeira.

Adorei criar esta série como uma equipe e estou ansiosa por muito mais.

Sem mais delongas, vou entregar o microfone ao MA. Tenho certeza de que ele mal pode esperar para lhes contar por que não desceu pelo slide em Bali. Todos os outros estavam fazendo isso...

Notas do Autor de Michael (31.01.2019)

OBRIGADO por não apenas ler esta história, mas também estas *Notas do Autor*.

(Acho que tenho sido bom em abrir sempre com “obrigado”. Caso contrário, preciso editar as outras *Notas do Autor*!)

PENSAMENTOS (às vezes) ALEATÓRIOS?

OS CÃES SÃO PROSTITUTAS

Será que Sarah vai olhar para todos os itens que ela mencionou em suas *Notas do Autor* e dizer: “Sério? Cães são prostitutas é o pedaço que você retirou disso?”

Primeiro, ela menciona “Vou gravar nossas conversas” em nossas conversas. Entretanto, esse comentário já foi feito várias vezes e ainda não ocorreu, então estou colocando lá com “o cheque está no correio”, “as palavras estão na página”, e “a sequência será feita em breve». Isso não é um comentário sobre Sarah, ela escreve **RAPIDAMENTE**.

Ok, de volta aos cães.

Se você seguir Sarah nas mídias sociais, ela menciona este ...”gato” (por falta de um termo melhor, já que essa é a forma física que o bobo conivente enviado para punir a humanidade está andando por aí no momento).

Não acredita em mim? Porquê uma mulher adulta, que não deixaria um homem a tirar de sua secretária, permite isso a uma monstruosidade que mia de 40 cm de altura? Hmmm? Veja...

É verdade.

Agora, de volta aos cães.

Espere, de volta para o gato. Eu não terminei esse pensamento.

De qualquer forma, ela menciona seu gato e **TODOS** os problemas que tem com ele, e acredito que já tentou vender ou dar o gato várias vezes. Ela tem uma relação disfuncional com seu gato. Mais uma vez, a maioria (mas não todos) os donos de gatos têm uma relação de mestre e escravo com seu gato.

Acho que sabemos quem está preparado para o futuro do super senhor alienígena.

De qualquer forma, eu estou dando tristeza a Sarah por seu desafio com o gato, rindo dela enquanto ela **TENTA** defender sua posição (não pode, é

objetivamente um problema) e ela menciona que os gatos dão seu amor a poucos preciosos. Os escolhidos. Os poucos escolhidos dos gatos que recebem seu amor benevolente.

“Então, os cães são prostitutas”? eu perguntei.

E BAM! Temos uma *Nota do Autor*.

AO REDOR DO MUNDO EM 80 DIAS

Um dos aspetos interessantes (pelo menos para mim) da minha vida é a capacidade de trabalhar de qualquer lugar e a qualquer momento. No futuro, espero reler minhas próprias *Notas do Autor* e lembrar de minha vida como uma entrada num diário.

Isto vai ser curto - estou no meu escritório escuro. A energia foi abaixo quando os “vizinhos” de alguns andares acima tiveram um empreiteiro inundando seu apartamento, o abaixo deles, e o abaixo desse (o nosso) mesmo antes das férias de Natal.

Estávamos partindo por seis semanas.

Ok, então ventiladores instalados, furos nas paredes e aberturas recortadas para secar as paredes. Me disseram que terei eletricidade em meu escritório quando tudo secar.

Estivemos ausentes por seis semanas, praticamente. Os ventiladores estavam acabados, estávamos de volta (a um escritório desarrumado por causa da mudança das coisas para os ventiladores) e eletricidade...

Ainda não estava funcionando.

As pessoas voltam.. “Sim, provavelmente a água está no chão. Não evaporou por causa do tubo de PVC, e é por isso que não vai funcionar”.

Teria sido bom para alguém ter pensado sobre isso ANTES de sairmos de férias. Então, neste momento estou sentado no escritório escuro, digitando no laptop com a luz do banheiro próximo.

Com outro ventilador soprando ar em um buraco de 10 cm para secar o tubo longo.

Só para rir, eles ligaram as luzes do outro quarto ao mesmo circuito. Portanto, também não há eletricidade naquele quarto.

Reconheço que somos abençoados por ter eletricidade, e não ter eletricidade em duas divisões não é o maior problema.

Mas, você já contabilizou quantas coisas você ligou para cobrar em sua vida?

É muita coisa.

COMO COMERCIALIZAR OS LIVROS QUE VOCÊ AMA

Revise para que outros tenham seus pensamentos e diga aos amigos e aos cães de seus inimigos (porque quem quer falar com os inimigos?)... *Já disse o suficiente ;-)*

Ad Aeternitatem,
Michael Anderle

Agradecimentos de Sarah Noffke

Minha parte favorita de escrever qualquer livro é criar a página de agradecimentos. Isso me faz lembrar que escrever um livro não é uma tarefa individual. Eu poderia sentar sozinha e escrever, mas o produto final é resultado do apoio e incentivo de uma tribo de pessoas.

Obrigado aos leitores que compram os livros, os leem, os revisam e os recomendam. VOCÊ é quem nos mantém escrevendo. Sou sempre inspirada pelas mensagens que recebo dos leitores. Obrigado por apoiar os livros e por oferecer tanta riqueza à minha vida.

Obrigado à minha família LBMPN por todo o apoio. Steve, Michael, Lynne, Moonchild, Jennifer e tantos outros que ajudam a defender a publicação do livro e muito mais.

Agradecemos aos leitores beta que ofereceram tantos insights valiosos desde o início. Obrigado a John, Chrisa, Kelly, Martin e Larry.

Obrigado à equipe do JIT por todo o feedback fantástico. Uma nova série é sempre empolgante e emocionante. Michael e eu pensamos que tínhamos uma grande ideia para um novo mundo, mas realmente não sabemos até termos um feedback objetivo. O que eu faria sem todos vocês, leitores incríveis?

Obrigado aos meus amigos e familiares. Escrever é uma profissão estranha. Trabalho em horas estranhas, falo comigo mesmo, tenho uma dieta estranha, fico ansiosa com os prazos. Mas as pessoas maravilhosas da minha vida continuam a mostrar seu encorajamento e sua consideração, não importa o que aconteça. Nunca se perde em mim porque sei que não estaria fazendo o que amo sem todas vocês, pessoas maravilhosas, me aplaudindo.

E como em todos os meus livros, o agradecimento final vai para a minha musa, Lydia. Escrevi meu primeiro livro para que eu pudesse deixar minha filha orgulhosa, e nunca mais parou. Eu escrevo cada livro para você, meu amor.

Deseja saber mais?

Assine nossa newsletter e você estará sempre atualizado com novos livros que são publicados:

<https://lmbpn.com/br/newsletter/>

Inscreva-se em nosso grupo do Facebook:

<https://www.facebook.com/lmbpnemportugues>

Através do boletim, enviamos emails esporádicos quando há novos lançamentos, as páginas do Facebook são para lançamentos e informações “de bastidores” sobre como escrever as próximas histórias. Conversar sobre as histórias é muito encorajado.

Como não podemos garantir que tudo o que escrevemos no Facebook por nossa equipe portuguesa chegará a sua linha do tempo, preciso da lista de e-mails para notificar todos os fãs quando novos livros forem publicados.

Espero que gostem de nossa série de livros, estou sempre feliz em receber críticas construtivas, pois isso garante maior visibilidade de nossos livros e é a melhor publicidade para editoras independentes como a nossa!

Michael Anderle, CEO da LMPBN Publishing